

FRANCIS TROCHU



O SANTO CURA D'ARS
(II VOLUME)

CAPÍTULO XII

A Peregrinação a Ars:

I. As origens de Santa Filomena

Os humildes começos de uma fama mundial - Depois da Missão de Trevoux - O atractivo que arrasta as multidões para Ars - Os primeiros rumores de milagres - A sombra da querida Santa Filomena - A breve história de Filomena - A celeste amiga

Que um homem em vida seja visitado em peregrinação, que as multidões acudam a venerá-lo como a uma relíquia, é um facto muito raras vezes presenciado, é uma reprodução do ocorrido com os *Padres do deserto*, na distante Tebaida. Durante 30 anos, a humilde aldeia de Ars foi testemunha de uma tal maravilha: multidões, que sem cessar se renovavam, caíam de joelhos aos pés dum santo. De 1827 a 1859 a igreja não esteve um momento vazia.

Não obstante foram pessoas humildes e devotas, e não outras as que começaram a divulgar-lhe a fama. Esses rumores encontraram eco, mais tarde, junto às pessoas mais graves, pelo seu carácter, idade e posição. O P. Vianney deixara em Dardilly, o seu povoado natal e em Ecully, onde fora coadjutor por espaço de três anos, uma recordação de santidade. Várias pessoas desses povoados começaram a ir a Ars desde 1818 e foram chegando outras de Noës, que caminhavam 100 quilómetros para ver novamente o Sr. Jerónimo, agora convertido em sacerdote e pároco. A maior parte fez sob a sua direcção os exercícios espirituais. Três ou quatro acabaram por se estabelecer definitivamente em Ars. Desde então a reputação do pároco Vianney não fez mais do que propagar-se.

Em 1822, conta Mons. Mermod, estava eu como professor no Seminário Menor de Maximieux. O pároco Vianney veio um dia visitar o P. Loras, seu antigo condiscípulo e então superior da casa. Atravessou o nosso pátio de recreio e dirigiu-se imediatamente à capela para adorar o SS. Sacramento; depois. visitou o superior. Quando apareceu no pátio, um aluno que o

conhecia, António Raymond, seu futuro auxiliar, exclamou: É o Sr. Cura d’Ars! Logo cessaram os jogos e todos os olhares se fixaram nele.

António Raymond, que era de Fareins, tinha então 16 anos. Ouvira falar do Cura d’Ars na sua aldeia natal. Os ataques pérfidos e violentos de certos moradores de Ars, e os elogios de outros, não puderam deixar de ecoar nos povoados vizinhos. Todos desejavam conhecer um cura de quem tão bem ou tão mal falavam os paroquianos. Quem não estivesse corrompido até à medula facilmente adivinhava de que lado estava a verdade e a boa fé.

Trévoux, sede da comarca de Dombes, não tardou em formar sobre o Cura d’Ars o mais favorável conceito, Já temos visto, durante a missão geral de 1823, os três quartos dos penitentes assediarem o seu confessor. O mesmo ocorreu em 1826, por ocasião do jubileu universal concedido pelo papa Leão XII. Os sacerdotes de Savigneux, Montmerle, de Saint-Trivier, de Chaleins, de Saint-Bernard e outros a quem o Cura d’Ars ajudara no ministério das confissões e pregação, surpreendidos com o êxito, não podiam deixar de proclamar a sua grande virtude, Não calcularam, porém, que nas vésperas das grandes festas, e ainda com mais frequência, pessoas das suas paróquias e das mais notáveis, fariam viagens a Ars para pedir ao pároco Vianney que continuasse a dirigi-las.

Chegou a época em que começou a afluir gente de longe em busca das luzes do santo varão. Neste ano, diz Mons. Mermod, fui nomeado Cura de Chaleins, Por toda a parte se falava da santidade do P. Vianney. Muitas pessoas da minha paróquia iam confessar-se com o servo de Deus. Devo dizer que edificavam a todos. Em 1827, conforme refere João Pertinand, Ars via chegar todos os dias uns 20 forasteiros. Durante a oitava do Corpo de Deus, a jovem condessa Laura de Garets passava a sua primeira temporada naquele velho castelo que haveria de habitar definitivamente em 1834. Cada tarde, assistia à bênção, A pequena igreja de Ars, escrevia ao Sr. de Colombier, seu pai, está cheia de fiéis, entre os quais se acham muitos forasteiros. As paredes cobertas de cortinados e bandeiras; no tabernáculo resplandecem decorações douradas; a custódia é radiante de pedraria; há uma multidão de velas, e um sacerdote macerado pelos jejuns e vigílias que pronuncia com voz apagada uma oração na qual externa o seu amor. Tal é o

interessante quadro, concluía a piedosa dama, que se nos oferece todas as tardes.

Sabemos., por testemunho dos antigos, que a peregrinação em 1828 já era muito numerosa. No ano seguinte o Cura d'Ars já era o prisioneiro das almas; só a morte o livraria de tão santa escravidão.

O P. Viermod, Cura de Chaleins, ia visitá-lo de vez em quando, O seu anjo, disse um dia o P. Vianney, lhe inspirou o bom pensamento de me vir visitar. O outro respondeu-lhe: Parece que o seu anjo jamais lhe inspira a pagar-me as visitas. Não posso, estou todo o dia preso.

Nem todos iam a Ars para confessar-se; a curiosidade teve naquele movimento alguma parte, Porventura não se dizia que o Cura d'Ars lia nos corações e fazia milagres? Assim, pois, num rincão de França havia um verdadeiro santo. Para contemplá-lo movimentavam-se as turbas. Tem-se dito que mesmo os homens incrédulos sentem uma necessidade tal de santidade que correm para ela desde que a percebam. Mas a graça de Deus tem mais de um caminho para insinuar-se nos corações. Muitos foram os curiosos nos primeiros tempos, porém não poucos voltaram confessados e convertidos. Além disso, se havia pecadores que se sentiam arrastados para Ars por um atractivo que eles mesmos não sabiam explicar, havia outros que acorriam com a esperança de encontrar aos pés do Santo a coragem para confessar as suas misérias e o remédio para curá-las.

Sr. Cura, lhe disse ingenuamente Catarina Lassagne, os outros missionários correm atrás dos pecadores mesmo por terras longíquas, mas aqui os pecadores correm atrás de V Revma. E ele sobrenaturalmente deliciado com essa constatação, respondeu no mesmo tom: "Quase é verdade". Muito cedo teve disso provas evidentes, principalmente numa noite de 1828 ou 1829.

Acabada a oração da noite na igreja, o Cura d'Ars subiu para o seu quarto. De repente um baque vigoroso sacode a porta do pátio. Depois de duas ou três sacudidelas, cada qual a mais violenta, o Cura d'Ars se decide e a descer e abrir a porta. Um carroceiro esperava-o. Deixara os cavalos diante da escadaria da igreja. "Vinde, diz-lhe, é um assunto delicado; quero confessar-me e já".

Em que época se começou a atribuir poder milagroso ao pároco Vianney? Sem dúvida alguma foi com os primeiros prodígios de Ars - a multiplicação do trigo e da farinha - que tiveram lugar pelo ano de 1830 e foram logo conhecidos pelos moradores e depois pelos peregrinos que acudiam já em grande número. O ruído que despertaram esses factos miraculosos e extraordinários molestou o jovem pároco: temia que lhe atnbuíssem a glória.

Logo apareceram entre a multidão pessoas débeis e enfermas. Muitos, depois de se terem encomendado às orações do Cura d'Ars, obtiveram algum alívio para as suas dores, ou até mesmo a cura. Naturalmente falava-se disso. Mas, conforme disse o Prof. Pertinand, o P Vianney recomendava o silêncio e a gente temia desgostá-lo, publicando as graças alcançadas. Não foi assim, porém, depois que se introduziu na paróquia o culto de Santa Filomena. O servo de Deus começou a atribuir à Santa toda a glória das maravilhas que ali se realizavam e gostava ainda de proclamá-las... Atribuía a ela todos os prodígios que fizeram célebre a peregrinação de Ars. Graças a ele o culto da jovem Santa se estendeu rapidamente não só pelas comarcas vizinhas mas por todo o resto de França.

É de facto muito provável que se o Cura d'Ars não tivesse proclamado pelo espaço de 30 anos os seus louvores, Santa Filomena não teria alcançado o imenso renome que alcançou entre nós no século XIX. Antes de 1830 bem pouco se falava nela. Somente em 1802, a 24 de Maio, um operário ocupado em retirar os escombros de uma galeria na catacumba romana de Santa Priscila descobriu-lhe a sepultura: um *lugarzinho* escavado na parede de terra e fechado com três tijolos em que se lia a seguinte inscrição, pintada com minio:

PAX TECUM FILÚMENA

Os ossos eram os de uma menina de 14 anos. Junto à cabeça encontrou-se, quebrado em vários pedaços, um frasquinho de barro que, sem dúvida, conteve algumas gotas de sangue, o que a Igreja considera como uma das provas de martírio. Os restos de *Filúmena* foram transladados para a

Custódia das santas relíquias. Ali haveriam de permanecer como esquecidos até ao mês de junho de 1805, data em que os recebeu um missionário de Mugnano, Francisco de Luca. Em Mugnano, pequena aldeia do reino de Nápoles, *Filúmena*, cuja chegada fora objeto de grandes festejos por parte de todo o povo, deu em seguida provas da sua valia por meio de estupendos prodígios.

Foi, portanto, pelo ano de 1815 que em França começaram a espalhar-se essas maravilhas, Os Benfratelli ou Irmãos de São João de Deus, expulsos pela tormenta revolucionária, percorreram de cidade em cidade o território francês. Para atender às necessidades das suas obras se haviam convertido em verdadeiros mendigos e, enquanto pediam esmolas, cantavam os *louvores de S. Filúmena*. O superior deles, P. Mongallon, passou por Lião, onde recebeu hospitalidade em casa da rica família Jaricot.

O ilustre religioso, cedendo aos desejos de Paulina, que então contava 17 anos, deu-lhe uma relíquia que trouxera de Mugnano. Desta relíquia o P. Vianney obteve uma partícula. Assim foí que a jovem *Filúmena* entrou humildemente em Ars. Ali havia de desempenhar duplo papel: um público e outro privado. Não somente seria ela aos olhares da multidão a celeste taumaturga, cuja intercessão conseguiria qualquer milagre, mas entre ela e o Santo se estabeleceria um casto e misterioso amor: Ela seria a sua Beatriz, o seu ideal, a sua doce estrela, o sua guia, a sua consoladora, a sua pura luz. Essa mística intimidade chegaria a ser tão viva e tão profunda que poderia ser descrita com estas linhas admiráveis:

Desde o começo a querida santa correspondeu à afeição do seu servidor e os seus corações foram-se unindo cada vez mais até ao ponto de se criar entre eles, nos últimos anos, não já uma relação distanciada, mas um trato imediato e directo. Desde então aquele santo teve em vida com a bem-aventurada santinha uma familiaridade mais doce e mais íntima. Dum lado, consistia numa contínua invocação, e do outro no socorro sensível e numa espécie de presença real.

Este amor ardente e quase cavaleiresco não podia ficar oculto no fundo do coração. A turba de peregrinos, valendo-se disso, aproveitou os benefícios. Muitas vezes ao dia, do púlpito e do confessionário, na praça e

na igreja, o P. Víanney aconselhava que se invocasse a *querida santinha, seu cônsul, seu testa-de-ferro, sua encarregada dos negócios junto a Deus.*

Enquanto o afligiam a incompreensão e as contradições dos homens, enquanto o atormentavam as obsessões do inferno, vemos o Cura d’Ars, visitado e confortado pela sua imortal amiga, conservar, até sob o peso da idade avançada, aquela alegria, aquele vigor moral, aquela juventude de coração que é o apanágio da eterna juventude dos eleitos.

CAPÍTULO XIII

A Peregrinação a Ars:

II. As contradições do Clero

Traje descuidado e críticas - Consultas a um ignorante - Era ignorante o Cura d'Ars? - A ciência do sacerdote - Vespas entre os peregrinos - Não sou eu quem lhes diz que venham - Adversários transformados em admiradores - Uma carta malcriada e a resposta do Santo - As denúncias ao bispado - A investigação do vlgário geral e as conclusões do prelado - Os sentimentos unânimes do clero para com o Cura d'Ars.

No grande movimento que arrastava as multidões para Ars, bem pouco fez o clero. Aos sacerdotes, ainda mesmo aos mais zelosos, parecia coisa estranha que se fosse consultar o cura de uma paróquia de 200 almas! Não é um homem como os outros, repetia a voz popular. Ah! sabiam eles. O seu porte externo bem revelava o que na realidade ele era: um excêntrico que seria melhor portar-se convenientemente como os outros.

Sem dúvida, nos primeiros tempos os colegas julgaram com severidade a sua conduta e não viram em certas maneiras de agir mais do que o fruto de uma originalidade afectada e sustentada por vaidade. Qualificavam de extravagante o que na realidade, tendo em conta a intenção, não era mais do que perfeição e santidade.

O Sr. Cura, diz Joana Maria Chanay, a lavadeira do orfanato e da casa paroquial, gostava naturalmente da ordem e do asseio. A prova disso é que mudava frequentemente a roupa branca. Somente que esta verdade era ignorada pelo público. E se o P. Vianney amava a limpeza, o desalinho exterior o prejudicava um pouco. Voluntariamente, por espírito de mortificação e de humildade, trajava uma batina usada, um chapéu velho e uns sapatos remendados que jamais haviam conhecido o uso da graxa.

Mesmo nas conferências de eclesiásticos - as únicas reuniões a que assistia - se apresentava pobre e desprezível.

Entende-se facilmente que um exterior tão desleixado, cuja causa verdadeira ainda não era conhecida, desagradasse a todos os membros do clero. Os sacerdotes de Lião têm-se distinguido sempre pela dignidade do porte. Os contemporâneos do Cura d'Ars julgaram repreensível o descuido que qualificavam de inconveniente.

Alguns o qualificavam de avaro. Porventura não poderia, ainda que fossem poucos os seus rendimentos, procurar um traje mais decente? Outros acreditaram descobrir nele falta de senso comum. Outros, ainda, acusaram-no de hipócrita, possuído dum secreto desejo de chamar a atenção.

Daí o menosprezo e as antipatias contra ele que se manifestaram em mais de uma ocasião por palavras e até por actos. Na conferência mensal, um pároco vizinho não se quis sentar ao lado dele por causa de não trazer chapéu mais conveniente. Também lhe diziam gracejos mais ou menos bem intencionados que ele aceitava com a maior jovialidade deste mundo. Isso assenta bem para o Cura d'Ars, replicava... Quando se diz Cura d'Ars, diz-se tudo. A estes chistes, que aceitava de bom grado, misturava-se algo de azedo. S. Excia. Mons. Devie em pessoa teve ocasião, ao menos uma vez, de notá-lo claramente. O bispo de Belley presidia a um jantar de encerramento de missão na casa paroquial de Trévoux. Quis que o pároco Vianney se sentasse a seu lado. Sem dúvida que naquela reunião tinha pretendido manifestar a sua estima pelo humilde sacerdote em quem já começava a cevar-se a calúnia. Descobrira naquele pobre e humilde cura rural um atractivo que nada tinha de humano e que era resultado do exercício heróico das virtudes. Desde o princípio da refeição um dos convidados permitiu-se murmurar em voz alta, a fim de ser ouvido: "O Cura d'Ars, que está ao lado do Sr. Bispo, nem sequer tem uma faixa". (É de crer que por tolerância a faixa não era considerada naquela época como parte essencial do hábito eclesiástico). O prelado escutava sem dizer nada e o Cura d'Ars calava. A resposta veio dum ancião do clero que interrompeu bruscamente a conversação: "O Cura d'Ars sem faixa vale mais do que outros com faixa". "Muito bem dito", exclamou o Bispo. E deixaram o Santo em paz.

O P. Vianney pareceu sempre insensível às recriminações que não atingiam mais que a parte exterior. Desposara a pobreza e como S Francisco

de Assis e S. Bento Labre, trazia as insígnias dessa virtude. Mas outros ataques, que foram para ele pesada cruz, teve de sofrer da parte dos irmãos no sacerdócio. Passara horas amargas quando em Ars e nos povoados vizinhos a maledicência se enfurecia contra a sua reputação de ministro do Senhor, ministro austero e casto. Agora tentavam impedir as almas que se dirigiam para ele.

Seria desculpado na sua negligência (no vestir) se fosse um sacerdote sábio, desterrado por amor ao estudo, naquele rincão desconhecido do mundo. Mas os seus colegas tinham boa memória: O Cura d'Ars era um homem excelente, serviçal, zeloso, porém cursara teologia? Cinco meses a muito custo, em Santo Irineu de Lião; um conhecimento quase nulo da língua latina, uma despedida na metade do curso, umas lições sem importância na casa paroquial de Ecully e, como fecho, a última paróquia da diocese. Pobre Cura d'Ars! E iam consultá-lo tantos ingênuos! Que haveria de extraordinário na sua direcção? Os mesmos conselhos - e inspirados por uma experiência mais longa no governo das almas - não os tinham ao seu alcance nas respectivas paróquias? Não é mais perfeito do que nós, assim se permitia dizer um dia na presença da senhora Cibeins um eclesiástico, falando do P. Vianney. O contínuo movimento para Ars, que já tomava a aparência de uma ininterrupta peregrinação, convertia-se verdadeiramente em pedra de escândalo. Já era tempo de esclarecer aqueles simples de espírito. Era mister pois recorrer à autoridade superior.

Assim aconteceu. Muitos sacerdotes proibiram os seus paroquianos, sob pena de ser-lhes negada a absolvição, de irem a Ars. Outros fulminaram esta proibição do alto do púlpito. Alguns tomaram da pena para fazer ver ao prelado o novo perigo que ameaçava tantas almas. E os acusadores, como disse Catarina Lassagne, criam, sem dúvida, terem razões fundadas para isso.

Todas essas razões, afinal de contas, ficavam reduzidas a uma só: a incapacidade do P. Vianney. Parece-nos indispensável, no ponto em que chegámos desta história, fazer luz de uma vez por todas sobre a pretendida ignorância do Cura d'Ars. Aqui, com efeito, há uma lenda a destruir. Concedemos de antemão que o nosso Santo jamais se sentiu inclinado para o que se costuma chamar simples curiosidade literária. Durante a sua vida

sacerdotal nunca leu nada por mero passatempo, nem mesmo jornais. Os *Anais da propagação da fé* foi o único periódico que leu. A maneira como cursou os estudos na infância e na juventude, agitados, interrompidos, turbados tantas vezes, reiniciados com tão heróica constância, teve repercussão em toda a sua vida. Foi vítima de tão adversas circunstâncias. É impossível permanecer sem prejuízo num estado de estancamento intelectual até aos 20 anos. Conheceu de nome, não resta dúvida, os grandes poetas, os grandes dramaturgos e oradores. Se em Ecully, na casa do P. Balley, percorreu algumas das suas obras, não lhe ficou, ao menos na aparência, nenhuma recordação apreciável. Em todos os seus sermões não se encontra uma só citação profana.

Concedido isso, afirmamos que a insuficiência intelectual do Cura d'Ars foi bem exagerada. Neste ponto, levado por uma humildade que nos parece excessiva, forneceu por sua vez armas contra si mesmo. Considerava-se muito ignorante, escreve Catarina Lassagne. Que quereis que vos diga, costumava repetir, eu não tenho estudos. O P. Balley tentou durante cinco ou seis anos ensinar-me alguma coisa. Perdeu o seu latim e não logrou meter-me nada na cabeça dura. E exagerando mais encantadoramente acrescentava: "Quando me acho entre os outros sacerdotes sou como o *Bordin* (este era um idiota daquela comarca). Em todas as famílias há um filho mais rude que os irmãos. Pois bem, entre nós eu sou este filho".

Na velhice, ao ver certo dia um retrato seu, mais ou menos parecido e que fora desenhado com pouca felicidade, dizia sorrindo: "Sou eu mesmo. Vejam como tenho um ar de idiota".

Essa excessiva desconfiança nas suas próprias luzes talvez teria paralisado, ou anulado de todo, o amor de Deus e do próximo, se não lhe tivesse exigido a sua acção mostrar-se tal qual era. E ainda algumas vezes, no seu ministério exterior, buscou modos de aparentar o contrário, temeroso de que se fizesse da sua pessoa uma opinião favorável. No confessionário, diz a baronesa de Belvey, falava correctamente o francês (tive ocasião de experimentá-lo), ao passo que nas explicações do catecismo deixava escapar alguns erros, sobretudo quando no auditório havia pessoas mais instruídas.

Realmente, se considerarmos a sua tenacidade no trabalho, o seu espírito observador, a frescura da imaginação, o fino e o atilado das observações, o P. Vianney posto em circunstâncias normais teria feito um bom curso de humanidades. Essa dama da alta sociedade que acabamos de mencionar, pessoa grandemente espiritual e que conhecia bem o Cura d'Ars, dele ainda dizia: "Não possuía o que na linguagem comum se chama génio; tinha porém na sua inteligência muita distinção e clareza". "Ouvi-o dizer coisas, refere Catarina Lassagne, que jamais tenho ouvido em outra parte, nem lido em livro algum".

A preparação tão árdua, mas tão pessoal dos sermões produzia os seus frutos: toda a gente lhe admirava, no púlpito, a exactidão da doutrina. Exigia a mesma exactidão dos sacerdotes que convidava para pregar. Em certa ocasião não teve receio de advertir directamente um pregador por ter feito uma descrição muito fantasiosa do purgatório.

Até ao fim da vida, considerou um dever rigoroso repassar os seus autores. Sem dúvida, quando a afluência de peregrinos o aprisionava no confessionário, deixava os livros, mas quando a má estação lhe permitia ter uns momentos livres, entregava-se ao estudo todas as noites. O P. Raymon, seu primeiro coadjutor, diz; "Eu mesmo lhe arranjei os *Exames* de Valentim e a *Teologia moral* de Gousset. Repassava-os todos os invernos".

Lentamente e com o suor do seu rosto, foi assimilando a substância da Teologia. Sobre a utilidade e a grandeza do sacerdócio católico, sobre a mediação da Virgem Santíssima tem ideias profundas, luminosas e dignas às vezes de um Padre da Igreja... Podemos exigir-lhe mais? Possuía a ciência própria dos sacerdotes, a exigida pelo dever profissional. E, justamente, as almas iam procurar junto dele algo mais elevado e de uma outra ordem que a ciência humana.

Afora a ordem dos conhecimentos adquiridos com o estudo, a inteligência dos santos possui luzes que só se explicam pela intervenção do céu. "No Cura d'Ars há santidade, diziam diante de um doutor de filosofia. Há santidade e nada mais". O outro respondeu: "Há nele grandes luzes. Das suas conversações jorra luz sobre todos os assuntos. Como bem se vê, tudo isso são prodígios do Espírito Santo". A que altura de senso e de discernimento nos eleva a fé...

O mesmo pensamento expressa de modo muito feliz uma alma cândida que não fazia profissão de filosofia, Catarina Lassagne. "O Sr Cura, escreveu ela, era tão pequeno, tão aniquilado a seus próprios olhos que o Espírito Santo se comprazia em enchê-lo com abundância de luzes admiráveis".

Um sacerdote instruído, meu amigo, contava o P Cirilo Faivre, missionário de S. Cláudio, assegurou-me que tendo recorrido ao P. Vianney num caso de teologia dos mais complicados, não pôde sair do pasmo ante a facilidade com que o servo de Deus lhe deu a solução exacta.

A chave deste enigma dá-nos o próprio Cura d'Ars quando diz no seu catecismo: "Os que são guiados pelo Espírito Santo têm ideias exactas. Eis por que há tantos ignorantes que vêm mais longe do que os sábios".

Esta é a verdade. Mas o espírito de Deus age no mais íntimo da alma sem brilho exterior, sem precipitação nem violência. Pois bem, o P. Vianney conservou por muito tempo, para muitos dos seus colegas, a reputação de incapaz, devida aos seus notáveis fracassos do passado. Enquanto alguns sacerdotes mais inteligentes se compraziam em repetir o que a humildade do Santo só podia calar, outros, em troca, não quiseram ver mais do que um ignorante e duplamente audacioso. Decidia sobre certas vocações contra todas as aparências e resolvia com facilidade os casos mais escabrosos da casuística. A uns penitentes tratava com grande indulgência, a outros, pelo contrário, com excessiva severidade. Ninguém podia compreendê-lo... Todas essas coisas. que se murmuravam nas casas paroquiais não possuíam outro fundamento que o simples *diz-se*, pois é de crer que os críticos do P. Vianney não tinham a polidez de o consultar ou confessar-se com ele. Mas acontecia que pessoas pouco conscienciosas interpretassem mal as suas respostas, fazendo-o dizer coisas em que nunca havia pensado.

Quem eram essas pessoas? Cabeças exaltadas ou simplesmente cabeças fracas, escrupulosas, penitentes sempre insatisfeitos com a direcção que recebiam, porque não calhava com a fantasia de cada um. Essas mulheres deslizavam por entre os peregrinos de Ars como as vespas ao se misturarem com as abelhas. Jamais o Santo repeliu com dureza pessoa alguma; apesar disso, não pôde contentar a todos. Com certas pessoas sempre foi breve e as despedia com as advertências apropriadas.

Todavia, foi mais além da sua prudência. Prevendo as importunações chocantes ou ridículas, chegou a negar audiência a algumas. Livrai-me dessas pessoas, dizia com voz calma, àquela que cuidava da ordem. Que a mandem retirar-se; é digna de compaixão.

Qual não foi a dolorosa surpresa do santo director, quando chegou aos seus ouvidos o eco das queixas e murmurações! Pobre curazinho de Ars, gemia, quantas coisas lhe fazem dizer e fazer... É sobre ele que se prega actualmente e não mais sobre o Evangelho. Começaram a chover cartas, na maioria anónimas, nas quais era repreendido o seu zelo intempestivo e o modo de atrair para a sua igreja mulheres sem juízo que fariam melhor ficando nas respectivas paróquias.

Esse também era o parecer do P. Vianney, mas porventura sou eu, replicava ele, quem pede que elas venham?

"Dizem que V. Revma. é um santo, lhe escrevia em nome de muitos dos seus colegas um sacerdote que prudentemente se esquivou de pôr a assinatura: entretanto, nem todos que vão ter com V. Revma. voltam convertidos. Faria muito bem em moderar o seu zelo mal entendido. De contrário nos veremos obrigados, ainda que com pesar nosso, a chamar a atenção do Sr. Bispo".

O acusado respondeu directamente ao autor da carta, traído pela própria letra.

"Sr. Cura, agradeço-lhe sinceramente os carinhosos avisos que se dignou dar-me. Reconheço a minha ignorância e a minha incapacidade. Se as pessoas das paróquias vizinhas não se converteram depois de terem recebido de mim os sacramentos, tenho por isso muitíssima lástima. Se lhe parece bem, pode escrever ao Sr. Bispo que, segundo espero, terá a bondade de repreender-me... Peça a Deus, Sr. Cura, que, se lhe aprouver, eu faça menos mal e maior bem.

Tal resposta teve o resultado que deveria ter. O autor da carta anónima apressou-se em escrever ao P. Vianney para se desculpar e dessa vez não omitiu a assinatura.

Assim foram caindo pouco a pouco todas as prevenções suscitadas contra o Cura d'Ars. Bastava alguém tratar com ele ou simplesmente conhecê-lo para render-se em seguida. Um religioso que chegara ao povoado, tratando de fanático aquele a quem outros já chamavam Santo, partiu cheio de admiração pelas suas luzes e virtudes.

"Conheci, conta a Baronesa de Belvey, o P. Toumier, que morreu como pároco de Ceyzériat. Tratava frequentemente do servo de Deus, porém nunca o vira. Um dia veio a Ars. Apenas ouviu o Santo pregar, se desfez em lágrimas. A partir daquele momento não mais se atreveu, nem tolerou que alguém na sua presença dissesse alguma palavra contra o P. Vianney... Aconselhou uma vez, prossegue a baronesa de Belvey, um dos contraditores do Santo, que depois de 16 anos ainda lhe era desafecto, a que viesse julgá-lo pessoalmente: Como estivesse em Ars de passagem, assistiu ao catecismo. Ficou tão impressionado que não soube como expressar a sua admiração, e não ficou menos maravilhado com a grande multidão de gente que afluía para este povoado".

"Uma hoteleira de Ars contou-me, diz Catarina Lassagne, que certo sacerdote hospedado em sua casa viera para sondar o P. Vianney e que o tinha interpelado na sacristia, decidido a apertá-lo com as suas perguntas, mas que perturbado com a sua presença não soubera dizer mais nada. Preguei diante de bispos, porém nunca me senti tão intimidado, confessou depois".

Realmente, os ataques vivos e directos que o P. Vianney teve de sofrer foram factos isolados, ocorridos de tempos em tempos, tomando-se cada vez mais raros entre os anos de 1827 a 1840.

Quanto ao último na data, cujo eco chegou até nós, teve um desfecho por demais feliz. Vale a pena ser contado. O culpado, falecido em 1872, não poderá tomar a mal que lhe declinemos o nome. Demais, ele arrependeu-se humildemente; obteve o perdão e a amizade do Santo, tornando-se até um dos seus mais fervorosos admiradores.

O padre João Luís Borjon, nascido em 1809, portanto 23 anos mais moço do que o P. Vianney, fora nomeado, em 17 de maio de 1837, Cura de Ambérieux-en-Dombes. Com a inexperiência da idade, contou-nos um dos

seus vizinhos, o P. Nicolas, então pároco de Saint-Trivier, possuía umas maneiras bruscas, desenvoltas e um excesso de franqueza.

Quando chegou à sua paróquia as viagens para Ars tornavam-se assíduas.

Ars distava de Ambérieux apenas oito quilómetros. Esse êxodo quase não interrompido para junto de um santo a quem ele não conhecia desagradou ao jovem Cura. O P. Borjon, por sua vez, esqueceu-se do Evangelho para pregar sobre o Cura d'Ars... Neste interim sobreveio uma complicação que ateou fogo na pólvora. Dando-se crédito ao P. Nicolas, de Saint-Trivier, algumas pessoas de Ambérieux pensavam em organizar uma confraria e em recolher certas quantias para esse fim, sem licença do próprio pároco, mas sobre os auspícios do Cura d'Ars. Além disso, ele se achava mal disposto com algumas devotas, pois sem que lhe tivessem dito a intenção, mandaram-no celebrar uma missa para alcançar que ele fosse removido de Amberieux e substituído pelo Cura d'Ars. Por isso, num domingo, trovejou contra elas do púlpito. As reprimendas foram amargas. Entraram no assunto outras personalidades... Naturalmente, todos entenderam contra quem as filípicas eram dirigidas.

O Sr. Cura d'Ars não tardou em ter notícia do ocorrido. O pobre P. Borjon exagerando tudo, investiu contra o Cura, atrevendo-se a escrever-lhe uma carta tão dura quanto injusta. Na Carta lia-se o seguinte:

"Sr. Cura, quando alguém sabe tão pouca teologia como V. Revma. não se deveria sentar num confessionário".

Esta carta não a leram olhos insensíveis. O pobre Cura d'Ars, talvez para distrair-se um pouco, foi comunicar a sua mágoa a um paroquiano de quem era muito amigo, o velho Sr. Mandy. "Esta carta, disse o velho burgomestre de Ars, sem dúvida vem de uma pessoa grosseira. Não há pois que dar-lhe importância".

"Ah! não, é de uma pessoa instruída". E acabou por confessar que vinha das mãos de um sacerdote. "Mas, acrescentava, não me causaria nenhuma mágoa se soubesse que Deus não tem sido ofendido".

Depois foi para o quarto, tomou da pena, e ele que quase nunca escrevia achou no coração esta singela e sublime resposta, para o jovem sacerdote:

"Meu querido e venerável colega, quantos motivos tenho eu para amar V. Revma. V. Revma. é o único que me conheceu bem. Visto que é tão bom e se dignou interessar-se pela minha pobre alma, ajude-me a conseguir a graça que peço de há tempo, a fim de que seja removido do meu cargo do qual não sou digno por causa de minha ignorância, e possa retirar-me a um canto para ali chorar a minha pobre vida".

Quanta penitência a fazer, quantas coisas a expiar, quantas lágrimas a derramar!...

A falsa humildade não fala desta maneira. Uma virtude adulterada ou simplesmente comum não encontra tais acentos. Para expressar-se assim é preciso ter beijado o crucifixo longamente, apaixonadamente. Os mistérios dolorosos da vida de Cristo eram meditação habitual do P. Vianney, o que acaba de provar o tom desta carta. O P. Borjom comoveu-se tão profundamente que foi, o mais breve possível, prostrar-se aos pés do ofendido. O Cura d'Ars, que já tudo esquecera, abriu-lhe os braços e apertou-o ao coração.

Dali em diante, o Cura de Ambérieux mostrou-se digno de tal perdão. Muitas vezes ia a Ars para se edificar com os exemplos do santo Cura e receber os seus conselhos. "Vi-o depois trabalhar, declarou o P. Borjon a Mons. Mermod, e mudei de parecer".

Todos os anos levava os meninos da primeira comunhão para que o Santo de Ars os abençoasse. Nomeado em junho de 1852 Cura de Saint-André-d'Huiariat, o P. Borjon honrou-se em levar à Causa do servo de Deus o seu testemunho e jurar solenemente ter por ele grande amizade, grande estima e uma grande admiração.

O Cura d'Ars não ignorava as denúncias formuladas contra ele diante do seu prelado. Mais de uma vez, alguns colegas amigos pediram-lhe que se defendesse. Ele, porém, sempre preferia calar-se e para explicar o seu

silêncio contava uma anedota extraída do seu livro predilecto: a *Vida dos Santos*.

Um santo disse um dia a um dos seus religiosos: "Vai ao cemitério e injuria os mortos". O religioso obedeceu e, ao voltar, perguntou-lhe o santo: "Que responderam? Nada. Pois bem, volta e faz-lhes grandes elogios". O religioso obedeceu novamente: "Que disseram desta vez? Nada, também. Eis, replicou o santo, se te injuriam ou se te louvam faz como os mortos".

"Hoje recebi duas cartas, contava numa explicação de catecismo: Numa me dizem que sou um santo, na outra que sou um charlatão; a primeira nada me acrescentou, a segunda nada me tirou". Era depois da leitura duma missiva deste género que ele dizia todo contente: Eis aqui um que me conhece bem! Se fosse tentado de orgulho, teria com que me curar. O Cura d'Ars porém fez algo mais do que receber tais injúrias com essa sobrenatural filosofia. As perseguições dos colegas deram-lhe ocasião de subir mais um novo degrau na humildade. Ele mesmo assinou e enviou ao bispado uma carta de denúncia que por engano lhe caíra nas mãos. "Apresente, disse ele, tem a minha firma. Não faltarão provas convincentes".

Mons. Devie, que na verdade foi um grande e santo bispo, era também o homem menos capaz de se deixar enganar por falsas informações.

Não querendo resolver nada sem perfeito conhecimento de causa enviou para aquela localidade o cónego Ruivet, seu vigário geral. Este severo zelador da disciplina, enérgico, até parecer rústico, ocultava sob a sua palavra e as suas aparências austeras um coração bom e compassivo, que só desejava encontrar pretextos para ser indulgente. Com respeito ao P. Vianney bastou-lhe ser justo. O Cura d'Ars fez-lhe ver que o povo acorria sem que ele chamasse a ninguém; e uma vez diante dos penitentes, resolvia conforme os ditames da própria consciência; que o cargo de director de almas, por causa da sua ignorância e miséria, pesava duramente sobre os seus ombros; que por isso já havia solicitado a Monsenhor que o livrasse desse cargo.

Só um santo pode conceber tais esperanças. Acreditou sinceramente que as investigações feitas a propósito da sua pessoa determinariam o prelado a

permitir-lhe que se retirasse. Foi porém muito grande a decepção quando ouviu que o P. Ruivet, não se dando conta da sua presença, dizia a um dos entrevistados: "Se as denúncias fossem verdadeiras não se encontrariam aqui tantos peregrinos e entre eles religiosos e sacerdotes". Depois disso, o vigário geral não pôde informar senão favoravelmente a Mons. Devie.

Mais tarde, para estar melhor informado, o prelado ordenou ao Cura d'Ars submeter ao conselho do bispado os casos de consciência mais difíceis que lhe oferecessem no exercício do seu apostolado e a solução que ele julgasse conveniente. O bom do Cura submeteu-se de boa vontade a esta prova, e durante alguns anos enviou mais de 200 casos de consciência. De um exame minucioso resultou para Mons. Devie que as decisões do Cura d'Ars sempre eram exactas e o seu modo de agir irrepreensível. Um dia, refere a senhora de Garets, ousei dizer diante do Sr. Bispo de Belley que o Cura d'Ars era geralmente tido por homem pouco instruído... Eu não sei se ele é instruído, replicou o prelado. O que sei muito bem é que o Espírito Santo se encarrega de iluminá-lo. Tendo muitos eclesiásticos metido a ridículo o regime de vida pouco comum do pároco Vianney e tendo pronunciado a este respeito a palavra loucura, Mons. Devie se inteirou disto com lástima, Senhores, disse aos sacerdotes reunidos por ocasião do retiro anual, eu desejaria para todo o meu clero um grãozmho dessa loucura.

Mons. Devie não precisou de dez anos para depositar a sua confiança no Cura d'Ars. A 15 de setembro de 1832, de certo, durante o retiro pastoral, o Cura d'Ars pediu licença para poder confessar em Chaleins, onde havia de celebrar uma missão e também para absolver casos reservados. Não só o prudente bispo acedeu ao pedido do humilde sacerdote, mas acrescentou de próprio punho na folha do despacho: E também para toda a diocese.

A atitude tomada pelo prelado, referente ao Cura d'Ars, foi uma revelação e uma lição para os contraditores. Chegou o momento em que, deixando de lado algumas queixas sobre questões de teologia, o nome do nosso Santo provocou entre os colegas um concerto unânime de louvores. Todos os que se tinham impressionado com as falsas declarações viram desvanecerem-se os preconceitos desde que entraram em contacto com a aldeia de Ars. "O clero das circunvizinhanças, bem conhecedor do Cura d'Ars, diz o conde de Garets, tinha-lhe grande affecto e estima". Os curas

das paróquias mais afastadas, que haviam duvidado da sua capacidade, terminaram mudando o próprio modo de pensar, e adquiriram grande confiança nas suas luzes

Um só facto de carácter geral seria suficiente para demonstrar que os contrários ao Santo logo ficaram reduzidos a uma insignificante minoria.

A última vez que assistiu ao retiro do clero foi no ano de 1834, no Seminário Maior de Bourg. O Cura d'Ars foi inscrito por Mons. Devie na lista oficial dos confessores. Pois bem, foram tantos os sacerdotes que acorreram a ele que não encontrou um momento de descanso, nem para as suas orações e meditações particulares, nem para seguir as instruções do pregador, o que prova, conclui Catarina Lassagne, que já o consideravam como um homem de Deus

CAPÍTULO XIV

A Peregrinação a Ars:

III. O cura d'Ars confessor

A caminho de Ars - Como se hospedavam ali - A porta da igreja - A espera interminável - Os turnos de favor - Os pecadores apanhados no vôo - Palavras que movem - Lágrimas que convertem - No confessionário dos homens - O grande milagre do Cura d'Ars: A conversão dos pecadores - O que o Santo exigia antes de absolver - Breves penitências medicinais - Relatório de algumas conversões.

Durante 30 anos uma multidão de peregrinos, renovando-se sem cessar, desfilava pela igreja de Ars, cujos ladrilhos, sob os pés dos visitantes, se foram gastando e polindo como as pedras nas águas do mar que passam e repassam sem fim. E ninguém imagine que durante o inverno, quando o frio se faz sentir tão cruelmente na região de Dombes, houvesse na aldeia muito menos peregrinos que durante o tempo bom. De novembro a março o pároco Vianney não passava menos de 11 a 12 horas diárias no confessionário. Não saía da igreja, escreve Catarina Lassagne, porque a muito custo podia atender a todos. Os penitentes cercavam-no de tal maneira que ao sair levava consigo o roquete, pois se entrasse na sacristia para deixá-lo, teria que ficar ali. E na margem do manuscrito de Catarina Lassagne o P. Renard acrescentou estas palavras: A narração da directora é conforme a verdade. Estive muitas vezes em Ars no verão, na primavera, no outono e mesmo no inverno. Fui testemunha de tudo isso. A primeira vez que entrei na igreja de Ars, diz o P. Dufour, missionário de Pont-d'Ain, havia duas filas de penitentes que iam da capela da Virgem até à de S. João Baptista. E essas duas filas nunca as vi interrompidas. Era em 1851. A concorrência de peregrinos, diz por sua vez J. Felix de Garets, irmão do burgomestre de Ars, foi sempre aumentando desde 1830 até 1845, data em que alcançou o seu apogeu. Naquela época chegavam diariamente a Ars de 300 a 400 peregrinos. Na estação de Perrache, a mais importante de Lião, abriu-se uma bilheteira especial, com carácter permanente, para vender bilhetes com destino a Ars, sob a cláusula de serem válidos por 8 dias. Era publicamente sabido que se necessitava desse lapso de tempo para se poder aproximar do P. Vianney, a fim de obter dele uma palavra ou a absolvição.

O incrédulo não sabendo que a verdadeira história do mundo é a história da graça de Deus neste mesmo mundo, talvez nada entenda dum tal empenho. Toda aquela multidão era de almas que caminhavam para o perdão, para uma região mais clara, para uma abnegação mais perfeita

A grande maioria dos visitantes, prossegue J. Félix de Oarets, vinha movida pela fé, pela piedade ou pelo arrependimento. E se alguns curiosos se achavam entre eles, ou indiferentes, várias vezes, também, foram ganhos para Deus por um gesto, uma lágrima um olhar do venerável Cura. Essa multidão, formavam-na pessoas de todas as idades e condições: Bispos, sacerdotes, religiosos, grande número de jesuítas e maristas, capuchinhos, recoletos, dominicanos, nobres e plebeus, ignorantes e sábios, uns habituados a discutir os mais graves problemas, outros movidos unicamente pela simplicidade da fé. Entre os últimos, vi famílias inteiras de camponeses, que chegavam de carreta, vindas de províncias muito distantes e até mesmo das montanhas de Allvergne, para visitar o servo de Deus e fazer as suas devoções na igreja de Ars. Das comarcas vizinhas tudo corria para ali a pé ou de carro, tanto pelas estradas reais como pelas vias navegáveis.

Conforme diz um morador do lugar, Francisco Pertinand, hoteleiro e cocheiro de Ars, em 1836 organizou-se um serviço trisemanal de carros entre Ars e Trévoux; outro diário, em 1840 entre Ars e Lião. Finalmente, conforme uma declaração do Sr. de Casteliani, subprefeito de Trévoux, datada de 28 de junho de 1855, naquele ano dois carros-ómnibus faziam diariamente a viagem de Lião a Ars; outros dois combinavam duas vezes ao dia com as estrada de ferro de Paris a Lião, na estação de Villefranche; outro coche que ia de Vilars a Villefranche, estacionava no lugar das peregrinações.

Durante o último ano que o Santo viveu (1858-1859), o número de peregrinos, afirma Francisco Pertinand, chegou a 80.000, contando somente os que utilizavam os carros de serviço. Quanto ao número total creio que foi de cem a cento e vinte mil. Naturalmente, não tendo a vila de Ars aumentado na proporção da sua fama, uma tal multidão se alojava como podia, Havia cinco casas decoradas com o pomposo nome de *Hotell*, onde poderiam hospedar-se ao todo 150 pessoas. Os demais buscavam abrigo nas

casas particulares, que não costumavam ser muito confortáveis. Quando cheguei a Ars, em 8 de maio de 1855, conta Camilo Lenfant, todos os hotéis estavam superlotados. Cada um arranjou-se como pôde. Quanto a mim a Providência conduziu-me a casa da senhora Ricotier, pessoa cheia de fé e simplicidade. Mediante 2 1/2 francos por dia, deu-me casa e comida,

Em maio de 1854, o bispo de Mirmingham ouviu contar que os penitentes, em número de mais de 50, passavam toda a noite deitados na rua e isto para poderem chegar até ao confessorário ou por falta de lugar nas hospedarias.

Jamais as multidões de Ars foram turbulentas ou desordeiras. Iam ali para ver um santo, para se confessar com ele, ou para cumprir alguma promessa feita a Santa Filomena. Um recolhimento, misto de esperança e confiança, parecia pairar por sobre aquela aldeia singular. Alguns entravam no humilde povoado como se entrassem num templo. Quando de longe avistavam o campanário de tijolos, muitos peregrinos se descobriam e se persignavam. A igreja, apesar de só estar fechada das 9 às 12 da noite, era inacessível. Em março de 1859, Jorge Seigneur, director do *O Cruzado*, precisou armar-se de paciência e só subir passo a passo a escadada que vai dar à porta principal. Os forasteiros permaneciam de pé no cemitério e nos becos vizinhos, aguardando a sua vez. Compravam medalhas e rosários para mandá-los benzer, e os círios destinados a arder no altar de Santa Filomena. Muitos para se consolarem na sua espera, punham-se a contemplar os retratos do santo sacerdote e se entretinham com eles como as crianças com o retrato do pai.

Os retratos do Cura d'Ars estavam expostos por toda a parte. Nas montras das tendas, nos muros do cemitério e nos cestos dos vencedores ambulantes que circulavam entre os peregrinos.

Havia-os também de todos os tipos e tamanhos desde a pequena gravura para ser colocada entre as folhas do devocionário até ao quadro de Epinal, de vistosas cores, no qual apareciam pintadas com mais ou menos imaginação, diversas cenas da vida do Santo. Como é de supor a semelhança só era aproximada, pois o Cura d'Ars sempre negava pôr-se diante de uma máquina fotográlca. Pouco importa! Cada visitante de Ars queria levar o retrato do Santo como lembrança da peregrinação.

Por mais longa que fosse a espera para encontrar lugar na igreja, os forasteiros salvo raríssimas exceções não desanimavam. Queriam a todo o custo ouvir o Santo, e na maior parte o objectivo principal, senão único da viagem, era falar-lhe intimamente no confessional.

Começava então uma nova espera. Devemos ter em conta que o Cura d'Ars só empregava em cada confissão o tempo estrictamente necessário. Confessava durante 16 e às vezes 18 horas nos dias de festa e apesar disso a maioria dos peregrinos, sobretudo nos dez últimos anos da sua vida, tinham que esperar durante trinta, cinquenta, e mesmo setenta horas antes de chegar ao feliz tribunal. Acontecia, às vezes que certas pessoas pagavam a alguns pobres para reservar-lhes o lugar. Nem todos porém tinham meios para isso e permaneciam na igreja, que no verão era uma estufa e no inverno uma geladeira. As pessoas que desejavam sair sem perder o lugar arranjavam com os vizinhos ou com os zeladores da igreja para lhes guardar o lugar. Quando chegava a noite era mister sair, pois se fechava a igreja. Então saíam para fora e não querendo perder a sua vez passavam no vestíbulo junto ao campanário as horas que mediavam entre o deitar e o levantar do Cura d'Ars.

Sofia Gros, de Besançon, na velhice ainda se recordava da sua criada, Clementina Viney, que em julho de 1855 teve de esperar dois dias com o cesto das compras debaixo do braço para poder aproximar-se do confessional. Em 1855 a senhora Luísa Dortan, do Hospital (Puy-de-Dome), que depois se tornou religiosa com o nome de Soror Maria de Jesus, tinha ido a Ars para consultar o Sr. Cura sobre a vocação. Esperou três dias consecutivos. Por fim, desesperada por não poder aproximar-se do confessional, já se dispunha a regressar, com os olhos cheios de lágrimas, quando o Cura d'Ars, saindo da capela de S. João Baptista lhe disse: Tens muito pouca paciência, minha filha; ainda não faz três dias que estás aqui e já queres partir? É preciso que esperes 15 dias. Vai rezar a Santa Filomena para que ela te diga a vocação e depois vem ter comigo. A jovem seguiu o conselho e ficou tranquila.

Pela manhã, às nove horas, o Santo reservava algum tempo para os sacerdotes e religiosos. Ouvia-os ordinariamente num confessionário colocado atrás do altar-mor. Viu-se ali um bispo, e era o diocesano, esperar a sua vez como os demais.

Em algumas ocasiões, parecia que o Cura d'Ars chegava ao termo do seu trabalho; porém que chegasse ao ponto de poder descansar, não aconteceu um só dia. Esperança baldada! Uma tarde de maio de 1855, três religiosas e uma senhora, que acabava de perder o marido, desciam do carro de Francisco Pertinand e subiam apressadamente os degraus da igreja. O Cura d'Ars naquele momento saía do confessionário, depois de ter absolvido o último penitente. A nave estava vazia. A senhora enlutada apresentou-se ao Santo, o qual consentiu em ouvi-la. Querem também as senhoras falar com o Sr. Cura enquanto está livre? perguntou alguém às três religiosas.

Não; amanhã, responderam elas, pois agora temos que procurar acomodação.

Oh! amanhã, lhes respondeu, amanhã talvez não se pareça com boje.

Realmente, conta uma das religiosas, a irmã Doroteia da Providência de Vitteaux, houve no dia seguinte tal afluência de peregrinos que só a custo me aproximei do confessionário. Por fim pude falar com o Sr. Cura, pois vendo-me doente - ela estava tísica e escarrava dos pulmões - fez-me passar antes da minha vez.

Se na verdade o Cura d'Ars, quando sentado no seu tribunal de misericórdia, não mostrava preferência por ninguém, fazia contudo excepções quando se tratava dos seus paroquianos, de enfermos, dos delicados de saúde ou dos outros penitentes que não podiam esperar. Neste ponto o dom de intuição, que Deus largamente lhe tinha concedido, guiava-lhe o olhar. Ouvi dizer por um grande número de velhos peregrinos de Ars, refere o P. Cláudio Rougemont, coadjutor daquela paróquia em 1871, que o Cura d'Ars, os distinguia na multidão, e depois chamava-os ao confessionário ou à sacristia, porque, sem que os pudesse conhecer de outra maneira, vira com os olhos da alma que necessitavam de ir lá sem demora,

Era tal o ascendente do Santo. que estes privilégios raras vezes suscitavam murmurações.

Dizia ele ao Ir. Atanásio, quando este lhe transmitia as queixas: Acusam-me de ser muito liberal para com certos peregrinos, Mas se deve tomar em conta o trabalho que se impõem para vir até aqui, e os gastos que a viagem lhes ocasiona. Há também alguns que vêm às escondidas e que apenas querem ser vistos; como é natural, têm pressa de regressar. Uma mãe de 16 filhos conseguira encontrar um lugar no centro da nave. De repente o Santo saiu do confessionário e lhe disse: A senhora tem pressa. Venha logo.

Corria o ano de 1833. Margarida Humbert, de Ecully, casada com o Sr. Fayolle, depois de 15 anos sem se verem visitou novamente o seu primo João Maria Vianney. Ele em pessoa recomendou às órfãs da *Providência* que a tratassem bem, pois ela lhe havia prodigalizado muitos cuidados durante os seus estudos. Antes de partir, conta Margarida, entrei na igreja e perguntei a mim mesma se devia ou não confessar-me com o meu primo. Naquele momento alguém me veio dizer da parte dele que me estava esperando. Fiquei muito maravilhada, pois não era possível que me tivesse visto no lugar onde eu estava... Parti de Ars cheia de grande júbilo interior.

Certo dia, conta o Sr. Oriol, o servo de Deus confessava na sacristia. Subitamente aparece na porta dirigindo-se mim, diz: Meu amigo, chame uma senhora que está no canto da Igreja. E me indicou como a encontraria. Não encontrei ninguém no lugar indicado. Volto para dizer ao P. Vianney, Agora está diante de tal casa, apresse-se, replicou-me... Corro e alcanço a senhora que se afastava desolada por não ter podido esperar mais.

Uma pobre senhora que, sem dúvida, por timidez, perdera duas ou três vezes a sua ocasião, permaneceu 8 dias em Ars sem se poder aproximar do P. Vianney. Finalmente o próprio Santo chamou-a, ou, para melhor dizer, foi buscá-la, conduzindo-a por entre a multidão até à capela de S. João Baptista. Radiante de alegria, ela agarrava-lhe a batina ao passar por entre a ala que lhe iam abrindo.

O servo de Deus sabia por experiência que a graça do céu tem os seus momentos e que pode passar e não voltar mais. Assim, pois, quando

chegava a ocasião, como vulgarmente se diz, colhia as almas no "vôo".

Pelo ano de 1853, um alegre grupo de homens dirigia-se a Ars. Todos eram bons cristãos, excepto um, um velho que se tinha posto a caminho para contentar os moços. Chegaram ao povoado às três da tarde. Vão à igreja se quiserem, disse o nosso incrédulo ao descer do carro; eu vou tratar da refeição. Afastou-se um pouco, parou... Bem, diz ele, depois de reflectir um pouco, irei com vocês, Será coisa de pouca demora Todos entraram na igreja. Naquele momento o Cura d'Ars saía da sacristia e passava pelo coro. Ajoelhou-se, levantou-se e voltando-se para trás, dirigiu o olhar para a pia de água benta como se procurasse alguém; fez um sinal com a mão. É a você a quem ele chama, dizem ao incrédulo, atónito, Este, conta a religiosa a quem devemos esta narração, dirigiu-se para lá cheio de embaraço, e todos nós ríamos interiormente, convencidos de que o pássaro caíra na esparrela. O Sr, Cura apertou-lhe a mão perguntando: Faz muito tempo que o Sr. não se confessa?

Senhor Cura, faz uns trinta anos.

Trinta anos, meu amigo. Pense bem... Faz trinta e três anos... Foi em tal lugar...

Tem razão, Sr. Cura.

Então confessemos-nos agora, não é verdade?

O nosso velho companheiro disse que se sentia tão desconcertado ante este convite, que não ousava replicar; porém acrescentou: Notei logo em mim um bem-estar indizível. A confissão durou vinte minutos e transformou-me.

Muito curiosa foi a maneira como conquistou outro pecador. Em 1840, um indivíduo chamado Rochette levou um filho enfermo ao taumaturgo de Ars. Acompanhava-o a mulher. Ela confessou-se e comungou, mas Rochette nada mais desejava do que a cura do seu filho. Fez várias visitas à Igreja, mas não passou além da pia d'água benta. Estava ali parado quando o Santo, aparecendo por detrás do altar, onde confessava os sacerdotes, se pôs a chamá-lo. Ele não se moveu... A mulher e o filho estavam juntos na

mesa da comunhão. É porventura tão incrédulo? perguntou o Cura d'Ars à esposa. Finalmente, a um terceiro sinal, o homem decidiu-se a aproximar-se. Antes de tudo, pensava ele, o Cura d'Ars não me comerá. E foi com ele para trás do altar. O P. Vianney achou que não era ocasião de perder tempo. Estamos aqui nós dois a sós, Sr. Rochette, e mostrando-lhe o confessional, assentou-se. Ponha-se aí.

Oh! Sr. Cura, não tenho muita vontade...

Vamos ver.

Impotente para resistir a um ataque tão inesperado, Rochette caiu de joelhos. Meu Pai, faz-já bastante tempo que... uns 10 anos...

Acrescente um pouco mais.

Doze anos...

Ainda um pouco mais.

Sim, desde o jubileu de 1826.

Isso, sim! Procurando se encontra

Rochette confessou-se como uma criança. No dia seguinte comungou ao lado da esposa. Quanto ao filho, diz um testemunho fiel, deixou na igreja de Ars as duas muletas já inúteis.

Deste modo, para muitas almas, o caminho de Ars foi o caminho de Damasco. O Santo, além das orações e penitências, valia-se de meios extraordinários para convertê-las. A princípio comovia com os seus ardentes sermões, e depois quando lhes falava de coração a coração no confessional, bastavam poucas palavras para dar o golpe que aterra, mas que reergue. Finalmente, afora casos excepcionais, como por exemplo o de uma confissão geral, era muito expedito e fazia questão que o fossem, Em cinco minutos, dizia o Sr. Combalo, pus toda a minha alma dentro da sua. Não andava com delongas complicadas, Colocado pela fé muito acima de todo o respeito humano, e esperando tudo de Deus, sabia quando convinha

dizer aos homens fossem quais fossem as suas condições: "isto não é permitido".

Quantas consciências melindradas com a espada da sua palavra deixaram escapar todo o vírus oculto que as envenenava! Conhecia o ponto onde devia dar o golpe, e raramente errava o alvo.

Se Deus não fosse tão bom, dizia ele entre suspiros... Ah. Mas é. Pois bem: - Salva a tua alma!... Que desgraça perder-se uma alma que custou tanto a Nosso Senhor! Que mal te fez Ele para que O trates assim desta maneira?.

Ah. tem você um vício que o levará à condenação: o orgulho, dizia o Santo confessor ao Sr. Valpinson, comerciante em Ferté-Macé O penitente o reconheceu e reflectiu... Aquela palavra transformou-lhe a alma. Dali em diante levou vida de cristão humilde e dedicado.

Jamais recordava aqueles dias passados em Ars sem verter lágrimas. Para comover os grandes pecadores, o Cura d'Ars lhes dizia à maneira de exortação esta simples frase, mas terrível nos lábios de um santo que lê o futuro: Ah. meu amigo, você está condenado. Frase curta, porém de grande alcance. Na verdade, o Santo queria falar de um modo condicional. Se você não evitar tal ocasião, se conservar tal costume; se não seguir tal conselho, condenar-se-á.

Mas o efeito era o mesmo... Eu, condenado? Amaldiçoado por Deus... para sempre... repetia ao sair do confessionário Francisco Bourdin, de Villebois-en-Ain. Em 1856, por causa de uns maus negócios este pobre homem, de 35 anos, se acolhera desesperado em casa do sogro que morava em Ambutrix. Pregava-se providencialmente ali uma missão. Bourdin, apesar das instâncias da família, negava-se a assistir aos piedosos exercícios. A sua fé ainda não se tinha apagado de todo, mas pensamentos de desesperação o afastavam de Deus. Quero confessar-me, disse ele, porém com um grande confessor: com o Cura d'Ars. E como encorajamento, depòs de ter relatado a sua mlséria e pecados, ia receber a aterradora resposta: Meu filho, estás condenado. Essa ameaça foi para ele um brilhante raio de luz. Francisco Bourdm, convertido, mostrou-se até à morte fervoroso cristão.

Geralmente a direcção de almas piedosas não custava muitas palavras ao P. Vianney. Mas ainda mesmo para com elas, usava de flechas, candentes que se cravavam nos corações para sempre, Amai muito os vossos padres disse unicamente ao Bispo de Langalerie ajoelhado a seus pés.

Tive alguma negligência, quanto a isso, mas, em geral tinha boa vontade declarava-lhe o Ir. Atanásio ao se confessar. - Oh! meu amigo, de boas vontades... o infemo está assoalhado. E isso foi tudo.

O Dr. Amadeu, futuro superior geral dos Irmãos da Sagrada Família, acabava de se confessar com ele, Oh! amai, amai muito a Deus, exclamou juntando as mãos. E deu-lhe a bênção sem acrescentar mais palavra.

Confessei-me com ele duas vezes, refere o P. Monnin. Cada uma das minhas acusações provocava nele um grito de fé, de compaixão e de horror pelas menores faltas: *Que desgraça*. A sua palavra feria-me sobretudo pelo acento de ternura com que estava impregnada. Esta simples expressão: *Que desgraça!* revelava na sua brevidade a dor que sentia a sua alma.

O P. Denis, sacerdote retirado em Neuville-sur-Saone, dirigia-se frequentemente ao santo confessor. Era muito breve, conta-nos esse padre, uma palavra de exortação e tudo estava terminado.

Era a santidade do Cura d'Ars que comunicava força e eficácia às suas palavras, que em outros lábios podiam parecer banais; mas ele com que acento as pronunciava. Além disso, o Cura d'Ars tinha algo mais de irresistível do que as palavras: as lágrimas! Às vezes bastava para abrandar um coração endurecido, mostrar-lhe chorando um crucifixo colocado na parede. Do confessionário partiam suspiros que escapavam sem querer e iam ferir os penitentes com sentimentos de arrependimento e de amor. Um dia, conta o P. Dubouis, cura de Fareins, que certos eclesiásticos duma diocese vizinha criticavam algumas normas directivas do Cura d'Ars. Um juiz de paz, antigo penitente do servo de Deus, estava presente à conversa. O que eu posso assegurar-vos, disse este, é que o Cura d'Ars chora; e a gente chora com ele; isso não acontece em toda a parte

Por que chora tanto, meu Pai? perguntava ao Santo um pecador ajoelhado a seus pés.

Ah. meu amigo, choro porque você não chora bastante.

Vários convertidos pelo Cura d'Ars me têm manifestado, diz o P. Cirilo Faivre, também grande confessor, que ao ver o homem de Deus chorar sobre os pecados deles foi o que mais os impressionou.

Não é pois de admirar, em vista disso, que alguns penitentes se retirassem do confessionário com os olhos cheios de lágrimas e até soluçando e suspirando.

Num canto da sacristia ainda hoje se venera uma rústica cadeira de braços altos, na qual o Santo ouvia as confissões dos homens. Aquele canto escuro foi testemunha de cenas muito emocionantes, pois foi ali onde mais almas se converteram, já que o bom Cura tinha recebido de Deus, como afirma Mons. Devie, um dom especial para converter os homens.

Estes, para obter audiência do Santo, punham-se o mais perto possível da sacristia e até no presbitério, onde lhes eram reservados alguns bancos. Não eram tão numerosos como as mulheres, pelo que não tinham de esperar tanto tempo até que chegasse a sua vez, tendo, apesar disso, que permanecer muitas horas na igreja. O Ir, Jerónimo, sacristão, diz o Ir, Atanásio. chegou até a contar 72, numa vez e eu mesmo vi um esperar o seu turno desde as 5 da manhã até às 5 da tarde.

Várias guardiãs abnegadas foram estabelecidas entre as fileiras das mulheres. Do mesmo modo pôde-se organizar um serviço de ordem entre os homens, graças à boa vontade que nunca falta. Uns bons cristãos daquele tempo: - os Sr, Thebre, Oriol, Pagés Viret e outros - se iam revezando desde às 7 da manhã até à noite.

Um deles se colocava num dos genuflexórios postos ao lado da porta. Uma barra de ferro fechava a entrada. Cada vez que saía o penitente o guardião da hora introduzia o seguinte.

Sob as abóbadas da atual basílica um fresco de cores vivas evoca a lembrança daqueles dias já distantes, quando naquele canto escuro a graça operava tantas maravilhas. Ali estão homens de todas as categorias, procedentes de todas as partes de França. trazendo ainda nas vestes o pó de

longas jornadas. Uns, movidos pela graça, acham-se dispostos a todas as confidências, a todas as reparações; outros encontram-se naquele lugar, impelidos pelos remorsos, a rogo duma esposa ou de uma filha ternamente querida; alguns hesitam, retrocedem. Parecem dispostos a trilhar novamente o caminho do pecado... Ao número destes não pertence o libertino, que tendo ido a Ars, contra a sua vontade, deseja encontrar morto o venerável Cura... De repente na soleira da terrível porta debuxa-se uma branca figura: - Um ancião macilento, gasto pelas penitências, passeia sobre os que esperam um olhar em que parece concentrar-se toda a sua vida, vê a alma sobre a qual vai descer o perdão como a águia sobre a sua presa. O homem levanta-se. Atrás do Cura d'Ars cerra-se a porta... Será o mesmo pecador que vai reaparecer? Não, mas um convertido, cujo soluços lhe fazem arquejar o peito, e que, voltado para os seus deveres, correrá a lançar-se aos pés de Nossa Senhora de Ars que lhe estende os braços!

Diz-se que o grande milagre do Cura d'Ars foi o seu confessionário. Assediado dia e noite com igual exactidão se poderia afirmar que o seu milagre por excelência foi a conversão dos pecadores. Eu mesmo fui testemunha de muitas e muito brilhantes conversões, assegura o P. Raymond. E eis aqui o melhor capítulo da vida do Cura d'Ars. Oh meu amigo, dizia-me frequentemente, só no dia do júizo se saberá quantas almas encontraram aqui a salvação. No íntimo, refere Joana Maria Chanay, as curas milagrosas muito pouco o impressionavam. O corpo é tão pouca coisa, repetia ele. O que na verdade o enchia de alegria era a volta das almas para Deus.

E nesse, ponto quantas ocasiões teve para se alegrar? Perguntei-lhe certo dia, diz o Sr, Próspero de Garets, pelo numero de pecadores que se tinham convertido durante o ano. Mais de 700, respondeu-me.

Assim se compreende a afirmação de um cura que tinha ido a Ars como peregrino: Os meus paroquianos que vêm confessar-se com o Cura d'Ars voltam modelos. Quisera poder trazer-lhe toda a minha paróquia

O Cura d'Ars, disse o P. Toccanier, tinha um dom particular para converter os pecadores. Poderia dizer-se que os amava com todo o ódio que tinha contra o pecado. Detestava o mal e falava dele com horror e indignação; mas, tinha para com os culpados uma compaixão imensa e os seus gemidos pela perda das almas partiam os corações. Meu Deus, exclamava ele no seu quarto, num dia da quaresma de 1841, meu Deus, será possível que Vós sofrestes tantos tormentos para salvá-los e que eles se venham a condenar!... E nos catecismos dizia: Que dor amarga eu sinto ao pensar nos homens que morrem sem amar a Deus!... Cada noite, durante a oração, apenas podia rezar, tal era o seu pranto ao pronunciar a frase: *Deus meu, não permitais que o pecador pereça*. Ah! os pobres pecadores! Se eu pudesse confessar-me por eles!... Era preciso ouvir com que unção pronunciava estas palavras. Certo dia Marta de Garets ouviu-o, toda temerosa, conjurar do púlpito os ouvintes que se quisessem condenar, para que ao menos cometessem o menor número de pecados mortais, a fim de não aumentar os eternos castigos... Até ao fim de minha vida recordarei aquele sermão sobre o juízo final, durante o qual repetiu muitas vezes; Malditos de Deus!... Que desgraça!... Que desgraça!... Aquilo não eram palavras, eram gemidos que arrancavam lágrimas a quantos se achassem presentes.

Os pobres pecadores!... Quando um deles se obstinava em não se render à graça, o Santo redobrava as suas orações e penitências. Não me sinto bem, dizia ele humoristicamente, enquanto não estou rezando pelos pecadores. Ao se aproximarem as grandes festas, e sobretudo durante o tempo pascal, impunha-se penitências extraordinárias. Foi o zelo pela salvação das almas pecadoras que o levou a abraçar durante toda uma longa vida um ministério estafante, sem interrupção, sem preocupação pessoal, sem descanso de nenhuma espécie, que o fazia levantar à meia-noite ou à uma da madrugada e sair da igreja muito tarde; que o condenou à privação de quase todo o sono e que apesar de tudo o manteve com uma paciência inalterável no meio das importunações mais enervantes. Assim se expressa o Conde de Garets, burgomestre de Ars.

Entretanto, a doçura com que o Cura d'Ars acolhia os peregrinos nunca degenerava em fraqueza. Jamais lhes dava a absolvição sem estar bem seguro da sinceridade do seu arrependimento. Ê certo que até ao ano de

1840 foi rígorista, como então o era a maior parte dos confesores de França. Ainda seguia os princípios que em 1815 se ensinavam no Seminário Maior de Lião. A partir de 1840, graças ao trato com o P. Tailhades, sacerdote piedoso e inclinado a indulgência, e aos conselhos do P. Camelet, superior dos missionários diocesanos que evangelizavam a província, tinha adquirido uma profunda experiência na direcção das almas. Graças, sobretudo, ao estudo da teologia de Santo Afonso de Liguori que o Cardeal Gousset acabava de publicar em francês, o Cura d'Ars mostrou-se visivelmente menos severo. Salvo em casos. muito excepcionais, não se viu mais, conforme testemunham os antigos, fazer que penitentes voltassem ao confessionário até 6 ou 7 vezes. Além disso, tantas confissões lhe fizeram conhecer a miséria humana. Sentiu uma profunda compaixão e se convenceu de que com tal miséria é mister ser indulgente. Quando se adianta no caminho da Vida, dizia o santo Cardeal Richard, não se tem a mesma ideia da virtude do que quando se é mais jovem.

Não obstante, até o fim dos seus dias, antes de absolver um pecador inveterado, o Cura d'Ars exigia os indícios suficientes de conversão. Os que não queriam sair do estado de condenação, no dizer dum sacerdote, encontravam-no inflexível. Impunha rigorosamente os sacrifícios necessários. Foi assim que obrigou a uma senhora de Paris a queimar todos os livros maus da biblioteca antes de receber a absolvição.

Outra parisiense, que veraneava em Midi, passou por Ars de regresso à capital. Um sacerdote, que conhecia a vida de desordem daquela senhora, aconselhou-a a passar por Ars. Verá ali algo de extraordinário, senhora: um cura de aldeia que está enchendo o mundo com a sua fama... Não se arrependerá dessa pequena volta na sua viagem. Cumpriu-se a predição de um modo extraordinário. À tarde passeava aquela senhora na praça com uma desconhecida, encontrada casualmente. O Cura d'Ars passou por ela ao regressar da visita a um enfermo. Senhora, disse ele à parisiense, acompanhe-me. E à outra: Pode retirar-se; não tem necessidade do meu ministério. Falando à parte com a pecadora, foi tirando àquela Samaritana o véu de todas as suas iniquidades. Aterrada com tais revelações, guardava silêncio. Por fim disse: "Sr. Cura, quer ouvir-me de confissão?" "A sua confissão, replicou o Santo, sena inútil. Eu leio na sua alma e vejo dois demónios que a acorrentam: o demónio do orgulho e o demónio da

impureza. Não a posso absolver; só no caso em que não volte a Paris, e, como conheço as suas disposições, sei que voltará".

Depois, com intuição profética, o homem de Deus deu-lhe a conhecer como haveria de descer até aos últimos degraus do mal.

Mas, Sr. Cura, eu sou incapaz de cometer tais abominações. Então, estou condenada?

Não digo isso, porém mais adiante, quão difícil será poder salvar-se!

Que hei de fazer?

Venha amanhã cedinho e eu lho direi

Durante a noite, para conjurar a perda de uma alma que Deus tinha criado para as alturas e que se ia afundando no lamaçal do pecado, o Cura d'Ars orou longamente e se infligiu sangrenta disciplina. Pela manhã concedeu audiência especial àquela penitente pouco vulgar, e lhe deu a resposta: Pois bem, deixará Paris e virá morar naquela casa ali em baixo, donde vem. Se quiser salvar a sua pobre alma fará tais e tais mortificações.

A senhora partiu de Ars sem ter ainda recebido a absolvição. Paris recolheu-a por pouco tempo, pois ela voltou aterrorizada como se o pecado lhe cavasse um abismo aos pés. Apoderou-se-lhe da alma um grande tédio. Invocou a Deus e fugiu da capital... Escondida numa vila de campo, apesar dos embates duma vida rompida pelas paixões, por muito tempo satisfeitas, resolveu reencetar o caminho do bem. Lembrou-se dos conselhos do Santo de Ars. Uma graça interior muito poderosa impeliu-a e ajudou-a a segui-los. No caminho da abnegação, dizia o Cura d'Ars, só é custoso o primeiro passo. Quando se tem entrado nele, anda-se por si mesmo... A nossa penitente fez a ditosa experiência. No prazo de três meses, escreve o cônego Ball, que recolheu as notas para esta história, a sua conversão foi completa; as suas disposições de espírito e de coração se achavam tão mudadas que ela mesma não compreendia como antes podia amar o que então lhe causava tanto horror.

Uma vez que o Cura d'Ars tinha conseguido dos seus clientes sinais indispensáveis de emenda, mostrava-se muito benigno na aplicação da penitência sacramental. Criticam-me por isso, dizia ele ao Ir. Atanásio, mas posso ser mais severo com gente que vem de tão longe e que se impõe tão grandes sacrifícios? Desalentá-los-ia com penitências muito grandes, costumava acrescentar ainda. Mas, nesta matéria, como se manter no justo limite? perguntava-lhe um dos seus colegas. Meu amigo, respondeu o Santo, eis aqui a minha receita: - Dou-lhes uma pequena penitência, e o que falta, faço eu por eles. Adivinha-se o que com isso queria dizer.

O Cura d'Ars, entretanto, não esquecia que a penitência sacramental há de ser medicinal. Daí a grande habilidade do nosso Santo em pôr o dedo na chaga. Devia-se expiar tal falta ou corrigir tal defeito. Pois bem, a penitência seria apropriada.

Para as pessoas jovens, capazes de elevadas virtudes, a vaidade e um orgulho inconscientes podem ser obstáculos na vida da perfeição. O santo director trabalhava para fazer que eles rompessem com as últimas afeições do amor-próprio. A senhorita Carolina Lioger, de Lião, alma de eleição, futura fundadora das Irmãs Vítimas do Sagrado Coração, cujo nome de profissão religiosa era Madre Maria Verónica, passava em Ars uma temporada durante vários anos consecutivos. Acompanhava-a a sua mãe. Ora, o Cura d'Ars, que queria formar aquela jovem para o cumprimento dos grandes desígnios a que estava destinada, comprazia-se em exercitá-la na humildade e o fazia sem consideração alguma. Em certa ocasião mandou que se pusesse de joelhos com os braços em cruz no umbral da porta, enquanto os fiéis saíam da missa.

Geralmente os homens pecam muito por respeito humano. O Cura d'Ars mandava-os rezar publicamente na igreja depois da confissão.

Quão comovedor, escreve o P. Raymond, era ver aqueles homens de cabelos brancos que, havia muito, tinham desertado da igreja e desculdado a oração e a devoção à SS. Virgem, agora apertarem afectuosamente entre as mãos o rosário e rezá-lo com devoção! Nenhum deles podia resistir à imposição do santo sacerdote de que todos levassem consigo o rosário e dele fizessem uso. Em vão lhe objectou alguém que não conhecia o uso, que antes de mais nada sabia ler...

Meu amigo, respondeu o Cura d'Ars, um bom cristão anda sempre armado com o rosário. O meu jamais me deixa; adquira um também, e eu lhe aplicarei as indulgências de que o amigo tem mais necessidade para suprir uma penitência tao leve. Ademais, a maior parte das vezes que confessava homens, dava-lhes rosários, e todos já os esperavam como uma preciosa recordação.

Mora o Sr. na sua cidade natal? perguntou o Cura d'Ars ao Sr. Jorge L., jovem mundano de 27 anos, ao terminar a confissão.

Sim, Padre.

Qual é a população?

25.000 habitantes.

O Sr. é conhecido na cidade?

Perfeitamente, e por quase todos.

Muito bem, meu filho. Por penitência rezará antes de sair desta igreja os actos de Fé, Esperança e Caridade. Mas não é tudo. No domingo da festa de *Corpus Christi*, assistirá, na sua cidade, à procissão. tendo o cuidado de se colocar logo depois do pátio. Vá, meu filho. O jovem não ousou replicar. A surpresa e a emoção lhe fecharam a boca... O respeito humano atormentava-o. Mas era crente... e era a sua penitência.

Do primeiro domingo a festa foi adiada para o segundo. Chegado esse dia não choveu, como desejava. Cumpriu-a. Se viver 100 anos jamais me esquecerei daquelas duas horas passadas atrás do pátio. A minha fronte banhava-se num suor frio. As pernas tremiam como varas verdes. De quando em quando recorria à fe e experimentava rezar. Só maquinalmente pronunciava as palavras litúrgicas... Este acto de coragem chamou a atenção dos seus convidados católicos. Dois anos mais tarde, já convertido em cristão destemido, achava-se à frente de uma conferência de S. Vicente de Paulo, composta por 30 jovens que foram arrastados pelo seu exemplo.

Afirmar que todos os penitentes do Cura d'Ars perseveraram como aquele jovem seria dizer demais, em vista da fraqueza humana. É de presumir, porém, que na maior parte a impressão foi tão viva que permaneceram fiéis ao cumprimento do dever. O certo é que o Santo triunfou em coisas muito difíceis e obteve a perseverança de muitas daquelas pessoas, com as quais era difícil qualquer tentativa.

O director do Seminário Maior de Brou, P. Niermont, pediu-me um dia, diz o P. Toccanier, que perguntasse ao Cura d'Ars se tinha conseguido converter algum *beberrão*. Perguntei-lhe na sacristia, diante de muitas testemunhas. Eis a resposta que recebi: Sim, meu amigo, ainda não faz muito que uma mulher veio agradecer-me dizendo: Até pouco tempo era muito infeliz com o meu marido. Dele recebia mais pauladas que pão. Pois bem, desde que conheceu V. Revma. ficou mais manso do que um cordeiro. Um coadjutor, que estava presente, disse por sua vez que conhecia um caso semelhante: um homem da sua paróquia, por muito tempo entregue à embriaguez, usava, depois da sua peregrinação a Ars, um remédio heróico para corrigir-se: ia à missa fazendo uma longa volta para não passar diante da taberna, cuja vista era para ele uma tentação.

Um beberrão viciado, de Chaleins, minha antiga paróquia, declara no *Processo Mons. Mermod*, então pároco de Gex, foi convertido pelo Cura d'Ars. Durante os três anos que depois viveu, não provou mais um gole de vinho, e levou vida exemplar. Coisa notável. Aquele bom cristão foi um dia encontrar-me na casa paroquial. Estava com boa saúde e contudo queria confessar-se, porque, como dizia, em breve haveria de morrer. Movido por suas instâncias, dei-lhe a absolvição e a comunhão. Morreu uma hora depois.

Além disso, graças ao Cura d'Ars, famílias desunidas recobram a paz, cépticos orgulhosos converteram-se em humildes crentes, e muitos libertinos morreram com sinais de predestinação ou buscaram a solidão dos claustros.

Um architecto de Lião recebia frequentemente da sua esposa muito justas reprimendas... Certa manhã, depois de violenta discussão, o marido culpado grita: Não me verás mais. Fecha a porta, sai para a rua e vê uma diligência com esta tabuleta: Correspondência de Ars. Que lugar é esse?,

perguntou a alguém que passava. Ars, lhe respondeu, é uma aldeia do Ain, onde vão visitar um cura extraordinário... Por necessitar de uma mudança para acalmar os nervos e mais ainda por curiosidade, o nosso lionês tomou assento no carro que logo partiu. A hora da partida estava marcada de maneira que pudessem chegar a Ars um pouco antes do catecismo das 11 horas.

O arquitecto conseguiu chegar à aldeia de Ars. Viu o santo Cura, ouviu-o e saiu muito comovido com o que tinha visto e ouvido. Senhor, disse ao P. Toccanier, a quem encontrou logo depois, este sacerdote está verdadeiramente abrasado no amor de Deus. As suas palavras são todas ardentes que se as ouvir outra vez, curvarei a cabeça como os demais. O missionário respondeu-lhe que não via nisso nenhum inconveniente. Pelo contrário... À tarde aquele homem ocupou o seu lugar à frente dos penitentes do Cura d'Ars... Saiu da sacristia, transformado no mais feliz dos mortais, e voltou a Lião para se lançar nos braços daquela que nunca mais o haveria de ver. Na verdade, ele já não era o mesmo.

Uns doze ou quinze anos mais tarde (era pois antes da chegada do P. Toccanier a Ars), outra conversão causou grande sucesso na cidade de Lião. O Sr. Maissiat, professor de pintura na escola de Artes e Ofícios, era também geólogo de fama, e gostava de se chamar filósofo, para dar a entender que acreditava na Razão. Depois de ter feito piedosamente a primeira comunhão, em pleno Terror deixara o catolicismo para sucessivamente ser maometano, judeu, protestante, espirita, simoniano... A sua vida era um verdadeiro romance.

Um belo dia (Julho de 1841) deixou Lião para passear um mês pelos montes de Beaujolais. Encontrou-se no carro de Ville-franche-sur-Saone, com um velho amigo que ia a Ars. Venha comigo, lhe disse este, e verá um sacerdote que faz milagres.

Milagres! respondeu ironicamente o geólogo. Eu não acredito neles.

Venha. Verá e acreditará.

Pois bem, seja... Uma passagem para Ars.

Jogando com as palavras, acrescentava: Ars é uma palavra que me agrada, pois eu sou artista.

No dia seguinte, pela manhã, o Sr. Maissiat assistia por curiosidade à missa do Cura d'Ars. O Santo fixou os olhos no céptico, ao passar da sacristia para o altar. Celebrada a missa, foi direito a ele, pôs-lhe a mão no ombro e mandou que o seguisse.

Ao entrar na sacristia o nosso filósofo viu o confessorário e mais o gesto convidativo a ajoelhar-se. Ah! isso não, replicou... Entretanto o homem de Deus não lhe tirava os olhos de cima. Por fim ajoelhou-se o Sr. Maissiat... Que importava?... Encontrava-se a sós com o sacerdote. Contou-lhe friamente como frio narrador toda a miserável história da sua alma. O santo confessor escutava-o, porém sem se enganar sobre os sentimentos reais daquele singular penitente. Meu amigo, venha falar-me amanhã. Vá entretanto ao altar de Santa Filomena e diga a ela que peça a sua conversão a Nosso Senhor.

O Sr. Maissiat não se opôs e foi prostrar-se no lugar indicado. Mas que mistério! As lágrimas saltavam-lhe dos olhos. Por quê? Não sabia! Abrindo passagem por entre a multidão, saiu chorando da igreja, Oh! diria mais tarde, quanta felicidade há em tais lágrimas.

Da sua excursão pelos montes de Beaujolais, não se falava mais. No dia seguinte o geólogo estava aos pés do Cura d'Ars. Meu Pai, dizia-lhe vencido pela graça, não creio em nada... Ajude-me! O Santo ajudou-o tão bem que, passados nove dias junto dele, o Sr. Maissiat regressou a Lião cheio de fé. Novamente entre os amigos que não partilhavam da sua crença, desprezou todo o respeito humano e, diz o P. Raymond, mostrou-se um dos mais fervorosos e zelosos católicos da cidade. Morreu, conta outro dos seus amigos, o P. Gaillard, cura de Montagnac, com os mais belos sentimentos de fé que pode inspirar a piedade cristã.

Pelos meados de novembro de 1855 hospedaram-se no hotel de Francisco Pertinand, um jovem de Derront-L'Hérault, chamado Dutheil, e a sua mãe. Tendo assentado praça no exército com a idade de 16 anos, contraíra, em consequência dos seus excessos, uma enfermidade do peito que o obrigou a voltar para o seio da família. Estranhos acontecimentos

moveram-no a fazer uma viagem tão longa e penosa para poder entrevistar-se com o servo de Deus.

Passando certo dia por uma rua de Montpellier, conta o Ir Atanásio. viu um retrato do Cura d'Ars e zombou dele. A irmã que o acompanhava disse-lhe, depois de o repreender: Não poderias talvez obter a tua cura se tivesses confiança nesse Santo? O jovem riu-se mais ainda... À noite o Sr. Cura apareceu-lhe em sonho, sustentando na mão uma maca com mais da metade podre. Movido por essa visão Silvano deixou-se levar a Ars. Acompanhou-o a mãe. Todos os dias o Cura d'Ars visitava-o no hotel. Pela manhã do sábado, dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, Silvano, já convertido e absolvido dos seus pecados, foi conduzido aos degraus do altar. A temperatura era glacial. Depois de ter comungado foi levado à sacristia para junto da estufa. Ah! que feliz sou eu, exclamava, nunca durante a minha vida gozei de maior felicidade!

De volta ao hotel, lançou-se aos braços da mãe e lhe disse chorando: A alegria desta comunhão me faz esquecer todos os sofrimentos... Não quero deixar esse santo varão, quero morrer aqui. Com efeito, morreu na noite seguinte.

Em 1859, um velho bateleiro do Saona, pecador empedernido, foi chamado de surpresa à aldeia de Ars. Viu a igreja cheia de peregrinos e o confessionário assediado de penitentes. Advinhou a traição, desandou a blasfemar e quis logo voltar. Objetaram-lhe que era demasiado tarde e que quer quisesse quer não, era mister passar a noite naquele povoado execrável. Entretanto, alguém informou o Cura d'Ars sobre a vinda daquele *peixe graúdo*.

Ao cair da noite, o Cura d'Ars apresentou-se na casa onde se hospedava o bateleiro. Não vim aqui para fazer-me beato, gritou furioso. Deixe-me em paz. O tempo se me torna longo para partir.

Meu amigo, perguntou docemente o Cura d'Ars, tomando-lhe a mão, tem compaixão da sua alma? E deixou-o com estas simples palavras. Que sucedeu naquela noite? Não se sabe. Pela manhã o Santo encontrou o pecador banhado em lágrimas e com um crucifixo entre as mãos. A conversão foi completa, estupenda.

O Cura d'Ars tmha predito, pelo menos correu a fama, que confessor e penitente se seguiriam de perto na sepultura. Fosse como fosse, pouco depois da morte do servo de Deus. encontraram o velho bateleiro exangue, ajoelhado sobre o leito.

Num dia de outono de 1852, Francisco Dorel, gesseiro em Villefranche-sur-Saone, ia com seus amigos a caminho de Ars. Dorel tinha 32 anos; era de aspecto galhardo. Ninguém o teria tomado por um peregrino, aparelhado como ia, com polainas e fuzil a tiracolo, assobiava de vez em quando a um soberbo cachorro de caça. É que o nosso homem não queria passar por um *beato* em busca de confessor. No dia anterior o amigo lhe havia perguntado ao passar:

Vais amanhã a Ars? Há ali um cura que faz milagres e que confessa dia e noite. Isso vale a pena ser visto... Então, tens intenção de ir?... E por que não? Faz o que bem entenderes. Eu irei contigo, mas levarei a minha espingarda e o meu cachorro. E depois de ter visto o *maravilhoso* Cura, irei caçar patos nos banhados de Dombes. Tu, se quiseres, te poderás confessar.

Os dois viajantes entraram no povoado, no momento preciso em que o Cura d'Ars atravessava a praça por entre as fileiras de peregrinos. Avançava lentamente com o seu modo habitual de quem abençoa, Francisco Dorel, curioso diante daquele espectáculo, confundiu-se com a multidão. Oh! surpresa! Ao passar diante dele o santo ancião pára e olha alternativamente o cachorro e o caçador. Senhor, diz gravemente ao desconhecido, seria de desejar que a sua alma fosse tão bonita como o seu cachorro. O homem corou e baixou a cabeça... O seu cachorro era tal como Deus o tinha feito, fiel, ágil, mas ele, cristão, desfigurara na alma a obra divina...

Reflectiu longo tempo aterrado com esta revelação inesperada. Finalmente, entregando a alguém da aldeia a arma e o cão, entrou na Igreja e confessou-se com o Cura d'Ars. Estava tão contrito que se desfazia em lágrimas. Tmha sido esclarecido sobre o valor da sua alma sobre a vaidade do mundo e a seriedade da vida; queria ser religioso

Vá para a Trapa, disse-lhe com segurança o Cura d'Ars.

Francisco Dorel com efeito, apresentou-se em N. Senhora de Aiguebelle a 18 de dezembro de 1852 onde vestiu o hábito no ano seguinte. Dezesseis anos mais tarde fez a profissão solene com o nome de Ir. Arsênio... Morreu santamente como religioso aos 18 de dezembro de 1888.

CAPÍTULO XV

A Peregrinação a Ars:

IV. O Cura d'Ars director de consciências

A cada alma os minutos necessários - A sabedoria nas decisões - As almas que o Cura d'Ars impele para a frente e as que retém em seus ímpetos - As devoções que aconselha - A obrigação antes de tudo - Os deveres dos esposos - A direcção dos sacerdotes - Com as consciências escrupulosas - A prática dos sacramentos - A preparação que o Cura d'Ars exige: Comunhão frequente e ciência suficiente - Comungai com mais frequência - O influxo radiante de um santo.

Poder-se-iam escrever páginas muito curiosas sobre o modo como o Cura d'Ars tratava as almas simplesmente piedosas e as já adiantadas na perfeição. Citam-se casos, é verdade, em que recusou atender pessoas que sabia estarem na graça de Deus.

Uma das minhas tias, religiosa marista, refere o P. Raymond, veio com a superiora para pedir conselhos a respeito dum assunto que interessava à comunidade. Antes de falarem, indicou-lhes o caminho a seguir. Depois, quando pediram que as ouvisse de confissão, respondeu: Vocês não têm necessidade; deixem o tempo para outros. E retiraram-se muito consoladas.

A Clara Dechamps, que foi consultá-lo em janeiro de 1853, acompanhada por seu tio, o cardeal-arcebispo de Malines, o Cura d'Ars apenas deixou traçar o sinal da cruz.

Sim, minha filha, disse-lhe em seguida, és apta para a comunidade do Sagrado Coração, vai comungar sem absolvição. E ela retirou-se muito feliz. Factos desse género foram excepções, e o Cura d'Ars tinha motivos para assim proceder. A todos os demais penitentes dispensava os minutos necessários, ainda mesmo aos meninos, com quem se mostrava indulgente e paternal.

Os dois sacerdotes Léman, convertidos do judaísmo, confessaram-se com ele na meninice. Então, contam eles, deixava que repousássemos as

nossas cabeças nos seus longos cabelos brancos e nós nos deliciávamos com o prazer de nos impregnarmos de Um santo.

Apesar de viver assediado, jamais encontrava um ignorante sem o instruir, nem uma alma justa sem lhe dar alento impulsionando-a para a perfeição. A santidade de sua vida e a sua prudência sobrenatural nas decisões inspiravam às almas justas uma confiança sem limites. Encontrei no meu ministério como coadjutor de Ars, declara o P. Raymond, numerosas pessoas que consideravam o Cura d'Ars um director incomparável e divinamente inspirado.

Tanto no confessionário como no púlpito, diz Cristina de Cibeins, ele representava para mim a lei e os profetas.

Em geral, as suas respostas eram claras e decisivas: Levantava os olhos para o céu e depois respondia sem vacilar, com grande segurança. Interrogavam-no, porém, sobre tantos assuntos que às vezes pedia tempo para reflectir ou para consultar algum colega. Posto que eu fosse um jovem, conta o P. Dufour, missionário de Pont d'Ain, certo dia teve a humildade de me consultar sobre um caso de restituição. Mais de um penitente do Cura d'Ars ficou decepcionado pensando que ouviria dele coisas extraordinárias. As suas decisões não eram exaltadas, nem exageradas; mas eram circunspectas e justas. Sabia distinguir os motivos secretos, conscientes ou não de certos desejos e de certos sonhos, pondo as almas no verdadeiro caminho: Tal jovem suspirava pelo claustro e ele a aconselhava que procurasse uma colocação no mundo, Outra que se julgava chamada ao matrimónio, descobria-lhe horizontes mais elevados e mais puros. Conforme o caso, impulsionava para a frente ou retinha.

Do contrário abstinha-se de aconselhar quando lhe parecia que outros poderiam fazê-lo com mais autoridade que ele. Assim mandou ao respectivo cura uma senhora de Grenoble que lhe veio perguntar se devia abrir um bar para ajudar melhor a educação dos filhos.

A senhorita Luísa Martin de Saint-Rambert-en-Ain, de natural alegre e travessa, mas dotada de muito bom coração, com dezoito anos, sentia-se chamada para a vida religiosa. Certo dia foi visitar uma prima, pensionista na Visitação de Montluel. Ao entrar no locutório, viu a grade da clausura e

exclamou: Não serei eu quem quererá viver ali dentro. Pouco tempo depois daquela viagem, inquieta, perguntou a si mesma: e se apesar de tudo Deus me chamasse para um mosteiro de contemplativas?... Sem os pais saberem, foi a Ars em companhia da avó, a quem comunicara confidencialmente as suas lutas interiores. Depois de uma longa espera na igreja, chegou a sua vez de se ajoelhar no confessionário; mas justamente naquele momento saiu o P. Vianney e foi para a sacristia a fim de presidir a uma procissão. Era a manhã do dia de São Marcos, 25 de abril de 1843. Luísa Martin foi-lhe ao encontro: Mas, Sr. Cura, eu queria comungar na sua missa e não me confessei. Naquele momento a multidão que enchia a igreja se derramava para a sacristia, motivo pelo qual se tornava difícil fechar a porta.

Tem muita vergonha?, perguntou o Cura, sorrindo, à jovem.

Não, Padre. Pois bem, ajoelhe-se e confesse-se.

Confessou-se. Expôs as suas angústias e o Santo respondeu: A sua vocação vem do céu, minha filha. Entre sem demora para a Visitação. Os pais de Luísa não puseram resistência e Maria Anastácia entregou-se ao Senhor com toda a sua natureza ardente.

No ano de 1836 o casal Millet, de Maçon, resolveu passar alguns dias em Ars para poderem tratar a gosto com o santo Cura d'Ars. Com efeito, puderam falar-lhe. Mas a filha Luísa Colomba, que fora com eles, não queria de modo algum entrevistar-se com o servo de Deus. Não obstante era boa e piedosa. Os peregrinos estavam prestes a sair de Ars, após uma semana de permanência naquele povoado. Foram uma última vez à igreja, quando o P. Vianney passava para a sacristia. Guiado por uma intuição sobrenatural, lançou à multidão um olhar penetrante e fez sinal com o breviário a Luísa Millet. Ela compreendeu logo. Tinha que se render. A multidão abriu-lhe passagem e com um gesto o Santo apontou-lhe o confessionário.

A jovem ajoelhou-se. Depois de uma breve conferência, ouviu a palavra que lhe iria orientar toda a vida. Minha filha serás religiosa visitandina. Deus o quer... Deus o quer. A penitente resistiu. Mas o Cura d'Ars repetiu pela terceira vez: Minha filha, Deus o quer. As dificuldades que tinha a

vencer pareciam insuperáveis. Todas se aplainaram por si mesmas. E Luísa Colombo, livre de todos os liames, levantou o vôo para a arca santa.

Uma jovem que viria a ser Irmã Maria Matilde, das Ursulinas de Avinhão, era pensionista em Troye, quando em julho de 1856 uma parenta foi buscá-la para irem a Ars.

No momento de partirem, contava ela mesma em 1916, encontrei uma amiga que me fez esta confidência. Estou muito contente com tua ida a Ars. O santo Cura dir-te-á tua vocação, como me disse a minha. Meu Pai, tragolhe esta sábia pequenina. Assim fui eu apresentada em Ars... Ele respondeu: Tanto pior, tudo isso não vale um acto de amor a Deus. Mas, Padre, replicou a parenta, que será desta menina? Então o Santo fixou em mim o seu olhar parecendo ver a minha alma toda inteira nos meus olhos e disse finalmente: Uma religiosa.

Vendo que teria de deixar a minha mãe, os meus irmãos e os meus queridos estudos, dizia com viveza: Não, jamais... Não... não... não!... E ele sorrindo a cada um desses não repetidos, exclamava por sua vez: Sim, sim, sim. Então segui-o ao confessionário. Eu pensava apenas em conseguir diplomas. Ele mudou o meu espírito e o meu coração.

Três anos depois em 1859 ano da sua feliz morte, fiz a minha profissão. E eis que há 58 anos sou religiosa.

Era assim que o Cura d'Ars dirigia para o alto as almas boas, débeis ou perturbadas, que sem ele não teriam pertencido inteiramente a Deus. Por outro lado, hábil em discernir os desígnios da Providência, dissipava em certas almas generosas o sonho de uma perfeição ilusória.

Conheci um coronel, conta o P. Dufour, missionário de Pont d'Ain, que, fardado, o ajudava na missa e o acompanhava com o círio na mão enquanto distribuía a comunhão. Este oficial, de graduação superior, perguntou-lhe se livre como estava dos laços matrimoniais devia ficar religioso. Esqueça-se disso, replicou o servo de Deus, o exército tem demasiada necessidade de bons exemplos como os seus.

Meu Padre. perguntava-lhe um sacerdote ajoelhado a seus pés, devo alimentar em mim os desejos de vida religiosa, que sinto tão vivamente desde o segundo ano em que estive no seminário maior, ou seja já aos 20 anos? Respondeu-lhe sem medos: Sim, meu amigo, este pensamento vem de Deus; é mister cultivá-lo. - Nesse caso, meu Padre, permitir-me-á deixar o cargo que ocupo (esse sacerdote era professor num seminário menor) e entrar para uma ordem religiosa? Que acha melhor? - Devagar, meu amigo. Fique onde está.

Saiba que Deus manda, às vezes, bons desejos, cuja realização nunca exigirá neste mundo. Com essas palavras deu a entender ao sacerdote que as suas aspirações à vida monástica eram daquelas que, fomentadas cuidadosamente no coração, seriam para ele um preservativo contra os perigos do mundo e mesmo um estímulo para a prática das virtudes sacerdotais. Três anos mais tarde, o mesmo eclesiástico, inquieto, apesar de tudo, com a persistência dos seus desejos, voltava ao assunto, Fora removido do seminário menor para um colégio católico. Agora que estou lá, que me aconselha? O Santo respondeu sorrindo: A mesma coisa! E, mais grav,e acrescentou: Nunca seja cura. A mais bela obra que se pode fazer no século, em que vivemos, é educar cristãmente a juventude.

Muitas pessoas iam ao Cura d'Ars, para que as guiasse na escolha das devoções. Inimigo das devoçõeszinhas que embaraçam certas almas e as tornam estéreis. descobria nelas um egoísmo disfarçado. A recitação do rosário, do Angelus, as, jaculatórias e sobretudo a assistência ao santo sacrifício da missa e aos divinos ofícios, práticas recomendadas e aprovadas pela Igreja, eis as devoções que aconselhava. Preferia a prece pública às orações particulares... A oração particular, dizia ele, assemelha-se às palhas esparsas pelo campo; caso se lhes prenda fogo, ardem com pouca chama, mas quando reunidas num montão a chama é grande e se eleva até ao céu: tal é a oração em comum. Esforçava-se também em inculcar nas almas desejosas de perfeição o costume da oração mental quotidiana e explicava-lhes o modo de fazê-la. Aos que não podiam aplicar-se a meditações metódicas, recomendava simplesmente que pensassem muitas vezes em Deus. Fazia-me ver, conta a humilde tendeira Marta Miard, que eu tinha

tantas imagens da Virgem na minha casa que bastava olhá-las para saber o que dizer nas minhas preces.

Se lhe perguntavam que leituras eram úteis para progredir na virtude, aconselhava o Evangelho, a Imitação de Cristo e a Vida dos Santos. É muito digno de nota que o recto e prudente director sempre prescrevia a todas as almas, fossem quais fossem, o cumprimento da obrigação. É impossível dizer, refere a senhorita de Belvey, com que admirável tacto sabia discernir para cada um o que era dever ou simplesmente conselho, e recusar o que provinha do amor-próprio ou era inspiração de um zelo discreto. O que ensinava na explicação do catecismo repetia no confessionário.

Entende-se mal a religião, dizia ele. Suponhamos, meus filhos, por exemplo, que uma pessoa tenha de ir para o seu trabalho quotidiano. Sente, porém, o desejo de fazer grandes penitências e de passar metade da noite em oração. Se está bem instruída dirá: Não, não posso fazer isso, porque amanhã não poderei cumprir os meus deveres. Terei sono, e a menor coisa me impacientará; estarei todo o dia de mau humor; não farei metade do trabalho que faria se tivesse descansado toda a noite... Uma pessoa instruída tem sempre dois guias: o conselho e a obediência.

O Sr. Cura, diz Catarina Lassagne, não queria que uma mãe abandonasse os trabalhos caseiros para ir à igreja, quando não era de obrigação... Certo dia, ao começar a quaresma, disse-me que não jejuasse. Mas Sr. Cura, repliquei, como é então que V. Revma. jejua. É verdade, respondeu, mas eu, apesar dos jejuns, posso cumprir os meus deveres e você, pelo contrário, não poderá.

Às pessoas casadas fazia-lhes ver a grandeza da sua vocação, exortando-as a cumprirem santamente as obrigações de estado. A Sra. Ruet, de Couroux, no Ródano, que já tivera muitos filhos, ia ficar mãe novamente. Foi buscar coragem Junto do Cura d'Ars. Não preclou esperar muito, pois o Santo chamou-a de entre a multidão. Está tão triste, minha filha, lhe observou quando se ajoelhou no confessionário. - Ah! sim, já estou tão velha. meu Pai - Console-se, minha filha, se soubesse quantas mulheres estão no inferno por não terem dado ao mundo os filhos que deveriam dar...

Ânimo, dizia com paternal afecto a uma senhora que lhe confiava as suas inquietações por causa da numerosa prole. Não se assuste com o seu fardo. N. Senhor carrega-o com a Sra. O que Deus faz é bem feito. Quando concede a uma mãe muitos filhos é sinal de que a julga digna de os educar. É da parte Dele prova de confiança.

Aos colegas de sacerdócio conjurava-os a que procurassem sem reticências alguma perfeição contida nos conselhos evangélicos. Às vezes exigia, dos que achava capazes, sacrifícios pequenos na aparência, porém muito grandes aos olhos de Deus e do seu servo. Um sacerdote que mais tarde se tornou religioso do Sagrado Coração, de Issodun, fez os exercícios espirituais sob a direcção do Cura d'Ars. Quando terminou a confissão perguntou a si mesmo, referindo-se aos momentos de lazer que passava jogando cartas com os colegas. Acusar-me-ei disso? Para ficar tranquilo disse-o ao confessor.

Não deve fazer isso, respondeu-lhe o o santo Cura.

Mas Padre, o jogo é quiçá um mal menor, Às vezes, nas reuniões...

Oh! então não há necessidade de se reunir.

É que às vezes se é chamado para ajudar um colega e depois...

Depois, acabado o serviço, vai-se embora.

As respostas do santo eram breves, claras e sem comentários. Do outro lado da grade o penitente duvidava em prosseguir ante aquela austeridade tão fora do comum e tão acima das suas forças, quando ao levantar a cabeça viu um crucifixo. Compreendeu tudo.

Bem, meu Padre, prometo não jogar mais, mas ajudar-me-á com as suas orações.

Basta, replicou o Cura d'Ars. e deu-lhe a absolvição. Ao sair do confessionário, o penitente dirigiu-se à capela de Santa Filomena e ali escreveu o seu propósito apoiando o papel sobre o altar. Quando mais tarde os amigos instaram com ele para jogar cartas, disse-lhes: Apreciarei por um

momento a vossa partida, mas não tomarei parte. Venho de Ars, e prometi ao Cura não jogar mais. Ninguém se atreveu a replicar.

É fácil supor que em outras circunstâncias recomendasse aos sacerdotes sacrifícios mais heróicos. A um pároco que se lamentava na sua presença da frieza dos paroquianos e da ineficácia do seu zelo, respondeu com estas frases que parecem fortes, mas que foram bem recebidas por aquele a quem eram dirigidas: V. Revma. tem pregado, orado?... Tem jejuado?... Tem-se disciplinado?... Tem dormido sobre um leito duro?... Enquanto não tiver feito isso não tem o direito de se queixar.

Às almas escrupulosas o Santo ensinava a confiança em Deus e a obediência ao confessor. Por outro lado uma única palavra sua bastava para sossegar uma alma inquieta e perturbada. Impelia à acção os pusilânimes e os tímidos. Uma jovem de Mormoyon, chamada Adélia Conil, foi convidada para madrinha. A responsabilidade de tão modesto título espantou-a. É verdade que naquele tempo o tomavam mais a sério do que hoje, e tinham razão. Não aceitou. Pouco depois ela peregrinou a Ars e confessou-se com o Santo Cura. A senhora não procedeu bem quando se recusou a ser madrinha, lhe disse o P. Vianney, sem que lhe tivessem dito palavra sobre o baptizado. Nunca se deve ter medo de fazer o bem, ainda que custe um pouco. Para a outra vez seja mais generosa.

* * *

Sobretudo, o que mais procurava o Cura d'Ars era levar as almas piedosas à prática frequente dos sacramentos. Nem todos os que se aproximam dos Sacramentos são santos, mas os santos saíam sempre dentre aqueles que os recebem com frequência. Dessa maneira, quando em França, quase não existia a comunhão frequente, foi ele um dos primeiros introdutores de tão saudável prática. Nesse ponto também procedeu sempre com grande discrição. Exigia uma preparação séria para que se tirasse da comunhão todo o fruto possível; e porque não há absolvição, nem comunhão que possam suprir o esforço que precisamos fazer contra nós, mostrou-se sempre muito severo para com os pecadores habituais. Não podia suportar numa alma cristã os sintomas da tibieza. Então, minha filha, perguntava a uma senhora de Lião, não se quer converter? Comunga e não

reforma a sua vida! É sempre a mesma, violenta, impulsiva... Minha pobre mãe, contava depois a filha daquela senhora, tremia dos pés a cabeça ao ver que o Cura d'Ars lia tão claramente na sua alma e quando se atreveu a levantar os olhos marejados de lágrimas, parecia ver o rosto do Cura todo em fogo.

Numa manhã de 1845 a jovem Estefânia Poignard de Marcy, junto a Villefranche-sur-Saone, embarcou com outras alegres companheiras num coche que partia para Ars. Conversaram durante todo o longo trajecto... Estefânia, que era piedosa, foi directamente à igreja, onde o Cura d'Ars começava a missa e, no momento da comunhão, aproximou-se da mesa sagrada. O celebrante distribuía a comunhão a todos os presentes, mas ao chegar diante da jovem viajante tomou uma partícula, ergueu-a acima do cibório, começou a recitar a fórmula *Corpo de N. Senhor...* e sem acabá-la ficou imóvel. É impossível descrever a angústia interior da pobre moça a quem o servo de Deus queria dar uma lição para toda a vida. Não sabendo o que pensar pôs-se a rezar mentalmente os actos de fé, esperança e caridade. Quando acabou o Cura colocou-lhe a hóstia nos lábios. Minha filha, lhe disse depois, quando não temos feito as orações da manhã e passamos longa viagem em dissipação, não estamos lá muito bem preparados para comungar.

A fim de admitir a comunhão frequente, o Cura d'Ars, além de certo grau de devoção, exigia ainda algum conhecimento. A Sra. Maduel, de Lurcy, pessoa piedosa mas muito pouco instruída, pediu-lhe licença para comungar algumas vezes por semana. Pois não, respondeu-lhe o Santo mas por penitência irá procurar o *seu pároco* - e acentuou estas palavras - a fim de pedir que lhe ensine o que diz o catecismo sobre a comunhão e as disposições necessárias que se deve ter para ela. Para não se fazer catequizar pelo seu próprio pároco, a pobre senhora desistiu da comunhão frequente. Mas doutro lado era a sua *penitência!* Quer quisesse quer não, viu-se obrigada a ir falar com o cura de Lurcy, o P. Bernard. Ele, para não ferir o amor-próprio da paroquiana, limitou-se a emprestar-lhe dois livros espirituais, indicando os capítulos que devia ler. Leu-os e estudou-os. Como estou contente com esta penitência, dizia depois ao P. Bernard, quando foi devolver os livros. Aprendi muitas coisas que não sabia e que me serão úteis.

O P. Bernard contava mais tarde esse facto aos colegas, como resposta aos que censuravam o Cura d'Ars de não entender nada na direcção das almas e favorecer todas as fantasias das falsas devotas. Pelo contrário, quando via verdadeira devoção multiplicava os encorajamentos. Comprazia-se em excitar o fervor sobrenatural nas almas bem dispostas. Os seus *catecismos sobre a Comunhão frequente* estão cheios de ardorosos apelos e exclamações sublimes.

Meus filhos, todos os seres da criação têm necessidade de se nutrirem para viver; foi para isso que Deus fez crescer as árvores, e as plantas; é uma mesa bem servida onde todos os animais vêm cada um tomar o alimento que lhe convém. Mas é necessário que a alma também se nutra. Onde está pois o seu alimento?... Meus filhos, quando Deus quis dar alimento à nossa alma para sustentá-la na sua peregrinação neste mundo, olhou para todas as coisas criadas e não encontrou nada digno dela. Então concentrou-se em si mesmo e resolveu dar-se a si próprio...

Oh! minha alma, como és grande! Só Deus te pode contentar!... O alimento da alma é o corpo e o sangue de Deus!... Oh! formoso alimento! A alma não se pode alimentar senão de Deus. Só Deus pode bastar-lhe. Só Deus pode saciá-la. Fora de Deus não há nada que possa saciar-lhe a fome. Necessita absolutamente de Deus... Que ditosas são as almas puras unidas a Deus pela comunhão. No céu resplandecerão como formosos diamantes porque Deus se reflecte nelas... Oh! vida ditosa! Alimentar-se de Deus! Oh! homem, como és grande. Nutrido, abeberado com o corpo e sangue de um Deus! Ide, pois, comungar, meus filhos...

No confessionário não falava doutro modo. Certa manhã de 1846, chamou dentre a multidão de penitentes a Madre Elisabeth Giraud, fundadora das irmãs do S. Rosário em Pont-de-Beauvoisin d'Isere. Disse-lhe algumas palavras sobre o pesado encargo que haveria de assumir e depois acrescentou: Não comunga bastante; faça-o com mais frequência. Agora vou celebrar à missa; quero que tenha a felicidade de receber hoje a Nosso Senhor.

Fui muito descuidada, dizia confidencialmente às suas amigas a humilde Madre Elisabeth. Naquele tempo comungava cada 8 dias e me parecia demais.

Uma pessoa piedosa de Beaujolais só comungava muito raramente. Depois de algumas entrevistas, o pároco Vianney convenceu-a de que recebesse a sagrada Eucaristia cada 15 dias. Fez várias viagens a Ars e cada vez recebia ordens de comungar mais amiúde. Essa pessoa, apesar de obediente, objectava que as práticas de devoção não eram tidas em estima na paróquia a que ela pertencia, e que estava aborrecida de ver-se sozinha na igreja, A Sra. sem dúvida tem amigas, replicou o santo Cura. Escolha as mais virtuosas e leve-as consigo. Dessa maneira não se achará só. Voltou com duas companheiras. Voltem dentro de 6 meses, disse-lhes o homem de Deus, mas não sozinhas e sim acompanhadas; é necessário que cada uma conquiste mais duas ou três.

Ao cabo de seis meses, doze beaujolesas juntas empreendiam o caminho de Ars. A todas o Santo ensinou o segredo da comunhão frequente... O próprio pároco, admirado com a feliz transformação na paróquia, quis saber a causa. Contaram-lhe o ocorrido e ele apressou-se a fazer uma viagem a Ars, a fim de agradecer ao zeloso e ardiloso colega.

Quantas outras almas e quantas outras paróquias tiveram que agradecer ao Sr. Cura a sua transformação! O que se sabe da sua influência como confessor e director de almas se reduz em suma a bem pouca coisa; o resto é ignorado por nós; Deus se reserva para revelá-lo. E o P. Vianney, diz a condessa de Garets, viu-se forçado a confessar que somente no dia do juízo final se verá o bem que foi feito por meio do seu ministério. É fácil de entender que o demónio, empenhado na perdição das almas, gritasse por boca de uma pessoa: Quanto me fazes sofrer... Se houvesse três como tu sobre a terra, o meu reino seria destruído.

CAPÍTULO XVI

A Peregrinação a Ars:

V. O Diário do Cura d'Ars e a sua Vida Interior

As confissões depois dos sermões - A missa do Cura d'Ars - A acção de graças - A audiência aos peregrinos na sacristia - A recitação das horas menores do breviário - A famosa catequese das 11 horas - A passagem da sacristia à casa paroquial- Depois do catecismo - Uma rápida refeição - A visita aos enfermos - A visita à casa da Providência - Recomeçaram as confissões e as orações da noite - A vida interior de um pároco no correr de um dia - A oração da simplicidade - As alegrias da presença de Deus.

Salvo os cinco dias de exercícios que, anualmente, até ao ano de 1855, passava em Maximieux ou em Bourg-en-Bresse, e mais uma semana de férias muito relativas que passou no seio da família em 1843, a partir de 1830 o Cura d'Ars não abandonou mais a sua aldeia adoptiva. Afora alguns factos mais salientes, cuja recordação foi conservada por testemunhas fiéis, a sua existência tornou-se de uma monotonia sublime. Passava de pé 20 horas ou mais por dia, em qualquer estação do ano, consagrando ao confessional onze a treze horas no rigor do Inverno e 15 a 16 durante o resto do ano. Quando era coadjutor de Ecully, contraía o hábito de ir à igreja às 4 horas da madrugada. Uma vez em Ars ia ainda mais cedo e unicamente por devoção, pois o sacrário atraía-o de uma maneira irresistível. Mais tarde, melhorando a paróquia, os fiéis não tinham escrúpulos de irem procurá-lo antes da alva. O costume dos sermões não havia desaparecido, mas então todos se comportavam bem. Começavam e terminavam com uma oração. Ao voltarem para suas casas, à meia-noite ou à uma da madrugada, as mulheres iam encontrar o Sr. Cura no tribunal da penitência. Gostavam muito dessas confissões nocturnas. O Sr. Cura não estava ainda fatigado, nem assediado pelas multidões. Recebia-as com uma bondade comovedora, dedicando-lhes o tempo que desejassem e despedindo-as com algumas palavras impregnadas da mais ardente caridade. Ande, minha filha, vá descansar, pois tem muito sono... Aquelas boas senhoras conservavam grata recordação de tais confissões e, cheias de gratidão, vinte anos depois da morte do Santo ainda exclamavam: Oh! como era bom confessar-se naquelas horas.

Mais tarde os peregrinos começaram a chegar a Ars. Então o P. Vianney tocava pessoalmente o angelus para dar a entender que a igreja estava aberta e o sacerdote à disposição dos penitentes. Enquanto os esperava punha-se em oração, de joelhos diante do altar ou recitava o ofício divino. Que belo e edificante, escreveu Catarina Lassagne, era ver, à débil luz de um candieiro, aquela figura enfraquecida pela penitência! Orava com tanto recolhimento, dirigindo de quando em quando um olhar para o sacrário, com um sorriso tão doce que parecia ver N. Senhor.

Quando a afluência de peregrinos chegou a ser tal que o P. Vianney não teria bastado, mesmo que confessasse noite e dia, levantava-se, às vezes, antes das doze e isso nos dias mais frios de inverno. Uma das directoras da *Providência*, Joana Maria Chanay, lhe dizia rindo: Sr. Cura, hoje não rezou a oração da manhã. A mesma testemunha nos conta, que em tais ocasiões ele animava o corpo prometendo-lhe alguns instantes de repouso no fim do dia, mas depois não o cumpria. O pobre cadáver tinha que esperar a noite seguinte para se estender um pouco. Eu o logro, dizia o incorrigível asceta, que tratava aquele magro invólucro como se tratasse não só de um forasteiro mas de um inimigo.

Apesar de ser o Cura d'Ars tão madrugador os penitentes ganhavam-lhe a dianteira. Durante muito tempo não houve abrigo para os peregrinos. Tinham que esperar no pequeno cemitério ou na praça, o que já constituía uma boa penitência. Finalmente, em 1845, foi construído ao lado esquerdo junto ao campanário uma espécie de vestíbulo. Nele se abrigaram as mulheres. Com efeito, somente as mulheres foram admitidas à confissão durante as horas nocturnas.

O Cura d'Ars chegava alumando o caminho com uma lanterna de vidro quebrado. Revestido de sobrepeliz e estola, atravessava o vestíbulo. Em seguida os penitentes se precipitavam para o confessionário. Durante alguns minutos havia certa confusão; mas umas dez senhoras de boa vontade que se revezavam cada noite, encarregavam-se da ordem. Acendiam as lâmpadas. tocavam o angelus, com o que o P. Vianney ficava livre daquela tarefa, e indicavam os lugares aos que iam chegando. Entretanto, o Cura d'Ars permanecia ajoelhado nos degraus do altar. Em rápido vôo elevava a

alma a Deus, oferecendo-Lhe todas as penas daquele dia ainda tão longe da aurora.

Pedia-lhe que tivesse misericórdia dos pobres pecadores... Depois entrava para o confessionário.

Às seis horas, no verão, e às sete no inverno, saía para celebrar a santa missa. Ele, tão irregular quando se tratava da sua comida ou do sono, não permitia que o entretivessem naquele momento, o mais santo de todo o dia... Uma das pessoas mais distintas da sua paróquia mandou pedir-lhe que no dia seguinte retardasse um pouco a celebração da missa. Respondeu-lhe, disse o Santo, que é impossível. Que se levante! Não posso em benefício dela fazer algum dos meus paroquianos perder a missa. Naqueles momentos parecia esquecer-se da terra. Nenhuma sombra de tristeza se lhe via no rosto. Disse numa ocasião: Não queria ser pároco, mas estou muito contente de ser sacerdote para poder celebrar a missa. Conforme faz notar o seu confessor, tudo o que fazia depois de se levantar podia ser considerado como uma excelente preparação. Não obstante, recolhia-se por espaço de alguns minutos antes do santo sacrifício. Então, de joelhos sobre os ladrilhos do coro, ficava imóvel com as mãos juntas e os olhos fixos no sacrário. Nada era capaz de distraí-lo. Uma vez na sacristia, deixava apenas que lhe dissessem as palavras absolutamente necessárias. Os peregrinos que desejavam recomendar-se às suas orações procuravam falar-lhe enquanto se paramentava; ele porém apenas respondia com movimento de cabeça, e com um gesto sabia afastar os mais indiscretos. O sacristão permanecia a seu lado para evitar que o rodeassem. Às vezes suscitavam-se ali mesmo discussões entre seculares e até entre sacerdotes porque todos queriam ajudá-lo na missa.

Nunca os paramentos lhe pareciam bastante bons. Desejava possuir um cálice de ouro maciço, pois, o melhor que tinha não achava ainda bastante digno de conter o sangue de Jesus Cristo. Era-lhe muito agradável o altar-mor com o seu pedestal de mármore, onde estão esculpidos o Cordeiro, S. João Baptista, seu patrono, e S. Sisto, padroeiro de Ars; com o sacrário de cobre cinzelado e dourado e mais o alto dossel adornado de brancos penachos... Mas para ele o principal adorno da igreja era a perfeita ordem dos fiéis.

Conforme a regra geral, o Cura d’Ars não empregava mais tempo do que os outros sacerdotes; na celebração da missa não costumava passar de meia hora. Durante toda a vida seguiu o rito especial da Igreja de Lião. Conforme esse rito depois da elevação o celebrante permanece alguns momentos com os braços estendidos O Cura d’Ars prolongava essa cerimônia. Causava grande impressão vê-lo desse modo. Em 1827 um pequeno escolar, que mais tarde chegou ao sacerdócio, ajudava-o como coroinha. Estava admirado de vê-lo permanecer cinco minutos depois da consagração com as mãos e os olhos levantados, numa espécie de êxtase. Nós dizíamos, meus companheiros e eu, que ele via Deus. Antes da comunhão, parava alguns momentos, parecia conversar com Deus. Depois consumia as sagradas espécies. Que belo era vê-lo quando celebrava, exclama o Ir. Atanásio. Parecia-me ver outro S. Francisco da Sales. Vi o servo de Deus enquanto celebrava a missa, refere o P. Luis de Beau, seu confessor; cada vez parecia-me ver um anjo no altar. Muitos iam à igreja especialmente para contemplá-lo e se edificarem. Os moradores do castelo de Ars, ainda que tivessem a intenção de assistir à missa paroquial iam contudo para terem ocasião de admirá-lo. Uma pessoa da paróquia, conta a baronesa de Belvey, disse-me certo dia: Se quer aprender a ouvir bem a missa coloque-se de maneira que possa ver o nosso Cura no altar. Coloquei-me num canto donde podia observá-lo sem dificuldade. Notei-lhe, na expressão do rosto, algo de celestial. Chorava durante quase toda a missa. Sempre o mesmo me sucedeu cada vez que estive em Ars. Um artista declarou indiscreto a expressão de seu rosto.

De distração, nem aparência. O extenor refletia o que se passava no mais íntimo da alma. Inimigo de toda a affectação, não fazia gestos exagerados ou inúteis; os seus olhos, oravam ou contemplavam, ora elevados, ora baixos; as suas mãos suplicavam postas ou estendidas. Era uma pregação muda de uma eloquência sublime. Só o Cura d’Ars, enquanto celebrava a missa converteu mais de um pecador. Um maçom que consentiu entrar na igreja, apenas o viu no altar, sentiu-se mudado.

Tudo nele respirava adoração. Sentia-se de uma maneira palpável que não estava só no altar; que estava ali Jesus Cristo e o seu sacerdote. Os seus gestos, olhares e atitude iam expressando sucessivamente o aniquilamento de si próprio, o desejo, a esperança e o amor. Enquanto celebrava, tais

sentimentos comoviam-lhe a alma; e, coisa estranha, iam misturados às vezes de temores e tentações de desespero. Certa manhã, atormentava-o de tal modo o pensamento do inferno e o medo de perder a Deus para sempre, que gemia interíamente Ao menos deixai-me a Virgem Santíssima. Durante uma missa de Natal, à meia-noite, cantou-se depois da elevação um hino bastante comprido. Conforme o rito lionês o celebrante devia, a partir de certo momento, sustentar a sagrada hóstia sobre o cálice até ao *Pater Noster*. Então, diz o Ir. Atanásio, vi como olhava aquela hóstia, ora com lágrimas, ora com um sorriso. Parecia falar-lhe; depois vinham as lágrimas e em seguida os sorrisos. Após a missa pedimos-lhe desculpas na sacristia por tê-lo feito esperar tanto tempo. O tempo passou sem que desse conta, foi a resposta.

Mas, Sr. Cura, que fazia quando tinha a sagrada hóstia nas mãos? Parecia estar muito comovido. "Com efeito, ocorreu-me uma ideia feliz. Dizia a N. Senhor: Se soubesse que hei de ter a desgraça de não ver-vos na Eternidade, posto que agora vos tenho nas mãos, não vos largaria mais".

Depois da missa, revestiu-se de sobrepeliz e estola, e foi ajoelhar-se novamente diante do altar para fazer a acção de graças. Acontecia frequentemente que os peregrinos não se acanhavam de se aproximarem dele, observá-lo com curiosidade e mesmo de fazerem algum comentário sobre a sua pessoa. Parecia não ver nem ouvir nada deste mundo, tão abismado estava na conversa com o seu Deus. Quando se recebe a sagrada comunhão, dizia num dos seus catecismos, a alma inebria-se como bálsamo do amor como a abelha nas flores.

Finda a acção de graças, se é que naquele coração de fogo alguma vez se findava, o Cura d'Ars voltava à sacristia. O sacristão já havia disposto sobre a cómoda dos paramentos os objectos para serem bentos e as imagens para ele gravar as iniciais. As letras J. M. B. V. eram logo traçadas e a bênção não exigia muito tempo. Estavam ali todos os dias algumas almas aflitas em busca de consolação. O Santo nunca se negava a recebê-las, mas pelo contrário curava-as ou aliviava-lhes as penas com poucas palavras, pois os homens para os quais chegava a vez, cada dia mais numerosos, já estavam colocados na nave da igreja ou ao redor do coro. A partir de 1827 o Cura d'Ars, por obediência ao médico e ao Sr. Bispo, tomava um pouco de

leite às 8 horas, abstendo-se mesmo disso nos dias de jejum. Empregava apenas o tempo necessário para ir à *Providência* e voltar, sentando-se novamente no confessionário, mas, dessa vez, no da sacristia.

* * *

Pelas 10 horas, espreitava o momento favorável para rezar a parte das matinas do breviário, desde a prima até à nona. Acontecendo chegar um novo penitente, o Santo indicava-lhe o genuflexório e pedia que continuasse a preparação. Então, de joelhos sobre o pavimento, rezava o ofício.

Que felicidade, exclamava, poder assim descansar um pouco. Doutro lado apreciava muito a beleza dos salmos e, ainda que não entendesse bem o latim, por uma graça especial, penetrava-lhes o profundo sentido. Quando penso nestas belas orações, costumava repetir, sinto-me tentado a exclamar: Ditosa culpa! pois se David não tivesse tido pecados para chorar, não as possuiríamos. Amava tanto o breviário que sempre o levava debaixo do braço. Como lhe perguntasse a razão, respondeu-me: *O breviário é o meu fiel companheiro*; não poderia ir a parte alguma sem ele. Certa vez um advogado de Lião o esteve observando por longo tempo durante a recitação das horas canônicas. A sua fisionomia, escreve, reflectia os grandes sentimentos da alma; a boca parecia saborear o de que se ocupava o espírito; os olhos estavam iluminados e resplandeciam. Dir-se-ia que respirava um ar mais puro do que o da terra, e que, livre do bulício do mundo, não compreendia outras palavras do que as do Espírito Santo. Permanecia ali imóvel como uma estátua sem aparência alguma de distração, da qual também estava livre no interior da alma. Falando das pessoas que se distraem na oração dizia, num de seus catecismos: As moscas afastam-se da água fervendo, só caem na água fria ou morna.

Terminado o breviário, o Cura d'Ars voltava às confissões, até às 11 horas. Então saía da sacristia e dirigia-se à *cadeira do catecismo*. Assim se chamava uma espécie de cátedra composta dum assento de tábua, de um espaldar e de um apoio para os pés. Rodeava-a uma pequena balaustrada. Ali durante 15 anos, de 1845 a 1859, todos os dias da semana, o Cura d'Ars se sentava para explicar singelamente o catecismo aos peregrinos.

As suas absorventes ocupações não lhe permitiam preparar a instrução das onze melhor do que as homilias dominicais. Diz o professor Pertinand: Desde o dia em que a afluência dos peregrinos não lhe deixou o tempo necessário, fez uma novena ao Espírito Santo para conseguir a graça de saber falar sem estudo. No fim da novena foi directamente ao púlpito; entregou-se à inspiração e assim continuou a fazer dali por diante. Ia à igreja toda a sorte de pessoas, bons, e fervorosos cristãos, como também espíritos fortes que sabem de tudo, menos de religião!

Entre os fiéis misturavam-se sacerdotes e, às vezes, bispos. O Cura d'Ars preocupava-se somente com as almas. Ainda que estivessem o Papa e os Cardeais, não teria mudado de método e dirigia-se a elas com singeleza encantadora. Não o escutavam como a um pregador qualquer, mas como a um enviado de Deus, como a um novo S. João Baptista iniciado nos segredos do alto. Começava lendo no livro do catecismo uma ou duas perguntas com as correspondentes respostas, depois punha o livro de lado. Quantas vezes o pequeno volume desapareceu, apanhado por uma mão piedosamente indiscreta e foi levado como relíquia. Então começava a explicação do texto que bem depressa era esquecido. Passava em seguida às ideias mães, como dizia um sacerdote, nas quais vivia a sua alma e que meditara longamente na presença de Deus. A sua palavra estava cheia de eternidade, e o olhar de fogo fixava-se ora num ora noutro dos ouvintes, como se quisesse enterrar-lhes no coração a espada do verbo. Flagelava o vício, amaldiçoava o pecado, e o que era mais frequente, cantava as belezas e as delícias do amor de Deus.

A voz débil não chegava a todos, porém as exclamações, os suspiros eram bastante para comover até as profundezas da alma. Em setembro de 1858 uma religiosa da congregação de S. José, irmã Maria Gonzaga, acabava de chegar a Ars, um tanto a contragosto, pois sentia aversão pelo P. Vianney, e estava longe de crer tudo o que se dizia a respeito dele.

Quando nos apeámos do carro, conta ela mesma, o sino chamava para o catecismo, A minha superiora quis ir em seguida e tive que acompanhá-la. Ao chegar à igreja o Sr. Cura subia à pequena cátedra. Os meus olhos encontraram-se com os dele. Presa não sei por que vertigem, caí de joelhos, toda perturbada. Um momento depois uma mulher tomou-me pela mão que,

conforme creio era Catarina Lassagne, e disse que me aproximasse, pois não ouviria nada do lugar onde me achava. Obrigou-me a sentar diante do púlpito. Ouvi algumas palavras sobre a conformidade com a vontade de Deus e o valor do sofrimento. Chorei durante todo o tempo; os meus sentimentos para com o Santo estavam mudados.

Na mesma época, um médico de Lião foi à aldeia de Ars numa caravana com vários dos seus parentes e amigos. Não era um homem incrédulo, pois tinha recebido bons princípios, mas não possuía a menor ideia do que fosse um santo nem do espectáculo que o esperava. Começou a explicação do catecismo e às primeiras palavras, o nosso ouvinte foi acometido de um forte acesso de riso, Que fazer? Todos o olhavam e se escandalizavam; ele escondeu a cabeça entre as mãos. Entretanto, o Cura d'Ars continuava falando. O riso foi-se extinguindo e dali a cinco minutos, lágrimas abundantes, que não procurava dissimular como o riso, encheram-lhe os olhos e começaram a regar as faces do doutor.

Pedro Oriol, proprietário abastado de Pelussin, em Loire, que com o tempo fixaria residência em Ars e seria um dos guardas do P. Vianney, conheceu-o numa explicação do catecismo. A primeira palavra que ouvi, conta este excelente cristão, foi directa ao meu coração e foi uma censura de toda a minha vida.

O auditório comovia-se, porém menos ainda que o orador. Certo dia em que lamentava a desgraça dos pecadores, pôs-se a chorar como de costume. Uma senhora que se achava entre a massa do povo deixou escapar involuntariamente esta exclamação: Oh! meu Deus, dai-me estas lágrimas.

A dizer verdade, nem todos se sentiam comovidos tão fortemente, As impressões sempre variam conforme as disposições de cada um. Devo confessar que não entendia muita coisa daquele catecismo com que antes tanto me deleitava. A cada momento surpreendia-me a mim mesmo, interrogando-me ansiosamente: Que me vai ensinar?... Desta forma se expressava o P. Teodoro Vibaux, de Roubaix, que chegou a ser superior do Seminário Maior de Saignon e protonotário apostólico. Mas essa disposição de ânimo se explica quando se sabe que o P. Vibaux, visitando Ars em 1857, padecia dúvidas torturantes sobre o seu futuro. Enquanto o Santo

falava, ele estava preocupado com o que lhe haveria de dizer numa entrevista marcada para depois do catecismo.

Pelo contrário. havia peregrinos, e não de pouca importância, que não podiam deixar de ouvir a instrução familiar do Santo. Mons. Aliou, bispo de Meaux, que passou 8 dias no castelo de Ars, não perdeu um só dos seus catecismos, saindo maravilhado. Os missionários que iam ajudar o Cura d'Ars no auge do concurso de peregrinos, habitualmente se misturavam com a multidão dos ouvintes, a não ser nos casos de absoluto impedimento, E ainda que às vezes o P. Vianney repetisse o mesmo, sempre lhes parecia novo.

O momento em que o Cura d'Ars saía da igreja para ir tomar alguma refeição era talvez o mais extraordinário, o mais patético do dia. Ao meio-dia rezava o angelus de joelhos diante do altar, Depois dirigia-se à casa paroquial, para o que bastava atravessar o espaço de apenas 10 metros. Nele empregava cada dia, no mínimo, um quarto de hora. Os peregrinos formavam alas no vestíbulo debaixo do campanário e na estreita passagem até à porta do presbitério. As pessoas que tinham ido a Ars não para se confessarem, mas para dizer-lhe alguma palavra, ou fazer-lhe um pedido, apinhavam-se ali para serem as primeiras a vê-lo.

Os enfermos ou aleijados, trazidos por parentes ou amigos, e que não haviam conseguido ser levados à igreja, esperavam apoiados nas suas muletas ou deitados em padiolas. Ali também se achavam as crianças que pela tenra idade não eram capazes de ficar muito tempo na igreja. O Santo aparecia abrangendo com um só e doce olhar todos os forasteiros, cuja maioria ainda não o tinha visto. Espontaneamente caíam de Joelhos. Depois de alguns segundos de pasmo e de silêncio começavam as exclamações a custo reprimidas: Bom Pai!... Santo Pai!... abençoi-me!... Reze pelo meu enfermo!... Cure o meu pobre filho!. Converta o meu pai!... o meu marido!... Não podia responder a muitas dessas súplicas senão com um olhar, um sorriso ou com as lágrimas. Enquanto ia passando, dizia-lhes algumas palavras ou mostrava-lhes o céu. Acariciava as crianças, pondo-lhes as mãos veneráveis sobre os louros cabelos. Aos 75 anos, o P. Monnet, sacerdote retirado em Ars, recordava-se com prazer daquelas mãos trémulas

do santo ancião, postas sobre os seus cabelos de menino e da bênção que lhe dera, à qual atribuía a vocação sacerdotal...

Varias vezes, para poder alcançar a porta da casa e nela penetrar sozinho, pois naquele momento do dia não permitia que ninguém o acompanhasse, usou de um inocente estratagema, muito agradável aos peregrinos: Tirava do bolso um punhado de medalhas, lançando-as à multidão. Enquanto as ajuntavam do chão, entrava no pátio, fechando a porta com o ferrolho.

No quarto, encontrava a comida, vinda da *Providência*. Já demos uma ideia do seu regime de vida e a ele voltaremos mais demoradamente. O Cura d'Ars comia de pé enquanto se ia inteirando da correspondência, posta previamente junto à tigela, onde lhe serviam a sopa e os legumes. Essa refeição era tão rápida, diz o Ir, Atanásio, que um dia o Sr. Cura nos disse: Tenho conseguido algumas vezes, das 12 à uma, comer, varrer o quarto, barbear-me, dormir e visitar os enfermos.

A visita aos enfermos era especialmente querida do Cura d'Ars. Desde 1845, deixara ao coadjutor todos os actos externos do ministério paroquial, menos esse. E por enfermos não se deve entender somente os de Ars, mas também os forasteiros que, acamados nas hospedarias ou em casas particulares, desejavam ver e ouvir o Santo. Entre eles às vezes havia uns em estado grave, que se fizeram conduzir para ali a fim de morrerem assistidos e consolados pelo Santo. Às doze e meia, quando o P. Vianney saía da casa paroquial era novamente rodeado pela multidão que o esperava. Não podia descer a escadaria da igreja, nem atravessar a praça e nem andar pelas ruas senão muito devagar e protegido por dois ou três senhores de boa vontade, os seus "guarda-costas". Iam adiante com os braços estendidos para evitar que o Santo fosse vítima de veneração indiscreta. Apesar disso, enquanto lhe beijavam a roupa, cortavam-lhe pedacinhos da batina ou da sobrepeliz, e fios de cabelo, chegando a audácia a ponto de lhe arrebatarem o breviário, se bem que para devolvê-lo logo depois de terem tirado algum santinho. Uma ou outra vez, porém, não o devolveram intacto. O P. Vianney suportava esses latrocínios da multidão sem se queixar. Já estava habituado a tais indiscrições. Não raro aconteciam engraçados equívocos.

O empenho dos fiéis para se apoderarem dos objectos pertencentes ao servo de Deus - conta o P. Dufour, encarregado várias vezes de manter a ordem - deu lugar a que, por duas vezes, julgando tratarem com o Sr. Cura, me despojassem a mim mesmo. Certo dia arrebataram-me o breviário, o qual me enviaram depois pelo correio de Saint-Etienne. Queixei-me disso ao P. Vianney. Respondeu-me sorrindo: O mesmo já me sucedeu muitas vezes. Outra vez cortaram um pedaço da minha batina. Era de noite e a escuridão favoreceu o honroso engano.

Pelo que fica dito, vê-se que era impossível ao Cura d'Ars aparecer em público sem ser rodeado e comprimido pela multidão. Ninguém saía da igreja ou dos arredores do lugar santo senão para seguir-lhe os passos, diz o Ir. Atanásio, e acompanhá-lo até às casas dos enfermos.

Os sacerdotes pediam que lhes fosse permitido acompanhá-lo até à cabeceira dos moribundos a fim de se edificarem e de se instruírem. Duas vezes, diz o P. Tailhades, tive a dita de ver como administrava os últimos sacramentos. Nunca ouvi falar da outra vida com tanta fé e tanta convicção. Dir-se-ia que via com os próprios olhos as coisas de que falava. O P. Vianney consolava os pobres enfermos e reanimava-lhes a confiança. Todos teriam querido morrer em seus braços.

Quando acabava as visitas, a multidão ainda o estava esperando. Acaso não sabiam que levava os bolsos cheios de rosários, de cruces e de medalhas? Que felicidade obter das suas mãos uma lembrança! Assim, os mais espertos ajoelhavam-se várias vezes à sua passagem, sem dúvida, não só para serem novamente abençoados, mas também para terem parte nas sucessivas distribuições. Graças a este estratagema, que o Santo não deixava de perceber, uma menina de Lião pôde reunir um tesouro de lembranças. Esteve em Ars uns três dias e não perdeu oportunidade de estender a mão à passagem do Sr. Cura. No terceiro dia, conforme ela mesma conta, já religiosa, deu-me uma cruz e depois umas medalhas, dizendo ao mesmo tempo: "Menina, já são 17. Fiz a conta e vi que em 3 dias me havia dado 17 medalhas

As provisões do Santo, conforme se vê, depressa se esgotavam. Não se preocupava, porém, com isso. Generosos peregrinos cuidavam de provê-lo.

Os dois irmãos Léman, jovens judeus convertidos, os quais, como já vimos, foram acolhidos pelo P. Vianney tão ternamente, iam partir de Ars.

Ao sairmos da vila, contam eles mesmos, vimos uma multidão que caminhava em sentido inverso: era o Sr. Cura que voltava da visita a um enfermo e como no tempo de Nosso Senhor, a gente o rodeava e se comprimia em torno dele. Ao passar reconheceu-nos. Quando a gente é jovem atreve-se a tudo. Sr. Cura, lhe dissemos, já nos deu medalhas, mas ainda queremos mais. Sorriu e chamando uma vendedora que estava no portal da sua pequena tenda, disse: "Dê-me, por favor, uma grossa de medalhas". Ela trouxe-as e ele benzeu-as, dando-nos em seguida um punhado delas, e voltando-se novamente para a tendeira acrescentou: "Cobre-as a quem lhe aprouver". Ditosa de ter por freguês o seu pároco, fez um sinal de assentimento, dando a entender que estava segura de não perder nada e que havia feito outras vendas como aquela.

Muitas vezes, a não ser que se tratasse de caso urgente, a visita aos enfermos, era precedida por outra visita que gostava de fazer todos os dias: As meninas da *Providência* ansiavam também por vê-lo. Já temos visto que para ambas as partes era uma grande felicidade. Quando, depois do mês de setembro de 1853, a parte da casa que fica junto à capela alojou o P. Toccanier, um dos seus colegas que estavam ali de passagem, o Cura d'Ars procurou não esquecer os seus queridos missionários, os seus camaradas, como os chamava familiarmente. Chegava quando acabavam o almoço, e, enquanto os via saborear frutas que tanto lhe agradavam, mas que nunca comia por espírito de penitência, permanecia de pé, encostado na porta e falava todo o tempo para evitar entre os outros, qualquer palavra de lisonja. Mostrava-se sempre amável, jovial e às vezes suavemente irônico. A única coisa que aceitava de tempos em tempos era um pouco de café; tomava-o sem açúcar e achava-o particularmente amargo.

À tarde, voltava para a igreja logo que podia. De joelhos sobre o pavimento, diante do altar-mor, rezava como um anjo as vésperas e as completas. Imediatamente depois, punha-se à disposição dos *pobres pecadores*.

Confessava as mulheres até às 15 horas, voltando depois para a canónica, onde permanecia por espaço de uns 5 minutos, conforme afirma

Pedro Oriol. Encerrava-se em seguida na sacristia e ali ouvia as confissões dos homens até às 19. Então subia ao púlpito para recitar o rosário da Imaculada Conceição e a oração da noite. Terminada esta; entrava novamente na casa paroquial, onde recebia algumas pessoas, missionários, religiosos, sacerdotes ou leigos e forasteiros, com os quais conversava amavelmente. Feito isso encerrava-se no quarto. Que fazia nele durante a noite? Não sei, creio que em grande parte passava-o em oração.

Foi nesses termos que um dos familiares de nosso Santo, admitido muitas vezes às íntimas conversações nocturnas, nos descreve a segunda parte de cada um dos seus dias. Nada porém nos diz sobre o modo como o P. Vianney rezava a oração da noite. Outra testemunha se encarregará disso.

Nunca pude vê-lo, mas apenas ouvi-lo, escreve o Sr. Brac de la Perriere. A nave estava tenuemente iluminada. A voz fraca do santo sacerdote chegava dificilmente aos fiéis colocados a alguma distância. Não obstante pouco a pouco, devido àquele silêncio, o ouvido se ia acostumando ao débil rumor da oração, como a vista à mística penumbra do recinto sagrado, onde se ouvia um doce murmúrio, ora interrompido ora continuado em períodos de igual duração. Não se levava muito tempo a sentir-se enlevado por aquele colóquio indefinível e, sem notar, chegava-se a um grau de profundo recolhimento que dilatava a alma, impelindo-a a orar com a ajuda de todos.

O Sr. Oriol conta em que se ocupava o P. Vianney ao achar-se sozinho no quarto. Apesar de sentir-se esgotado, rezava as matinas e laudes do dia seguinte. Depois lia algumas páginas da Vida dos Santos, seu livro de cabeceira. De que heroísmo precisava todas as noites para terminar a leitura! Às vezes, refere o Ir. Atanásio, estava tão fatigado ao chegar a casa que lhe custava muito subir as escadas.

Vi-o algumas vezes cair contra a parede. Ele zombava da própria fraqueza e dizia, aludindo a umas palavras ditas com má intenção a seu respeito: Olhem o velho feiticeiro, hoje fez um bom trabalho.

Supõe-se que não passava mais de três horas na cama. Quando dorme? interrogavam-se a si mesmo uns moradores de Ars, é visto sempre de pé. Quase constantemente via-se luz pelas frestas da sua janela, dizia outro. É que durante as rudes flagelações mesmo quando deitado, não podendo

dormir, com o diabo molestando-o, deixava a vela acesa a fim de poder contemplar as imagens dos santos que cobriam uma das paredes do quarto. Quando não durmo, dizia ele, fico a olhar os meus quadros.

E, se adormecia, quando abria os olhos olhava-os novamente. Estou em companhia dos Santos, dizia à sra. de Garets. Durante a noite, quando acordo, parece que me olham e dizem: Que preguiçoso és tu; dormes enquanto nós passamos a velar e a rogar a Deus.

Nunca falava nos sofrimentos nocturnos, na excitação nervosa causada pelo estafante trabalho diurno, na febre que o agitava sobre a pobre enxerga, na tosse que o obrigava a levantar-se muitas vezes numa hora. Apesar disso, quando chegava o momento marcado para ir à igreja, deixava o duro leito e recomeçava onde havia interrompido o seu interminável e santo trabalho.

Uma das maravilhas daquela existência completamente sacrificada ao serviço dos outros é que se tenha passado, ao mesmo tempo, entre o movimento contínuo das multidões e um profundo recolhimento.

De mil maneiras importunavam o santo Cura, e nada lhe perturbava a paz intenor. Donde, pois, tirava aquela calma e aquele inteiro domínio de si mesmo? Uma testemunha autorizada no-lo dirá.

O pároco Vianney, diz o piedoso cónego Gardette, capelão do Carmelo de Chalon-sur-Saone, expressava-se desta maneira diante de mim: Ah! quanto quisera abismar-me em Deus e jamais achar-me a não ser n'Ele! Pois bem, ao vê-lo agir, via-se realizado o seu desejo. Sabia, com efeito, entregar-se de tal maneira a Deus que em seus múltiplos e trabalhosos ministérios, se mostrava tão recolhido como nos exercícios de piedade. Dir-se-ia que só fazia uma coisa: a do momento recente. Sempre o ardor do zelo, mas nunca a actividade da natureza. Pela manhã, ao meio-dia e à noite, deixava ver na sua pessoa a mesma liberdade de espírito, a mesma doçura de carácter, o mesmo reflexo de paz interior. Aquilo era, ao meu ver, a prática ideal da união com Deus, a manifestação mais completa possível do perfeito amor.

Uma alma que não está unida a Deus, como ao seu centro, poderá mover-se num círculo de acções mais ou menos santas, sem ela mesma ser

santa? Para fugir desse perigo o Cura d'Ars levantava sem cessar o seu coração, no púlpito, no confessionário, no meio das conversações e ocupações mais variadas. Tinha adquirido o hábito dos santos, de sair de Deus para a ação, quando era necessário e voltar a Deus pela oração, logo que era possível. A oração era de facto o grande consolo da sua alma e o seu refúgio habitual. Ela é um roseiral perfumado... dizia ele. Quanto mais se ora mais deseja se tem de orar... O tempo não é longo na oração. Se durante toda a vida desejou a solidão, foi precisamente para se poder entregar de todo à oração e à contemplação das coisas de Deus. Mas, infelizmente, nem sequer tinha o prazer de se entregar, como todos os seus colegas de sacerdócio, aos suaves exercicios de um retiro espiritual. A última vez que nele quis retemperar a sua alma foi em 1835, no Seminário de Brou. Mons. Devie mandou-o voltar para a paróquia antes do primeiro exercício. V. Revma. não tem necessidade de retiro, disse-lhe o prelado, ao passo que os pecadores têm necessidade de V. Revma... E o pobre Cura d'Ars partiu sem nada objectar.

Entretanto, algumas vezes foi ouvido lamentar-se ante a lembrança de tempos idos, em que vivia na solidão dos campos. Como era feliz! Não tinha a cabeça zozna como hoje; orava à minha vontade... E acrescentava sorrindo: creio que a minha vocação era ser... pastor toda a vida.

Pastor, porém, de almas, tinha podido satisfazer nos primeiros anos a ânsia de orar. Naquela época chegara certamente ao grau supremo da oração, chamada oração de simplicidade, na qual a intuição substitui em grande parte os raciocínios e os afectos; as resoluções são menos variadas e se traduzem em poucas palavras. Antes de começar o rude trabalho das peregrinações, diz o P. Cláudio Rougemont, coadjutor de Ars, de acordo com os testemunhos de velhos paroquianos, via-se constantemente o nosso pároco de joelhos, orando sem se servir de livro algum. De facto a sua oração, como nota a baronesa de Belvey, era afectiva antes que reflexiva ou intelectual. Olhava fixamente para o sacrário, reafirmando sem fim o seu amor a Cristo. Seguia o método do bom Chaffangeon: Eu olho para Deus e Deus olha para mim!. Quando a afluência de peregrinos, diz o Ir. Jerónimo, não lhe permitia mais entregar-se a longas orações, o Sr. Cura contraíu o costume de escolher pela manhã um tema para meditar e pautar por ele todas as acções do dia.

Certa vez, conta o P. Dufour, pedi-lhe conselho sobre a maneira de orar. Não tenho tempo de fazer uma oração bem regular, foi a resposta, porém desde o começo do dia esforço-me por unir-me a Deus muito estreitamente e depois vou fazendo os meus trabalhos: pensando nesta união. Onde concluo, acrescenta o P. Dufour, que a vida do pároco Vianney era uma contínua oração.

Seguia durante todo o dia, com um olhar do coração, algum dos actos da vida de Cristo, da Virgem, ou dos seus santos predilectos. Preferia os mistérios dolorosos e quase sempre acompanhava a Cristo nos seus diversos passos para o Calvário. A fim de se lembrar melhor pediu a Catarina Lassagne que os escrevesse na margem do seu breviário. Deste modo, conforme ia rezando as horas, meditava uma a uma as cenas da Redenção, com uma piedade misturada de lágrimas.

Frequentemente, ao passar por entre a multidão, parecia estar só, de tal modo andava absorto em piedosos pensamentos. Em plena acção continuava sendo o contemplativo que sempre houvera desejado ser. A fé, dizia ele, existe de verdade quando a gente fala com Deus da mesma maneira que falaria com um homem... Realizava plenamente esse pensamento tão profundo. Pouco a pouco os anos e mais ainda as heróicas fadigas encurvaram-lhe as espaldas e enrugaram-lhe o rosto; o coração porém, não envelheceu. Para este só existia uma perpétua primavera. O Cura d'Ars disse-o numa frase poética e cadenciosa como um belo verso. A primavera sempre floresce na alma unida a Deus.

O sentimento da presença divina provocava algumas vezes no seu íntimo verdadeiros transportes de júbilo. Quando o via com aquele ar de felicidade extraordinária, conta ingenuamente Catarina Lassagne, dizia ao Sr. Jerónimo: o Sr. Cura hoje tem muito amor a Deus. Tais suavidades não as desejava por si mesmas. Quando não se sente consolação, dizia ele, serve-se a Deus por Deus mesmo, quando se sente há perigo de servi-lo por amor-próprio. Apesar disso, essas íntimas doçuras ajudavam-no a viver. Eram para ele penhor da amizade do seu Deus e das suas adoráveis condescendências. Sentia que, uma vez admitido à familiaridade com o Mestre, poderia conseguir mais d'Ele. Deus, dizia, está tão unido aos santos que parece fazer mais a vontade deles do que a própria. E quando lhe

faziam notar que Santa Filomena lhe alcançava tudo e parecia obedecer-lhe retrucava: Que há de admirável, se o próprio, Deus me obedece na missa?.

Não se pense que durante essas horas de santa alegria o Cura d'Ars perdia esse algo da sua deliciosa singeleza. Nada de atitudes afectadas, nada de exclamações, nada de suspiros, nem ímpetos de espécie alguma, mas um sorriso inexprimível, celestial, que jamais esqueceram os que o viram desabrochar nos seus lábios.

CAPÍTULO XVII

Ânsias de Solidão. Grave Enfermidade e a fuga de 1843

A apreensão de morrer pároco - Demissão sempre solicitada e sempre negada - Tentação subtil - Solidão e apostolado, dois atractivos numa só alma - Primeira tentativa de fuga - Absolutamente só com um trabalho acabrunhador - A grave doença de maio de 1843 - Desolação na paróquia - Entre a vida e a morte - Cura atribuída a Santa Filomena - Necessidade de repouso e maiores desejos de solidão - A fuga de 12 de setembro - Ars sem peregrinos - O êxodo para Dardilly - A mensagem do P. Raymond - A viagem a N. Senhora de Beaumont - Regresso triunfal.

Ao ver o Cura d'Ars, sorridente e solícito, entre a turba de peregrinos, ninguém, afora os seus familiares, teria suspeitado que o perseguia sem cessar o desejo de solidão. À primeira vista, parece de todo inverossímil esta afirmação de Catarina Lassagne: Esteve na paróquia de Ars por espaço de 41 anos, sempre contra vontade. Desde a idade de 11 anos, dizia ele mesmo, em 1843, confidencialmente ao conde de Garets, burgomestre de Ars, tenho pedido a Deus a graça de viver na solidão, porém as minhas súplicas nunca foram ouvidas. Esse desejo foi-lhe inspirado desde a infância pelo gosto da oração. Compreendera, muito jovem, que o silêncio e o recolhimento favorecem os impulsos da alma para Deus. Quando chegou ao sacerdócio, um novo motivo se juntou ao primeiro: Ignorante e incapaz como se achava, não seria tentar a Deus aceitar a cura das almas? Ah! dizia entre gemidos, não é o trabalho que custa; o que assusta é a conta que se deve dar da vida de pároco. E realmente, essa perspectiva inquietou-o até aos últimos anos. Em 1858 (contava então 72 anos) durante uma missão que o P. Descotes pregava na sua paróquia, aproximou-se do pregador com certo ar de regozijo, quando este saía da sacristia para subir ao púlpito e lhe disse: Desta vez sim, nos converterá. - Quanto a V. Revma., Sr. Cura, tornou o missionário, não há nada que temer. Eu respondo por V. Revma. - Meu amigo, suspirou o Santo, tomando repentinamente uma expressão grave, quase angustiada, V. Revma. não sabe o que é passar de uma paróquia para o tribunal de Deus.

O desejo de retiro num pequeno recanto onde pudesse chorar a sua pobre vida atormentava-o desde os primeiros anos de vida paroquial.

Catarina Lassagne recordava-se de o ter ouvido falar disso dois anos apenas, depois de ter chegado a Ars. Em 1827 já o vimos fazer diligências junto ao prelado para pedir transferência. Sem dúvida, teve desgostos e sofreu muito por causa das calúnias propaladas contra a sua pessoa. Mas no fundo era outro o pensamento que o atormentava. Pode ser que tivesse revelado ao bispo o segredo torturante. S. Excia. ofereceu-lhe a paróquia de Fareins; ele hesitou. O desejo oculto não fora atendido e por isso preferiu ficar na sua humilde aldeia. Permanecendo ali, quem sabe, se não teria maior facilidade em conseguir entrar para a Trapa ou para a Cartuxa! Em 1830, quando as multidões já o assediavam, tais sentimentos conservaram-se os mesmos, mas os desejos eram mais intensos ainda. O vizinho de Chaleins, P. Mermod, recorreu a ele para receber conselhos sobre a vida perfeita, ao que respondeu o P. Vianney: Convém não ser pároco até ao fim da vida; devemos reservar algum tempo a fim de preparar-nos para a morte.

Vinte e cinco anos depois, o cónego Camelet, superior dos missionários, de Pont-d'Ain, recebeu semelhantes confidências: Eu não quisera morrer pároco, porque não conheço nenhum santo que tenha morrido neste cargo. Desejaria dispor de dois anos para chorar a minha pobre vida!... Oh! parece-me que então amaria melhor a Deus.

Os ecos desses desejos e desses gemidos chegaram algumas vezes ao bispo de Belley. Mons. Devie fazia-se de surdo. Mas a pertinácia do Cura d'Ars em solicitar o seu *exeat* demonstrava que não perdera a esperança de ser atendido. Essa esperança era para ele uma necessidade, dizia a Sra. de Garets. Raramente se dirigia ao bispo para expor-lhe um caso de consciência sem falar ao mesmo tempo do seu grande desejo. É notável a seguinte passagem de uma carta escrita em 1851. Nessa época Mons. Devie, a quem Roma acabava de dar por auxiliar Mons. Chalandon, pensava também em buscar um *retiro*.

Mons., já que V. Excia. é tão feliz, pois esforça-se para retirar-se e não pensar senão no céu, peço-lhe me conceda o favor de procurar para mim a mesma felicidade... Se partir sem me ouvir, morrerrei de tristeza.

Que o seu coração, Mons., me perdoe todos os aborrecimentos que lhe tenho causado. Confio muito que V. Excia. me concederá a graça pedida.

Bem sabe que não sou senão um pobre ignorante. Esse é o parecer de todos...

E assina humildemente: João Maria Vianney, pobre Cura d'Ars. A carta não logrou êxito algum. Mons. Chalandon, bispo de Belley, recebeu, alguns, anos mais tarde, esta premente petição:

Mons., cada vez estou mais doente. Tenho que passar parte da noite numa cadeira e levantar-me três ou quatro vezes numa hora. No confessional fico tonto, chegando a perder os sentidos por espaço de três ou quatro minutos...

Em vista dos meus achaques e dos meus anos, quero dizer adeus a Ars para sempre, Mons....

Desta vez, assina Vianney, pobre e desventurado sacerdote. As mesmas instâncias foram renovadas de viva voz em cada visita pastoral. Nos dias que as precediam, redobrava as mortificações. Orava, chorava, gemia e jejuava antes de formular a sua petição. E quando aparecia o prelado, avivava-se-lhe a esperança tantas vezes decepcionada. Um dia o Sr. Oriol viu-o entrar na sacristia transbordando de júbilo. Mons. vai vir, disse-me ao ouvido. Mons. vai vir, e eu vou pedir-lhe... Você bem sabe o quê...

Monsenhor veio, de facto, a Ars, e, além disso, visitava frequentemente o seu santo amigo, mas o P. Vianney continuava Cura d'Ars. Mons. Devie bem como Mons. Chalandon, seu sucessor, sempre se opusera energicamente a que o P. Vianney se retirasse. Mons. Langalerie, elevado à sede episcopal de Belley em 1857, recebeu mais de uma vez as mesmas súplicas. Nunca, e é coisa que não deixa de surpreender, o Cura d'Ars nunca se resignou de todo a morrer no seu posto. Durante o último mês de vida ainda falava em retirar-se. Ouçamos a esse respeito Mons. de Langalerie na oração fúnebre do P. Vianney, pronunciada no mesmo dia das exéquias:

Ah!, Mons., nos dizia ele, faz 15 dias apenas, eu lhe pedirei em qualquer tempo de me deixar partir para chorar os pecados da minha vida. - Mas, meu bom Cura, lhe respondíamos, as lágrimas dos pecadores que Deus lhe envia valem bem as suas. Não me fale mais desse modo, aliás não

virei mais vê-lo. E todas as nossas palavras de affecto e de encorajamento não pareciam convencê-lo.

Um desejo assim tão veemente de solidão não é de admirar num homem como o P. Vianney que, voluntariamente, teria passado a vida inteira ajoelhado diante do tabernáculo. Entretanto, examinando bem o caso, uma tentação subtil, e que o Santo terminou por descobri-la, escondia-se sob esse atractivo, na aparência tão legítimo.

Assim atestaram muitos dentre os seus familiares e não os de menos importância.

O Cura d'Ars, declarou o P. Monnin, reconhecia haver exagero nesse desejo, do qual o demónio se servia para tentá-lo. Mortificava-o, resistia-lhe, mas durante toda a vida teve que lutar contra ele...

O testemunho do Sr. de Garets, maire de Ars, é mais nítido e mais, explícito ainda.

Sempre vi o P. Vianney deseioso de se retirar para uma solidão. Descobri nesse pensamento três motivos: Queria primeiramente declinar a responsabilidade de uma paróquia; segundo, proporcionar-se o meio de chorar aquilo que ele chamava a sua pobre vida; terceiro, fugir das contínuas ocupações e procurar lazeres para entregar-se, conforme o seu atractivo, à prece e à contemplação. Tais são os motivos que tinha para consigo mesmo o bom Cura.

Mas ainda é minha íntima convicção que, além de tudo isso, havia uma verdadeira tentação do demónio, da qual, apesar de esclarecido como era nos caminhos de Deus, não tinha consciência. O demónio sabia todo o bem que o Cura d'Ars fazia entre os peregrinos e o que poderia fazer dali por diante. Tinha pois grande interesse em afastar o servo de Deus sob plausíveis pretextos.

O P. Vianney, declara por sua vez o Ir. Atanásio, um dos principais confidentes, padeceu muitas tribulações interiores. Atormentava-o o grande desejo de retiro. Nisto falava muitas vezes. Era como uma tentação que o assediava durante o dia e mais ainda durante a noite. Costumava dizer:

Quando não posso dormir, o meu espírito viaja. Estou na Trapa, na Cartuxa, buscando um canto onde chorar a minha pobre vida e fazer penitência dos meus pecados.

Do mesmo modo gemia Catarina de Sena, a semeadora de milagres, aclamada pelas multidões. Por quê, Senhor, perguntava entre suspiros. me converteis num joguete de todo o mundo? Excepto eu, todos os vossos servos vivem em paz entre os homens - Melhor não acontecia ao pobre Cura d'Ars. Deus negava-se a escutá-lo nesse particular e ele deu-se conta disso.

Ouvi-o dizer confidencialmente, conta Catarina Lassagne, estas palavras: Deus me concede logo o que peço, excepto quando é para mim. Eu lhe respondi: É que V. Revma. pede para Deus tirá-lo de Ars e isso Deus não quer. Nada respondeu.

Essa fome de solidão e de recolhimento, jamais saciada, não era tão somente tentação do demónio: era também provação de Deus. Muito bem a compreendeu o P. Monnim quando disse: Parece-me que houve um secreto desígnio da Providência: sacrificando o gosto à obediência e o prazer ao dever, o Cura d'Ars teve ocasião de se vencer continuamente e de calcar aos pés a vontade própria.

Demais, o desejo de solidão era frequentemente combatido pelo desejo de apostolado. Por uma permissão especial de Deus, o seu coração andava sempre agitado por esses atractivos. É certo que a responsabilidade da cura das almas o aterrorizava. Um dia, quando um seminarista de Lião se confessava com ele, perguntou-lhe se já havia recebido as ordens sagradas. Sim, já sou diácono e só tenho que esperar três meses para ser sacerdote. - Oh! meu filho, exclamou o Santo, sempre se torna padre muito cedo. E não obstante estava convencido ser o sacerdócio necessário às almas e que apascentar o rebanho de Cristo é obra de amor por excelência. Suspirava pela solidão tranquila e doutro lado nunca estava tão contente como quando o cercavam as multidões vindas de todas as partes. A senhora de Garets diz: Ele se deveria ter persuadido uma vez para sempre que fora feito para aquele ministério. Quando não havia muita afluência parecia estar triste, e fazia novenas para que viessem as multidões. Quando chegavam, se lhe pediam que repousasse um pouco, respondia: Que mal seria fazer esperar

essa pobre gente, que vem de tão longe e passa a noite esperando a sua vez para se confessar! Seria preciso que Deus me desse o privilégio de me bilocar, como deu a muitos santos...

Se já estivesse com um pé no céu e me dissessem que voltasse à terra para trabalhar na conversão de um pecador, voltaria com muito gosto. E se para isso fosse preciso ficar aqui até ao fim do mundo, levantar-me à meia-noite e sofrer o que agora sofro, aceitaria de todo o coração.

Um dia, quando explicava o catecismo na igreja, exclamou: Ah! se eu tivesse sabido o que significa ser sacerdote, muito cedo me teria refugiado na Trapa. Ao que respondeu uma voz saída da multidão: Meu Deus, que desgraça teria sido isso... Esse grito saído de um coração foi para o nosso Santo um encorajamento e uma lição.

* * *

O que fica dito não impediu que por três vezes o Cura d'Ars tentasse deixar a paróquia. A tal ponto o pungia a fome da solidão. Cria ver nisso, ainda que muito obscuramente, a vontade imperativa de Deus oposta à do prelado, cujo consentimento, apesar de tudo, sempre esperava conseguir. Foi no ano de 1840 uma primeira fuga que passou inadvertida e sobre a qual o Cura d'Ars fez mais tarde algumas revelações confidenciais. Saiu da casa paroquial numa noite muito escura - seriam talvez duas horas da madrugada - e empreendeu sozinho o caminho de Villefranche. Aonde ia e que pensava afinal? Nada disse. Caminhou pouco tempo. Chegando à cruz de Dombes, não longe da aldeia de Ars, pôs-se a refletir: Será a vontade de Deus que estou cumprindo neste momento? A conversão de uma alma não vale mais do que todas as orações que poderei fazer na solidão? E voltou. As almas que o esperavam recuperaram-no em seguida da tentação de fugir, acrescenta o P. Toccanier, de quem é este relato; acometera-o repentinamente o tentador que, de facto, se pode descobrir neste episódio, não se deu por vencido. As indisposições e as doenças do santo homem lhe apareceram como uma preciosa ocasião de tirar desforra.

Em 1835 o Cura d'Ars ressentia-se ainda das suas imprudências de moço; nevralgias faciais, atrozes dores de dentes e violentas cólicas lhe

recordavam que não se passa impunemente as noites sobre o chão húmido dum quarto de andar térreo. As cartas enviadas pelo Cura d'Ars ao médico atestaram-no de sobra. Indubitavelmente, necessitava dum coadjutor. Dessa maneira poderia descansar de tempos em tempos. Mas, além do P. Aleixo Tailhades, de Montpellier, que teve como hóspede e discípulo desde o inverno de 1839 até 1843, não lhe foi concedido nenhum sacerdote. Mons. Devie, por carecer de pessoal disponível, não podia fazer outra coisa que exortar os curas vizinhos a auxiliarem o colega sobrecarregado de trabalhos. Assim foi que, benevolmente, o P. Derognat, cura de Rance, e o P. Raymond, cura de Savigneux, o ajudaram nas diferentes funções do ministério. Em 1853, o Cura d'Ars julgou chegado o seu fim. Já muito fatigado, escrevera, fazia quando muito dois anos, o primeiro testamento, pelo qual dava o seu corpo de pecados à terra e a pobre alma às três pessoas da SS. Trindade. Começava o mês de Maria. Havia seis anos que o Santo pregava sozinho os exercícios. Fazia de ordinário uma leitura que em seguida comentava, e, uma vez em movimento, como diz Catarina Lassagne, falava longo tempo. Na noite do dia três de maio, começa a leitura. Uma sufocação o impede de continuar... Ajoelha-se para rezar e apenas pode articular as primeiras palavras. Uma febre violenta apodera-se dele. Acodem todos e levam-no para um quarto vizinho ao seu, onde ficava mais fácil atendê-lo. A armação da cama em que morrera o P. Balley estava guardada ali como uma relíquia. Arranjaram-na com o colchão do P. Vianney e deitaram nela o enfermo, que acabava de desmaiar.

O Dr. Saunier, chamado a toda pressa, diagnosticou uma pneumonia. O conde de Garets, por sua vez, correu à canónica e ao ver o seu pobre Cura estendido sobre aquela enxerga, dura como um pau, ofereceu-lhe um bom colchão. Depois de muitas instâncias o Santo permitiu-lhe a troca. Era tempo de estar alerta. No dia 6 de maio o P. Vianney completava 58 anos de idade - O Dr. achou o seu estado desesperado. Tal era a simpatia de que gozava o Cura d'Ars que outros três médicos atenderam ao chamado do Dr. Saunier. Foi decidido que se evitasse fazer o venerável enfermo falar. Urgia, antes de tudo, poupar-lhe toda a emoção, porque o coração pulsava com muita dificuldade. Entretanto, o Cura d'Ars não perdera a presença de espírito, disse de provas naquelas horas. Ao ver toda a Faculdade junto da cama, disse sorrindo: Sustento neste momento um grande combate. - Contra quem, Sr. Cura? - Contra quatro médicos. Se chegar um quinto estou morto.

Essa ocorrência chistosa não nos há de fazer esquecer que o Cura d'Ars, durante toda a doença, tremeu ao pensar nos juízos de Deus. Quisera viver mais - dizia ele ao conde de Garets que, enquanto o Cura esteve em perigo, não saiu da canónica, chegando mesmo a dormir ali - quisera viver ainda para chorar os meus pecados e fazer algum bem, Teve noites agitadas e horríveis pesadelos. Parecia-me ouvir os gritos de triunfo dados pelos demónios, dizia ele numa manhã: Nós o temos; nós o possuímos; ele é nosso.

Entretanto, a tentação não o molestava a ponto de fazê-lo perder a paciência e a confiança em Deus. Nunca se queixava, diz João Pertinand, o mestre-escola que se arvorara em enfermeiro, e aceitava por obediência todos os medicamentos. Suportou as dores com a mais completa submissão à vontade de Deus, que via em toda a parte.

Durante aquele tempo, dir-se-ia que em Ars havia um morto em cada casa. Os peregrinos andavam errantes pelos arredores da igreja como um rebanho sem pastor. Estavam ali duzentos ou trezentos que não tinham terminado a confissão e se recusavam a confessar-se com o P. Lacote, cura de Saint-Jean-Ie-Vieux, encarregado interinamente da paróquia de Ars. É necessário, lhes diziam, que se confessem com o sacerdote que veio substituir o Sr. Cura. Não tenho coragem para recomeçar, respondia uma senhora a quem o P. Renard dava esse conselho. Permita-me V. Revma. que vá ajoelhar-me na porta do seu quarto para que me veja e me dê a bênção; isso trará um pouco de paz à minha alma, Já que não conseguiam mais, mandavam levar à cabeceira do moribundo - todos estavam persuadidos do seu fim próximo - cestos cheios de medalhas, rosários, cruzes e estampas. O Cura d'Ars erguia a mão abençoando todas aquelas queridas recordações. Duvido, escrevia a condessa de Garets, que todos os bispos juntos da França tenham abençoado tanto como ele.

Não restava outro recurso senão uma intervenção extraordinária do céu; por isso a multidão que havia desaparecido do confessionário prostrava-se ante o altar de Santa Filomena, onde ardiam numerosas velas. Os sacerdotes começaram uma novena de missas - Apesar de tudo, a igreja sem ele parecia deserta.

No dia 11 de maio, pela tarde, a agonia pareceu iminente. Sete padres achavam-se reunidos no quarto do enfermo. Não havia lugar para dúvidas; resolveu-se administrar ao P. Vianney os últimos sacramentos. Somente o seu confessor o P. Valentim, cura de Jassans, achou melhor deixar os paroquianos na ignorância da cerimônia que se preparava. Sim, sim, que toquem, diz o moribundo, um cura tem muita necessidade que orem por ele. O sino soou e imediatamente a escadaria e o pequeno corredor da casa paroquial ficaram inundados...

Crê em todas as verdades que a igreja nos ensina? perguntou-lhe com voz trémula o cura de Jassans, Jamais duvidei, foi a resposta do Santo. E recebeu os últimos sacramentos com uma expressão de fé que impressionou a quantos assistiam. Saídos os assistentes e a sós com o P. Dubouís, cura de Fareins, consagrou-se a Santa Filomena, prometeu mandar celebrar uma missa em sua honra e acender um grande círio diante da Imagem.

Depois, quase repentinamente, pareceu entrar em estado de coma. Todos se ajoelharam ao redor da cama. O Dr. Saunier estava de pé junto a ele, convencido de que não escaparia. Apesar de já estar com os olhos fechados, ouviu a sentença do médico. Minha pobre prima, dizia alguns meses mais tarde a Margarida Humbert, de Dardilly, quando eu estava nas últimas e acabavam de ministrar-me a extrema-unção, o médico dizia, tomando-me o pulso: Não tem mais do que 30 ou 40 minutos de vida. E eu pensava: Meu Deus, será preciso que me apresente diante de vós com as mãos vazias?... Dirigi-me à Virgem Santíssima e a Santa Filomena, dizendo: Se ainda posso ser útil para a salvação de algumas almas - Minha boa prima, acrescentava, quando te achares ao lado dum moribundo, lê em voz alta, pois os enfermos entendem, mesmo quando parecem ter perdido os sentidos. Apenas o Cura pronunciara no íntimo do coração o nome de sua querida santinha, sentiu-se melhor. Abriu os olhos e recobrou a fala. Desfrutou então de sossego por espaço de três horas, durante as quais permaneceu imóvel de mãos postas e orando com angelical fervor. Infelizmente, a febre tornou a acometê-lo com violência. O médico não se atreveu a pronunciar-se em sentido favorável, crendo que duraria somente algumas horas mais. Combinou-se em todo o caso que, se o moribundo passasse a noite, o P. Dubouis celebraria no altar de Santa Filomena a primeira das missas prometidas pelo Cura d'Ars, Ao raiar do dia 12 de maio

o enfermo ainda respirava. Ante esta notícia, a igreja encheu-se até transbordar e começou a missa prometida. Nunca se elevaram para o céu de Ars orações mais fervorosas. Durante aquela hora, o mestre-escola velava à cabeceira do enfermo. O Cura d'Ars, agitado por uma febre terrível, parecia presa de uma grande ansiedade. Pertinand dispunha-se a receber o seu último suspiro quando, de súbito, serenou, conforme se diz, com uma visão encantadora que contemplava. Apenas terminara a missa, exclamou: Meu amigo, em mim acaba de produzir-se uma grande mudança... Estou curado! Durante o tempo em que parecia estar em êxtase, pronunciava muitas vezes o nome de Santa Filomena... Foi crença comum que a sua querida santinha lhe apareceu. Pelo menos atribuiu-se a ela a cura inesperada. De facto, recuperou as forças com uma prontidão que os médicos qualificaram de maravilhosa. Dizei miraculosa, corrigiu o Santo

Enfim, após 16 dias, intermináveis para o seu coração, voltou a rever a igreja e o sacrário, Apoiava-se no braço do fiel Pertinand. No sábado, 20 de maio, celebrou a missa novamente. Foi preciso fazê-lo às duas da madrugada, pois estava muito fraco, para passar algum tempo sem tomar nada. Apesar de ser tão cedo, diz a Sra, de Garets toda a paróquia se reuniu na igreja. Escolheu, para celebrar, o altar da Santíssima Virgem, conforme costumava todos os sábados. Eu desejaria ver naquela capela a todos os que me são caros!... O rosto do Cura d'Ars tomou uma expressão extraordinária... Que inolvidáveis recordações! Parecia-me assistir a uma missa das catacumbas. O P. Vianney achava a sua convalescença muito adiantada. Apesar disso, o médico proibiu-lhe reiniciar os trabalhos antes de estar completamente restabelecido. Obedeceu, mas à custa de que sacrifícios! Cada vez que ia à igreja lançava um olhar saudoso para o confessionário... e o seu mais vivo desejo era recobrar as forças quanto antes.

* * *

Entretanto, certa ansiedade começava a fazer-se sentir em Ars. Com data de 17 de maio, a Condessa de Garets escreve à sua mãe: - Que irá, porém, fazer desta vida cuja prolongação tanto implorou e dessas forças que tão ardentemente desejou recuperar? É isso o que nos perguntamos uns aos outros... Tememos perder pelo afastamento aquele que o céu conservou na

terra, e com tão dolorosas apreensões sentimos perturbada a alegria causada pelo seu restabelecimento. Dez dias mais tarde, já não havia lugar para dúvidas. O conde de Garets foi visitar o Santo convalescente. Encontrou-o no quarto, debruçado sobre a cama e desfeito em pranto. Mas que tem? perguntou-lhe o burgomestre. - Ah! respondeu o Santo, ninguém calcula as lágrimas que tenho derramado sobre este leito, depois que ando em busca de retiro. E acabou dizendo entre soluços: Sempre me foi negado.

Tememos muito, muitíssimo, escrevia a castelã, depois da narração desta visita, que o Sr. Cura nos deixe e que teremos que chorá-lo vivo depois de termos saudado com tanto júbilo a sua ressurreição. Não nos podemos enganar. O santo varão julga ter chegado o termo de seu trabalho. Havia dito: Irei adiante até que sucumba. E sucumbiu... Se pediu mais vida foi a fim de preparar-se para a morte, no silêncio e no retiro. A vida foi-lhe restituída; e ele acha que com a cura o céu lhe deu a liberdade; eis o que pensa; eis a que aspira. Diziam-nos que estávamos demasiado envaidecidos com o nosso cura e que Deus castigaria a nossa arrogância. Na verdade tinham razão...

Escoaram-se as semanas. A ameaça permanecia suspensa, pois o cura não fazia nenhum preparativo de partida. Decidido a ir-se em qualquer dia, procurou recolher-se e recuperar as forças. Naturalmente tirou da cama o colchão que dali para diante julgou supérfluo; logo que o médico lhe permitiu, voltou ao confessionário à uma da madrugada. O bom do Pertinand achou necessário sair-lhe ao encontro. Amigo João, replicou, quando eu estava doente fazia a vontade de Deus e obedecia; agora é você quem há de obedecer; vá deitar-se.

O médico achou melhor fechar os olhos diante de tais imprudências, mas os penitentes do Santo agradeceram-lhe infinitamente. Apesar disso, o Dr. Saunier mostrou-se inexorável num ponto: na questão do regime de vida. Até ao completo restabelecimento, o Cura d'Ars foi obrigado a tomar duas refeições por dia; comer um pouco de carne e tomar - oh! escândalo - a quarta parte dum copo de vinho de Bordéus. O Santo sentia remorsos, mas à autoridade do médico ajuntou-se a de Mons. Devie, e quer quisesse quer não, só teve que submeter-se. Lamuriava-se de forma que os circunstantes não podiam deixar de sorrir. Converti-me num glutão Alcanço menos

graças do que antes... Já não me acho tão tranquilo quando me vou confessar!... O pobre Santo não estava menos macilento nem menos fraco do que antes. Contava 54 anos e o seu aspecto era de um verdadeiro ancião. Em 27 de agosto do mesmo ano, o P. Faivre, da diocese de Saint-Claude, teve ocasião de visitar o nosso asceta. A sua vida mortificada e penitente pareceu-me tal, diz ele, que, sabendo, como missionário que sou, o que é passar os dias confessando, pregando e explicando o catecismo, não lhe dei, humanamente falando, três meses de vida.

Os médicos não eram menos pessimistas. Acharam necessário que o Cura mudasse de ares; e - coisa que não se atreviam a dizer-lhe - que deixasse o confessionário. Mons. Devie, por sua vez, escreveu autorizando-o a tomar algum descanso. De mais a mais, tinha licença para ausentar-se 15 dias cada ano, sem necessidade de permissão especial do bispo, contanto que procurasse um substituto. O P. Raymond, seu colega de Savigneux, passava então mais tempo em Ars que na própria paróquia; era pois o substituto mais à mão... O Cura d'Ars sempre tão flutuante e indeciso sobre esse ponto, apesar de ser tão decidido e resoluto nos demais, desejava vivamente subtrair-se durante algumas semanas às multidões de peregrinos que o assediavam. Mas sob esse desejo, em si tão legítimo, ocultava-se a tentação: uma vez fora, iria para um retiro, para nunca mais voltar. Pelas dúvidas, o Cura d'Ars escreveu ao irmão Francisco que lhe preparasse um quarto na sua querida casa paterna de Dardilly.

Finalmente, em 11 de setembro, confiou os seus projectos, ao P. Raymond. O Cura de Savigneux não opôs grandes dificuldades. Não aspiraria, no íntimo, a ser cura d'Ars? Prometeu levar ao Sr. Bispo, quando fosse possível, uma carta escrita pelo P. Vianney. Nela pedia ao prelado que concedesse ao pobre Cura d'Ars um cargo que lhe conviesse: O cuidado da capela dos Mínimos, em Montmerle, onde somente teria que rezar a missa. E à noite de 11 para 12 de setembro o P. Vianney partiu. Somente não pôde deixar de despedir-se da sua querida e saudosa *Providência* Foi o que pôs tudo a perder. Antes das 10 da noite - note-se bem que Catarina e as outras prometeram guardar segredo - toda a paróquia, prevenida do que ia acontecer, estava alerta e até havia gente postada junto à casa paroquial. Pouco depois da uma hora ouve-se ruído de alguém que se cola à cerca do jardim. É o Sr. Cura. Leva o breviário debaixo do braço e um pequeno

embrulho na mão. Algumas pessoas procuram detê-lo, apresentando-lhe objectos para benzer. Tudo inútil. O Cura d'Ars acelera o passo. Desce para a ponte de Fontblin e desaparece na escuridão da noite. Chamam então o mestre-escola João Pertinand para que vá acompanhá-lo, o qual consegue alcançá-lo a certa distância do povoado onde se perdera no campo.

Sr. Cura, lhe pergunta, por que nos deixa dessa maneira?

Vamos, não percamos tempo, replicou o fugitivo. Escrevi ao Sr. Bispo pedindo-lhe licença para retirar-me; esperarei a resposta em Dardilly. Irei celebrar missa em Fourviere, para melhor conhecer a vontade de Deus. Se Mons. consentir, verei os meus desejos cumpridos; se quiser que volte, voltarei... Demais, a paróquia não sofre dano algum, pois a tudo providenciei.

O Cura d'Ars e João Pertinand partiram em direcção a Dardilly. De repente o fugitivo pára. Durante a longa prisão, no confessionário, os caminhos haviam sido alterados e já não os reconhecia mais. Amigo João, disse com certa viveza, você me engana. O jovem facilmente pôde convencê-lo que não era verdade. Os dois viajantes seguiram o seu caminho, orando e conversando. Durante as 7 horas que durou a viagem, rezámos dez vezes o rosário, contava depois João Pertinand. Chegando a Trévoux, ainda muito de madrugada, o Cura d'Ars, por caridade, não quis despertar o guarda da ponte, que dormia. Em Neuville, onde os nossos viajeros já fatigados atravessaram o Saona, o Santo, que partira sem dinheiro, quis pagar o almoço ao camarada tão bem provisionado como ele. Para isso falou em empenhar o relógio; o hoteleiro negou-se redondamente a aceitar. Fez igual proposta ao pontoneiro de Neuville, que lhe respondeu: Deixe, pagará outra vez. Finalmente o Cura d'Ars transpôs o umbral paterno. Estava tão cansado que, chegando, foi preciso deitar-se. Quando João Pertinand tinha descansado lhe disse: Volte e venha buscar-me na sexta-feira da próxima semana. No sábado subiremos, juntos a Fourviere,- Depois veremos. As previsões do santo varão não se realizaram... Na manhã do dia 12 de setembro, só se viam em Ars rostos consternados. Dava-se como certo que o Sr. Cura havia entrado para a Cartuxa e para sempre... E com ele toda a alegria, toda a vida, todo o alento

desapareceria da paróquia. Dois dias depois da sua partida, a Sra. de Garets podia escrever:

Na escola das meninas da *Providência* só se ouvem suspiros e soluços. A metade pelo menos se dispersou. A igreja está quase deserta. De momento a momento as pobres meninas vão rezar diante de uma vela, Não posso expressar a tristeza que oprime o coração, ante uma mudança tão completa. É uma verdadeira passagem da vida para a morte. Tínhamos um capítulo vivo da vida dos santos para cada dia; agora a página está virada.

O P. Raymond permanecia em Ars, apesar de conservar o título de pároco de Savigneux. Ele, que sonhara dirigir as peregrinações, devia ter compreendido bem a lição: a presença do P. Vianney era a única razão de ser daquele movimento. Com efeito, desde que os peregrinos tiveram notícia do lugar para onde se retirara o Santo, Ars não foi mais Ars. Quinta-feira, dia 14, João Pertinand estava de volta e o conde de Garets, informado por ele de tudo quando havia acontecido, apressou-se a partir para Dardilly. Francisco Vianney, recorrendo a um subterfúgio, deu a entender que o seu irmão tinha saído sem dizer para onde. O maire de Ars foi obrigado a contentar-se com escrever algumas linhas ao seu cura.

Não decida nada por enquanto. V. Revma. tem necessidade de repouso; eu o sei melhor do que ninguém. Fique em casa de seu irmão todo o tempo que for necessário. Não se esqueça, porém, de sua pobre paróquia de Ars. Pense em todas as almas santas que V. Revma. conduz no caminho do céu, nas que estão afastadas e que V. Revma. reconduzirá. Pense na *Providência*, da qual é alma e sustentáculo e que sem V. Revma. não poderá viver. Pense enfim no bem da religião que Deus chamou V. Revma. para sustentar e glorificar...

Enquanto o conde de Garets traçava estas linhas emocionantes, o Cura d'Ars, não sabendo da sua chegada, estava orando num quarto sobre a sala, onde o conde escrevia. Avisado, após a partida do maire, leu e releu a carta dele, ficando muito impressionado. Entretanto iam chegando outras missivas: uma de Catarina Lassagne, portadora de más notícias: só restavam na *Providência* quinze meninas. O P. Raymond falara com o Sr. Bispo e ele assegurou que jamais permitiria a saída do Cura d'Ars da

diocese de Belley. Outra era dum taberneiro estabelecido em Ars, contra a vontade do P. Vianney.

Sr. Cura, escrevia vivamente atingido nos seus interesses pessoais, pois os negócios já não lhe iam tão bem, apresso-me a pedir-lhe que não nos abandone. V. Revma. bem sabe que sempre tenho dito e agora repito do fundo do meu coração: se há alguma coisa na minha casa que não seja conveniente, submeto-me inteiramente à vontade de V. Revma.

Mas qual não foi o espanto e embaraço do P. Vianney quando na sexta-feira viu chegarem a Dardilly os peregrinos de Ars! O carteiro de formiga encontrara o caminho. Que fazer? Despedi-los? Nem por um momento pensou em tal; tendo recebido faculdades do arcebispo de Lião, meteu-se no confessionário da sua igreja natal. A sopa esperava-o em vão num canto da lareira. A cada momento os forasteiros batiam à porta de Francisco Vianney. Se ele ficar aqui, exclamava Francisco, ver-me-ei obrigado a pedir socorro. Não sou mais dono da minha casa.

Pela tarde do sábado 16 de setembro, o hoteleiro de Ars, Francisco Pertinand, irmão do professor, levou consigo 23 jovens da paróquia. Apresentou-se de manhã cedo diante da casa dos Vianney, mas os parentes do Santo não quiseram abrir-lhes a porta. Logo, porém, ouviram uma doce voz que muito bem conheciam. O querido pastor assomou à janela e chamou-os. Já estava de pé desde as duas horas; fê-los entrar no quarto, rezou com eles o rosário, levando-os depois consigo à igreja, onde ouviram a sua missa. O P. Vianney instou muito a que tomassem com ele o café, mas não aceitaram por discrição. Na noite de domingo para segunda-feira, empreenderam a viagem de regresso.

Terça-feira assistireis à missa na vossa igreja, aconselhou-lhes o Cura d'Ars; naquela manhã eu celebrarei a missa em Fourviere para conhecer finalmente a vontade de Deus: rezareis por mim. Ora, a vontade de Deus manifestou-se doutro modo. Pela tarde do mesmo sábado, Dardilly recebeu um viajante, encarregado de missão oficial da parte do bispo de Belley. Era o P. Raymond, que, para não despertar suspeita alguma, apresentou-se às 8 horas ao P. Peyrard, cura da paróquia. Foi recebido com muita frieza. Não restava dúvida, aquele sacerdote, dizendo-se enviado do bispo, não tinha outra missão do que levar o P. Vianney. Depois de feitas algumas perguntas,

o P. Raymond, na esperança de sossegar o pároco, ofereceu-se para officiar na missa solene do dia seguinte. O cura de Dardilly não viu nisso inconveniente algum e combinou-se que o mensageiro do prelado falaria com o P. Vianney depois da missa.

Assim, com efeito, as coisas aconteceram. O Santo assistiu à missa paroquial e depois levou o P. Raymond para a casa do irmão Francisco, que ficava muito perto da igreja. A resposta de Mons. Devie... Estava impaciente para conhecê-la. Leu a carta trazida pelo P. Raymond e a decepção pintou-se-lhe no rosto por alguns momentos; não fez, porém, nenhum comentário pró ou contra. Logo que saiu o P. Raymond, desceu de seu quarto para acalmar o irmão Francisco.

Este, assediado e importunado pelos paroquianos de Ars, que chegavam sem cessar, lamentava-se amargamente das importunações que faziam ao Cura.

O P. Raymond almoçou no presbitério. Peço-lhe, disse o P. Peyrard, que saia de Dardilly quanto antes. Já se sabe o motivo de sua vinda. Deixe tranquilo o P. Vianney. Do contrário jogará uma má partida. O legado episcopal, porém, manteve-se firme. Estava resolvido a reconduzir o P. Vianney até o lugar das suas ovelhas, pois o conde de Garets lhe dera a entender de sobra, numa conversa antes da partida, que em vão ambicionava a sucessão de Ars. O P. Raymond assistiu às vésperas presididas pelo Santo. Após a bênção com o Santíssimo Sacramento, o cura de Dardilly interpelou novamente o cura de Savigneux. Muitas pessoas de minha paróquia, disse ao Cura d'Ars, olham-no com maus olhos. O Santo respondeu: Não se inquiete com o P. Raymond: é um bom cavalo de batalhas, não teme arruaças!.

Entretanto, a decisão do Cura d'Ars já estava tomada. O prelado lhe oferecia a capela de N. Senhora de Beaumont, rogando-lhe, porém, que continuasse refletindo... Iria pois a Beaumont e a Virgem que ali se venera lhe inspiraria a resolução definitiva. Mas como burlar a vigilância do povo de Dardilly, que já havia montado guarda ao redor da casa dos Vianney?

Precisamente pela tarde daquele domingo, quando o P. Vianney se dispunha a descansar pela última vez sob o teto da casa paterna, uma

comissão de notáveis do lugar, se apresentou no pátio. Foi preciso o Santo descer para lhes ouvir os pedidos. Descanse aqui, lhe disse aquela boa gente; nós encarregar-nos-emos de obter as necessárias autorizações. O ilustre conterrâneo contentou-se com responder graciosamente: Oh! meus amigos, se puderdes consegui-lo... eu não desejo coisa melhor. E voltaram tranquilos.

Bons paroquianos de Dardilly! Tivessem eles permanecido até de madrugada e teriam sabido o que se preparava! Fora combinado um plano de fuga entre o Cura d'Ars e o P. Raymond. Antes de anoitecer, o P. Raymond deixou o presbitério de Dardilly com o pretexto de levar ao bispo a resposta do Cura d'Ars, mas na realidade ia esperá-lo em Albigny, cujo pároco foi um de seus mais íntimos amigos. O Cura d'Ars iria em breve juntar-se a ele. Francisco Vianney estava a par do segredo. Eram tantas as visitas a importuná-lo desde dois ou três dias, que consentiu, voluntariamente, em favorecer aquela evasão.

Segunda-feira, dia 18 de setembro, os dois irmãos levantaram-se muito cedo e tomaram em plena escuridão o caminho de Albigny. O Santo montava o cavalo da casa, que Francisco puxava pelas rédeas. Ao aproximarem-se de Albigny, disse João Maria: Agora continuarei a viagem a pé. Apeou-se do cavalo, despediu-se do irmão e entrou sozinho no povoado. A primeira impressão foi muito desfavorável. No dia anterior, tinha havido uma festa e ao raiar do dia seguinte ainda bailavam... O Cura d'Ars encontrou o P. Raymond, celebrou a missa e mostrou grande desejo de continuar a viagem.

Beaumont, perdido entre os paus de Dombes, a uns 50 quilómetros de Dardilly, não era de fácil acesso. O padre Raymond esperava que depois de haver atravessado o Saona em Neuville, encontrariam um carro. Mas não o encontrou e os nossos viajantes tiveram que caminhar a pé 5 léguas, até S. Marcelo, cujo maire reconheceu o Cura d'Ars à primeira vista. Quer quisesse quer não, foi preciso parar um pouco para descansar. Ao saberem da chegada do Santo, a pequena igreja de S. Marcelo encheu-se de fiéis. O P. Vianney foi obrigado a subir ao púlpito. Pregou sobre o desprendimento das coisas deste mundo, sobre a brevidade da vida e a felicidade do céu.

Enfim, apresentou-se um cocheiro, e ao cair da tarde chegaram a Mailieux, paróquia da qual dependia a capela de Beaumont.

Nossa Senhora de Beaumont, rústico santuário, cujos horizontes dilatados se estendem sobre charcos imensos, atraía no verão bom número de peregrinos. Conforme as tradições locais, a Virgem que ali se venera, ao ser invocada pelos pais desolados, tinha ressuscitado muitas crianças mortas antes do baptismo, conservando-lhes a vida, o tempo necessário para poderem receber o sacramento que abre o paraíso.

Pela manhã, o Cura de Marlieux conduziu até à velha capela os hóspedes da noite. O Cura d'Ars, conta o P. Raymond, foi o primeiro a celebrar a missa a fim de implorar, conforme dizia, as luzes do Espírito Santo.

Que lhe disse? perguntei quando havia terminado. - Ainda nada. Continuarei a minha prece enquanto ajudo a missa de V. Revma. Quando voltei à sacristia, antes que tirasse os paramentos, me disse: Deus não me quer aqui. - Para onde pois quer ir? - Voltemos para Ars! A palavra definitiva acabava de ser pronunciada.

Sem demora, o P Raymond organizou o regresso. Um carro transportou os passageiros através da melancólica região dos pântanos, até Ambérieux-en-Dombes. O Cura d'Ars chorava cada vez mais e não cessava de orar. O carro me cansa muito, disse ao chegar em Ambérieux; farei o resto do caminho a pé. Apenas 7 quilómetros o separavam de sua pequena aldeia, sempre tão amada, da qual fugira para melhor encontrar a Deus e para a qual Deus o obrigava a voltar de um modo irresistível. Em Savigneux, por conselho do companheiro de viagem, entrou na igreja para adorar o S. Sacramento e descansar um pouco. Em seguida, foi despachado um mensageiro para Ars com este recado do P. Raymond: O Sr. Cura dentro de uma hora estará entre vós.

Apenas foi sabida a alegre nova, os sinos repicaram festivamente. A alegria foi geral, conta Catarina Lassagne. Todos foram ao encontro daquele que haviam perdido, fazia quatro dias; até mesmo os que estavam trilhando o trigo apareceram nos seus trajes de trabalho.

Finalmente, pelas 5 horas, aos repiques festivos dos sinos, apareceu o Cura d'Ars. Apoiado no seu bordão, subiu até a praça onde o esperava o povo reunido. Tudo estava perdido? perguntou ele; pois bem, tudo foi encontrado. Eu não vos deixarei mais! Não pôde articular outras palavras, de tal modo a emoção lhe prendia a garganta; os olhos, porém, levantados ao céu e os gestos trémulos dos braços exprimiam a sua felicidade. Apoiado no P. Raymond, fez várias vezes a volta da praça, abençoando os paroquianos que não podiam fazer nada senão chorar, balbuciar algumas palavras e cair de joelhos.

O Santo entrou um momento na *Providência*, onde a alegria não teve limites. Haviam encontrado o pai. Caía, porém, de cansaço. Chegou a hora da oração da noite e o Santo rezou-a com toda a paróquia reunida...

Eis aqui, diz Catarina Lassagne, no seu *Petit mémoire*, eis aqui o nosso santo Cura subjugado aos nossos desejos! Pôde desfrutar alguns dias de repouso, pois os peregrinos se haviam dispersado durante a sua ausência. Reassumiu entre nós os ministérios ordinários. Quando se teve notícia disso, a gente tornou a afluir de todas as partes, recomeçando a vida costumeira.

Que teria sido de tantos pobres pecadores? perguntava ele mesmo ingenuamente. E conclui o conde de Garets: Desde então compreendeu melhor que Deus o queria entre nós

CAPÍTULO XVIII

Alguns acontecimentos dos últimos anos:

I. Supressão do orfanato. Fundação da escola e do pensionato dos irmãos - As missões decenais

Uma conspiração que não é a única - Apreensões e gemidos por causa do orfanato das meninas - As negociações do P. Vianney com a Madre de Saint-Claude - Uma liquidação prévia - Mágoa e resignação do Santo Cura - As irmãs de S. José e as antigas directoras da Providência - A atitude do Cura d'Ars - A escola municipal de meninos confiada aos irmãos da Sagrada Família - Zelo da Cura d'Ars pela educação da infância - A obra das missões decenais - Donde vêm os recursos - Um avaro de nova espécie - As fundações perpétuas de missas.

As esperanças que o Cura d'Ars fundara na casa da *Providência* ficaram em parte fracassadas. Nela tomava as refeições desde 1827, e planeava retirar-se para ela, deixando a outros os encargos da paróquia... O homem põe e Deus dispõe, muitas vezes, contra a vontade do próprio homem, embora seja ele um santo.

Alguns acontecimentos imprevistos impediram o P. Vianney de realizar o seu sonho dourado. Nem sequer teve o consolo de ver subsistir a sua obra de caridade, tal qual a havia concebido.

A *Providência* era ao mesmo tempo escola paroquial e orfanato: como orfanato ia desaparecer.

A *Providência*, tal como o P. Vianney a havia ideado e organizado, era uma obra de carácter singular que parecia não lhe poder sobreviver. Ora, depois do duplo alarme de 1843 - a grave enfermidade e a fuga do Cura d'Ars - perguntavam-se todos em torno dele, se Ars o possuiria ainda por muito tempo. Seria preciso deixar cair uma obra que fora até ali um imenso benefício para a comarca? O P. Vianney sabia muito bem que nem Catarina Lassagne, nem Maria Filliat, nem Joana Maria Chanay, as abnegadas directoras, eram imortais, e pusera portanto ao lado delas três jovens de Ars, destinadas a ajudá-las a princípio e a substituí-las depois - O Santo, na sua humildade, não suspeitava que seria de todo inútil formar novas directoras

para depois da sua morte, se ao mesmo tempo não houvesse um homem da sua têmpera para dar vida   *Providência*. O mais prudente e mais simples, ao que parece, era confiar a obra a uma comunidade religiosa que lhe assegurasse a perpetuidade: tal era o parecer de muitos que rodeavam o Cura d’Ars. Eu, disse o P. Raymond, o seu primeiro auxiliar, pertencia ao número dos que instavam com ele para que mandasse chamar as irmãs.

Por outro lado, sem querer negar os méritos de Catarina Lassagne e das suas companheiras, certas mães de família, que mandavam as suas filhas para a escola, não se pejavam de dizer que, dirigida por religiosas, teria aquela casa um carácter mais apropriado e as meninas seriam melhor instr idas. Algumas iam ainda mais longe. Queixavam-se de verem as filhas misturadas com aquelas pobres infelizes, vindas de todas as partes...

Tais murmúrios chegaram aos ouvidos do P. Vianney e não deixaram de impression -lo. Aborreceu-se muito com isso: Já que a obra atingia o fim para que fora criada não compreendia como se pudesse desejar outra coisa. Se a Academia exigia nas suas escolas professoras diplomadas, cumpria com a sua obrigação. A boa gente de Ars necessitava porventura de filhas assim tão instr idas para depois colocá-las aos 12 anos nos trabalhos do campo ou domésticos? Mais. Se preferiam religiosas, ali estavam Catarina Lassagne e Joana Maria. S  lhes faltava o hábito. O governo diocesano, que tinha para com o P. Vianney uma profunda veneração, não ignorava os acontecimentos de Ars. O próprio Mons. Devie inquietava-se com o futuro da *Providência*. Encarregou o superior do Seminário Maior, o c nego Perrodin, de sondar o ânimo do Cura d’Ars. O c nego Perrodin fundara em Bourg, com o auxílio das irmãs de S. José, uma espécie de *Providência* que deu muito bons resultados. Manifestou ao servo de Deus, em repetidas visitas, que seria grandemente vantajoso confiar às ditas irmãs o estabelecimento de Ars. O P. Vianney cedeu, mas só   custa de reiteradas instâncias.

Em maio de 1847, a Madre S. Cláudio visitava uma escola da sua congregação em Villeneuve, paróquia limítrofe de Ars. Mandou dizer ao Santo que passaria em Ars com a intenção de pedir-lhe uma entrevista. Essa entrevista, que parecia casual, fora combinada de antemão entre o bispo e a casa matriz das irmãs de Bourg. Enquanto a superiora estava em

Villeneuve, o P. Guillemín, vigário geral de Mons. Devie e velho amigo do P. Vianney, pusera-se por sua vez a caminho para encontrar-se em Ars juntamente com a Madre S. Cláudio.

O Cura d'Ars, que não fora prevenido da visita do vigário geral, mostrou-se surpreendido: compreendeu que em último termo queriam precipitar as coisas. Teve a primeira troca de impressões com o P. Guillemín e a Madre Geral, aceitando em princípio uma possível transformação do seu orfanato.

Mas qual não foi a amargura para Catarina Lassagne e as suas colaboradoras, ao saberem disso! Elas não acabariam, pois, os seus dias entre as filhas adoptivas, numa casa tão querida!... Ainda eram relativamente jovens. Catarina contava 41 anos, Joana Maria Chanav 48 e Maria Filliat 39. Que futuro as esperava fora de uma obra que era a sua vida e pela qual haviam sacrificado tudo: tempo, trabalhos, saúde e futuro?... O pobre fundador viu as suas lágrimas, ouviu as suas lamentações e, tocado de uma tristeza tão profunda e tão grande, que talvez nunca sentira igual; ele, que em tudo se mostrava homem sobrenatural, procurou consolar as suas excelentes filhas com pensamentos inspirados na fé.

As negociações entre o nosso Santo e a casa-matriz de Bourg ainda continuaram por seis meses. Finalmente, a 5 de novembro de 1847 assinou-se uma acta privada entre o P. Vianney e a Sra. Luísa Monnet, em religião Ir. S. Cláudio, superiora geral da Congregação de S. José, cujo noviciado ficava em Bourg. Por essa escritura o P. Vianney fazia uma doação global de 53.000 francos à Congregação de S. José, e esta, por sua vez, tomava a seu cargo a direcção pura e simples da obra completa da *ProVidencia*, a saber, da escola paroquial e do orfanato, ambas as obras gratuitamente.

A 13 de dezembro de 1847 o Conselho administrativo de S. José confirmava essa acta em nome e com a aprovação do bispo de Belley. A 5 de novembro de 1848, exactamente no mesmo dia em que foi assinado o contrato, as irmãs tomavam conta do estabelecimento de Ars.

Ora, quando elas chegaram, o orfanato não era mais do que uma sombra de si mesmo: somente restavam duas meninas que não tardaram em sair. Que havia acontecido ali? Tocamos agora um ponto obscuro dessa história,

e não existe nenhum documento preciso que o possa esclarecer. O orfanato começou a esvaziar-se em setembro de 1843, durante o pânico que se apoderou dos peregrinos e paroquianos de Ars ao fugir o P. Vianney para Dardilly. Foi uma prova evidente de que não se acreditava ser aquela obra possível sem o P. Vianney. Catarina Lassagne escreveu-lhe informando que não havia mais de 15 pequenas na casa. Das grandes, ao contrário, não parece ter saído nenhuma. Naturalmente, passado o alarme, as meninas que tinham sido retiradas pelos pais ou tutores voltaram para a *Providência*. Quantas eram, quando se preparava a mudança total da direcção? Acerca do particular não existe nenhuma notícia exacta, mas as memórias de Catarina Lassagne dão-nos vagamente o número de 60, e já temos visto que não se preocupava muito em sabê-lo exactamente. Não diz em parte alguma que as órfãs foram diminuindo, quando em 1848, escreve de repente: Foram colocadas as grandes e mandadas para casa as pequenas que restavam, excepto uma ou duas. Já a maior parte daquelas pobrezinhas haviam sido restituídas ao seio das suas famílias ou colocadas em casas de pessoas caritativas.

Desde fins de 1847, até o próprio pessoal da *Providência* foi reduzido. As três jovens que o P. Vianney destinara para continuar a obra entraram, a pedido dele, para o noviciado de S. José de Bourg. Duas delas algumas semanas mais tarde tiveram que voltar para casa: Os acontecimentos de fevereiro de 1848 repercutiram-se também na capital da região de Ain. Houve algumas desordens; a maior parte das noviças saíram da casa matriz; uma vez restabelecida a ordem, as duas postulantes de Ars não voltaram mais.

Despedidas as órfãs e reduzido o pessoal escolhido pelo Cura d'Ars, conforme a expressão consagrada, visivelmente liquidou-se tudo.

Como conciliar estes factos com o compromisso contraído pelas irmãs, de continuar pura e simplesmente a obra da *Providência*? O pesado encargo que assumiam deveria aterrá-las. Certamente, não queriam a extinção do orfanato, mas desejavam antes de tudo o bom andamento da escola de meninas, à qual, como pensavam, poderia acrescentar um modesto pensionato. É muito provável que expusessem verbalmente ao P. Vianney - pois não resta nenhum documento escrito - que seria bom deixar em

repouso por algum tempo a obra propriamente dita da *Providência*, com o propósito de empreendê-la novamente, sobre novas bases e em melhores condições.

Sem dúvida, foi sugerido que tal era também o parecer do bispo de Belley.

Desejoso tão somente de procurar o bem das almas, o Cura d'Ars não sabia que partido tomar. Orava sem interrupção e lhe parecia que uma voz interior lhe aconselhava que não cedesse nesse ponto. Supresso o orfanato, a sua obra parecia-lhe reduzida a nada. O Sr. Bispo, dizia o Cura d'Ars entre gemidos, vê nisso a vontade de Deus, mas eu não a vejo. Por fim, consentiu em tudo. Resignou-se completamente, alegremente. No dia 24 de outubro, doze dias antes de chegarem as religiosas, escrevia a Mons. Devie: Acaricio constantemente a esperança de que terá a bondade de benzer a nossa capela e de dar posse às nossas boas irmãs, as quais toda a paróquia e eu esperamos com impaciência.

Mais ainda. Ele em pessoa comunicou a sua resignação às abnegadas colaboradoras. No mesmo dia, 24 de outubro, Catarina Lassagne formulava este desejo a respeito das futuras directoras: Quiséramos que elas tivessem tanto desejo de vir quanto temos de recebê-las. Durante essa espera o Cura d'Ars apressou a conclusão da capela. A manhã do domingo de 5 de novembro encontrou-a adornada com as suas imagens, quadros e relicários. Apesar de seus 80 anos completos, Mons. Devie, ainda muito forte, quis pessoalmente dar posse à nova superiora da escola Ir. Maria Serápia e às suas companheiras.

O bispo benzeu a nova capela, que foi posta sob a invocação da Sagrada Família e nela erigiu uma Via-Sacra. Foi uma verdadeira festa paroquial. O Sr. Próspero de Garets estava sentado no coro junto ao P. Vianney e os moradores de Ars enchiam a pequena nave. Como se vê, o acolhimento dispensado às religiosas foi muito simpático.

Começava uma nova época para a *Providência*. Era muito difícil que, privada das suas órfãzinhas, essa casa recuperasse a vida exuberante de outrora. Fora estipulado no contrato de cessão, de 5 de novembro de 1847, que Catarina Lassagne e as outras poderiam viver com as irmãs até à morte

e prestar-lhes o apoio do seu devotamento, mas como já era de prever, as coisas não sucederam dessa maneira. Nenhum incidente digno de nota assinala a chegada das religiosas.

Quando elas se apresentaram na *Providência*, na tarde de sábado, em 4 de novembro de 1848, Catarina, que as esperava de pé na soleira da porta, resignou o seu cargo com estas palavras. Estão em sua casa. E... entregou as chaves à superiora. Mas com isso não deixou o seu lugar. Ela e as companheiras ficaram muitos meses ainda. A 25 de dezembro, a irmã Maria Serápia escrevia à superiora geral: Estas senhoritas confraternizam connosco. Joana Maria Chanay nos diz de tempos em tempos algumas palavras amargas, mas conforme penso, é efeito do carácter e não má vontade. Tudo irá bem. Entretanto, o fim do ano de 1848 e os primeiros meses de 1849, meses de transição e de provas, foram penosos para todos. O imóvel da *Providência* foi descuidado, sendo mister lançar mão da escova e da brocha; as paredes, pela ação da humidade, iam-se desmoronando. Os pedreiros tiveram que intervir...

Como já era de esperar, as antigas directoras do orfanato separaram-se das religiosas, mas amigavelmente. Joana Maria Chanay retirou-se para a casa da sua irmã, que morava na aldeia. Catarina-Lassagne e Maria Filliat foram habitar duas pequenas vivendas contíguas à casa paroquial. Dali em diante cuidaram dos ornamentos sagrados, da limpeza dos altares e de preparar a comida do pároco. Além disso, ainda se dedicaram a tecer linho e a visitar os enfermos. Catarina-Lassagne, longe de se mostrar aborrecida com as irmãs de S. José, ia visitá-las muitas vezes e depois dum primeiro movimento de mau humor, logo reprimido, iniciava as religiosas nos seus afazeres e continuava dando-lhes conselhos. Cada mês presidia na capela das Irmãs à reunião das associadas do Rosário vivo.

Durante os quinze dias que se seguiram à instalação das irmãs, o P. Vianney guardou uma atitude reservada e manteve-se na expectativa. Deixou de tomar as suas refeições na *Providência*. Dali em diante, até ao fim da vida, foram-lhe servidas no quarto. Contava então 62 anos. É duro para todos, mesmo para um homem santo, consumado na virtude, abandonar antigos costumes. Apesar disso, nunca se queixou; mas via-se contudo que sofria. Só manifestava um aborrecimento: Era o de não ter

mais junto de si as suas queridas órfãzinhas_ Associava-as por meio da oração a todas as suas obras. Quantas graças atribuía à intercessão delas! Esse apoio moral ia faltar-lhe. Tem-se criticado muitas coisas na nossa *Providência*, dizia confidencialmente ao conde de Garets; as crianças, conforme alguns, eram mal-educadas e, no entanto, Deus operava milagres em seu favor.

Ao cabo de 15 dias, apareceu o Santo no meio das meninas durante o recreio das 13 horas. Falou-lhes com a sua costumada jovialidade e tanto elas como as novas mestras sentiram grande alegria em vê-lo. Repetia de vez em quando as visitas, mas já não era coisa de sua incumbência comunicar vida a uma obra cuja responsabilidade as irmãs haviam assumido.

Outras obras de zelo, muito notáveis também, lhe atraíram a atenção e desfrutaram da sua generosidade.

O Cura d'Ars deixou às religiosas toda a liberdade de ação. Elas tinham as suas superiores, o seu regulamento, os seus costumes particulares; isso lhes devia bastar. Somente se reservou a direcção espiritual das escolares. Quando, porém, os missionários se instalaram nas dependências contíguas à escola, o Cura d'Ars voltou ao antigo costume de visitar todos os dias as alunas das irmãs. Quando elas entravam na sala à uma e meia hora da tarde, gostava de abençoá-las, ora uma, ora outra, com o sinal da cruz sobre a fronte.

Para mostrar a sua respeitosa simpatia às novas directoras, que logo começaram a receber internas, confiou-lhes a educação duma sobrinha de Dardilly. A menina era de seu natural travessa. Queixavam-se um dia das suas contínuas travessuras. Que quereis, respondeu sorrindo, na nossa família não há nada que preste. Entretanto, conforme conta a Ir. S. Lázaro, a essa aluna dissipada coube a honra de oferecer-lhe o ramalhete no dia de S. João Baptista. Minha filha, disse o Santo, recebendo as flores, uma Ave-Maria vale mais do que tudo isto.

Quando abri o meu botequim em Ars, refere Marta Miard, no ano de 1850, o cuidado das irmãs pelo asseio e embelezamento da *Providência* iam-lhe tirando o carácter da primitiva pobreza. Não há dúvida que o Sr.

Cura sofreu muito; entretanto, nunca mostrou a menor amargura. Em tempos idos, é verdade, havia organizado a existência daquela casa, à imagem da sua própria vida; os prodígios lhe tinham ensinado que o céu se comprazia nas orações que se elevavam de uma tal pobreza, de um tal abandono. Os santos, uns mais, outros menos, costumam ter originalidades sublimes, concebendo as coisas a seu modo. As religiosas, ao procurarem a limpeza e o bom aspecto, não faziam mais do que o seu dever.

Outro facto demonstra ainda a estima que o Santo Cura d’Ars sentia pela congregação de S. José. Em 1857, uma de suas sobrinhas entrou para ela como postulante, graças às sugestões pessoais do P. Vianney.

Todos os anos, no dia dois de julho, festa da Visitação de Nossa Senhora, aceitava prazenteiro a presidência da cerimónia da renovação dos votos que se celebravam na capela da *Providência*. A festa de hoje, escreve no seu diário privado o P. Toccanier, na tarde de 2 de julho de 1855, merece muito especial menção. O Sr. Cura rezou a missa revestido com a esplendida casula da Imaculada Conceição. Vinte e duas religiosas de S. José renovaram os seus votos nas mãos do homem de Deus. Foi tão grande o número de paroquianos e peregrinos a comungarem que se esvaziou uma âmbula inteira. Naquela manhã, o Santo ao sair da capela não podia conter as lágrimas. Que bela é a religião, exclamava o P. Vianney. Parecia-me que entre Nosso Senhor e as suas místicas esposas, se estava travando um combate de generosidade. Mas por mais que elas façam é sempre Nosso Senhor quem vence. As irmãs diziam: Renovo os meus votos de pobreza, castidade e obediência. Elas, porém, recebiam mais, pois eu por minha vez dizia: O corpo de Nosso Senhor guarde a tua alma para a vida eterna.

* * *

Durante a sua longa vida de pároco, o Cura d’Ars não se interessou menos pela educação dos meninos do que pela das meninas. No ano de 1835, insistiu junto ao maire, Miguel Seve, para que escolhesse como professor um jovem de Ars, João Pertinand, sobrinho do P. Renard. Em 1838, com 20 anos de idade, provido da respectiva nomeação, esse bravo moço tornou-se mestre-escola na própria terra natal. Iria desempenhar tal cargo por espaço de 11 anos. O Sr. Cura, diz ele, visitava seguidamente a

aula, e cada uma de suas visitas produzia excelente efeito nos meninos. Uma única palavra saída de seus lábios tornava-os ajuizados e dóceis por muitos dias. Pagava a pensão dos que sabia estarem em apuros

Mas a sua aspiração era ver a escola dirigida por religiosos e absolutamente gratuita. A 10 de março de 1840, esse desejo tornou-se uma realidade. Encarregando-se o P. Vianney da manutenção dos futuros professores, três irmãos da Sagrada Família, de Belley, substituíram João Pertinand.

O director era um religioso de 24 anos, chamado Irmão Atanásio. Este religioso desempenhou papel muito saliente na história do nosso Santo. Bem depressa este zeloso director pensou em juntar à humilde escola, que não comportava mais de 15 alunos da paróquia, um pensionato do qual se pudessem aproveitar os meninos das famílias remediadas da vizinhança. Finalmente, comunicou o seu projecto ao Sr. Cura. Sim, meu filho, sim, lhe respondeu sem titubear, funde um pensionato e terá muito bom êxito; verá quantas almas jovens vai arrebatara ao demónio. Com efeito, os pensionistas acudiram em grande número, e foi preciso pensar em novas construções. Em 28 de março de 1856 o Cura d'Ars, feliz e transbordando de alegria, benzeu a primeira pedra do futuro pensionato.

O P. Vianney, antigo mestre-escola durante o tempo que viveu oculto na longínqua aldeia de Robins, desejava espalhar por toda a parte os benefícios da instrução e ninguém poderá taxar de obscurantista aquele ignorante das ciências humanas. Podendo dispor, graças às esmolas quotidianas que recebia para as suas obras, de recursos consideráveis, contribuiu para a fundação de muitas escolas em outras paróquias, tais como: Jassans, Beauregard, terra natal do P. Raymond, e S. Eufémia, na diocese de Valence. Alentou e ajudou a fundação de S. Sorlin (Ródano) para meninos abandonados e deu mil francos para a escola de Dardilly, seu povoado natal. Florescerão e farão muito bem, havia assegurado ao cura da sua paróquia, pouco tranquilo com o futuro... E essa predição, disse o p, Vignon, cura de Dardilly, verificou-se de uma maneira providencial, em 1880, quando tudo parecia prestes a transformar em penitenciários a escola e o pensionato.

O Cura d'Ars estava convencido de que uma boa educação merece todos os sacrifícios. Certa mãe de família lhe dizia: Já gastei todos os

haveres para dar uma boa educação a meus filhos; não me resta mais nada senão a casa. - Venda-a, replicou o servo de Deus, e conclua a sua obra. A casa foi vendida, mas, por uma reviravolta inesperada, o comprador fez testamento em favor daquela mãe de família, e morreu em seguida, deixando-a herdeira de tudo quanto ela tinha sacrificado com tanta generosidade.

* * *

Além das escolas para meninos, no mesmo ano de 1849, o Cura d'Ars interessou-se por outra obra com um carácter mais geral, e que ainda ia produzir mais frutos. Sabia muito bem, por tê-lo experimentado, quão úteis são para as paróquias mais pobres os exercícios de uma missão. Ele mesmo mandara pregar uma em 1819 para os seus paroquianos, por dois padres da Cartuxa de Lião.

Mas, presentemente, Belley tinha os seus missionários diocesanos. Em 1833, por iniciativa de Mons. Devie, os P.P. Mury e Convert haviam estabelecido em Bourg uma pequena sociedade de pregadores. Consumidos pelo trabalho, os dois fundadores morreram sete anos mais tarde, com seis meses de intervalo um do outro. O cônego Camelet, posto então à frente da obra, mudou a sede da mesma para Pont-d'Ain... Quando o Cura d'Ars, depois de ter entregue a direcção da Providência às irmãs de S. José, não teve de ocupar-se mais com o provimento daquela casa, Mons. Devie pediu-lhe que pensasse nos missionários. Consultarei o bom Deus, respondeu o Santo, e alguns dias depois, enviou ao P. Raymond seis mil francos, cujos juros deveriam ser empregados para custear cada 10 anos uma missão em 10 paróquias diferentes. Isso alegrava-o muito: Acaso não se tratava da salvação dos pecadores? Quando morreu, deixou fundadas mais de 100 missões decenais. Desse modo uma vez fora do mundo, continuou levando as almas para Deus.

Ah, quanto sinto, dizia às vezes, ter pensado tão tarde em tão bela obra. Apaixonou-se por ela: falava incessantemente na mesma e recolhia, centavo por centavo, as quantias necessárias para ir fundando outras missões. Sou avarento para Deus! dizia sorrindo. E, quando tinha reunido o bastante para uma nova missão, sentia o prazer de um proprietário que acaba de

arredondar a sua fortuna... Amo tanto as missões, dizia ele do púlpito. que se pudesse vender o meu corpo para fundar uma só, vendê-lo-ia!

Num meio-dia de julho de 1855, entrou muito alegre na sala, onde estavam reunidos os missionários de Pont-d'Ain. Sr. Cura, observou-lhe o P. Alfredo Monnín, como V. Revma. está radiante!

Eu o creio! Esta manhã descobri que possuo duzentos mil francos... E esse capital está colocado no banco mais seguro do mundo: Confiei-o às três pessoas mais ricas que pude encontrar...

E quem são essas três pessoas?

As três pessoas da SS. Trindade.

Desde o ano de 1849, o Cura d'Ars tinha economizado 200 mil francos para a obra das missões decenais... Onde tirava recursos tão consideráveis? Em primeiro lugar da caridade de outras pessoas.

Uma manhã, conta o Irmão Atanásio, ele me perguntou na sacristia: Amigo, levantou-se hoje muito cedo?

Como de costume, lhe respondi.

Pior para você, replicou prontamente; se me tivesse imitado, teria feito um excelente negócio. Deram-me dinheiro para a fundação de uma missão e só faltava um pouco... Ao sair esta noite da casa paroquial, encontrei um jovem que me esperava e me entregou mil francos para essa obra; depois outra pessoa deu-me outro tanto, na capela de S. João Baptista, e finalmente chegou outra que completou a soma com sobra.

E ainda não eram 7 da manhã quando o Sr. Cura me contou essa história.

Certo dia, conta o P. Raymond, apresentou-se-lhe na sacristia uma senhora piedosa Padre, perguntou ela, recebeu a carta na qual lhe comunicava a remessa de 50 francos para ajudá-lo a fazer o bem?

Sim, senhora: recebi, mas naquele momento veio-me ao encontro um homem caridoso que me ofereceu 5.000 francos para uma obra que me é muito querida, pois pode contribuir para a salvação das almas. Essa avultada quantia fez-me esquecer um pouco a sua; e foi por isso que não lhe respondi:

Mas, Padre, qual é a obra que acha de tanta importância?

Ah! boa senhora, é a obra das missões. - E não poderia eu tomar nela alguma parte? Quanto custa uma missão?

Três mil francos, senhora.

E o Cura d'Ars obteve daquela pessoa, viúva de Lião, que recebia 10.000 francos de renda, que fundasse não só uma missão, mas duas.

Na verdade, aquela obra predilecta tornou avarento o P. Vianney. Temos visto como era sua alegria enriquecer com ornamentos sacerdotais, vasos sagrados, imagens e estandartes muitas paróquias menos privilegiadas do que a sua: Beauregard, Sainte- Euphémie de Thurigneux. Toussieux, Frans, Ambérieux-en-Dombes, Saint-Didier- de- Formans, Sainte-Euphémie-de-Dombes e outras ainda. O pároco de Dardilly, sua terra natal, recebeu dele um cálice e um cibório de grande valor. A partir de 1849 o Santo de Ars começou a economizar.

O Cura de uma paróquia necessitada, conta o P. Estêvão Dubouis, encarregou-me de pedir ao Cura d'Ars 80 francos para comprar uma imagem e uma bandeira: Ah! não, respondeu-me; não posso; emprego todos os recursos nas obras das missões.

Em 14 de junho de 1855 enviou a Bourg, por meio do P. Toccanier, a quantia necessária para três fundações; foi preciso porém pedir emprestado para completar a última. Recorri ao empréstimo, dizia na noite daquele mesmo dia, aos Irmãos Atanásio e Jerónimo, porque não queria deixar pela metade esta fundação. Se ninguém me ajudar a pagar, venderei os meus trastes, e se não bastar, mandar-me-ão para a cadeia de Toulon. Bem se vê, que estava brincando.

Um belo dia, conta Maria Ricotier, o Sr. Cura veio encontrar-me com um pacote na mão, dizendo: Preciso enviar a soma de uma fundação e me faltam 200 francos. Quereria a Sra. comprar-me esta alva, que me pertence, por esse preço? Negócio feito. Desse modo tenho em meu poder uma multidão de objectos que comprei para ajudá-lo nas suas boas obras. Além de muitas missões, o Cura d'Ars fundou grande número de missas perpétuas, cujos estipêndios estavam assegurados por dinheiro colocado em valores do Estado. No ano de 1855 já havia conseguido para esse fim uns quarenta mil francos, e só a igreja de Ars estava provida com duzentas missas anuais. Como trazia no coração a obra da Propagação da Fé, a sua pequena paróquia contava 100 associados. Destinou setenta dessas missas para colocar os missionários sob a proteção da Virgem Santíssima. A maior parte das restantes seriam celebradas pela conversão dos pecadores

CAPÍTULO XIX

Alguns acontecimentos dos últimos anos:

II. O incidente de la Salette.

A vinda de Maximino Giraud - A primeira fé do Cura d'Ars na aparição de la Salette - Os companheiros de Maximino e o verdadeiro fim da sua viagem - A recepção e os propósitos do P. Raymond - Entrevista de Maximino com o Cura d'Ars - Nova atitude do P. Vianney com respeito a la Salette - As angústias de uma alma santa - O fim da prova - O acto de fé que restitui a paz.

Na noite de terça-feira de 24 de setembro de 1850, o cocheiro de Ars, Francisco Pertinand, desembarcou os seus passageiros na escadaria da igreja. Um grupo de 5 pessoas desceu da diligência. Três homens, os Srs. Brayer, Verrier e Thibaut; uma jovem, Angélica Giraud, e um rapaz de 15 anos, que era Maximino, irmão de Angélica. Excepto o Sr. Thibaut, um tanto indisposto, que seguiu Pertinand até ao hotel, os recém-chegados entraram imediatamente na igreja, em busca do P. Vianney.

Terno, delicado, de rosto redondo e de aspecto sadio, olhos grandes, formosos e cheios de expressão, Maximino Giraud aparentava menos idade. Este menino era um dos *videntes* de la Salette. Quatro anos antes, a 19 de setembro de 1846, sobre o cimo dos alpes do Delfinado, em companhia de Melania Mathieu, pastorinha de 14 anos, ele guardava as vacas de uma granja na qual se empregara na véspera. Pelas três da tarde, uma formosa senhora, conforme contaram os jovens pastores, apareceu-lhes no meio dum clarão maravilhoso. Sentada sobre uma rocha, ao pé da torrente de Sézia, chorava com o rosto entre as mãos. Não obstante, uma doce voz dizia aos meninos que se aproximassem sem temor. A visão levantou-se e falou-lhes. A cólera de Deus contra os blasfemadores e profanadores. do domingo, ameaças de castigos, a necessidade da oração e da penitência: tal foi o tema da sua conversação. Finalmente, passada meia hora, a formosa senhora se elevou e a sua figura foi-se desvanecendo no azul do céu.

Durante 4 anos, mil e mil vezes foram assediados com perguntas por pessoas prudentes e indiscretas, nunca, nem Melania, nem Maximino Giraud, variavam na narração ou entravam em contradições. Os dois

respiravam aquela inteira boa fé, própria dos corações humildes, enquanto as suas afirmações sobre a aparição encontravam alguns incrédulos. Por outro lado, o bispo de Grenoble ordenara um escrupuloso exame das suas afirmações. Apesar disso, em setembro de 1850, quando Maximino se dirigia a Ars, o mandamento doutrinal de Mons. Bruillard sobre o facto de la Salette estava apenas em preparação. Apareceu somente um ano mais tarde, a 19 de setembro de 1852. Tenhamos presente esta particularidade. Portanto, em 1850, nenhuma voz autorizada se havia pronunciado ainda sobre a autenticidade da Aparição.

Quando a neve começou a derreter-se, na primavera de 1847, Salette já era visitada pelos peregrinos. Muitos dentre eles passavam, de regresso, pela aldeia de Ars. Por meio deles, o P. Vianney inteirou-se muito cedo daquela maravilha. Desde o principio, assegura o conde de Garets, ele acreditou na aparição da SS. Virgem com certa reserva, pois nesses assuntos deixava tudo à autoridade dos bispos. O seu próprio bispo, Mons. Devie, a quem certamente consultou sobre um facto dessa importância, até 1851 mostrou-se partidário de certa expectativa. O Cura d'Ars regulou a sua atitude pela do prelado.

Nas práticas aconselhava a peregrinação às pessoas que desejavam ir a la Salette; nos seus catecismos falava na Aparição, assinava as medalhas e benzia as imagens. Tinha uma gravura na parede do seu quarto. Possuía água da fonte milagrosa, que distribuía entre os amigos. E tudo isso, apesar das observações que lhe fazia o coadjutor. Na verdade, o P. Raymond não acreditava em la Salette. Subira aquela montanha num dia em que Maximino subiu também. O menino negou-se a responder-lhe às perguntas e o P. Raymond, de temperamento belicoso, guardou contra ele certa animosidade. Esse simples facto bastou para indispor-lo contra todo o resto.

Com que direito e para que fim os Srs. Brayer e Verrier, na noite de 24 de setembro de 1850, conduziram ao Cura d'Ars o jovem Maximino Giraud? O prudente Mons. Bruillard, bispo de Grenoble, havia recomendado ao P. Mélin, cura de Corps, paróquia natal de Maximino, que retivesse a todo custo o menino dentro da paróquia. O inquérito sobre o episódio de la Salette ainda não estava concluído e a presença das testemunhas da Aparição era necessária sob todos os pontos de vista. Além

disso, não convinha de modo algum que Maximino e Melania fossem tidos como objecto de curiosidade. Por mais célebres que se tivessem tomado, ambos deviam permanecer na obscuridade. Isso, porém, Brayer, Verrier e Thibaut não compreenderam. Pessoas muito distintas, mas pouco prudentes naquela circunstância, esses senhores tiraram Maximino da sua aldeia apesar da oposição do P. Mélin e da proibição de Mons. Bruillard. O menino iria consultar sobre a sua vocação um sacerdote que era um santo e que lia nos corações. Mas, na realidade, a viagem tinha uma finalidade muito diferente. O Sr. Brayer e os seus amigos iam mais com escopos políticos do que com intentos religiosos.

Logo que chegaram, foram em busca do P. Vianney. Como ele se encontrasse no confessionário, apresentou-se o coadjutor, que estava menos ocupado. Convidei-os a passar alguns momentos na *Providência*, diz o P. Raymond, e perguntei-lhes pelo objectivo da viagem. Responderam que Maximino desejava consultar o P. Vianney sobre a sua vocação.

Muito melhor, respondi, poderia esclarecê-lo sobre esse assunto o Sr. Cura d'Ars, que o conhece bem e foi quem o instruiu. Aqueles senhores insistiram, acrescentando, em presença de Maximino, que se tratava de um menino muito volúvel, que o Sr. Cura de Corps estava desanimado e que precisamente por esse motivo desejavam saber a opinião do P. Vianney. Pois bem, respondi-lhes, amanhã terão essa oportunidade.

Dito isso, um dos viajantes perguntou-me: V. Revma. e o Sr. Cura que pensam de la Salette? Respondi que não tinha um juízo formado sobre o assunto e fiz notar que em alguns pontos não se havia guardado a reserva, nem toda a prudência que a Igreja exige. Como não crer, me replicaram, nesses meninos que não podiam inventar o que narram?.

A conversa sobre este assunto tomou um tom de acritude. O P. Raymond respondeu com um facto ocorrido 40 anos antes e que há poucos dias, viera a saber: Três meninas se combinaram para impingir às suas famílias e ao povo a crença numa aparição da Virgem Santíssima. E só com a idade de 50 anos uma das pretensas videntes confessou a sua mentira. E por sua vez, acrescentou o coadjutor do P. Vianney. encarando o pequeno Maximino, eu te recebo aqui e tu lá não quiseste falar... Mas aqui te vais haver com um santo e aos santos não se engana.

Maximino, já fatigado com a viagem e importunado com os propósitos daqueles desconhecidos, deu ao P. Raymond a resposta que lhe era habitual, quando alguém falava com ar de pôr em dúvida a sua veracidade. No ano seguinte, contava a uma pessoa de Nantes, a Srta. de Brulais, o coadjutor de Ars dizia que eu inventara uma história e que não tinha visto a Santíssima Virgem; então, eu que não estava de bom humor, repliquei-lhe: Diga que eu minto, que eu não vi nada. E depois fui-me embora.

Da minha parte, diz o P. Raymond, preveni o P. Vianney do que acabava de se passar. Ele me agradeceu com benevolência. Às 8 horas da manhã seguinte, falou a sós com Maximino na sacristia. Que tal foi essa entrevista? O Sr. Cura não disse palavra. Somente observámos, o Ir. Jerónimo e eu, que dali em diante não quis mais pôr as suas iniciais atrás das estampas de la Salette, nem benzer as medalhas.

Qual era a causa dessa mudança? O mais simples é ouvir o próprio Maximino. O que ele diz não está em contraste com as declarações de outras testemunhas menos autorizadas que ele, e a sua narração tem todos as características da sinceridade. Em 27 de setembro de 1851, aquela pessoa de Nantes, da qual já temos falado, encontrou-se com ele no cume do monte de la Salette. Falou-lhe como na outra vez, expansivo e afectuoso, contando com simplicidade as suas pequenas traquinices sem subterfúgios e sem desculpas. Assim foi, como me confessou, que a sua cabeça o tinha arrastado, no ano anterior, a acompanhar três senhores, que, conforme se acreditou depois, quiseram explorar o seu segredo em proveito de uma opinião política.

Eis aqui a nossa conversa:

Porquê, meu filho, te entregaste nas mãos deles, desse modo?

Porquê? Para viajar

Em que confusão te meteste, imprudente! Em que pensavas então?

Ah! fiz uma tolice, é verdade...

E que te sucedeu com o Cura d'Ars? Queres dizer-me algo!

Aqueles três senhores me levaram ao Cura d'Ars para que eu o consultasse, como eles diziam, sobre a minha vocação. O Sr. Cura aconselhou-me que voltasse à minha diocese. Aqueles senhores zangaram-se. Disseram que eu tinha entendido mal e novamente me levaram ao P. Vianney.

Maximino, nessa primeira entrevista, que foi muito curta, falou com o Cura d'Ars atrás do altar, junto ao confessionário, onde de ordinário se apresentavam os eclesiásticos.

Dessa vez, continua o menino, fui ao confessionário da sacristia. Não se entende bem o Cura d'Ars por causa dos dentes que lhe faltam. Perguntou-me se tinha visto a SS. Virgem. Respondi-lhe: Eu não sei se era a SS. Virgem. Vi qualquer coisa... uma senhora. Mas, Sr. Cura, se sabe que é a SS. Virgem, diga-o a todos os peregrinos para que eles acreditem em la Salette.

Afirma-se, meu caro menino, que te acusaste ao P. Vianney de teres dito mentiras... É verdade?

Eu disse que alguma vez tenho mentido ao Sr. Cura de Corps, É preciso que te retrates, me disse o P. Vianney.

Mas eu não posso retratar-me disso: não vale a pena. - Insistiu que devia fazê-lo e eu lhe respondi: Já que isso aconteceu há muito tempo, não posso mais: é muito tarde.

A que mentiras te referes?

Às pequenas mentiras que dizia ao Sr, Cura de Corps quando não queria estudar a lição.

Então vejo ter o Cura d'Ars entendido que essas mentiras se referiam à Aparição?

Nem mais, nem menos, assim ele entendeu; assim se escreveu nos jornais.

Tu, porém, não te confessaste?

Não. Eu estava no confessionário; mas não tinha dito o confiteor e nem havia ido a Ars para me confessar.

A conversação durou cerca de 20 minutos. Os 5 viajantes partiram no mesmo dia, sem despertar as atenções e não parece que a sua breve estada na aldeia fosse percebida pelos peregrinos. Se dali em diante o P. Raymond tivesse sido tão circunspecto como o Sr. Cura, é de crer que o chamado incidente de la Selette jamais teria existido.

Pela manhã do dia 26 de setembro, o P. Raymond notou que o Cura d'Ars se negava a benzer as medalhas de N. S. de la Salette; encontrou sobre a cómoda da sacristia um envelope com o endereço de Mons. Bruillard, escrito pelo P. Vianney. Que é isto? pergunta o coadjutor com a sua habitual indelicadeza. - Queria dar uma carta a Maximino, respondeu o Santo, para que a entregasse ao bispo de Grenoble. O menino negou-se a isso, e acrescentou amuado: Eu fiquei descontente com ele e ele comigo.

Depois disso, refere o P. Raymond, foi inútil toda a tentativa para obter alguns pormenores sobre a entrevista com Maximino. Em vão o Cura de Voiron, primeiro, depois o P. Gérin, cura da catedral de Grenoble, sacerdote dos mais respeitáveis e ligado por amizade muito íntima ao servo de Deus, foram a Ars para obter algum esclarecimento. O P. Vianney somente explicou alguma coisa sobre o incidente de la Salette, quando chegaram a Ars o P. Rousselot, vigário geral, e o cura de Corps, enviados pelo bispo de Grenoble e portadores de uma carta de Maximino, na qual este o autorizava a falar abertamente sobre tudo quanto lhe havia dito.

E tudo quanto disse então se resume nestas palavras, ditadas pela atitude ambígua de Maximino: Se o que o menino me disse é verdade, não viu a SS. Virgem. Conhecemos a resposta que Maximino deu ao P. Raymond: Diga que minto e que não vi nada. Seria temerário crer que essas palavras foram repetidas ao Cura d'Ars e tomadas no sentido menos favorável. Por outro lado, o P. Vianney recordava-se que o menino, depois de falar-lhe na formosa senhora, sem nomear precisamente a SS. Virgem, tinha pronunciado a palavra mentira. O Cura d'Ars, a quem nem sempre assistia o dom da intuição, pensou que o menino se retratava de suas afirmações à

Aparição. E uma dúvida angustiosa penetrou-lhe no espírito... Sofreu durante 8 anos uma dupla prova: duvidara, e os peregrinos, que nada deveriam saber, não ignoravam essas dúvidas.

A sensação foi grande em torno dele. Os factos, como acontece em tais ocasiões foram ampliados e desnaturalizados. Os, inimigos de la Salette abusaram do nome e da autoridade do Cura d'Ars. As almas piedosas sentiram-se muito perturbadas quando ouviram dizer que a Aparição não era realidade, pois um santo como o Cura d'Ars não acreditava nela.

O P. Raymond, com o seu zelo indiscreto, recomendou às religiosas de Pont- d'Ain, por onde tinha passado, que retirassem de sua casa o quadro de la Salette. E como as religiosas se admirassem, lhes disse: O Cura d'Ars falou com Maximino e depois disso não acredita mais em la Salette. O P. Vianney ficou muito aborrecido com a publicidade que por causa das indiscrições do P. Raymond se deu a esse assunto. Sem dúvida, como toda a gente, ele tinha direito de julgar conforme o seu critério um acontecimento recente e sobre o qual se haviam suscitado ruidosas polémicas. A Igreja não tinha convertido em dogma de fé a visão com que se diziam favorecidos os dois meninos... Mas o Cura d'Ars, a quem os próprios bispos consultavam, não podia desconhecer a sua influência pessoal sobre as almas. E se, na verdade, como alguns diziam, houvesse ali um mal-entendido! Que dano não se seguiria da divulgação de uma injusta desconfiança àcerca de um facto real que tanto interessava à glória de Deus. Tenho remorsos, dizia o Cura d'Ars, às ex-directoras da *Providência*; receio ter feito algo contra a SS. Virgem. Oxalá Deus me iluminasse sobre esse ponto. Orei muito para consegui-lo... Se o facto fosse verdadeiro, então falaria nela e se não fosse estaria tudo acabado.

Enquanto o bispo de Grenoble não se pronunciou afirmativamente, o Cura d'Ars, ao ser perguntado sobre la Salette, disfarçava facilmente a resposta, pedindo aos indiscretos que esperassem a decisão da autoridade eclesiástica. Uma vez, porém, aparecido em setembro de 1851 o mandamento doutrinal de Mons. Bruillard, o Cura d'Ars sentiu maiores angústias. O prelado, de cuja jurisdição dependia la Salette e a quem cabia a obrigação de resolver a questão, acabava de afirmar. que os dois pastores não tinham sido enganados nem se tinham enganado. O P. Vianney queria

incliná-lo sem reservas ante esse juízo... Mas ainda lhe ressoavam obstinadamente aos ouvidos certas palavras de Maximino. O P. Vianney não negava nada, mas não conseguia recobrar a fé primitiva na Aparição.

Além disso, cada dia com maior frequência, depois que o bispo se havia pronunciado, o Santo, ao atravessar as multidões de peregrinos, via-se rodeado de cavalheiros, senhoras e até sacerdotes, que lhe perguntavam se se devia crer ou não em la Salette. Ele respondia com evasivas a não ser que a posição das pessoas o obrigasse a expor integralmente o seu parecer. Fora desses casos, deixava os outros nas suas crenças sem revelar a ninguém as próprias impressões. Um dia, na minha presença, conta o P. Dubouis, cura de Fareins, o primeiro coadjutor de S. Sulpício, de Paris, quis saber a sua opinião sobre la Salette. O P. Vianney limitou-se a dizer-lhe que era preciso amar muito a SS. Virgem. Por três vezes insistiu o coadjutor e sempre recebeu a mesma resposta.

Finalmente cessou a provação. Em outubro de 1858, uns dez meses antes de morrer, o Cura d'Ars voltou ao seu primitivo sentir, i. é, a crer em la Salette. Eis aqui, diz o P. Toccanier, como ele me contou a história desse retorno:

Fazia uns quinze dias que padecia uma grande inquietação interior. A minha alma andava como que arrastada sobre a areia. Fiz então um acto de fé na aparição, em seguida restabeleceu-se a calma no meu espírito... Desejei então ver um sacerdote de Grenoble para manifestar-lhe o que eu tinha padecido. No dia seguinte chegou daquela cidade um distinto eclesiástico. Entrando na sacristia, perguntou-me o que pensar sobre la Salette. Eu lhe respondi: Pode crer.

Faltava-me, continua o Sr. Cura, a quantia necessária para completar a fundação de uma missão, Encomendei-me à Virgem de la Salette e encontrei justamente o dinheiro de que necessitava. Considero esse facto como milagroso.

Desde então o P. Vianney, observando uma grande reserva nas discussões que ainda se suscitavam, favoreceu as peregrinações a la Salette e encorajou os penitentes que lhe manifestavam o desejo de subir a santa Montanha. Novamente benzeu e distribuiu estampas da Virgem Chorosa.

Não se sabe se tornou a falar disso nos catecismos. Nessa época dificilmente se podia ouvir bem o Cura d'Ars e doutra parte a sua pregação já não era mais do que um hino de amor a Deus e à presença real de Jesus Cristo. Seja como for, sempre que se lhe ofereceu ocasião, não deixou de se pronunciar a favor da Aparição. O cónego Oronte Seignemartin, pároco da Catedral de Belley e antigo cura de Saint-Trivier-sur-Moignans, contava em 1876 o seguinte:

Achava-me numa reunião de sacerdotes, quando chegou o Cura d'Ars. Perguntei-lhe o que pensava sobre a Aparição e ele respondeu-me em tom um tanto grave: Creio nela firmemente.

Nos fins de 1858, conta Madalena Mandy Scipiot, a minha mãe estava enferma. Pedi licença ao Sr. Cura para fazer uma promessa à Virgem de la Salette. Respondeu-me que não era necessário; que fizesse à N. Senhora de Fourviere. Mas, quanto a la Salette, pode crer; eu creio de todo o coração.

CAPÍTULO XX

Alguns acontecimentos dos últimos anos:

III. O Cura d’Ars, Cónego de Belley e Cavaleiro da Legião de Honra - a festa de 8 de dezembro de 1854.

Um canonicato imposto de surpresa - A venda da murça - O Cura d’Ars proposto para a Legião de Honra - Comentários do novo cavaleiro - A remessa da cruz - O Cura d’Ars e a SS. Virgem - O dia 8 de dezembro de 1854 na aldeia de Ars

Pode afirmar-se, sem perigo de erro, que no ano de 1850 o P. João M. Vianney, Cura d’Ars, era o sacerdote mais célebre de toda a França. Fazia, quando muito, dez anos que em Paris a elite da sociedade se agrupava em torno do púlpito de Notre-Dame. Já então o humilde padre, cuja igreja nunca se esvaziava, era mais conhecido que o eloquente Lacordaire. Apesar disso, uma celebridade de tão bom cunho não lhe tinha valido nenhuma distinção. Eis o Santo, exclamava a multidão à sua passagem. Toda a outra glória parecia perder-se nessa. Por essa razão Mons. Devie, que o tinha em grande estima, julgou ocioso nomeá-lo cónego da Catedral. Demais, o costume se opunha a que um simples cura recebesse tal honra.

Mons. Chaladon, sucessor de Mons. Devie (25 de julho de 1852), não foi do mesmo parecer que o seu venerável antecessor. Bispo auxiliar, fazia dois anos, tivera ocasião de conhecer o P. Vianney. Uma das suas principais resoluções foi dar a murça, contra toda a tradição, ao sacerdote mais digno da diocese.

Três meses depois, no mesmo dia da sua elevação à sede de Belley, segunda-feira 25 de outubro, o jovem bispo, acompanhado do vigário geral Mons. Poncet e pelo conde Próspero de Garets, apresentou-se no umbral da igreja de Ars. O P. Raymond, informado da visita, esperava-os. O Cura d’Ars ouvia confissões na sacristia.

Anunciam-lhe a presença de S. Excia. Revestido com a sobrepeliz, de mangas estreitas, apressou-se através da multidão de penitentes, para oferecer água benta ao prelado, conforme preceitua o ritual. Além disso, era

a primeira vez que o saudava como bispo de Belley, achando de seu dever dirigir-lhe um breve discurso. O Sr. Bispo, porém, ocultava alguma coisa sob a murça. Com um movimento rápido o prelado tirou o objecto misterioso. As dobras de seda preta e roxa, enfeitadas com arminho branco, mostravam os seus reflexos de tomassol. O Cura d'Ars compreendeu. Não, Mons., diz recusando, dê isso ao meu coadjutor, assentará melhor nele do que em mim. Reclamação inútil. Ajudado pelos padres Poncet e Raymond, o bispo impôs ao Cura d'Ars a murça de cónego honorário. A murça ficou atravessada, e como o interessado se esforçasse por livrar-se dela, a muito custo pôde o prelado abotoá-la até à altura dos ombros. Entretanto, já haviam entoado o *Veni Creator*. As últimas palavras de protesto do cónego Vianney foram abafadas, pelas vozes dos cantores e o prelado entrou na igreja.

O pobre cura, diz a castelã do lugar, parecia um condenado com a corda ao pescoço, caminhando para o cadafalso. Refugiou-se na sacristia. O conde de Garets foi atrás dele e encontrou-o quando arrancava a desditosa murça.

O maire apenas pôde conseguir que a guardasse, fazendo-lhe ver que, do contrário, faria uma desfeita ao Monsenhor! Então, diz o Irmão Atanásio, em vez de se pôr no lugar do costume, retirou-se atrás da porta da sacristia todo encabulado como querendo esconder-se. Disse-lhe ao ouvido: Sr. Cura, não fique aqui, está numa corrente de ar. Estou muito bem aqui, deixe-me, foi a resposta.

Celebrou-se na igreja uma breve cerimónia. durante a qual o bispo de Belley dirigiu a palavra ao povo. Naturalmente o tema foi a promoção do Cura ao canonicato honorário. O novo cónego estava tão desconcertado que nem cuidava de compôr a murça, cada vez mais atravessada. Dir-se-ia, conta João Baptista Mandy, filho do antigo maire, que o Sr. Cura tinha espinhos nos ombros. Quando se dirigiu daquela maneira para a casa paroquial ao lado de Mons., uma das suas penitentes, que sem dúvida não estava ao corrente do que se passava, Madalena M. Scipiot, não o reconheceu. Conforme ela, tinha ele a aparência dum condenado. Aquilo foi, diz a condessa de Garets, a cena mais divertida que se pode imaginar.

Monsenhor partiu, e uma vez passada a emoção, o cónego Vianney achou que S. Excia. lhe havia feito um belo presente. Pouco depois

procurou fazer dinheiro para as suas obras e foi em busca dum comprador.

Eu voltava de Villefranche, narra Maria Ricotier, e fui dar conta ao Cura de uma encomenda que me fizera. Chega em boa ocasião, me disse ele; quero vender-lhe a minha murça. Ofereci ao Sr. Cura de Ambérieux e ele negou-se a dar-me por ela 12 francos. Você me dará pelo menos 15...

Mas ela vale mais, do que isso.

20 então?

Pus-lhe 25 francos nas mãos acrescentando: Não é ainda o verdadeiro valor. Mas eu o informarei. Soube que a murça tinha sido feita no noviciado das irmãs de S. José de Bourg e que custara 50 francos. Dei-lhe 25 francos mais e lhe disse: A sua murça de cónego é minha; o usufruto porém é seu. Ficou o Sr. Cura tão contente que exclamou: Oh! que o Sr. Bispo me dê outra e eu farei dinheiro

Quis, no entanto, que eu a levasse. Se em alguma ocasião o Sr. Bispo exigir que ponha a minha murça, bem, me disse ele, sempre a encontrarei em sua casa.

E com a consciência tranquila, escrevia 10 dias depois ao prelado para fazê-lo participante da sua alegria.

Mons., a murça que teve a caridade de me dar causou-me um grande prazer, pois não tinha bastante dinheiro para completar uma fundação e vendi-a por 50 francos. Com esse dinheiro fiquei muito contente.

Dali por diante, nunca mais apareceu revestido de cónego, apesar de muitas instâncias, nem mesmo na presença do prelado. O P. Toccanier perguntou-lhe um dia: Mas, Sr. Cura, por que não usa a murça? - Meu amigo, respondeu sorrindo, veja V. Revma., sou mais fino do que imaginam. Quiseram zombar de mim, ao vê-la sobre os meus ombros, e eu os logrei a todos.

Ao menos por atenção ao Sr. Bispo, devia usá-la. V. Revma. é o único a quem o novo bispo quis honrar; depois de V. Revma., não nomeou mais

cónegos.

Ah! replicou o humilde sacerdote, o Sr. Bispo foi tão infeliz na primeira vez que não quis mais saber de outra.

* * *

O atractivo que sem cessar arrastava as multidões para Ars chegou a interessar os próprios poderes públicos.

O governo civil de Ars considerava o P. Vianney um homem tão popular quanto benfazejo. A 30 de junho de 1855 o Marquês de Castellane, subprefeito de Trévoux, escrevia ao bispo de Belley:

Monsenhor:

Tenho a honra de lhe remeter uma cópia do ofício que acabo de enviar ao Sr. Prefeito, com o intento de que conceda ao Cura d'Ars uma distinção honorífica.

Não duvido que o Governo do Imperador, deseioso de recompensar o verdadeiro mérito, tomará em conta os eminentes serviços que o P. Vianney vem prestando dia após dia.

O ofício do Marquês de Castellane estava assim redigido:

Sr. Prefeito:

Existe, numa pequena comuna de minha jurisdição com 510 habitantes, um cura cuja santidade evangélica e eminente piedade conquistaram celebridade europeia. O nome do P. Vianney, Cura de Ars, se adivinha, nas linhas precedentes, por geral que sejam.

A comuna de Ars, que era antes a mais ignorada entre todas as de minha jurisdição, vê hoje afluir uma admirável multidão de peregrinos.

Foi mister organizar serviços de transporte que desde muito tempo funcionam com regularidade

Este concurso de povo, que dura longos anos e que se deve atribuir unicamente à reputação de santidade de um modesto sacerdote, constitui facto verdadeiramente prodigioso num século que herdou doutrinas irreligiosas e hostis à fé cristã.

A confiança do povo no Cura d'Ars é ilimitada; é aquela fé evangélica que transporta montanhas. Mencionam-se infinidades de factos que seria difícil explicar como coisas puramente naturais.

O pouco espaço desta relação não me permite consigná-los. Basta constar que não há nada de charlatanismo na maneira de proceder do venerável Cura d'Ars.

O pároco Vianney é um segundo S. Vicente de Paulo, cuja caridade opera milagres...

Finalmente, o subprefeito de Trévoux, depois de enumerar as obras devidas à iniciativa do Santo, conclui com estas palavras:

Até sob o ponto de vista material é um homem eminentemente útil. Por conseguinte, tenho a honra, Sr. Prefeito, de pedir a V. S. queira propor, por ocasião da próxima festa de sua Majestade, que o P. Vianney, Cura d'Ars, seja nomeado cavaleiro da Ordem Imperial da Legião de Honra.

Ao receber essa exposição, o prefeito de Ars, conde de Coétlogon, fez as diligências necessárias junto ao Sr. Fortoul, ministro da instrução pública e de cultos. A 11 de agosto seguinte o Sr. Ministro tinha o prazer de anunciar a Mons. Chalandon que, por decreto com data do mesmo dia, a cruz de cavaleiro era conferida ao Cura d'Ars.

A promoção do dia 15 de outubro apareceu nos jornais e o nome do P. Vianney obteve um sucesso de piedosa e simpática curiosidade. O Conde de Garets comunicou-lhe a notícia.

Tem alguma renda inerente a essa cruz?... Proporcionar-me-á dinheiro para os meus pobres?, perguntou o Santo, sem manifestar contentamento nem surpresa.

Não, é somente uma distinção honorífica.

Pois bem, se com isso os pobres nada ganham, diga ao imperador que não a quero.

Naturalmente o conde de Garets não se encarregou de uma comissão tão original. Mas eis que um pintor, julgando ser bem sucedido, ofereceu os seus serviços ao Sr. Cónego Vianney, Cavaleiro da Legião de Honra. O pobre artista ficou bem decepcionado.

Querem a todo custo, escrevia a 8 de agosto à condessa de Garets, pintar o retrato do Sr. Cura. Ele se nega e diz rindo: Aconselho-vos que me pinteis com a murça e a cruz da Legião de Honra e que escrevam debaixo: *nada, orgulho!*.

Um sacerdote, aludindo a essas insígnias, lhe dizia troçando; Sr. Cura, todas as potências da terra o condecoram. Deus não deixará de o condecorar no céu.

É isso mesmo que me causa medo, replicou o Santo com um ar grave, e quando vier a morte e eu tiver que me apresentar diante de Deus com estas bagatelas, se Ele me disser: Vai-te, já recebeste a tua recompensa?

Mons. Chalandon, na sua qualidade de oficial da Legião de Honra, recebeu o encargo de impor a cruz ao Cura d'Ars. Não sabemos por que motivos foi adiada a cerimónia até novembro. Nesse intervalo, o P. Vianney recebeu da Grande Chancelaria um aviso no qual lhe pediam 12 francos para a remessa do título e da cruz. Doze francos!... Ficou sobressaltado. Não quero, absolutamente não! Prefiro empregar esse dinheiro em matar a fome a 12 pobres.

A pequena nota foi entregue ao P. Toccanier, que, sem o P. Vianney saber, enviou o dinheiro. Dizia mais tarde: Não mandei o dinheiro e apesar disso eles me mandaram a cruz.

Em outubro, o prefeito, católico praticante, foi em pessoa felicitar o novo legionário. O encontro deu-se na praça da aldeia. Depois dos primeiros cumprimentos, disse o Santo: Peço-lhe, senhor Prefeito, que dê a

sua cruz a outro mais digno. Prefiro a ela qualquer coisa para os meus pobres.

Mas, replicou o Sr. de Coétlogon, Sr. Cura, se o Imperador lhe concedeu a cruz, foi mais para honrar a Legião do que a V. Revma...

Ia continuar quando o P. Vianney o interrompeu com estas palavras pronunciadas com amável sorriso: Sr. Prefeito, peço a Deus que o conserve por muito tempo no departamento de Ain para que possa fazer muito bem com os seus conselhos e sobretudo com os seus bons exemplos. E dito isso, entregou ao Conde Coétlogon uma medalha da Santíssima Virgem. Despediu-se e entrou para o confessionário.

Chegou o mês de novembro. Mons. Chaladon, delegado oficial para a entrega da Cruz, lembrou-se da sorte que há três anos antes tivera a nova e valiosa murça do cónego Vianney. Pensou, sem julgar temerariamente, que a cruz da Legião de Honra iria parar também nas mãos dos pobres... E valeria a pena que o primeiro pastor da diocese saísse dos seus cómodos para ir entregar ao incorrigível Cura d'Ars uma condecoração que talvez na noite do mesmo dia fosse convertida em dinheiro? O prelado, para tal fim, subdelegou o sucessor do P. Raymond, o excelente P. Toccanier.

O P. Toccanier recebeu do bispo de Belley o pequeno estojo selado com um grande sinete roxo, contendo a estrela de prata dourada.

Ao meio-dia o P. Toccanier aproveitou um momento em que o P. Vianney estava só no quarto para lhe apresentar o cofrezinho com o selo imperial. O Irmão sacristão, os Irmãos professores, Catarina Lassagne e Joana Maria Chanay, que estavam advertidos, se ocultaram por trás da escada. Quando o P. Toccanier começou a falar, os curiosos se apresentaram.

Senhor Cura, disse-lhe o jovem missionário, talvez sejam relíquias que lhe enviam. O servo de Deus não compreendeu que aquelas palavras eram um gracejo. Desejoso de venerar as relíquias, rompeu o selo de cera.

É isso mesmo, disse ao ver a preciosa jóia.

Note bem, Sr. Cura, que esta condecoração está encimada por uma verdadeira cruz. Queira benzê-la. E quando, com um largo gesto, a benzeu, disse o p, Toccanier: Agora permita-me que a coloque por uns momentos no seu peito.

Oh! meu amigo, Deus me livre disso. Poderiam dizer-me o que S. Bento disse ao escudeiro do Rei Tótila, que lhe saiu ao encontro com a púrpura real: Deixa estas insígnias duma dignidade que não te pertence.

E colocando a cruz da Legião de Honra na mão do subdelegado episcopal, disse-lhe: Tome, amigo. Seja tão grande o seu prazer em recebê-la quanto é o meu em lha oferecer.

Assim foi condecorado o pobre Cura d'Ars. Não tendo permitido que lhe pregassem o distintivo na batina, só uma vez haveria de ostentar a cruz de cavaleiro: sobre o seu ataúde!

* * *

Como explicar no nosso Santo um tal desprezo das honras e interesses terrenos? Dele se tem dito: Tudo quanto se referia à ordem sobrenatural e ao reino de Deus lhe cativava o coração. Não podia, portanto, ter alegria e descanso a não ser nos pensamentos e coisas religiosas. Gostava unicamente das festas da Igreja.

Até ao fim da vida, os antigos de Ars, conservaram a recordação de uma festa única, em que o P. Vianney manifestou uma alegria extraordinária, entusiástica, transbordante. Em novembro de 1854, quando Roma se preparava para celebrar magnificamente a definição do dogma da Imaculada Conceição, o Cura d'Ars também preparava a sua humilde paróquia para tão solene acontecimento. Alguns dias antes da proclamação dessa verdade de fé, conta a baronesa de Belvey, ouvi como o servo de Deus pregava um sermão de circunstância, no qual lembrava com transportes de alegria tudo quanto havia feito para Maria Imaculada.... Passou um frémto por todo o auditório quando, ao terminar, exclamou: Se para oferecer alguma coisa à Santíssima Virgem pudesse vender-me, vender-me-ia!

A grandiosa solenidade que se enunciava não era para o nosso Santo uma ocasião excepcional para testemunhar à Nossa Senhora um afecto de mais de 60 anos? Desde o berço ele amava Maria. E uma vez sacerdote trabalhava com todas as forças na propaganda do seu culto. Para os peregrinos se convencerem disso, bastava-lhes ver as estátuas da Virgem em todas as fachadas da vila. Em cada casa havia uma imagem colorida da mãe de Deus doada pelo Sr. Cura d'Ars. Ao pé de cada imagem pusera a sua assinatura.

Em 1844 o P. Vianney colocou uma grande estátua da Imaculada no frontispício da igreja. Oito anos antes, a 1º de maio de 1836, havia consagrado a paróquia a Maria concebida sem pecado. O quadro destinado a perpetuar esta consagração, diz Catarina Lassagne, foi posto na entrada da Capela da Santíssima Virgem. Pouco tempo depois mandou fazer um coração de prata dourada, que ainda hoje pende do pescoço da Virgem Milagrosa. Os nomes de todos os paroquianos de Ars. escritos numa fita de seda branca, estão encerrados neste coração. Nas festas de Maria Santíssima as comunhões eram cada vez mais numerosas e a igreja não ficava um só momento vazia. Na noite dessas festividades, a nave e as capelas laterais mal podiam conter o povo. É que ninguém queria perder a homilia do P. Vianney em honra da Santíssima Virgem. Era verdadeiramente emocionante o entusiasmo com que falava da sua santidade, do seu poder e do seu amor.

Atingiu o auge no dia inolvidável de 8 de dezembro de 1854, quando o Papa Pio IX definiu em virtude da autoridade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e da sua própria que a Bem-aventurada Virgem Maria foi preservada de toda a mancha do pecado original desde o primeiro instante de sua conceição. Apesar do cansaço, quis ele mesmo cantar a missa solene, quando usou pela primeira vez e com grande alegria a magnífica casula de veludo azul, bordada a ouro, cujas imagens e finos labores foram desenhados pelo arquitecto Bossan. O coro e a nave estavam ornados com os mais belos enfeites.

À tarde, depois das vésperas, toda a paróquia foi em procissão à escola dos Irmãos, onde o Sr. Cura benzeu uma estátua da Imaculada, oferta sua, levantada no jardim. À noite, na aldeia, foram iluminados o campanário, as paredes da igreja e as fachadas das casas. Encerrou-se a festa com uma

função religiosa, na qual o P. Vianney fez uso da palavra: Que felicidade!... Que felicidade!... exclamava, ao começar a prédica. Sempre achei que no meio dos esplendores das verdades católicas faltava esta luz. Era uma lacuna na religião que não podia continuar.

Uma iluminação! Constituía novidade para os paroquianos e também para o Cura. Antes de sair para contemplar aquela maravilha, o Santo, em pessoa, repicou os sinos. O repique durou tanto tempo, diz Catarina, que vieram das paróquias vizinhas, julgando que se tratava dum incêndio. O Sr. Cura passeava satisfeito à luz dos brandões, por entre os sacerdotes presentes e os Irmãos. Foi aquela festa um dos dias mais felizes da sua vida. Quase septuagenário, parecia ter rejuvenescido. Jamais um filho se mostrou tão feliz ao presenciar o triunfo da sua Mãe. E fôra ele quem havia inspirado e organizado aquela imensa manifestação de alegria.

CAPÍTULO XXI

Alguns acontecimentos dos últimos anos:

IV. Para a Trapa de Neyliere

O P. Vianney, Terceiro Franciscano - O P. Vianney e o P. Colin - A Trapa de Nossa Senhora de Neyliere - Novo bispo em Belley - O P. Toccanier, Missionário de Pont-d'Ain, nomeado auxiliar do P. Vianney - Projecto de Retiro - Segredo bem guardado! - As margens do Fontblin - Volta à casa paroquial - A imprevidência de um santo - Plano mal combinado - Prova e tentação - As tentativas dos habitantes de Dardilly - Enfermidade e morte de Francisco, o mais velho

Os habitantes de Ars, apesar das promessas que lhes havia feito o Cura de nunca os deixar, não se esqueciam dos transe em que os deixara em setembro de 1843. Cinco anos depois, um venerável capuchinho, o P. Leonardo, do convento de Brotteaux de Lião, recebeu o P. Vianney na Ordem Terceira de S. Francisco. E os paroquianos manifestaram com isso grande inquietação. Julgava-se, dizia a condessa de Garets, que ele ia tornar-se capuchinho. O boato não carecia de fundamento. Sem rodeios, o P. Vianney havia manifestado ao P. Leonardo, com quem se confessava muitas vezes, o desejo de ser recebido na sua Ordem. Mas o bom religioso, a quem nunca cegou a ilusão de uma tão magnífica conquista, lhe fez ver que podia fazer muito mais na sua paróquia do que entrando para o claustro. Como insistisse novamente, o P. Leonardo explicou-lhe em que consistia a Ordem Terceira, e qual era a sua regra. Pouco depois o P. Vianney pediu o hábito de Terceiro... E os melhores dentre os seus paroquianos se apressaram em lhe seguir o exemplo.

Dois anos mais tarde, a 8 de dezembro de 1846, o P. Eymard, religioso Marista e futuro fundador da Congregação do Santíssimo Sacramento, agregou o P. Vianney à Ordem Terceira de Maria. Era uma recente instituição do P. Cláudio Colin, antigo discípulo do Cura d'Ars em Verrieres e em Santo Irineu de Lião. Os que temiam ao pensar que o Santo ainda poderia deixá-los não supunham que precisamente aí se ocultasse o perigo.

João Cláudio Colin, escolhido por Deus para estabelecer em França e, depois, em todo o mundo a Sociedade de Maria, sempre simpatizara com João Maria Vianney. Ambos sentiam um gosto inato pela obscuridade e pelo silêncio. Ambos tinham uma terna devoção a Maria Santíssima. As suas relações de amizade se haviam conservado fiéis. O P. Colin frequentemente mandava os seus religiosos consultar o amigo de Ars. E o santo Cura aplaudia de todo o coração as iniciativas do fundador dos Maristas. Quando os primeiros missionários partiram para a Oceania, o P. Vianney ajudou-os com as suas orações e trabalhou para lhes enviar recursos...

Entretanto, no meio dos seus ministérios apostólicos, o pensamento de solidão e deserto, onde poderia tratar intimamente com Deus, - a sua única alegria, - pungia-o e o fazia sofrer. Mas aonde iria para encontrar esse desterro? Não dissera Mons. Devie que, enquanto vivesse, jamais o P. Vianney sairia da sua diocese? Um raio de luz brilhou no horizonte. Desde 1842, o venerável P. Colin havia pensado numa nova fundação: uma casa de Adoração perpétua, cujos membros se haveriam de dedicar à oração e à penitência. Não obtendo resultado num primeiro ensaio, feito em Marcellange, no Allier, a Sociedade de Maria adquiriu em 1850 uma propriedade chamada Neyliere, situada perto de Saint-Symphorien-sur-Coise, a 45 quilómetros de Lião. Localizada entre graciosas colinas, longe de todo o bulício, era um retiro ideal para os contemplativos. Ajudados por muitos prelados e especialmente por Mons. Devie, bispo de Belley, o P. Colin fez os preparativos necessários para instalar sobre aquele Tabor uma dezena de religiosos aos quais se iriam ajuntar muitos eclesiásticos de França e até de Inglaterra, e que, estranhos, à Sociedade de Maria, poderiam tomar parte na nova Obra. No domingo de 16 de maio de 1852, 7 sacerdotes e 5 Irmãos coadjutores se enclausuraram em *Notre Dâme de la Neyliere*, e começaram a guardar perfeito silêncio, um dos pontos básicos da sua regra. Todas essas coisas foram explicadas ao P. Vianney, que logo começou a sonhar com elas.

Um acontecimento, não de todo inesperado, veio alentar-lhe as esperanças. Em 1850, Mons. Devie, consumido pelos anos, - pois já contava 84 anos de idade e trinta de um laborioso episcopado - pediu à Santa Sé um auxiliar. Foi-lhe concedido na pessoa de um sacerdote lionês, Mons. Jorge Chalandon, vigário geral de Metz, cuja sagração se efectuou na

mesma cidade de Belley, a 12 de janeiro de 1851. Ante essa notícia, diz a baronesa de Belvey, o Cura d’Ars manifestou grande alegria. Confio, dizia ele, que este novo bispo consentirá que eu me retire. A 25 de julho de 1852, dois meses depois da inauguração da Trapa mitigada de Neyliere, Mans. Devie era chamado por Deus e Mons. Chalandon, até então bispo de Thaumacum, foi elevado ao sólio episcopal de Belley.

O Cura d’Ars, crendo já terem desaparecido todos os obstáculos, pensou logo em nova fuga: Refugiar-se-ia na casa de Neyliere, para ali chorar a sua pobre vida e terminar os seus dias na oração e na penitência. O P. Colin, inteirado das suas intenções, aconselhou-lhe que não se precipitasse. Ambos aguardavam ocasião favorável.

* * *

Em setembro de 1853, essa ocasião apresentou-se. O P. Vianney, após alguns meses, pressentiu que o seu auxiliar não lhe seria deixado por muito tempo. O povo de Ars desejava a saída daquele sacerdote, de carácter pouco agradável. E o P. Raymond, convencido, por si mesmo, que nunca chegaria a ficar com a paróquia de Ars, pediu a sua transferência. Mons. Chalandon, a fim de o substituir, voltou-se para a jovem Sociedade dos Missionários, estabelecidos em Pont-d’Ain, cujo Superior era o Cónego Camelet. O Cura d’Ars estimava muito o P. Camelet, cujos talentos e zelo tivera ocasião de apreciar no jubileu de 1847. O bispo de Belley julgou com razão que o Cura d’Ars, para quem as multidões afluíam dia e noite, precisava de um ajudante apto para aquele ministério, e que, quando o excessivo concurso o exigisse, fosse capaz de chamar em seu auxílio colegas sempre prontos a socorrê-lo. Mons. Chalandon escolheu o P. Toccanier, indigitado pelo P. Camelet como o de melhores dotes para cargo tão delicado... Com 31 anos de idade, o P. Toccanier era de aspecto robusto e a sua boa aparência contrastava com a extenuação física do santo Cura. Mas a sua eloquência viva, penetrante, pessoal, oportuna e sensível imitava a do Cura d’Ars. Além disso, era muito piedoso, bom e amável. Parecia ser o mais digno de estar junto ao nosso amável Santo.

Naquele ano abriu-se o retiro espiritual no Seminário Maior de Brou, segunda-feira 29 de agosto. O P. Toccanier e o P. Raymond encontraram-se

ali. O P. Poncet, vigário geral, comunicou ao P. Raymond que ele havia sido nomeado Cura de Polliar. O P. Camelet também por sua vez certificou ao P. Toccanier que fora nomeado auxiliar-residente do Cura d'Ars.

A crer no que diz Catarina Lassagne, o P. Vianney ainda ignorava estas combinações; na sexta-feira 1 de setembro, quando ela lhe levou ao quarto a refeição do meio-dia: Julgo que desta vez devo sair, lhe disse ele. O meu cunhado Metin, que reside na paróquia de Santo Irineu (Lião), me espera. Partirei segunda-feira à noite. Guarde segredo.

Oh! Senhor Cura, V. Revma. não nos há de deixar, replicou a pobre Catarina. E então lembrou-lhe a velha história de 10 anos atrás: a sua estada em Dardilly; as multidões que iam em sua procura; o seu emocionante regresso a Ars... Nada conseguiu. Não adianta. O que está decidido decidido está. O Sr. Bispo não precisa mais de mim. Tem bastante sacerdotes...

Na tarde do sábado chegou o P. Poncet, vigário geral, acompanhado do P. Raymond e do P. Toccanier. O bom do Sr. Cura, conta este último, recebeu-nos muito amavelmente, mas tinha a fisionomia inquieta. À noite o vigário geral manifestou-lhe os desejos do prelado, relativos ao futuro. O Cura teria dali em diante tantos coadjutores quantos fossem necessários. A isto o Santo nada objectou. Falou-lhes depois o P. Raymond para lhe dizer em que termos apresentaria o P. Toccanier como seu sucessor, no dia seguinte, durante a missa solene.

No domingo de manhã, o P. Toccanier celebrou a santa missa e o P. Raymond proferiu o sermão combinado. Depois do almoço, o vigário geral Poncet foi a Trévoux, onde presidiu ao encerramento dum retiro espiritual de religiosas e o ex-coadjutor do Santo partiu para Beauregard, sua terra natal, que fica bem perto de Ars. Naquele dia, escreve Catarina Lassagne no diário, sentiram grande alegria ao saber que viera um missionário para ajudar o santo Cura. Mas eu estava triste!... Como há 10 anos antes, o segredo se tornava pesado para a boa moça... Assim que, pelas 8 horas da noite, ela pediu licença ao P. Vianney para confiá-lo à discreta Maria Filliat. Como quisier, lhe respondeu. E dentro em pouco voltaram as duas amigas desfeitas em pranto. Não, replicavam elas, não vá!... O Santo limitou-se a lhes responder que a sua resolução era definitiva. E entregou a Catarina

uma carta endereçada a Monsenhor Chalandon. Até mesmo com o novo bispo o Cura d’Ars pensou que devia precipitar as coisas. Mas desfizeram-se as suas primeiras ilusões: Sim, Mons. Chalandon era tão intransigente como Mons. Desvie. O jovem prelado respondeu ao Santo que iria visitá-lo: Eu deixar-vos partir, Sr. Cura!... Seria isso um pecado tão grande de que ninguém me queria absolver!

Depois da inútil tentativa, Maria e Catarina permaneceram conversando, junto à porta que dava para o jardim da casa paroquial. Que fará, perguntava uma delas, fraco como está e nessa idade (O P. Vianney tinha 67 anos de idade, completos). Não poderá chegar até Lião. Tu, Maria, levarás o cesto das provisões. Mas, se ele vier a sentir-se mal pelo caminho? Será necessário um carro para o levar.

Mas não há homem aqui que nos possa ajudar neste momento. Nisto passou o sacristão, Ir. Jerónimo. Parou estupefato por ver Catarina e Maria... Uns minutos depois, sabia tudo. Correu para dizer ao Ir. Atanásio e ambos foram bater à porta do P. Toccanier, que estava alojado num quarto da *Providência*. O jovem coadjutor pensou que o chamassem para um doente em perigo.

Imaginem a minha surpresa, dizia ele, ao ouvir a narração dos bons Irmãos. Não podia acreditar. Montai guarda diante do presbitério, disse-lhes eu, e se realmente tentar uma fuga, vinde chamar-me. À meia-noite, três pancadas nervosas ressoaram na minha porta. Estava deitado completamente vestido. Achei-me logo na praça com os dois Irmãos, espiando os movimentos do nosso santo Cura, a quem podíamos enxergar no seu quarto, graças à luz da lamparina. Agarrou o breviário, o chapéu e o guarda chuva. Deixemo-lo descer, disse eu aos Irmãos. Com efeito, desceu e foi à casa de Maria Filliat e de Catarina Lassagne, que deviam acompanhá-lo. Aguçámos os ouvidos: «Estão prontas? perguntou ao entrar... Pois bem, partamos!

Partiu, seguido de Maria, que levava as provisões, e de Catarina, que alumia o caminho com uma lanterna. De repente nos postámos diante dele. Olha severamente para Catarina, que começa a chorar. Vendeste-me! lhe disse. O Ir. Atanásio tomou logo a palavra: Para onde vai, Sr. Cura?... Quer nos deixar? Pois bem, daremos sinal de alarme.

E nós, continuou o Ir. Jerónimo, o seguiremos em procissão.

Fazei o que vos agrada, respondeu, seca e resolutamente, o P. Vianney, mas deixai-me passar!

Preparemo-nos para segui-lo, disse tristemente o P. Toccanier aos seus acólitos. Nisto o Ir. Jerónimo tomou a lanterna das mãos de Catarina, e, fingindo querer guiar o P. Vianney por entre as trevas, conduziu-o para a ponte do Fontblin, mas pelo caminho de Villeneuve.

O P. Toccanier calculou que o Santo, rodeando o povoado, voltaria ao ponto de partida. Apesar da grande escuridão, o Cura d'Ars percebeu logo que o enganavam. Atrás dele já se havia formado uma comitiva. Os peregrinos que, segundo o costume, passavam a noite no vestíbulo do campanário, começaram a afluir. Uns chamavam pelo seu confessor, outros pelo seu pároco. Em meio dum verdadeiro tumulto, o P. Toccanier esforçava-se para convencer o fugitivo do contrário. Seguindo-lhe as pegadas, chegaram com ele à frágil ponte de tábuas atravessada sobre o riacho.

O P. Toccanier pensou que uma vez passado o Fontblin e estando o P. Vianney na estrada de Lião, seria mais difícil detê-lo. O missionário pôs-se resolutamente diante dele quando ia passar a ponte. Deixe-me passar!... Deixe-me passar!... dizia o Santo em tom de súplica, e com voz angustiada. Levava o breviário debaixo do braço. O P. Toccanier lho arrebatou com violência, entregando-o à pessoa que estava mais próxima, isto é, a Catarina Lassagne, dizendo-lhe baixinho: Fuja e não volte mais. Dê-me o breviário, insistiu o Cura. Depois, voltando-se, fez sinal à Maria Filliat que o seguisse: Vamos adiante!... Rezá-Lo-ei em Lião.

Muito bem, Sr. Cura!... Deixar passar um dia sem rezar o breviário!... Belo exemplo!...

Um escrúpulo germina na alma do santo. Houve um momento de silêncio. Tenho outro breviário no meu quarto, - o de Monsenhor Devie, disse afinal.

Vamos buscá-lo, sugeriu o P. Toccanier, que, ainda sem se dar conta, acabava de ganhar a partida. O P. Vianney volta-se e seguido duma multidão que se ia engrossando, dirigiu-se à casa paroquial.

Não tinha caminhado 30 metros quando na igreja tocaram a reunir. Que lúgubre era aquele toque naquela noite!...

Sr. Cura, o Angelus! E o bom do Santo, sempre ingénuo e confiante, caíu de joelhos e rezou a Ave-Maria com angelical fervor. Sr. Cura, acrescentou o astuto coadjutor, e se rezássemos uma dezena do rosário para a sua feliz viagem? Pensava com isso ganhar tempo. Mas desta vez o P. Vianney compreendeu a cilada. Não, replicou, rezarei o meu rosário pelo caminho.

Levantando-se o Cura d'Ars, prossegue o P. Toccanier, começou a andar a largos passos. Entrou precipitadamente no pátio e subiu ao seu quarto, onde entrei só com ele. Pelo caminho disse-me o Ir. Atanásio em duas palavras que o maire fora avisado e não demoraria a chegar. Para dar tempo ao conde de Garets, espalhei em desordem sobre a estante dos livros os oito tomos do grande breviário preciosa lembrança do bispo, recentemente falecido. O P. Vianney, ao pegar no tomo correspondente à estação, os seus olhos se foram fixar num retrato de Mons. Devie, colocado na parede. Lembrei-me que aquele prelado lhe havia impedido outras fugas. Veio-me uma inspiração. Sr. Cura, disse-lhe em tom decidido, veja como Mons. Devie, lá do céu, o olha aborrecido. Devemos respeitar a vontade do próprio bispo, durante a sua vida e, com mais razão, depois da morte... Lembre-se do que ele lhe disse há dez anos!

Comovido por esta apóstrofe, o P. Vianney respondeu-me com a ingenuidade de uma criança ameaçada com o castigo do pai: Não. Ele não me censura. Ele bem sabe a necessidade que tenho de chorar a minha pobre vida! E sem me querer mais ouvir, tomou o breviário encadernado em marroquim verde-escuro e dirigiu-se para a escada. Aí então, encontrou-se com o conde de Garets. Encontrei-o, disse o maire, mal arranjado, triste e sombrio. Na verdade, o nosso Cura, de ordinário tão amável para com aquele velho e fiel amigo, mal o escutou, e de tal modo que o conde, vindo ao meu encontro, me disse: Sem dúvida, pressente um fim próximo!

Enquanto as mulheres rezavam na igreja para que Deus, como diz Catarina Lassagne, mudasse as intenções do seu servo, os homens se achavam reunidos no pátio da casa paroquial. Despertados pelo toque de reunir, pensaram alguns que se tratasse de um incêndio ou de algum assalto de ladrões. Por isso traziam nas mãos baldes, e paus. Todos se agitavam, alumiados escassamente pela ténue luz das lanternas.

Quando o P. Vianney apareceu, embargaram-lhe o passo suplicando que não partisse. Mas ele, com a ideia fixa de encontrar saída para se escapular, ia duma porta para outra, repetindo: Deixem-me passar!... Deixem-me passar!... Que cena mais emocionante! acentua a piedosa Catarina. Parecia a prisão de Nosso Senhor no Horto das Oliveiras. Estava eu postado numa das saídas, conta Miguel Tournassoud, o sapateiro do povoado. O Sr. Cura tomou-me por um braço e, meio rindo, meio chorando, empurrou-me para um lado. Mas não pôde abrir a porta.

À força de súplicas, conseguiu transpor o umbral. Ao passar por entre a igreja e a casa paroquial, parecia medir o caminho com o olhar. Sem dúvida, faz notar o P. Toccanier, estava ainda disposto a tentar uma fuga definitiva. Mas uma nova complicação mudou o curso dos acontecimentos.

As mulheres saíram da igreja e, se misturando com os homens, ajoelharam-se aos pés do Santo. Na maioria eram peregrinos vindos de longe para se confessar. Todos clamavam derramando lágrimas: Meu Pai, antes de partir, lembre-se de mim!... Acabe de me atender!... Oh! bom Pai, não nos deixe!...

Foi então que, escreve o P. Toccanier, fazendo um supremo esforço, dirigi-lhe estas palavras que não me ocorreriam a sangue frio: Como!... V. Revma., Sr. Cura, que sabe de cor a Vida dos Santos, se esquece daquela passagem de S. Martinho, que, tendo em suas mãos a coroa, exclamava: Não recuso os trabalhos... E quererá V. Revma. deixar o campo de batalha!... E o exemplo de S. Filipe Nery?... Dizia este santo que, se já estivesse no paraíso e um pecador reclamasse o seu ministério, deixaria de boa vontade a corte celestial para o atender... E V. Revma., Sr. Cura, terá a coragem de deixar incompletas tantas confissões de homens e de mulheres vindos de tão longe?... Quando terminei estas palavras os peregrinos redobram as súplicas.

O P. Vianney convenceu-se de que a vontade de Deus se manifestava por tão ardentes desejos. Vá imediatamente para a sacristia, disse-lhe ao ouvido o conde de Garets, tenho que lhe dizer uma coisa. - Já vou, respondeu-lhe, e, dirigindo-se à multidão, disse: Vamos para a igreja!.

Foi ele o primeiro a entrar. Orou por longo tempo, indo depois para a sacristia. Ali o conde de Garets, a sós com ele, quis repetir-lhe os argumentos do P. Toccanier, mas não houve tempo. Sem responder-me e voltando-me bruscamente as costas, diz o conde, o P. Vianney tomou a sobrepeliz e se dirigiu ao confessionário. Segundo costumava, todas as manhãs, ao chegar à igreja, ajoelhou-se sobre os degraus do altar, rezou cinco Pai-Nossos e cinco Ave-Merias com a multidão e se pôs a ouvir confissões.

Celebrou a primeira missa às sete horas da manhã de segunda-feira. Está aqui o P. Poncet?, perguntou ao P. Toccanier quando voltou para a sacristia. - Sim. Ele quer ver novamente a V. Revma, - Ah! Está bem. E depois da acção de graças, tranquilo como se nada de anormal houvesse acontecido poucas horas antes, foi saudar o vigário geral. Este, que à noite um cocheiro fora buscar na casa paroquial de Trévoux, comunicou-lhe novamente a vontade do prelado, que era a de o conservar na sua diocese. Chegaram também, a chamado, o P. Beau, Cura de Jassans e confessor do P. Vianney, e o P. Raymond. Ambos se entrevistaram ao mesmo tempo com o servo de Deus.

Já nos haviam explicado, escreve o P. Raymond, os acontecimentos da noite passada. Vendo-se como que sitiado no meio da praça, mostrou-se tomado de impaciência, mas era tal a sua super-rexcitação que bem se pode escusá-lo de toda a falta. Certamente, não era senhor de si mesmo. Foi essa uma das mais duras provas da sua vida: a Providência a enviara para acrisolar-lhe ainda mais a virtude. Quando o vimos naquela manhã de 5 de setembro, já havia recobrado a calma e a perfeita resignação à vontade de Deus, que ele via manifestada na vontade do seu prelado. Nós lhe recordámos os incidentes da noite passada, ao que nos respondeu com estas únicas palavras: fiz uma criancice.

* * *

O mais curioso em todo esse episódio foi a indecisão e imprevisão do Cura d'Ars. Durante aquela noite trágica de 4 a 5 de setembro de 1853, não hesitou em comunicar o seu segredo a duas pessoas que já o haviam traído 10 anos antes e agora só poderiam comprometê-lo novamente. Que fácil lhe seria se tivesse pedido a Francisco Pertinand que o levasse num coche até Lião! Parece que nem sequer lhe ocorreu esta ideia.

Se se tivesse saído bem com o seu projecto de fuga, que teria sido dele naquela segunda-feira de 5 de setembro? Eis o que logicamente se depreende dos documentos que possuímos. O P. Vianney, confiando mais na sua energia de carácter que nas suas forças físicas, pensava chegar a Lião até às 9 ou 10 da manhã. Pouco depois um coche iria buscá-lo a casa de seu cunhado Melin e conduzi-lo-ia a Nossa Senhora de Neyliere.

Uma coisa parece certa. É que ali o P. Colin havia preparado um lugar para o Cura d'Ars e que o esperava pessoalmente. À hora marcada para a sua chegada o venerável fundador esperou muito tempo, parado na porta, manifestando a um dos seus religiosos, o P. Jobert, a sua estranheza pela demora. Já sabemos por que o P. Vianney não chegou até Neyliere.

Segundo sérias testemunhas, o prudente e ajuizado P. Colin antes aconselhara o P. Vianney que ficasse onde estava porque ali faria maior bem.

Por essa mesma razão, o P. Leonardo o havia dissuadido de entrar para a Ordem dos Capuchinhos em Lião... Assim essa terceira fuga do Cura d'Ars foi uma coisa triste, misteriosa e desconcertante. Diz Catarina Lassagne que ele fugindo crera fazer a vontade de Deus. Tendo porém recebido uma carta de um eclesiástico na qual lhe demonstrava que os seus desejos pela solidão eram tentação do demónio, impressionou-se vivamente.

A última tentativa de fuga, afirma o conde Próspero de Garets, foi para ele um verdadeiro raio de luz. Desde então, não pensou mais em semelhante coisa. Ao menos não falou mais nisso. Entregou-se todo e sem reservas ao seu habitual ministério. Frequentou mais a igreja e passou mais tempo no confessionário.

* * *

Mas, se ele não pensou mais em deixar a paróquia de Ars, outros procuraram tirá-lo dela. Certa noite de 1854, às onze horas e meia, um coche puxado por dois cavalos parou na praça da igreja. Dele desceram uns homens e se postaram à entrada da casa paroquial. Quando à meia-noite apareceu o P. Vianney, um deles, tomando-o pelo braço, lhe disse: Se V. Revma. quiser partir, aqui está um carro preparado, às suas ordens.

Não tenho licença do meu bispo, respondeu-lhes o Santo retraindo o braço, e entrou precipitadamente na igreja.

Pelo Natal do mesmo ano, notícias alarmantes começaram a chegar de Dardilly: Francisco, o seu irmão mais velho, estava doente. O Santo sempre amara ternamente o seu velho companheiro de trabalho, o qual, desde a morte do pai, em 1819, ocupava a casa paterna. Demais, Francisco era muito bom cristão. Nunca, nem mesmo no tempo de colheita, trabalhava ao domingo.

Aquele que permitiu a chuva molhar a terra, saberá também secá-la. Provavelmente aprendera essas palavras da boca de João Maria. Muito entristecido ao saber da doença do seu irmão, assim lhe escreveu:

Soube notícias tuas. Ocultaram-mas, o que muito me atingiu. Peço-te encarecidamente que me mandes dizer como vais. Já teria partido se não fosse a oitava (do Natal).

Peço-te que me respondas em seguida para livrar-me desta angústia... Adeus, meu querido irmão. Espero ir ver-te muito breve. Lembranças à minha irmã, que deve estar muito aflita...

Enquanto os dias se iam escoando, Francisco esperava sempre João Maria. A 25 de janeiro pediu ao filho António que fosse a Ars para trazer o seu tão esperado irmão. Desse modo souberam os habitantes de Dardilly que o P. Vianney estava para chegar. Se pudéssemos segurá-lo desta vez?... assim diziam uns aos outros. Mas deixemos falar a testemunha melhor informada. Três dias depois da aventura de 29 de janeiro o P. Toccanier escrevia de Ars ao bispo de Helley:

Monsenhor.

Tenho a honra de informar a V. Excia. que, de agora em diante, o encargo de guardar o meu santo Cura não me inspira mais inquietação. A Providência vela sobre ele de um modo admirável, para conservá-lo entre nós.

Eis aqui a prova: A 26 deste mês, o P. Vianney, a instâncias de seu sobrinho, que o apressava para que fosse a Dardilly, ver o irmão enfermo, avisou-me ele mesmo, acrescentando: É pena que não tenha tomado as minhas medidas. Não voltarei mais.

Não me podendo opor a esse acto de fraternal caridade, oferecí-me para companheiro de viagem. Embarcámos. Com ele ia o sobrinho, o cocheiro e o irmão sacristão (Ir. Jerónimo), a quem o P. Vianney a princípio quis deixar. Alguns habitantes de Ars e os peregrinos apressaram-se a ajoelhar ante nós para receber a bênção do santo Cura e depois entraram na igreja para rezar a fim de que fizéssemos uma boa viagem e regressássemos dentro em breve. Quanto ao último ponto, as suas orações foram ouvidas, além de toda a expectativa!

Pouco habituado a andar de carro, e, debilitado pela indisposição que V. Excia. conhece e que os periódicos tanto têm exagerado, não pôde suportar por muito tempo os solavancos da carruagem. Ao chegar a Parcieux, muito antes da ponte do Saona, disse: Não posso seguir adiante. Sinto-me desfalecer. Os caminhos estavam cobertos de neve e de gelo. Desde a subida dos Grandes Balmes, começou a sentir uma dor no coração. Baixou do coche e a pé subiu a encosta. Depois começou a tremer. Quisemos cortar um bastão na cerca, mas ele se opôs porque isso era um roubo. Passou um senhor que levava umas varas; comprou-lhe uma por 40 centavos. Deste modo andou 3 ou 4 quilómetros, mas muito devagar, ora no coche, ora a pé.

Enfim. chegados a Parcieux, empreendeu o regresso a Ars, com o cocheiro e o bom do sacristão. Quanto a mim, sabendo que lhe era agradável e adivinhando-lhe os desejos do coração, continuei a viagem com o seu sobrinho até Neuville, onde encontrámos um outro carro. Os caminhos estavam tão resvaladiços que chegámos a Dardilly ao cair da noite. Mas qual não foi a decepção de seu pobre irmão não vendo chegar o único por quem esperava! Entretanto, a minha presença lhe foi agradável.

Eram 10 horas da noite. O Sr. Cura de Dardilly, que lhe tinha levado o Santo Viático, julgou oportuno administrar-lhe a Extrema-Unção.

Ansiava por ver novamente o meu santo Cura. Assim, no dia seguinte pela manhã, regressei a Ars. Perguntei ao Ir. Jerónimo se durante o regresso nada lhe havia acontecido de mal. Oh!, prodígio! Sabe, Excia quão abatido se achava o p, Vianney? Pois ao regressar para Ars, não parecia o mesmo. Recobrou todo o seu vigor e só se apeou do coche à porta da casa paroquial. Ao chegar sentou-se no confessionário, e à noite rezou a oração como de costume.

Um episódio interessante dessa viagem: na subida de Trévoux, o cocheiro que conduzia o P. Vianney encontrou-se com o da diligência, que fazia o serviço de Lião a Ars. Ia cheia de peregrinos que, não tendo encontrado a quem buscavam, voltavam muito tristes. Por sorte, reconheceram o santo sacerdote. Logo desceram do carro, deixando que este fosse vazio e acompanharam o P. Vianney até Ars, onde com ele entraram na igreja. - Entre aqueles peregrinos, perguntei-lhe, havia sem dúvida grandes pecadores? - Oh sim, meu amigo. Alguns havia que há quarenta anos não se confessavam. - Veja, V. Revma Sr. Cura, disse-lhe eu, como o mesmo Deus lhe impediu que continuasse a viagem e que voltasse sem demora para a obra que a Ele é sobremaneira agradável. Não disse nada,

Da minha parte, Excia., prevendo que os habitantes de Dardilly se aproveitariam da enfermidade do irmão para outra vez fazerem novas instâncias com o Cura d'Ars, perguntei com muita prudência ao enfermo se tinha alguma coisa de particular para lhe declarar. Não, respondeu Francisco Vianney. Tão somente desejava vê-lo, Quando voltei referi estas palavras ao meu santo Cura. Foram muito a propósito, pois duas horas mais tarde chegava o coadjutor de Dardilly dizendo: O seu irmão deseja instantemente ver V. Revma. Se V. Revma. não pode ir em coche, poderá viajar de trem. - Não é possível transportar-me a Dardilly, pois já tive que deixar o caminho. - Entretanto, Sr. Cura, o seu irmão lhe quer dizer uma coisa muito importante. Do contrário eu não teria vindo... Não, meu amigo, já sei por que ele me quer. O Pe. Missionário acaba de me repetir as palavras do meu irmão.

A enfermidade de Francisco era mortal. Viveu ainda muitos dias sem ter o consolo tão legítimo de se ver assistido nos últimos momentos pelo seu querido João Maria. Oito dias antes de morrer, dizia à sua filha que chorava à cabeceira do leito: Consola-te. Viverei até Sexta-feira Santa. De facto, na Sexta-feira Santa (6 de abril de 1855) morreu Francisco Vianney. No Sábado Santo, o irmão não pensou em ir às suas exéquias, Chorava em silêncio na penumbra do confessionário, onde, por ser o dia seguinte ao dia de Páscoa, teve que permanecer 18 horas, apesar de estar doente.

Até a isso se resignou, escreve gravemente no seu precioso diário Catarina Lassagne. Ele reconheceu que, desta vez ainda, os habitantes de Dardilly tinham feito uma nova tentativa para conservá-lo entre eles. Recordo-me que em janeiro Deus lhe havia permitido aquele cansaço exaustivo para evitar que caísse no laço... Assim é que Deus faz o que bem lhe apraz, mau grado as combinações dos homens.

CAPÍTULO XXII

Retrato físico e moral

Ao primeiro encontro - A fisionomia, o olhar - Sob o peso da idade - Feitos dignos de São Francisco de Sales - Doçura e energia - Um coração naturalmente bom - O atractivo das almas puras - Coração afectuoso - Todas as delicadezas do reconhecimento - O Cura d'Ars e os aflitos - Algumas das pessoas que consolou - As mães aflitas - O correio das almas- Algumas cartas - Um tino prático e uma prudência delicadíssima - Nem sombra de amor-próprio - O horror aos pecados da língua.

O Cura d'Ars, diz uma testemunha da sua vida, no exterior não aparentava nada de extraordinário, exceptuando o exercfcio de seu ministério. Os que o viam ao se encontrarem casualmente com ele, sobretudo na praça da aldeia, quando voltava do Orfanato com a tigela de leite tal como um pobre que acabasse de buscar a sua comida, sentiam-se às vezes decepcionados. É isso o Cura d'Ars.- exclamou uma parisiense ao vê-lo tão pouco semelhante à figura que ela havia imaginado.

Sim, senhora, replicou-lhe o humilde sacerdote com o mais gracioso dos sorrisos. Não lhe acontece como aconteceu à rainha de Sabá quando foi visitar Salomão: Ela se extasiou com o excesso e a Sra. com a deficiência. Os forasteiros, porém, que eram levados pela fé e pelo desejo de ver um santo, isto é, os verdadeiros peregrinos, não se deixavam enganar pelas aparências. A sua primeira impressão causava uma admiração de pasmo. A beleza da alma lhe transformava o exterior de tal modo que sem ela seria bastante vulgar.

O cura d'Ars era de estatura abaixo de mediana. Já no fim da vida, como andasse com a cabeça inclinada sobre o peito e o dorso encurvado, parecia menor ainda. Seu rosto era magro e, por assim dizer, destruído. As faces, achatadas até ao queixo, tinham a forma de um coração, escreveu um jornalista da época. A sua tez, ligeiramente pálida, tomara-se morena ao sol e ao ar li vre, ficando mais tarde descorada por causa das intermináveis horas passadas no confessional. Muito cedo, rugas profundas - sagradas cicatrizes de vigílias e heróicas fadigas - sulcavam-lhe a face. Os cabelos, espessos e rígidos, trazia-os raspados na parte superior da cabeça e caídos para a nuca. Nunca chegaram a ficar completamente brancos. Testa alta,

larga e aberta; sobrelhas cerradas, órbitas profundas, em cujo centro brilhavam dois olhos azuis, de uma vivacidade estranha e sobrenatural, e donde saíam olhares cândidos, mas profundos, intensos e perscrutadores. Parecia ler em meu interior, diz o P. Dionisio Chaland; quando os seus olhos se encontravam com os meus, penetravam até o mais fundo da minha alma. Conheci uma pessoa que afirmava ter-se assustado. Às vezes os seus olhos resplandeciam como um diamante. Até na conversação o seu olhar impressionava, pois parecia ver coisas do outro mundo. Mas quando repousava, os olhos pareciam como que velados por uma melancolia doce e resignada. Era sem dúvida quando o seu pensamento ia de Deus ofendido aos homens ofensores. Daí talvez a grande mobilidade da sua fisionomia. Não é que fosse inquieta ou tivesse movimentos desordenados e ridículos, mas a sua expressão num minuto passava da alegria à tristeza, conforme ia pensando no amor e bondade de Deus ou nas misérias dos pobres pecadores. Por isso foram frustradas todas as tentativas para delinear os seus traços fisionómicos. É de notar que o interessado jamais de bom grado se prestou para isso. Sei que alguém queria tirar a minha careta, dizia rindo, mas, de propósito mexi a cabeça para impedir que saísse bem. Para se obter um retrato conveniente, foi preciso o olhar rápido, o talento e a pertinácia de Emílio Cabuchet.

O Cura tivera na juventude aspecto vigoroso, mas, pelos jejuns, os seus membros se foram adelgaçando e de tal modo que, no fim da vida, apenas a sua energia parecia sustê-lo sobre as pernas. As mãos descarnadas com as veias salientes por si só davam uma ideia da languidez daquele pobre corpo extenuado pelas privações e trabalhos. Entretanto, natureza eminentemente nervosa, a idade e as fadigas não lhe puderam privar os membros da sua flexibilidade e elasticidade. Por um raro privilégio, conservou até ao último momento o pleno exercício dos órgãos e as faculdades de que carecia para o cumprimento da sua missão. Assim que os seus ouvidos conservaram toda a agudez, a vista toda a clareza e a memória toda a frescura. O andar, ainda que pausado, era rápido como o do homem que conta as horas e que, embora extenuado, se apressa em recomeçar o serviço de Deus.

É de crer que o céu o ajudava mesmo fisicamente, e de uma maneira extraordinária. Tinha bastante força para tirar da igreja o grande estandarte, que era muito pesado, e que outros a muito custo podiam levantar.

* * *

No cura d'·Ars, através da envoltura de um corpo enfraquecido e como que transparente, adivinhava-se, via-se-lhe a alma. Ela resplandecia-lhe no rosto e nos olhos. A síntese desta alma era a simplicidade, a delicadeza e a bondade. Nas suas maneiras não havia nada de afectação, nem de convencional. Nada daquela afabilidade unicamente mundana, da qual muitas pessoas se vestem como um vestido de festa. Tratava os altos personagens cortesmente e com perfeito desembaraço. Quando o Cardeal Bonald, arcebispo de Lião, foi visitá-lo, o P. Vianney adiantou-se para recebê-lo, sendo o primeiro a lhe estender a mão. Não me senti mais embaraçado do que ante um simples sacerdote, dizia o bom ancião, falando daquela memorável entrevista. Um prelado inglês, Mons. Ullathorne, bispo de Birmingham¹¹¹, escrevia a 14 de maio de 1854, depois de uma conversação com o Cura d'·Ars: - Dispensou-me um acolhimento encantador pela singeleza humilde e caritativa, sem aquelas etiquetas que são o reflexo duma falsa humildade. A sua era a humildade pura, de uma naturalidade perfeita, unida à delicadeza cordial de um santo.

Chegara de Marselha um jovem de nobre estirpe, para se confessar com o Cura d'·Ars. Encontrou-se logo depois com o Ir. Atanásio, director da escola. a quem fez várias perguntas: Irmão, queira dizer-me a que família pertence o P. Vianney..., onde fez os seus estudos e em que meio social viveu e que cargo desempenhou antes de vir para Ars. O Irmão lhe explicou que o Sr. Cura era filho de camponeses; que quase não tivera estudos; etc... A cada uma dessas respostas, o jovem cavalheiro se admirava.

Por que o senhor me pergunta isso? interrogou finalmente o Irmão.

É que me admirei da delicadeza apurada com que o P. Vianney me recebeu, Ao entrar na sacristia, saudou-me muito gentilmente; colocou-me no genuflexório e só depois se sentou. Terminada a confissão, foi o primeiro a se levantar. Abriu a porta, saudou-me, e, sempre com aquela finíssima cortesia, introduziu o novo penitente que me seguia.

O Ir. Atanásio replicou que o P. Vianney tratava igualmente a todos. Já entendendo disse o jovem. É um santo. Possui a caridade que é a fonte da

verdadeira polidez. Quer recebesse a visita no seu quarto quer na *Providência*, nunca se sentava; mas exigia-o dos visitantes. A Sua saudação costumeira era esta: Apresento-lhe os meus cumprimentos. Contudo, sabia variar esta fórmula, segundo a posição ou o grau de amizade das pessoas.

Ainda que com a sua batina remendada fosse mal comparado com S. Francisco de Sales, contudo, quanto ao exterior, algumas pessoas forneceram pormenores sobre ele, dignos de ilustrar uma vida do suave bispo de Genebra.

A 23 de junho de 1855, uma pessoa de Ars ofereceu-lhe, por ocasião da sua festa onomástica, um bolo enfeitado com figurinhas que representavam um boi, um leão, uma girafa e umas pombinhas. Ao receber o bolo, com o qual haveria de alegrar a outros, fez uma breve alocução. O boi, disse ele, representa a força; o leão, o valor; a girafa, a alma que corre a largos passos para Deus, e as pombinhas, o espírito que se eleva acima das coisas terrenas...

Todos se esforçavam, diz Marta de Garets, para vê-lo mais de perto e lhe poder falar. Era um espectáculo delicioso e sem igual quando, ao passar para a sacristia, se voltava para aquela multidão a fim de dizer algumas palavras piedosas. A jovem Maria de Garets; bem como os seus irmãos e irmãs, gostavam de vê-lo passar. Acariciava-os paternalmente. Quanto às meninas, tinham que se contentar com um sorriso. Ao passar dizia-lhes: Meus filhos, oh! meus filhos, amai muito a Deus.

Um rico lavrador, natural de Ars, André Benito Treve, que muito observou o seu Cura, descrevia-o assim: Apesar da viveza do seu carácter, que se manifestava no olhar penetrante, causava a mais agradável impressão. Não tivéssemos de venerá-lo como a um santo e teríamos de amá-lo como o mais amável dos homens.

Contudo a sua doçura não era mesclada de fraqueza. Se dispensava especiais deferências às pessoas a quem devia atenções nunca as entretinha mais do que o necessário. Considerava o tempo como coisa preciosa e, quando julgava concluído um assunto, era inimigo de prosseguir, não receando dizer aos importunos: Estou muito ocupado... Tenho pressa! Se um pobre ou um aflito necessitava de um quarto de hora ou mais de

audiência, concedia-o sem dificuldade. Pessoas de elevada categoria apenas desejavam saudá-lo. E ele por sua vez não as detinha mais do que o tempo necessário. A senhora Mandy Scipiot viu chegar à aldeia um coche puxado por quatro cavalos em que vinha uma família nobre e que, por especial privilégio, foi recebida no pequeno locutório que o Santo mandara construir na entrada do pátio. A visita durou cinco minutos, ao fim dos quais a família, muito satisfeita a princípio, pela honra que lhe dispensava o servo de Deus, ficou consternada ao vê-lo desaparecer.

Na ocasião oportuna sabia colocar cada um no seu lugar. Certo dia um homem ousou interpelá-lo do meio da multidão com palavras pouco polidas. Quem é o senhor, meu amigo? perguntou-lhe o Santo. Ele respondeu que era protestante. Oh! meu pobre amigo, replicou-lhe o Cura d’Ars, acentuando as palavras... Sim, o senhor é pobre e muito pobre: Os protestantes nem sequer possuem santos, cujos nomes possam dar aos filhos. Vêm-se obrigados a pedir nomes emprestados à Igreja Católica. E dito isso foi adiante. Em nenhuma parte, nem mesmo no Vaticano, me fazem esperar tanto, dizia uma nobre senhora que, pensando deslumbrá-lo com os seus títulos verdadeiros ou falsos, esforçava-se por se aproximar do confessionário antes que chegasse a sua vez. - Oh! respondeu com malícia o servo de Deus, mas no tribunal do pobre Cura d’Ars é preciso que a senhora espere.

Em agosto de 1854 foi a Ars um jovem petulante. Sr. Cura, disse ele ao santo varão, que passava da igreja para o presbitério por entre o grupo de peregrinos, desejava discutir com V. Revma. sobre assuntos de religião.

O senhor, discutir religião? Mas o senhor sabe menos do que um menino de catecismo! O senhor é um ignorante, meu amigo, um ignorante!

Minha filha, qual o mês do ano em que você fala menos? assim perguntou a certa pessoa que se fazia importuna com a sua insípida tagarelice. E como a gralha respondesse que não sabia: Deve ser fevereiro, respondeu o Santo, esboçando um amável sorriso para amenizar o que a malícia poderia ter de ofensivo, pois é o mês que tem três dias menos do que os outros.

* * *

O Cura d’Ars tinha coração naturalmente bom, diz o P. Toccanier, dotado também de um coração magnânimo. Bastava o encontro de um enfermo, de uma criança órfã, de alguma mãe ou esposa de luto para a sua emoção se manifestar espontaneamente com lágrimas que, de nenhum modo, procurava esconder. Conforme diz a condessa de Garets, ele possuía uma grande sensibilidade, ou melhor, uma efusão de sensibilidade.

Mas essa não era uma sensibilidade doentia. Se outros se achassem sobrecarregados, fatigados e importunados como ele, haveriam de chegar a um estado inqualificável de nervosismo.

O feliz equilíbrio do seu temperamento e sobretudo da sua admirável virtude davam-lhe a cada instante a moderação necessária. Assim o temos visto sempre coerente consigo mesmo, sempre correcto, fosse qual fosse o proceder dos outros para com ele. Jamais aninhou no coração o menor sentimento de vingança, escreve o P. Raymond, seu primeiro coadjutor, que o conhecia tal como era. Somente sabia amar, perdoar e agradecer.

Sentia uma inclinação instintiva para com as almas puras. Daí o afecto que demonstrava às crianças por causa de sua inocência. Detinha-se no caminho para lhes dizer uma palavra e nelas fixar um olhar de extraordinária doçura. Sentia-se feliz no meio delas; e uma das suas grandes alegrias era estar com as órfãs da *Providência* e vê-las jogar durante o recreio. Tinha para com elas uma condescendência admirável. Aquelas pequenas que não se receavam de nada, com ele podiam atrever-se a tudo.

Certo dia de 1852, ao terminar o catecismo das 11 horas, uma menina, erguendo-se sobre as pontas dos pés, conseguiu tirar-lhe um fio de cabelo mais comprido que os outros. Ele contentou-se com dizer-lhe sorrindo: menina, ama muito a Deus.

Em 1858, uma senhora de Lião levou a Ars os seus dois filhos. O maior, que tinha 11 anos, desejava conhecer a sua vocação. Assistiu à missa do Santo. De volta à sacristia, o P. Vianney, ainda mergulhado no seu recolhimento, que antes parecia êxtase, lentamente tirava os paramentos sagrados. Vários sacerdotes e leigos achavam-se de pé mais atrás, todos

dispostos a lhe falar sucessivamente. O nosso lionês se havia metido por entre eles. Foi quem recebeu o primeiro olhar e o primeiro sorriso do Cura d'Ars.

Que queres, meu filho, perguntou-lhe com sua voz um tanto grossa, mas tão doce que uma vez ouvida jamais se podia esquecer.

Senhor Cura, desejava saber...

Tu serás um bom sacerdote, respondeu o Cura d'Ars sem a mínima sombra de hesitação.

O mais moço dos meninos, que apenas contava seis anos, presenciou o facto. Após algumas semanas, deram-lhe um silabário. Começou a sentir uma crescente antipatia para com aquele livro tão cheio de mistérios. Vou perguntar ao Sr. Cura, disse à mãe, se devo aprender a ler ou não. No dia seguinte, antes das doze, quando o P. Vianney passava da igreja para a casa paroquial, divisou entre a multidão aquele homenzinho que lhe desejava falar. Sr. Cura, perguntou o estudante em projecto, devo aprender a ler ou brincar?

Brinca, meu filho, que é próprio da tua idade. Jamais a decisão de um santo foi acolhida com tanta alegria. Mamã, exclamou o menino em tom de triunfo, o Sr. Cura disse-me que eu brinque!

Muito sensível aos sentimentos de amizade, o P. Vianney apreciava-lhes as manifestações e as correspondia, muitas vezes com efusão. É que a santidade, longe de dissecar e estreitar o coração, o dilata e liquefaz. Os santos possuem um coração líquido, dizia o Cura d'Ars. Quando o coração é puro, acrescentava ainda, não pode deixar de amar, pois encontrou a fonte do amor que é Deus.

Por ocasião da cólera, em 1854, o querido P. Toccanier passou uma temporada de três semanas em Seyssel, seu povoado natal.

Ao regressar o jovem missionário, ansioso por ver o seu santo Cura, pôs-se de pé diante do confessionário, onde ele se achava encerrado desde a meia-noite. O Cura d'Ars, levantando-se em seguida, abraçou-o ternamente.

O senhor aqui, meu bom amigo? Oh, tanto melhor. O tempo se me tornava muito longo. Lembrei-me que os condenados no inferno devem ser muito infelizes, separados, eternamente de Deus: Se aqui na terra já se sofre tanto longe das pessoas queridas!...

Possuía todas as delicadezas do reconhecimento. Com que emoção falava sempre dos que lhe haviam feito algum bem: A sua Mãe, o P. Balley de Ecully, em quem não podia falar sem chorar, a castelã d'Ars, a família de Garets... Em quase todas as suas cartas ao conde Próspero de Oarets, lêem-se estas palavras: Meu muito respeitável benfeitor.

A senhora tenha a bondade de dizer a quantos tive a dita de conhecer em Noës, que eu lhes envio lembranças e os sentimentos de minha amizade, que toda a bondade deles para comigo jamais se apagará da minha memória. Assim escrevia a 7 de setembro de 1823 à senhora Fayot, de Robins.

Na verdade, não sabia como demonstrar o seu reconhecimento para com aquela sua querida benfeitora de Robins. Quando mais tarde uma das filhas da dita senhora foi visitá-lo em Ars, ofereceu-lhe uma sombrinha de seda como lembrança dos bons cuidados que recebera da sua mãe.

O P. Camelet, superior dos Missionários de Pont-d'Ain, enviou, para ajudar o P. Toccanier, um jovem pregador, ainda nos seus começos oratórios. Onde está o jovem missionário? perguntou o Cura d'Ars, pois eu lhe quero dar um bonito rosário.

Em 1849 os Irmãos da Sagrada.Família de Belley ocuparam o lugar de João Pertinand, que durante 11 anos dirigira a escola dos meninos. Mas o Cura d'Ars não consentiu na troca enquanto não esteve ciente de que não seria para tão bom amigo ocasião de pena ou sacrifício, e enquanto não conseguiu para ele uma colocação honrosa.

Em qualquer tempo o Cura d'Ars sabia manifestar a sua gratidão: uma estampinha, uma simples medalha que lhe oferecessem estimava-as como coisa de grande valor.

* * *

O P. Alfredo Monnin tem falado do poder de consolação que emanava do Cura d'Ars. O termo é de uma exactidão admirável. Todas as misérias possíveis vieram a ele: pais, mães e esposas enlutadas; aflitos de alma e de corpo; Mónicas cheias de angústias, buscando seus Agostinhos; náufragos da vida; corações lanceados, desalentados, desesperados... Pensava somente nas dores alheias sem fazer caso das próprias. Escutava-lhes as confidências e os lamentos com gemidos de compaixão, erguendo para o céu as suas mãos trémulas e cansadas. Consolava-os, como já vimos, com uma ternura toda sacerdotal. Era para ele um prazer enxugar-lhes as lágrimas. Depois de se haverem desafogado no seu coração, voltavam mais resignados, mais tranquilos, mais fortes ante o dever, as provações e o futuro.

Jamais, declarou o P. Borjon, para quem o Santo tivera tão afectuosos perdões, Jamais me separei dele sem trazer confortado o coração.

Posso dizer, afirma o P. Dubouis, o desolado cura de Fareins cuja paróquia ainda estava dizimada pela heresia jansenista, que todos saíam de perto dele com os pensamentos mais serenos, e mais alentados para as lutas da vida.

Um polícia, muito provado quanto à saúde, numa carta dava ao P. Vianney este sugestivo título sublinhado ainda com grosso traço de pena: *Grande consolador dos aflitos*.

Na verdade, que prodigioso obreiro de felicidade divina e humana! Que prodígio de consolação e ressurreição não passou por aquela aldeia! Para cada sofrimento o Cura d'Ars tinha uma frase adequada, e o que outros não podiam conseguir com longos discursos, ele o fazia com uma só palavra. Mas, prescindindo das consolações humanas, que sempre julgava ineficazes, somente se inspirava nos pensamentos da fé e não temia levantar acima de si mesmas as almas aflitas. Que se faça a vontade de Deus, dizia ele... É preciso querer o que Deus quer... É preciso nos consolarmos com o que Deus nos envia...

À humilde negociante de Ars, Marta Miard, que tivera prejuízo num negócio, dizia-lhe: Antes isto do que o pecado.

O Cura de minha paróquia natal (S. João de Bourgneuf no Isere), conta a mesma, no começo não cria nas maravilhas que eu lhe contava. Entretanto, como sofresse uma grande angústia, foi a Ars. Depois de ter visto o P. Vianney parecia de todo mudado. Aceitou a sua cruz com plena resignação. O Sr. Cura disse-lhe simplesmente: Meu amigo, aprofunde-se na paciência de Nosso Senhor.

Em maio de 1855 foi a Ars uma senhora vinda de muito longe, com a esperança de conseguir algum alívio para uma enfermidade que muito a fazia sofrer. Ao ver que não se curava depois de uma fervorosa novena, pediu ao sacerdote coadjutor que perguntasse ao varão de Deus se ela ficaria curada. Eis a resposta que foi comunicada à enferma: Esta pessoa é piedosa. A cruz encontrou nela o seu lugar. A cruz será para esta senhora a escada que a conduzirá ao céu!

A sua prima, Margarida Humbert, foi de Ecully para vê-lo e lhe recomendar uma das suas filhas, gravemente enferma. É um fruto maduro para o céu, respondeu-lhe o Santo sem vacilar. Quanto a ti, minha prima, precisas de algumas cruces para pensares em Deus.

Claudina Fayot, a quem João Maria Vianney conhecera ainda muito criança quando se achava foragido em Robins, estava às portas da morte por causa de uma anemia. A mãe de Claudina informou da sua tristeza e temores o sacerdote, a quem havia querido como filho. A terra nada é, foi a resposta do Cura d'Ars. E Claudina pouco depois morreu santamente.

A senhora Chamonard, de Saint-Roman-Ies-Iles (Saone et Loire), era uma excelente cristã, casada com o mais incrédulo dos homens. Pelo inverno de 1851 sugeriu ao esposo doente, e que sofria muito, a lembrança de ir consultar o Cura d'Ars. A princípio resistiu a tal proposta tão esquisita. Ele, espírito forte, dar essa honra a um sacerdote! Mas desejava tanto a saúde!... Decidiu-se afinal. Era justo. Entretanto, só a custo de muitas instâncias consentiu em transpor a porta da igreja de Ars. O pároco, que estava explicando o catecismo, fixou nele um olhar perscrutador. O Sr. Chamonard saiu bruscamente da igreja, jurando que não voltaria e que estava decidido a regressar em seguida. Quando a sua esposa pôde falar com o Santo, limitou-se a pedir-lhe a cura do marido. O pior não são as dores, disse-lhe o Cura d'Ars: é preciso curar-lhe a alma. A senhora

empreendeu uma missão que apenas está no começo. A senhora Chamonard deixou Ars cheia de admiração, e singularmente fortalecida. Levava a mais inquebrantável esperança. Quatro anos mais tarde o seu marido morria com sinais de predestinação.

Francisca Lebeau, uma desventurada jovem de Saint-Martin-de-Comune (Saone et Loire), tomara-se completamente cega. Empreendeu uma viagem a Ars, juntamente com a sua mãe. Durante a viagem mendigaram o pão de cada dia e dormiram nos estábulos. O P. Vianney, cujo olhar inspirado havia sondado aquela valorosa alma, não temendo descobrir-lhe algo dos mistérios divinos que se escondem no sofrimento, lhe disse: Minha filha, poderia curar-te, mas se Deus te restituísse a vista, a tua salvação estaria menos segura. Se, pelo contrário, te conformares com a tua enfermidade, irás para o céu e te garanto que lá terás um belo lugar.

O Cura d'Ars não sabia compadecer-se das mães cujos filhos morriam ainda pequenos. Tive a desgraça, diz a senhora de Grets, de perder um filho de 5 anos. Eis o que o P. Vianney respondeu ao meu cunhado, que lhe comunicou a triste notícia: Ditosa mãe. Ditoso filho! Que graça para ambos! Como poderá ter merecido este menino que se lhe abreviasse o tempo da luta, indo gozar tão cedo da felicidade eterna?

Contudo em outras circunstâncias não pôde deixar de chorar com aquela nobre cristã. Conseguiu de um modo admirável que ela aceitasse a morte do primogénito dos Garets, Eugénio, de 24 anos, ocorrida a 10 de fevereiro de 1855. A sua morte, tão edificante, foi um consolo para a mãe. E o P. Vianney desta vez não teve necessidade de a encorajar. Mas quando 5 meses depois perdia o segundo filho, o Joãozinho, o seu predilecto, ferido mortalmente no primeiro assalto de Sebastopol, foi um desespero.

O Santo correu ao castelo. Tenha coragem! Seja forte, exclamava chorando, diante daquela mãe aflita, prostrada sob o peso da cruz. Não se deixe abater. Saiba aceitar a prova!... E com infinita compaixão chamava-a a mãe das dores. Evocando a lembrança dessa hora cruel, durante a qual ele a consolara no seu calvário, a senhora de Garets dizia: Ao sair da sua presença sentia-me renascer e capaz de aceitar e levar a cruz

* * *

Os aflitos que não podiam falar com o Cura d'Ars lhe escreviam ou mandavam escrever. Daí a volumosa correspondência que cada meio dia o Cura encontrava no seu aposento sobre a pequena mesa de carvalho. A maior parte das cartas continha pedidos de conselhos ou de orações, confidências dolorosas, gemidos de angústia. Cansado como estava pelo ministério das confissões, não podia responder pessoalmente, a não ser uma ou outra vez. Encarregou desta tarefa pessoas que o serviam, tais como Catarina Lassagne, e depois sucessivamente o P. Raymond, P. Toccanier e o Ir. Atanásio. A estes seus secretários de ocasião indicava-lhes o sentido em que deviam escrever a resposta, e depois assinava algumas vezes do próprio punho.

Restam duas cartas de consolação, que o Santo mesmo pôde escrever, dirigidas a um dos seus primos, o Ir. Chalovet, religioso em obediência no Hospital de Lião, o qual então sofria grandes tentações.

Meu bom amigo, traço estas linhas ao correr da pena para dizer-te que não te vás, apesar de todas as tentações que Deus te permite padecer. Tem coragem! O céu é muito rico para te recompensar.

Considera bem que todos os males deste mundo constituem a herança dos bons cristãos. Tu sofres uma espécie de martírio. Mas que dita ser mártir da caridade! Não percas tão mimosa coroa!

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por meu amor, diz-nos Jesus Cristo, o nosso modelo. Adeus, meu querido amigo. Persevera nesse caminho que começaste com tanta felicidade, e nos tornaremos a ver no céu... (Corta do dia 25 de julho de...).

...Ânimo! Meu querido primo! Em breve veremos o formoso céu, onde para nós não haverá mais cruces. Que divina felicidade! Ver o bom Jesus que tanto nos tem amado e que nos fará felizes!... (17 de maio).

Muitas das cartas recebidas pelo Cura d'Ars são emocionantes. Com um santo que tinha fama de ler nos corações, todos os corações se atreviam a se

expandir e expor, sem falsa vergonha, nem respeitos humanos, as suas grandes ou pequenas misérias.

Eis aqui alguns fragmentos dessa correspondência das almas da qual, infelizmente, tão pouca coisa se pôde salvar.

O cura duma paróquia pouco cristã envia estas linhas dolorosas a seu santo colega, que havia passado pela mesma prova:

Mallerey, em Oivry (diocese de Autun), 3 de dezembro de 1858.

Meu querido Padre:

Sou seu penitente, Sou seu filho. Escrevo-lhe para implorar de *um modo especial* o socorro das suas orações, para me proteger contra uma calamidade que me ameaça.

Um grande escândalo se prepara na minha paróquia. E recorro a V. Revma. para, se possível, impedi-lo ou neutralizá-lo. Um grupo de beberrões e mais outros, por ocasião da festa de S. Nicolau, que será segunda-feira próxima, querem entregar-se a diversões, as mais profanas (bailes e desordens de toda a classe), durante dois ou três dias e arrastar para o mal muitas pessoas e até crianças, das quais tenho muita pena. E isto no Advento, e mais ainda, estando próxima a festa da Imaculada Conceição de Maria nossa boa e terna Mãe. Farei uma novena à Santíssima Virgem para que nos livre deste escândalo. Rogo-lhe que una as suas, às minhas orações...

P. Ferret.

As cartas que se referem às vocações religiosas, cartas muitas vezes cheias de angústia e banhadas de lágrimas, são seguramente as mais numerosas de quantas recebeu o Cura d'Ars. Uma jovem de Bourgoin lhe escreveu a 2 de fevereiro de 1859:

...Quando será pois que Deus quebrará as cadeias com que me tem atada a este mundo corruptor? Oh, quantas paixões! quantos maus exemplos...

Quisera pertencer a Deus e eis aqui o que impede os impulsos do meu coração: A Superiora Geral das Irmãs do Santíssimo Sacramento não me quer receber. Ao morrer a mamã, o meu pobre pai nos abandonou. Partiu para muito longe em busca de refúgio e de trabalho. E a Superiora me disse que isto é uma nódoa sobre nossa família e que na Congregação não se pode admitir alguém que venha de pais...

Oh, meu Pai, se tiver que ficar no século, de quantas graças necessitarei para me santificar! Ah! eu sou muito leviana. V. Revma. já me disse no confissãoário que eu sou *muito superficial*. Isto é verdade. Sempre parece que me olham. Tenho portanto boa vontade.

Oh!, meu Pai, rogue por mim e estou certa de que me hei de corrigir.

Outra jovem lhe escreveu de Paris:

Meu bom Pai, tenho ouvido falar em V. Revma. e nos seus milagres. Se Deus quisesse que eu conhecesse a sua vontade pela voz do Cura d'Ars, digo-me a mim mesma, seria mais simples do que alcançar esta graça à custa de prolongadas orações...

Apesar de minha idade, sou muito criança. Mas Nosso Senhor não afasta de si as crianças. Somente que estou muito longe de possuir aquela simplicidade. que as tomaram amáveis aos olhos do bom Jesus. Tenho 16 anos e ainda não pensei seriamente na minha vocação. Mas quero salvar-me... Já que Deus lhe tem comunicado o dom de penetrar os espíritos, veja o que se passa na minha alma.

Estou indecisa e tenho necessidade de ser esclarecida, dizia-lhe uma menina da mesma idade que a anterior. Muitos obstáculos se opõem à minha vocação. A minha mãe é muito piedosa, mas o meu pai é militar e, estou certa, será muito difícil obter o seu consentimento.

Agora um pai de família que, cheio de tristeza e revoltado no seu interior contra os desejos da filha, que quer entrar numa ordem religiosa muito austera, pede ao Cura d'Ars para combater essa vocação.

Não sabemos. o que o Santo pode responder a esse grito da natureza.

Nimes, 25 de junho de 1855.

Sr. Cura

A fama das suas virtudes e dos maravilhosos dons que Deus se tem comprazido em lhe conceder chegou até nós, e uma das minhas filhas, jovem de 20 anos, resolveu ir, dentro de poucos dias, pedir-lhe conselhos sobre um assunto de alta transcendência, pois se trata de tomar uma determinação da qual depende todo o seu futuro.

Embora dotada de todas as qualidades que lhe dariam acesso fácil à vida do mundo, faz alguns anos que manifesta acentuada inclinação para a vida religiosa. Nesta disposição de ânimo não vemos outra coisa que o resultado passageiro duma piedade momentânea e da inexperiência própria da idade. Contudo ela persiste na vocação. A nossa ternura para com esta filha tão querida nada tem de egoísmo: é que, acima de tudo, desejamos a sua felicidade. Se for demonstrado que ela não a encontrará neste mundo, a não ser no hábito religioso, saberemos fazer este sacrifício, ainda que nos seja penoso. Mas é muito triste para nós vê-ja escolher uma ordem tão austera como a do Carmelo, onde quer entrar; ordem em que nada há para suavizar o rigor da clausura, do regime de vida e da solidão. É um extremo do qual jamais nos esqueceremos. Por isso suplicamos a V. Revma. que afaste a nossa filha de tal pensamento. Essa nossa querida filha, ainda que não tenha a felicidade de conhecer a V. Revma., tem contudo uma confiança ilimitada nas suas luzes e nas suas santas inspirações. Parece que V. Revma., por cuja boca Deus lhe irá falar, apontar-lhe-á o caminho a seguir. É para esse fim que ela vai com a mãe visitar V. Revma.

Senhor Cura, em circunstância tão solene, já que se trata de adoptar uma resolução decisiva, e até certo ponto irrevogável, é de grande importância preveni-la contra um entusiasmo irreflectido. Se ela quiser sinceramente ser religiosa e se, como ela nos assegura, Deus a chama, por que não entrar para o Sagrado Coração por exemplo, que ela conhece e onde é bem conhecida, por ter cursado todos os seus estudos no internato de Montpellier, onde seria recebida com grande contentamento Por que há de sepultar- se viva no Carmelo?...

Dentro de dois ou três dias a minha filha irá apresentar-se a V. Revma. É sem ela saber que tomo a liberdade de escrever para inteirar V. Revma. das disposições desta menina, e para lhe pedir que a afaste de uma disposição tão extrema que nos deixará na consternação e fará a nossa infelicidade. Estou certo de que, se V. Revma. a aconselhar para o Sagrado Coração, onde, como no Carmelo, poderá servir a Deus e assegurar a sua salvação, não resistirá a esse conselho. Está resolvida a ouvir e a fazer o que V. Revma. disser. E V. Revma. neste momento é o único árbitro de sua sorte...

Podemos estar certos de que, se o Cura d'Ars viu neste desejo o chamamento de Deus, a jovem Bossy, este era o nome da moça, entrou para o Carmelo.

Os corações aflitos, os corações vulnerados pela morte de pessoas queridas, achavam amável acolhida no seio do bom Pai.

Senhor Cura, lhe escrevia de Paris a baronesa de Bréda a 3 de dezembro de 1858, repetidas vezes os soluços das mães desoladas chegam até V. Revma., em demanda dos socorros das suas santas orações. Venho eu aumentar o número...

E ela suplica que salve a sua filha, jovem viúva, a quem uma enfermidade misteriosa convertera numa verdadeira mártir.

É uma alma desolada que lhe vai implorar socorro, dizem-lhe de Grenoble a 12 de janeiro de 1853. Um esposo, um pai subitamente arrebatado à ternura da família deixa crianças abandonadas à inexperiência da mãe aflita... Que motivo de imensa compaixão!... Essa pobre mulher queria ir a Ars buscar, não consolo, pois não há para tais sofrimentos, mas algum alívio para os seus cruéis pesares, resignação para a sua horrível desdita, submissão à vontade de Deus.

No meio dos sofrimentos duma longa enfermidade, escreve-lhe do leito de dores uma pessoa de Lião: eu quisera receber o consolo que sabe dar aos que tem a felicidade de se aproximarem de V. Revma. Parece-me que teria mais paciência para sofrer, se ao menos me ajudasse com as suas orações. É para lhe pedir este favor, ao qual dou o maior apreço, que tomei a liberdade de lhe escrever, meu bom e respeitável Cura.

Jamais o P. Vianney desprezou alguma dessas recomendações. Incapaz de apresentar uma por uma, diante de Deus, formava cada dia de todas elas um ramalhete que oferecia a Nosso Senhor no *memento* da missa. Doutra parte, muitas vezes as lágrimas de compaixão roladas dos seus olhos haviam intercedido ante o céu por motivos bem semelhantes.

* * *

Depois de haver dito o que era o seu coração, temos de falar do espírito do Cura d’Ars, da sua perspicácia e de seu extraordinário discernimento.

Uma alegria doce e franca, uma amável confiança regulavam todas as suas relações de amizade. Entretanto, mostrava-se muito reservado com as pessoas que o serviam. Conhecia-lhes o devotamento e a comprovada virtude, mas uma sobrenatural prudência lhe ditava este proceder. A subtil e discreta Catarina Lassagne muito bem observou:

Aqueles (Aqueles, aqui ela põe em lugar de aquelas) que o cercavam com mais assiduidade para lhe prestar algum serviço, na sua presença sentiam-se como que apoderados de um santo respeito e, às vezes, temiam falar-lhe até em coisas muito necessárias e urgentes. Deus assim o permitia para que, quem procurasse servir o seu bom e fiel servidor, o fizesse unicamente pensando na sua glória.

Mas gostava muito de se expandir com os colegas, coadjutores e outros, principalmente à noite, depois das estafantes horas de confessionário. Isso até era uma necessidade para o seu coração delicado e sensível. Um dos Irmãos acompanhava-o ao quarto e muitas vezes com o Irmão iam os missionários, o devotado conde de Garets e outras pessoas. Os peregrinos, sacerdotes ou leigos, pediam o favor de passarem com ele os últimos momentos do dia. O P. Vianney acolhia a todos prazentemente.

Deixava que lhe narrassem os acontecimentos do dia que fossem de interesse para a França e para a Igreja. A política, entretanto, não o interessava enquanto não dizia respeito à questão religiosa. Demais, quando lhe falavam de coisas deste mundo, não parecia achar-se no seu elemento. Sentia-se ansioso para voltar aos seus assuntos favoritos.

Todo o seu prazer, conta o P. Luís Beau, confessor do Cura d'Ars, era falar em assuntos espirituais. Se a educação o obrigava a ouvir quando se tratava de assuntos temporais, via-se que não mostrava outro interesse que o exigido pela benevolência... fui testemunha da alegria que sentia quando lhe davam notícias referentes à Igreja ou à salvação das almas; por exemplo, quando sabia do êxito de alguma missão. Pelo contrário, qual não era o seu pesar ao saber de algum escândalo...

O seu coração, diz o conde de Garets, estava tão cheio do amor de Deus, que d'Ele falava em todas as suas conversações, interrompendo-as com estas frases que pronunciava juntando as mãos e erguendo os olhos ao céu: - Deus meu, como sois bom!

Esse era o seu contínuo pensamento. Um dia, refere o P. Toccanier, disse-lhe ao passar por ele: - O tempo hoje está mau, Sr. Cura. - Para os justos sempre faz bom tempo. Só para os pobres pecadores é que faz mau tempo, respondeu-me ...

O Cura d'Ars desconhecia os subtis rodeios do amor-próprio. Ordinariamente não falava de si, nem de bem, nem de mal. Quando os seus mais íntimos amigos queriam certificar-se de alguns factos referentes à sua pessoa, e que redundavam em seu elogio, valiam-se de certas estratégias para insensivelmente levá-lo a confidências. Mas, quando se dava conta do laço, interrompia-os bruscamente. E, se insistiam, respondia: Basta, já disse muito! Apesar disso, entregava-se com prazer às suas recordações...

Somente, como explica o Irmão Atanásio, era então manifesto que ele contava aquilo e mesmo as coisas que lhe podiam ser favoráveis, como se elas se referissem absolutamente a outras pessoas. Uma das indústrias dos missionários, no dizer do P. Dufour, que foi um deles, consistia em pronunciar, como quem não quer nada, o nome do P. Balley, a respeito do qual era inesgotável... E isto faziam para poderem gozar por mais tempo da sua conversação. Contudo, era preciso terminar. Diz o conde de Garets: Depois de haver conversado com uma familiaridade cheia de confiança, de pé e apoiado na sua pobre mesa, subitamente nos despedia, dizendo: Tenho a honra de desejar a todos muito boa noite. Nós nos retirávamos encantados.

Era ingénuo, mas perspicaz. O Cura d’Ars não me parecia assim tão desprovido de inteligência, como se tem dito, escrevia a respeito dele um eminente religioso que o examinara à vontade. Tinha o olhar muito vivo e uma fisionomia toda espiritualizada

E certo académico dele pôde dizer: Que espírito tinha aquele homem! e que grande espírito! Era fino observador, podendo lançar dardos agudos e por vezes vingativos. Contudo, por virtude, abstinha-se de o fazer. No decorrer da conversação contentava-se em atirar palavras duma jovialidade simpática e mesmo picante, e fazer observações que não careciam duma certa malícia. As suas réplicas não feriam as pessoas porque a deliciosa malícia que as envolvia era temperada pelo tom cheio de amabilidade e pela agradável expressão do seu semblante.

Uma das minhas irmãs, diz a senhora de Garets, pediu-lhe uma relíquia. Converta-se a senhora mesma em tal, respondeu o Cura d’Ars, querendo dizer com isso que ela se tornasse uma santa.

Uma religiosa atreveu-se a dizer-lhe com ingénuo simplicidade: Geralmente, meu Padre, consideram V. Revma. um ignorante.

E não se enganam, minha filha. É isto mesmo. Eu ainda lhe poderia dizer algo mais do que sabe!

Um dos seus colegas de diocese, o P. Blandon, pároco de Bublance, que era muito corpulento, certo dia conversava familiarmente com ele. Senhor Cura, disse-lhe brincando, conto com V. Revma. para alcançar o céu... Quando for para lá, agarrar-me-ei à sua batina. A resposta, acompanhada de um amável e irónico sorriso, não se fez esperar; Guarde-se bem disso, meu amigo. A entrada do céu é estreita, e nós dois ficaríamos na porta!

Que hei de fazer, Padre, para ir para o céu? perguntou-lhe certa pessoa também de regulares proporções.

Minha filha, três quaresmas!

O Imperador tem feito muita coisa boa, dizia certa ocasião o P. Vianney durante a explicação do catecismo das onze, enquanto umas senhoras

entravam com dificuldade na igreja, trajando à moda daquele tempo, mas esqueceu-se de uma: deveria ter mandado alargar as portas para que pudessem passar as saias rodadas.

Durante uma chuva muito forte, o santo Cura passava perto da casa dos Irmãos sem levar guarda-chuva, nem chapéu. Ia às pressas visitar um doente. O Ir. Atanásio saiu precipitadamente, e a custo pôde alcançá-lo. Para onde vai, meu amigo? perguntou-lhe o P. Vianney. Venho trazer-lhe este guarda-chuva. Ora, ora, eu não sou feito de açúcar. E rindo-se, continuou a viagem.

Ao voltar duma viagem, o mesmo Irmão Atanásio parecia estar um pouco cansado. É que, explicou ele, o meu cavalo, tropeçando, atirou-me a um buraco.

Meu amigo, continuou o Santo, depois de lhe ter apresentado os seus sentimentos, é preciso fazer como Santo António. Como fazia então Santo António?

Viajava sempre a pé.

Era muito perspicaz em apreciar os pregadores. O P. Collei, que morreu como cura de Trévoux, gostava de pregar sobre as verdades eternas. Havia-o precedido no púlpito de Ars o Pe. Alfredo Monnin que escolhia, de preferência, assuntos consoladores e sobre eles discorria com a sua imaginação poética e sentimental.

Estes bons senhores, dizia depois o P. Vianney, nos levam ao céu por diferentes caminhos: o primeiro por uma ponte de pedra; o segundo, por uma ponte de flores.

Nunca se ouviu que o Cura d'Ars, falando, faltasse à caridade. Uma vez, a este respeito, pensou o Ir. Atanásio tê-lo apanhado em falta; mas é que o Irmão, como se disse, levado pelo escrúpulo tanto para consigo como para com os outros, não entendera logo que o Cura d'Ars protestava contra as intrigas de um cavalheiro muito conhecido na comarca. O Sr. Cura, acrescenta o Irmão, pedia continuamente a Deus que aquele personagem não chegasse nunca ao sacerdócio, ao qual aspirava.

Quanto ao emprego da língua, o nosso Santo sempre se mostrou extraordinariamente reservado... Temos a prova disso numa de suas cartas escritas em 1828. Foi dirigida ao conde de Cibeins, parecendo não ter outra finalidade que reparar uma levíssima falta. Depois de um preâmbulo, o P. Vianney passa a tratar com manifesto embaraço de uma falta que lhe causou grande pesar:

Uma coisa que me causa muita pena; quando fui à sua casa cáí, ainda que sem pensar, numa murmuração, dizendo-lhe que me enganavam um pouco. Se no momento me tivesse lembrado que fazia mal, teria preferido perder tudo o que possuo. Peço ao senhor que nunca fale nisso, Tenho grande pesar por causa disso, pois pelos bens da terra nunca se deve perder os do céu. Uma contrição tão perfeita por uma causa tão leve demonstra a que altura chegara o Cura d'Ars em delicadeza e caridade

CAPÍTULO XXIII

No cume da santidade:

I. Testemunhos

Subida à perfeição - A fama de santidade em torno do Cura d'Ars - Testemunhos do seu confessor, de Catarina Lassagne, de Mons. Devie e de vários sacerdotes, amigos do Cura d'Ars - Juízo das pessoas do século: Doutor Samier, peregrinos e habitantes de Ars - Juízos das multidões - Unanimidade nos elogios - O que quase todos viam no santo Cura.

A santidade, isto é, o desapego completo de si mesmo e das coisas transitórias, o desejo contínuo de Deus e das realidades do Alto; a santidade como tal, como a admiramos no Cura d'Ars, a santidade que a Igreja canoniza, segundo muitos autores, não é a vocação comum de todos os cristãos. A santidade supõe dons gratuitos da parte de Deus; mas, por sua vez, exige da criatura privilegiada um esforço constante, árduo e heróico. Pelo que em certo sentido a santidade poderia ser chamada como o génio, uma longa paciência. É alguma coisa dada, mas que se há de ganhar; é o efeito de uma benevolência divina e o resultado de uma vida humana; é a conclusão feliz de uma obra de subido valor.

O Cura d'Ars sentiu-se inclinado desde a infância para Deus, mas nem por isso pôde subtrair-se à lei do esforço e à constância neste mesmo esforço. Nem sempre navegou a velas desfraldadas; também se viu obrigado a lançar mão dos remos. Teve necessidade, como todo o homem vindo a este mundo, de reformar um carácter imperfeito, de pôr freio a certas inclinações humanas e de vencer amargas repugnâncias. Experimentou as excitações nervosas, as securas e os desgostos do espírito, chegando às vezes a um estado de abatimento próximo ao desespero. Ah!, é muito belo ser santo, dizia uma das suas penitentes, mas, quanto tem custado ao Cura d'Ars. Gastou nessa tarefa muitos anos e grandes esforços, pois renunciar-se perfeitamente a si mesmo não é nenhum brinquedo de criança.

Chegou à santidade porque, se os sentidos e o coração se revoltavam, jamais a sua vontade disse: não posso, mas, pelo contrário, sempre dizia:

Tudo posso naquele que me conforta. Aí está o segredo da sua alcandorada santidade: um heróico querer, uma coragem indomável.

João Maria foi primeiramente um menino piedoso, um jovem, um seminarista, um sacerdote exemplar. Finalmente chegou um dia, só por Deus conhecido, em que se tornou um santo, um grande santo. Se nos fosse permitido sondar com todo o respeito este mistério, haveríamos de pôr esse dia na época em que conseguiu aquela inefável doçura que encantava os peregrinos; época em que renunciou a todos os desejos por menos egoístas que lhe parecessem; época em que recusou o prazer, ainda que muito legítimo, de descansar uns dias entre os seus na sua terra natal; época em que guiado pelas luzes do Alto, luzes cada vez mais frequentes e mais vivas, abriu os braços aos pecadores com uma compaixão e mansidão imensas. Foi pelo ano de 1844 ou 1845 que o Cura d’Ars se alcandorou ao cume da santidade. Parecia ter-se então tornado um ente sobrenaturalizado, e não ter nada mais de humano a não ser o sofrimento. Alcançou aquele grau heróico, que é o supremo esforço da natureza sustentada pela graça... A virtude era nele uma segunda natureza. A sua vontade activa, perseverante, inclinada unicamente para o Bem, sempre aspirou, ou melhor, ia da perfeição adquirida na véspera à perfeição mais elevada que lhe trazia o novo dia ao despontar da aurora. Nele não havia nada de letargo, nada de rotineiro, mas uma atenção contínua de espírito e de coração para cada um dos seus grandes deveres.

Várias testemunhas da sua vida, cada uma na sua linguagem própria, expressaram o estado da santidade adquirida e muitas das suas palavras atestam a sua profunda simpatia, vibrante de emoção.

Foram as pessoas simples e devotadas, diz o seu fiel amigo Pedro Ariol, que começaram a difundir-lhe a fama de santidade. Mas as pessoas de carácter mais grave, idade e posição, mais tarde fizeram eco com aqueles rumores saídos de Ars e das paróquias vizinhas. Muitas vezes fui testemunha da emoção causada pelo espectáculo das virtudes do Cura d’Ars. E esta reputação foi sempre crescendo.

Ninguém parece grande homem perante o seu criado de quarto. O P. Vianney viveu como que numa casa de cristal, deixando-se vigiar, observar e discutir como bem o quisessem. Os que privavam com ele mais de perto,

nas fileiras dos mais íntimos, foram os primeiros a lhe proclamarem a santidade, como acabamos de ver. Conforme escreve um sacerdote de Ars, não pude observar no seu proceder nem um só pecado venial deliberado.

São muitos os testemunhos contemporâneos. Raras vezes se tem visto mais belo e mais unânime concerto de elogios. Jamais os eloquentes sermões que cada ano ressoam na basílica e na praça de Ars terão um cunho de verdade mais convincente e penetrante.

Ouçamos em primeiro lugar o P. Beau, pároco de Jassans, o confidente por excelência, pois foi o confessor do Santo durante os últimos treze anos da sua vida:

Que eu saiba, não afrouxou um só momento. Lembro-me muitas vezes de como ele fazia o sinal da cruz, rezava o *benedicite* antes da comida e a *Ave- Maria* ao bater das horas. A lembrança do que vi naqueles momentos ainda me impressiona! Com que angélica piedade rezava o breviário!... Faltam-me palavras para o exprimir. Creio que não é possível ir mais longe na prática das virtudes heróicas. Leio as vidas dos santos e não encontro nada que supere em prodígio o Cura d'Ars. Vivia envolto numa auréola de santidade. Não sei expressar-me: ele me inspirava veneração e respeito. Segundo me parece, ele conservou a graça baptismal, e esta graça foi constantemente aumentada pela santidade eminente da sua vida.

Depois do seu confessor, citemos uma pessoa que foi o seu braço direito em todas as suas obras e a testemunha melhor informada de sua vida, a quem Mons. Langalerie, antigo bispo de Belley, chamava relíquia viva do Cura d'Ars. Catarina Lassagne no primeiro capítulo do seu *Memórias sobre o P. Vianney*, onde enumera os seus benefícios à paróquia, sai repentinamente da sua costumeira reserva para exclamar:

Como Deus é bom em nos haver dado este santo que tivemos a felicidade de possuir por espaço de quarenta anos para maior ventura nossa! Pode dizer-se que passou todo esse tempo fazendo o bem. Somente no dia do Juízo Final poderemos apreciar os méritos com que deve estar enriquecido!

Ouçamos agora aquele que foi o seu prelado durante 29 anos. Em 1838 o P. Tailhades, de Montpellier, depois de uma estada de 2 meses com o Cura d'Ars, encontrou-se com Mons. Devie. O P. Tailhades tomara alguns apontamentos sobre o Cura d'Ars com o intuito de imprimir um opúsculo. Para isso precisava da aquiescência do bispo de Belley. Então, conta o referido sacerdote, S. Excia., aproveitando a oportunidade para conhecer a minha opinião sobre o P. Vianney, perguntou-me: Que pensa V. Revma do Cura d'Ars! Creio que é um santo, respondi. O Sr. Bispo acrescentou: Eu também penso como V. Revma.

Mas, conforme adverte o P. Raymond, quem pode fazer melhor juízo senão os sacerdotes que conhecem as obrigações do sacerdócio e a virtude que devem possuir os que se acham revestidos desta dignidade! Quem senão eles sabem as penas, as fadigas, as solitudes inerentes ao cargo de pároco e confessor? Quem senão eles podem medir pela própria experiência o grau de heroísmo, de virtude, de imolação de si mesmo e o sacrifício a que chegou o Cura d'Ars?

O P. Toccanier, seu coadjutor durante seis anos, assim fala do nosso Santo:

Aproximavam-se dele como de uma relíquia. Jamais vi tanta energia e tanta força de vontade. Nada o abatia; nem as contradições, nem as enfermidades, nem as tentações. Mostrou constantemente a mesma coragem na prática da virtude e no devotamento ao próximo. Era tão surpreendente a sua virtude que causava admiração a quantos o viam. Era uma força tranquila vinda de Deus; uma força invencível. Os peregrinos, até mesmo os religiosos, pertencentes às ordens mais austeras, diziam não haver necessidade de outros milagres do que aquela força, para se convencerem da sua santidade.

Mans. Luís Mermod, capelão da Visitação de Gex, sacerdote profundamente virtuoso, que na sua mocidade fora um penitente assíduo do Cura d'Ars, afirma:

Depois que saí de Chaleins, passei 25 anos sem ver o servo de Deus. Quando tive esta dita, o seu rosto irradiava tal esplendor de santidade que tive vergonha de me apresentar diante dele.

O P. João Luis Borjon, antigo cura de Ambérieux-en-Dombes, que muito fez sofrer ao Santo e a quem este perdoou de todo o coração, diz:

Encontrei nele as virtudes que fazem os grandes santos.

De outros sacerdotes que também tiveram ocasião de o conhecer, são as palavras seguintes:

O P. Vianney era a imagem viva da vida sobrenatural... A perfeição que pregava aos outros era a regra austera de sua conduta. O móvel de todas as suas acções, de toda a sua vida, foi a fé... Sempre notei nele a perfeição das virtudes... Nunca vi cópia mais verdadeira do Divino Mestre... A felicidade que tive de conhecê-lo foi uma graça especial de Deus.

O ilustre sacerdote P. Combalot, que na sua juventude fora discípulo de Lamennais e era um dos seus maiores admiradores, foi um dia, muito cedo, confessar-se com o Cura d'Ars,. Ao sair lançou-se, desfeito em pranto, nos braços do P. Toccanier. Meu Deus, que homem tem V. Revma. aqui! É possível que eu tenha deixado embranquecer os cabelos sem vê-lo?

Dois eclesiásticos, conta o P. Raymond, um deles postulador da causa do venerável De la Salle, Mons. Estrade, e outro religioso, ambos pertencentes ao clero de Roma, foram a Ars quando eu estava ali. Ao ouvirem dizer que em Roma havia dois sacerdotes que gozavam da grande fama de santidade perguntei aos visitantes se os conheciam.

Sim, responderam.

Que diferença de vida notam entre eles e o meu bom Cura?

O P. Vianney, responderam, nos causa uma impressão mais viva; a sua fisionomia respira maior santidade.

Os leigos não foram menos entusiastas nem menos categóricos na admiração e nos seus elogios.

Deixemos falar alguns deles, pertencentes a todas as classes sociais.

O doutor João Baptista Saunier, que visitou como médico o Cura d'Ars, durante os 17 últimos anos de sua vida, se expressa nestes termos:

As minhas relações com o servo de Deus foram as mais íntimas, pois sempre vi nele um modelo acabado de todas as virtudes.

Eis aqui outras opiniões dadas, na maior parte pelos habitantes de Ars, camponeses, operários ou nobres:

Foi sempre em tudo e por tudo, no mais amplo sentido da palavra, o sacerdote perfeito, o pároco modelo, o homem de Deus...

Eclesiásticos distintos, homens do mundo e artistas, nos asseguram que jamais viram coisa alguma que se assemelhasse ao espectáculo deste coração que arde, que adora e que geme... Não foi herói em uma só virtude, mas em todas e não só por algum tempo, mas por toda a vida... A leitura da Vida dos Santos não me fez conceber uma ideia tão elevada de santidade como o conjunto da sua conduta... Considero-o como um dos maiores santos que Deus deu à Igreja... Se este não é um santo, não existe santo...

A multidão anónima, a grande testemunha cuja voz, como se diz, é a voz de Deus, não se enganou no seu juízo sobre o Cura d'Ars. Onde está o Santo? perguntavam os recém-chegados.

O Santo! Eis o Santo que passa! bradavam nas fileiras de forasteiros quando aparecia o humilde sacerdote. E, dirigindo-se aos paroquianos, depois de verem como o aclamavam desta maneira, alguns diziam: Não temos necessidade de outra maravilha para crer que o vosso Cura é um santo. Na verdade, segundo palavras de Mons. Luçon, antigo bispo de Belley, depois cardeal-arcebispo de Reims: se jamais houve um homem canonizado pela voz do povo, este é o nosso Cura. A sentença da Igreja nada mais fará que confirmar o juízo do povo.

Perguntaram a um camponês de Maconnais o que tinha visto na aldeia de Ars. Vi a Deus num homem, respondeu. Um jovem peregrino dizia: Quando se tem a felicidade de ver este sacerdote, não sei quem será mais capaz de ofender a Deus. Um senhor de Marselha tinha uma ideia tão elevada da santidade do Cura d'Ars que não se atrevia a apresentar-se

diante dele sem antes haver purificado a consciência e ter recebido a comunhão na capela de Fourvière.

Chegando a Lião, em 1851, a notícia de que o Cura d'Ars havia predito o assassinio do Príncipe-Presidente por ocasião de uma revista que haveria de passar, um desconhecido de aspecto não muito tranquilizador foi ao encontro do conde de Garets. Era um comissário de polícia encarregado de investigar acerca da pretendida profecia. O conde de Garets, alarmado, foi avisar o P. Vianney, que se achava no confessionário. Respondeu-lhe este: esteja o senhor tranquilo; não há nada que temer. Mandou o comissário entrar na sacristia e cerrou a porta. A conversa durou 10 minutos. Abriu-se novamente a porta, diz o conde, e vi sair o Sr. Cura com aquele homem que derramava lágrimas abundantes. Aproximei-me dele e ao deixar a igreja disse-me com profunda emoção: Mas o vosso pároco é admirável! É um santo!

Este comissário de polícia fora enviado para uma diligência muito desagradável junto a um homem a quem de boa vontade houvera tomado por um iluminado e perturbador. Dele se afastava cheio de admiração por causa da sua virtude. Muitos eram os que iam a Ars sem crer no Cura. Um santo... que coisa mais antiquada e mais pré-histórica!

Pelo verão de 1841, conta certo jovem lionês, um dos meus amigos, gravemente enfermo, ouviu falar num cura de aldeia, eminente por sua santidade. As pessoas que o haviam informado a esse respeito não duvidavam nem dos milagres que o Cura d'Ars já fizera, nem dos que poderia fazer para o futuro. O meu amigo quis vê-lo e pediu-me que o acompanhasse a Ars.

A princípio senti-me, confesso-o, pouco disposto para acompanhá-lo. A minha fé na santidade cristã era completa. Tinha um grande respeito para com essas admiráveis figuras de santidade que surgem de quando em quando e que parecem ser aparições concedidas ao mundo para o consolar e ensinar. Mas, na minha época materialista, e por causa da influência dos meus estudos clássicos, não me podia ver livre de certo orgulho intelectual... Perguntava-me a mim mesmo como era possível reconhecer por santo uma pessoa que não se achava distanciada de mim, nem pelos séculos, nem pelas gerações, e cujos méritos não teriam outro apreciador

senão a minha pobre inteligência de 25 anos. Por essas razões neguei-me a empreender a viagem. O meu amigo insistiu, mas sem êxito.

Em fins de agosto declarou-me que partiria sozinho. Então o terror de vê-lo afastar-se assim da família, e numa ocasião em que a sua saúde estava muito combalida, decidi-me a acompanhá-lo.

Pois bem, o jovem viajante partiu céptico, como demonstra no decorrer da sua longa narração, e regressou a Lião entusiasmado por tudo quanto vira e ouvira. Concluiu fazendo alusão às suas tribulações e às do seu amigo:

Doravante temos que nos refugiar nas nossas reações de Ars e reavivar na nossa alma a santa figura do P. Vianney para nos sentirmos alentados e novamente consolados.

Em resumo, durante 20 anos um concerto unânime de elogios sem uma só nota discordante. Não me recordo, diz Marta de Garets, que jamais se haja dito coisa alguma contra a sua reputação de santidade. Admirava-me sobremaneira o silêncio que os jornais ímpios guardavam sobre o nosso Santo, apesar de os seus repórteres não deixarem de vir a Ars bisbilhotar o que aqui se passava.

Se, apesar de tudo, aqui ou acolá houve um ou outro zombeteiro, sem o saber honravam o Santo. Era o vício e a irreligião combatendo a virtude. Certo morador de Villefranche, um desses espíritos fortes, cuja espécie nunca se acaba de todo, certo dia vomitou este comentário, digno de Homais: É triste que o Cura d'Ars tenha vindo perturbar o século XIX!

Prouvera a Deus que houvesse outros perturbadores deste género.

Vemos facilmente que todas estas testemunhas tão diversas quanto à sua origem, educação e fortuna, mas dotadas todas de uma feliz clarividência, não confundem a santidade com o que lhe é acessório. Por instinto penetram até ao âmago das coisas. Conforme a sua maneira de ver, o Cura d'Ars era santo por havê-los edificado com as suas virtudes heróicas e não por fazer milagres, gozar de êxtases, ler nos corações e anunciar o futuro - coisas estas que não fazem parte essencial da verdadeira santidade.

Estes dons gratuitos de Deus, São João Baptista Vianney nem os desejou nem os pediu. O que unicamente buscou foi a Deus, Deus amado e adorado por si mesmo, Deus servido pelas suas criaturas. O que chegou a possuir em grau eminente foi o mais perfeito nos dons sobrenaturais: a caridade. Ora, como já foi dito, a santidade é o amor.

CAPÍTULO XXIV

No cume da santidade:

II. As virtudes heróicas: humildade, amor à pobreza e aos pobres

Virtudes heróicas em que se distinguiu o Cura d’Ars - A HUMILDADE - Entre as ovações da multidão - O porquê de tanta humildade - Fugindo das aclamações - Uma devoção mal entendida - O Cura d’Ars e o seu carnaval - A história dum busto de cera - O Cura d’Ars e Lacordaire - O AMOR À POBREZA E AOS POBRES - O vestuário do Cura d’Ars - A casa paroquial - Desprezo dos bens terrenos - O Cura d’Ars e os infelizes - Ars, refúgio da miséria - A estima do Santo pelos pobres.

Quando a Igreja Católica prevê como possível a beatificação de uma pessoa falecida em odor de santidade, estuda longa e minuciosamente os seus feitos e as suas obras para ver se nelas encontra ou não a perfeição das virtudes cristãs. Foi precisamente este exame que levou o Cura d’Ars à honra dos altares. O historiador da sua vida nada mais fez do que refazer o seu processo. Basta dizer em que virtude se especializou o personagem que ele evoca. Por que pois entre os heróis que a Igreja honra São João Baptista Vianney é ele mesmo e não outro? Parece-nos que praticou com heroísmo particular as quatro virtudes: a humildade, o amor à pobreza e aos pobres, a paciência e a mortificação - quatro flores raras cujo perfume viemos respirando quase em cada página deste livro. É chegado o momento de saboreá-lo mais longamente.

Note-se bem que falamos de virtudes heróicas, isto é, hábitos quase sobre-humanos nos quais o heroísmo se converteu em disposição ordinária da alma e não de actos heróicos espontâneos e transitórios que circunstâncias imprevistas fazem nascer.

Observe-se, além disso, que de tão altas virtudes só podemos admirar-lhes o brilho exterior, pois que se nos oculta quase de todo a acção contínua da graça divina que elevou o Cura d’Ars a um grau tão sublime de santidade.

* * *

A humildade, a rainha das virtudes cristãs na ordem prática, sem a qual toda outra virtude não é mais do que uma aparência, verdadeiramente foi para o Cura d'Ars uma norma de vida e de perfeição. Irradiava-a de toda a sua pessoa. Mons. Ségur, que foi visitá-lo em 1858, estava convencido de que esta única virtude bastaria para o fazer canonizar. O prelado, regressando ao castelo, onde estava hospedado, não se cansava de falar na humildade do Cura. Parecia-lhe, diz o conde, um verdadeiro prodígio no meio daquela extraordinária afluência de gente que devia ser para o bom do Cura uma contínua tentação de amor-próprio.

O P. Raymond, que foi uma das testemunhas da sua vida e uma das testemunhas mais severas, teve de se curvar ante essa maravilha. Uma das coisas que mais me impressionou no Cura d'Ars, diz ele, foi resistir de um modo tão admirável àquela verdadeira embriaguez de contínuas aclamações. Compreendia muito bem; via claramente que era a ele que buscavam em Ars. Mas jamais descobri um sentimento de orgulho no seu coração, nem uma leve palavra de vaidade nos seus lábios.

Um petulante ou um presunçoso, por mais hábil que fosse, teria perdido a cabeça, atordoado com uma tal glória. Uma virtude comum não teria resistido tanto tempo. Só um santo poderia conservar-se humilde no meio de tais triunfos.

Certo penitente do Cura d'Ars, pessoa ajuizada e perspicaz. dizia que o seu confessor não chegou a sentir os assaltos do orgulho. Parecia indiferente a toda a honra, afirma a baronesa de Belvey, e em nada mais pensava senão em cumprir as diferentes funções próprias do seu ministério. Passava por entre a população que o ovacionava como uma criança, cuja graciosa candidez nós admiramos sem que ela se dê conta. O Cura d'Ars trilhou aquele caminho de infância que uma Santa Teresinha do Menino Jesus haveria de ensinar e praticar de um modo tão perfeito. Certo dia, conta Mons. Dufour, missionário de Pont-d'Ain, um sacerdote dirigiu-lhe na minha presença algumas palavras de elogio. Olhou-o com ar de admiração e perguntando-lhe: Mas meu Deus! que está a dizer V. Revma.?!

Existe uma humildade ordinária, obrigatória ao comum dos mortais, a qual consiste em alguém não se estimar mais do que vale. Para possuir esta humildade basta ter senso comum. Este grau elementar foi superado

consideravelmente pelo Cura d’Ars; mas para isso foi preciso um auxílio especial do Alto: a humildade chegou no Cura d’Ars a um grau heróico, que é nos santos um fruto de graças especiais; foi mais um dom gratuito de Deus do que o resultado de esforços humanos.

De outro lado ele mesmo o explicava em momentos de intimidade: Minha filha, dizia a uma de suas penitentes, não peça a Deus o conhecimento total das suas misérias.

Eu o pedi uma só vez e alcancei. Se Deus não me tivesse sustentado, no mesmo instante teria caído no desespero. Semelhante confiança fez ao Ir. Atanásio. Fiquei tão aterrorizado ao conhecer a minha miséria, dizia ele, que em seguida pedi a graça de esquecer-me dela. Deus me ouviu, mas deixou-me suficiente luz sobre o meu nada, para que eu conheça que não sou capaz de coisa alguma.

O Cura d’Ars não ignorava o bem que fazia com o seu ministério, mas considerando-se como simples instrumento, atribuía toda a glória a quem pertencia por direito. Sou como um cinzel nas mãos de Deus, disse um dia ao Ir. Atanásio...

Oh! meu amigo, se Deus, tivesse encontrado um sacerdote mais indigno do que eu tê-lo-ia colocado no meu lugar a fim de dar a conhecer a grandeza de sua misericórdia para com os pecadores.

Conhecendo-se perfeitamente, o Cura d’Ars não tinha dificuldade em reconhecer que o que possuía de bom, ou fazia de bem, vinha de mais alto do que ele. Sabia também em que abismo teria caído se Deus não o tivesse libertado do perigo. Sou o último dos homens, dizia entre suspiros. Se Deus não me protegesse com a sua misericórdia, que seria de mim?

Pessoas há que se fazem de humildes para serem louvadas. Ninguém estava mais longe que o P. Vianney do que ele mesmo costuma chamar *humildade de anzol*. Se falava da sua ignorância, das suas misérias, da sua indignidade era sem affectação alguma.

Ele era, se assim nos é permitido dizer, a humildade em pessoa. O P. Martin, antigo cura de Saint-Trivier-sur-Moignans, que tivera ocasião de

conhecê-lo muito bem, assim reproduzia as suas recordações: A vida, a linguagem e os exemplos do venerável Cura d'Ars fizeram-me conhecer melhor a humildade do que todos os livros. Falava de si mesmo como de um pobre pecador que tinha necessidade de chorar a sua pobre vida, e fazia-o com tanta simplicidade e em termos tão sinceros que não dava lugar a nenhuma dúvida sobre os seus verdadeiros sentimentos.

Não lhe foi possível abafar o concerto unânime das aclamações que cada vez mais cresciam em torno dele. Pelo contrário, a sua fama de santidade nasceu espontaneamente e aumentou apesar dos esforços perseverantes da sua profunda humildade. Entretanto não buscava a humilhação pela humilhação... Era humilde com critério e discrição. Faziam-lhe elogios; não os repelia directamente. Contentava-se em devião-los com uma réplica oportuna. O poeta Jasmin, autor da *Papillotos* quis conhecer o Cura d'Ars: Sr. Cura, disse-lhe ao despedir-se, nunca vi a Deus assim tão de perto. É verdade, respondeu o Santo, Deus não está longe e apontou para o tabernáculo.

Não pensemos que para melhor encontrar a humildade o Cura d'Ars buscasse o ridículo. A humildade, conforme a condessa de Garets, tinha nele um certo ar de unção e de gravidade. Somente na intimidade troçava acerca da sua pessoa e se lhe aconteceu aparecer em público um tanto engraçado foi contra a sua intenção. Os peregrinos, que o viam muitas vezes atravessar a praça com a sua tigela de leite na mão, talvez se rissem, mas quanto se edificavam ao saber que o herói da caridade fazia aquilo para ganhar tempo e poder recomeçar o seu sublime trabalho o mais breve possível!

O Cura d'Ars, ao ser louvado, sofria visivelmente. Algumas vezes os pregadores de fora, ao falar diante dele, achavam necessário dirigir algumas palavras de elogio ao pároco do lugar. Passava-lhe então pela fisionomia uma contração de desgosto, e, segundo a condessa de Garets, mostrava-se tão sem jeito na sua cadeira, e com tal mostra de aflição, que todos tinham pena dele... Num último sermão de quaresma certo pregador fez-lhe uma peroração de elogios. Oh! meu amigo, disse-lhe o P. Vianney ao se encontrar com ele na sacristia, V. Revma. pregou muito bem durante toda a quaresma, mas ao terminar, infelizmente, pôs tudo a perder!

Certa vez Mons. Devie, por inadvertência, disse em voz alta diante dele: *Meu santo Cura!*... Causou-lhe isto uma verdadeira desolação. Até V. Excia. se engana a meu respeito, exclamou! É preciso que eu seja um hipócrita!

O Irmão Gabriel, superior dos Irmãos da Sagrada Família, compôs um folheto intitulado: *O anjo condutor de peregrinos a Ars* e ofereceu-lhe seis exemplares. O santo Cura aceitou-os com alegria, ajuntando que aquele trabalho seria de grande proveito.

No prólogo, refere o mesmo autor, tive a infelicidade de apresentá-lo como modelo de virtude e santidade. No dia seguinte, pela manhã, viu-me na igreja e fez-me sinal para que o acompanhasse. A sua fisionomia revelava uma aflição e uma severidade extraordinárias. Entrei com ele na sacristia. Fechou a porta e, desfeito em pranto, disse-me resolutamente: Meu amigo, não o julgava capaz de escrever um mau livro.

Oh! Senhor Cura...

É um livro mau... Um livro mau! Quanto custou ao Irmão?... Quero pagar-lhe toda a edição e depois iremos queimá-lo.

Estupefacto perguntei onde estava a maldade do livro.

Sim, sim... É um livro mau... é um livro mau...

Porquê? diga-me por favor, por quê?... Pois bem, uma vez que é preciso dizer-lhe: neste livro o Irmão fala de mim como de um homem virtuoso, como de um santo, quando sou o último dos sacerdotes.

Entretanto, Sr. Cura, mostrei o livro a homens ilustrados. S. Excia. o Sr. Bispo revisou as provas e o aprovou. De modo nenhum pode ser mau.

As lágrimas do Cura d'Ars redobraram. Tire, disse-me ele, o que se refere a mim e será um bom livro.

Ao regressar a Helley contei este fato a Monsenhor Devie. Que lição de humildade nos dá aquele santo sacerdote!, respondeu-me S. Excia. Não, não

tire nada deste opúsculo: Eu lho proíbo. Tomei o seu conselho, mas o Cura d'Ars jamais pôs a sua assinatura em algum dos meus livros, sendo que punha facilmente nas obras e objectos de piedade que lhe apresentavam.

Em 1845, o novo pároco, P. Luís Beau, fora nomeado para Jassans. Quis, enquanto lhe era possível, entrar em relações com o colega d'Ars. Foi recebido pelo coadjutor que o convidou a tomar alguma coisa. Chegando o Cura d'Ars quando já terminavam a merenda, manifestou grande alegria por encontrar-se com ele ali. Deu-lhe um abraço e apertou-lhe afectuosamente a mão. Depois conduzindo-o ao quarto: Meu colega, lhe disse com doce familiaridade, o seu predecessor tinha a caridade de me ouvir em confissão. V. Revma. me prestará o mesmo serviço, não é verdade? O Cura d'Ars contava 59 anos, o P. Beau 37 incompletos, e repentinamente via-se convertido em director espiritual de um santo!... Negou-se. Mas o Cura d'Ars cortou toda a resistência com um gesto sem réplica, indicando ao jovem sacerdote a cadeira destinada ao confessor. Ajoelhou-se no pavimento do quarto e começou a confessar-se.

Em 24 de junho de 1848, o P. Negre, director de um patronato em Lião, acompanhou em peregrinação a Ars um certo número de jovens.

Sabendo que era a festa do P. Vianney, o pequeno grupo aprendeu alguns cânticos de ocasião. A capela da *Providência* estava em construção. Aproveitaram o momento em que o Santo visitava as obras para dirigir-lhe a poética saudação! Apenas o P. Negre lhe apresentou os jovens, começou o canto. Foi o bastante; sem esperar pela segunda estrofe, o P. Vianney desceu do andaime e desapareceu.

O interesse da multidão pela sua pessoa sempre lhe foi desagradável. Sentia verdadeira tristeza, diz a condessa de Garets, ao ver que buscavam os objectos de seu uso para convertê-los em relíquias. Um dia, ao notar que lhe cortavam um pedaço da batina, disse entre gemidos: Que devoção mais mal-entendida. Cada vez que cortava os cabelos tinha o cuidado de os recolher e queimar na estufa do seu quarto. Os barbeiros, porém, não eram lá muito escrupulosos e facilmente se deixavam subornar. João Pertinand conquistou muitos amigos graças ao piedoso latrocínio que se permitia cometer sempre que achava ocasião propícia.

O Cura d'Ars, que era o menos desconfiado dos homens, não adivinhava a causa desses furtos, de que frequentemente era vítima. Ao terminar uma missão desapareceu-lhe o candeeiro. É curioso, disse ele, eu julgava que todos se houvessem convertido... e eis que me roubam!

Quando nos últimos anos o Dr. Saunier o sangrava uma ou outra vez para lhe descongestionar a cabeça, o P. Vianney mandava enterrar o sangue no cemitério, porque era sangue de cristão, mas exigia que o enterrassem na sua presença. Mesmo assim, isso não impediu os bons Irmãos de Ars de subtraírem um pouco e distribuí-lo como preciosa relíquia.

Uma das grandes provações por que passou o humilde sacerdote foi quando viu que o seu retrato estava exposto por todos os recantos da aldeia. Em 1845 começaram a ser reproduzidas as imagens de Epinal, representando vários episódios da sua vida. Muito aflito com essas exposições, a princípio quis fazê-las desaparecer. Os vendedores suplicaram-lhe que não o fizesse, pois era um meio de ganharem a vida. O bom Cura deixou-se convencer. Quanto custa esta estampa perguntou-lhes. Dois soldos, Sr. Cura. Dois soldos, ah! é muito por esse miserável *carnaval*. Vendam pois.

Um dia, ao passar em frente de uma vitrina em que se achava o seu retrato, perguntou o preço. Cinco francos, lhe responderam.

Cinco francos! Oh! o senhor não o venderá nunca! O Cura d'Ars não vale tanto.

Enfim, dizia algumas vezes, se este pobre *carnaval* serve para lembrar os conselhos que tenho dado, não será de todo inútil. Para demonstrar o desprezo que sentia por aquilo, sempre se escusou a gravar neles o seu nome ou a benzê-los. Se entre as estampas que lhe apresentavam encontrava algum, separava-o com um gesto brusco. Fazia comentários como este: isso só tem valor três dias no ano, referindo-se aos três dias consagrados aos mascarados do carnaval.

Como se vê, terminou por levar tudo na troça. Um dia em que falava com o meu marido junto à igreja, refere a senhora de Oarets, levou-o para as vitrinas a fim de lhe mostrar o que ele chamava o seu *carnaval*.

A este respeito teve as saídas mais cómicas que imaginar se possam. Ora veja, você me enforca e me vende, dizia rindo a um jovem vendedor que armara a sua tenda junto ao cemitério. Tiraram-me um novo retrato, dizia a Catarina Lassagne. Desta vez sou eu mesmo; tenho um ar de maluco; pareço-me com um ganso! Ao ver uma das caricaturas, mais grosseiras e mais coloridas que as outras, dizia com muita graça: Vejam só. Vão dizer que estou saindo da taberna?

Apesar disso, num ponto permaneceu inexorável: jamais consentiu em ser fotografado. Somente no leito de morte o puderam fazer. Em 1858, o P. Toccanier, de combinação com o escultor Emiliano Cahuchet, resolveu obter a todo custo uma imagem mais fiel de seu santo Cura. Até então os retratos que saíam não eram verdadeiros, pois eram feitos às furtadelas e debuchados de memória. Tratava-se portanto de tirar uma cópia natural e modelar um busto em cera.

Mons. de Langalerie, que sucedeu a Mons. Chalandon, nomeado bispo de Ain, enviou a Cahuchet uma carta de recomendação. Este escolheu o confessionário como lugar mais propício para se apresentar ao Cura d'Ars. Ajoelhou-se e entregou ao P. Vianney, cuja mão já se erguia para o abençoar, a carta do prelado, que haveria de vencer todos os obstáculos. Recebeu-a o Santo. Levantou-se; abriu a porta e despediu o fingido penitente com esta decisiva resposta: Não! Não!... Nem para o senhor, nem para o Sr. Bispo!

Teve pois que lançar mão de astúcias. O P. Toccanier reservou para o artista um lugar na igreja, de onde pudesse observar o seu modelo. Cahuchet assistiu ao catecismo do Santo. Ocultou a provisão de cera num grande chapéu, e pensava trabalhar sem ser visto... Tudo ia muito bem quando, passados oito dias do começo daquela manobra, o Cura d'Ars apostrofou-o: O senhor aí? Quando deixará de nos distrair, a mim e aos outros? Mas Cahuchet já havia modelado a cera, e foi o bastante para possuímos aquela fisionomia tão expressiva e tão viva em que ao mesmo tempo se refletem todas as emoções dum alma profundamente sensível... Quando o busto estava terminado, levou-o para o refeitório dos Missionários. O Cura d'Ars topou-se com a sua própria imagem. Olhou-a... e meio confuso, meio sorrindo, exclamou: Ah, isto agora não é um

mascarado! Quem fez isto perguntou. Emiliano Cabuchet se apresentou. O senhor não me obedeceu, disse-lhe em tom mais severo. Posso perdoar-lhe! O P. Toccanier e os Irmãos que estavam presentes imploraram perdão para o artista... e para a obra de arte. O P. Vianney consentiu em não ser destruído o busto que tão bem o representava, mas exigiu de Cabuchet a promessa de não o entregar ao público antes da sua morte.

Desse modo o Cura d'Ars foi humilde até ao fim da vida. Jamais quis valer-se mesmo do seu trabalho sobre-humano para receber privilégios. Se foi dispensado de rezar o breviário nos últimos anos de vida, foi devido a uma gestão do seu coadjutor. Parece que a sua fama de santidade e experiência das almas haviam de fazê-lo crer que estava isento da obrigação de renovar cada ano, conforme o exigiam as regras do antigo Ritual de Lião, as licenças para ouvir confissões. Pois bem, todos os anos até 1858, fez apostilar as cartas de poderes, quer fosse pelo bispo, quer pelo vigário geral.

Temos visto com que humildade se deixava repreender por colegas muito mais jovens e menos conceituados do que ele. Até depois de ter conquistado a veneração de todos os sacerdotes, não deixou de considerar-se inferior; e os recebia sempre com a maior admiração, testemunhando-lhes profundo respeito e se recomendando às suas orações.

Viu aproximarem-se de seu púlpito e ajoelharem-se a seus pés no confessionário bispos, pregadores de fama e leigos eminentes, Prefiro, dizia ele, às visitas de grandes pessoas a de um pobre que me pede esmola. Bérenger de la Drome foi consultá-lo, em 1850, sobre dificuldades que lhe pareciam insolúveis. O Santo imediatamente lhe deu a solução. O magistrado saiu maravilhado. O P. Vianney nem se preocupou de perguntar quem era. Depois de uma entrevista que teve em 1855 com o prefeito de Ain e o comandante geral das tropas do departamento, que o foram felicitar por ocasião da sua promoção à Legião de Honra, disse-lhe o conde Próspero de Garets,: Senhor Cura, eis a nossa Ars recebendo os poderosos da terra. Eles também são de corpo e alma, respondeu simplesmente o humilde sacerdote.

O P. Pététot, superior do Oratório, e o P. Combalot, missionário apostólico de palavra ardente, foram a Ars para ouvir lições de zelo e

eloquência. Regressaram admirados. Viram Mons. Aliou, bispo de Meaux, assistir ao Catecismo por oito dias consecutivos, no meio dos demais fiéis. Mons. Dupanloup e o Cardeal de Bonald fizeram uma viagem a Ars para receber os conselhos do Cura d'Ars. Ao começo ele não parecia dar-se conta de que era objecto de tão piedosa veneração. Recebia-a como se fosse inteiramente para um outro.

Na noite do sábado, dia 3 de maio de 1845, o P. Lacordaire, que desde muitos anos desejava conhecer o Cura d'Ars, chegou incógnito de Lião à santa aldeia. Foi recebido no castelo. Às cinco da manhã dirigiu-se à igreja.

O Cura d'Ars mostrou-se muito alegre ao vê-lo. Abraçou-o com efusão, apertando-lhe várias vezes a mão e dando-lhe as boas vindas com um sorriso de satisfação. Depois, preparou-lhe para a missa o cálice mais precioso e os paramentos mais ricos. Às dez, o ilustre dominicano, sentado na tribuna reservada aos Garets, assistia à missa do P. Vianney. O celebrante fez a prática sobre a recepção do Espírito Santo. Lacordaire também assistiu ao Catecismo, que era dado cada domingo, à uma hora da tarde. O pároco pediu-lhe que cantasse as vésperas e pregasse. Isso foi uma decepção para uns peregrinos recém-chegados, que preferiam ouvir o Santo. É que a sua humildade fez descorar o brilho da palavra de Lacordaire. Enquanto o pregador falava, diz uma das testemunhas desta cena, o Cura d'Ars escutava-o com uma atenção que poderíamos chamar devoradora e comovente. Na segunda-feira os sacerdotes dos arredores, reunidos para a conferência eclesiástica, almoçaram no castelo. O P. Lacordaire presidiu à refeição. O Cura d'Ars lhe pareceu pouco eloquente? disse um dos convidados ao P. Lacordaire. Respondeu friamente o orador: Pregou como deve fazer um bom pároco.

Na véspera, o grande pregador dissera em presença do mestre Pertinand: Este santo sacerdote exprimiu de uma maneira admirável, ao falar do Espírito Santo, um pensamento que há muito tempo eu procurava.

O Cura d'Ars aproveitou tão honrosa visita para mais se humilhar. No dia seguinte, refere o P. Raymond, disse-me: V, Revma. conhece o ditado: os dois extremos tocam-se. Pois bem, hoje se cumpriu no púlpito de Ars, onde subiram a extrema ciência e a extrema ignorância. A humildade foi a virtude predilecta do nosso Santo. Tinha-a em tão grande estima, diz o

Irmão Atanásio, que dela falava constantemente, sobretudo nas instruções. Sede humildes, sede simples, não cessava de repetir aos Irmãos da Sagrada Família; quanto mais o fardes, tanto maior será o bem que fareis.

Gostava muito de repetir esta história:

Um dia apareceu o diabo a São Macário. Tudo o que fazes eu também faço, disse Satanás ao cenobita da Tebaida. Tu jejuas, e eu não como nunca. Tu passas em vigília, e eu jamais durmo. Uma coisa, porém, há que tu fazes e eu não posso fazer.

Qual é?

Humilhar-me.

Segundo conta o P. Toccanier, costumava dizer frequentemente: A humildade é, entre as virtudes, o que a corrente é para as contas do rosário: rebenta-se a corrente e todas as contas caem. Tire-se a humildade e todas as virtudes desaparecem.

* * *

Uma alma humilde ama a pobreza e os pobres. Do Cura d'Ars pode-se dizer com verdade o que de si mesmo dizia S. Francisco de Assis: que havia desposado a Senhora D. Pobreza. A habitação do P. Vianney era pobre. Se alguém quisesse pintar a pobreza, não precisaria dum modelo mais perfeito. Já temos visto como foi objecto de murmuração da parte dos colegas por causa de seu porte exterior. Isso aconteceu durante os primeiros anos de vida paroquial. Enquanto o tempo lhe permitiu, isto é, até 1827 ou 1828, ele mesmo cuidou de remendar a sua roupa. E, manejando muito mal a agulha, é fácil avaliar como saíam tais remendos.

Nas suas meias, diz Joana Chanay, havia tantos cerzidos que, sem a menor dúvida, calejar-lhe-iam os pés. Um dia Catarina Lassagne o surpreendeu remendendo as calças. A boa moça ficou parada no portal. Catarina, disse o Santo em tom de gracejo, pensavas encontrar o teu Cura e encontraste um alfaiate. Antes de começar a concorrência de peregrinos, possuía somente uma batina cujos remendos e cerzidos não se podiam

contar. Esta pobreza voluntária um dia o pôs em grande aperto. Era inverno. Regressava dum paróquia vizinha, situada na região dos brejos. Estava molhado até à medula dos ossos e muitas vezes caíra na lama do caminho. Sabia muito bem que ir para casa daquela maneira, onde não tinha roupa para mudar, era uma imprudência mortal. Chegou a casa de um seu paroquiano a quem confessou o aperto em que se achava. Este, comovido até às lágrimas, apressou-se em ajudá-lo. Emprestou-lhe uma veste e pôs a batina a secar junto ao fogo. Quando se multiplicaram as visitas dos peregrinos, convenceram-no de que não era conveniente trajar mais um vestuário tão miserável. Então aceitou o presente que lhe fizeram de duas batinas. Guardou a melhor para usar nas grandes festividades, mas a mais pobre era a sua preferida. Usou-a por muito tempo e não se envergonhava de vesti-la para as cerimónias: Uma batina velha, dizia ele, fica muito bem debaixo dum casula bonita. Por ocasião dum visita pastoral, esqueceu-se de pôr a melhor batina. Não me dei conta, disse depois ao Ir. Atanásio. Fiquei muito arrependido.

Nunca consentiu em possuir mais de duas batinas. Algumas pessoas lhe ofereciam uma nova em troca da velha (era uma maneira de adquirirem uma preciosa relíquia), mas viam recusados os seus presentes. Outras vezes deixavam-nas no seu quarto sem lhe dizer nada, Ele as distribuía entre os Irmãos. Foi assim que o Ir. Atanásio recebeu três batinas.

Durante os três últimos anos de vida, conforme testemunha o P. Beau, seu confessor, via-o sempre simples, mas com as vestes eclesiásticas completas. Nunca usou capa. Em Trévoux, por ocasião do jubileu de 1823, compraram-lhe uma, mas ele deu-a a um pobre. Usava a mesma batina tanto em dezembro como em junho. No inverno procurou-se meio de forrá-la sem que ele percebesse.

A casa paroquial estava em relação com o morador. O pequeno pátio que lhe ficava em frente achava-se coberto de relva como os prados. Nasceram ali três sabugueiros. O Cura d’Ars chamava-os com graça, o seu Bosque de Boulogne. Mas pode-se perguntar se lhe desfrutou alguma vez a sombra ou respirou o perfume das suas flores. As paredes começaram a perder a cor branca e a se esburacarem. À força de pedidos o conde de

Garets conseguiu rebocá-las e caiá-las. Estou muito bem aqui, dizia ele. Quando vier um novo cura, que cuide da casa e faça o que mais lhe agradar.

O seu quarto estava, em parte, esburacado.

Foi necessário que o maire, aproveitando uma saída, mandasse reparar o mais urgente. Como não houvesse mais móveis, as outras peças da canónica ficaram abandonadas. As persianas das janelas estavam desconjuntadas e os vidros quebrados. Uns espinheiros invadiram a parte baixa da cozinha e um rebento lançou raízes e, se emaranhou pela chaminé acima. Em redor da casa do Santo reinava completa decadência.

Os objectos de seu uso foram reduzidos ao estritamente necessário. Para as refeições bastava-lhe uma tigela e uma colher. Ofereceram-lhe, diz Catarina Lassagne, três ou quatro xícaras muito bonitas. Um dia andei procurando-as no seu quarto e não as podia encontrar. Da minha parte culpava os ladrões ou as pessoas piedosas que vinham em busca de relíquias, quando vi num canto alguns pedaços delas. Joana Maria Chanay, que me acompanhava, disse ao servo de Deus: Senhor Cura, olhe como quebrou as xícaras! Riu-se ligeiramente, mas depois em tom mais grave acrescentou: Então, nunca poderei ter a pobreza em minha casa.

Jamais deu um vintém às directoras da *Providência* para que lhe comprassem coisas especiais. As pessoas caritativas lhe forneciam a alimentação. Nem uma só vez pareceu estar solícito pelo dia de amanhã. Quanto dinheiro não lhe passou pelas mãos! Recebeu somas consideráveis, mas converteu-as todas em boas obras. O dinheiro parecia queimar-lhe os dedos. Destinou grande parte do mesmo para socorrer os pobres. Ria-se e se compadecia ao mesmo tempo dos que acumulavam dinheiro. Bem se poderiam comparar com quem quisesse encher um saco de neblina ou melhor, com quem amontoasse abóboras para ajuntar um tesouro e, ao chegar o inverno, as encontrasse podres.

Sr. Cura, dizia-lhe Catarina Lassagne, V. Revma. tem um cheque sobre a mesa. Cuide de não lançá-lo ao fogo. Muito pouco perderíamos, respondeu-lhe friamente. Na noite antecedente havia acendido uma vela com uma carta cujo conteúdo era um cheque de 500 francos, Encontrando o P. Dubouis, cura de Fareins, disse-lhe: Meu amigo, hoje fiz cinzas de

grande valor... E referindo o acontecimento, acrescentou: Seria pior se tivesse cometido um pecado venial.

O seu coração, diz o conde de Garets, se compadecia de todos os miseráveis... Amava ternamente os desventurados. Por eles se despojava de tudo: dava e dava sem cessar. Para poder dar esmolas vendia quanto lhe era possível: os seus móveis, a sua roupa e os mais insignificantes objectos do uso próprio.

A sua caridade era inesgotável. Diz o Ir. Atanásio: Confesso que muitas vezes antes mesmo do dia raiar, já havia distribuído mais de 100 francos em esmolas. O bolsinho de sua batina, onde punha o dinheiro para os pobres, chamava-o rindo: o *bolsinha da naveta*, porque as moedas entravam e saíam continuamente. À noite contava o que ele chamava os seus benefícios, ou seja algum dinheiro que lhe restava. Se nada tinha, pedia emprestado, pois não queria deixar sair um pobre sem esmola. Contudo, não dava dinheiro à toa. Se consentia deixar-se explorar, pois isso é património de quantos praticam o bem ao dar esmolas, não agia sem discernimento. Para isso também lhe servia o dom da intuição, pois, de ordinário, mostrava-se mais generoso para com os que eram vítimas de necessidades mais imperiosas. Nos últimos anos de vida pagava o aluguer pelo menos para umas trinta famílias, quer em Ars, quer nos arredores. Todos os anos, ao se aproximar a festa de S. Martinho, procurava economizar, tornando-se quase avaro. É mister que eu pague os meus arrendamentos, dizia ele. Algumas famílias mais necessitadas recebiam dele lenha e farinha. Por muito tempo uma senhora de Villefranche vinha cada semana pedir-lhe pão para os filhos.

Com uma grande delicadeza sabia amenizar as susceptibilidades dos pobres. Adiantava a soma necessária às pessoas que vinham estabelecer em Ars pequenas casas de negócio, e quando falavam em 1ha restituir, dizia: Eu não empresto, eu dou. Acaso Deus não deu antes a mim? No seu guarda-roupa punham poucas camisas de cada vez. Sem esta precaução as teria dado todas de uma só vez. Ponha mais dizia ele inexorável a Catarina Lassagne. Isso dava lugar a que os pobres esmolambados subissem ao seu quarto, onde mudavam de camisa. No inverno acendia-lhes um bom fogo. E, enquanto aqueciam o corpo, diz deliciosamente Catarina Lassagne, ele

tratava de aquecer-lhes as almas com o fogo do amor divino. Alguns dos íntimos se lhe ofereciam para distribuir as esmolas em seu nome; mas os indigentes desejavam que fosse ele próprio. Chamava-os meus amigos com uma voz tão doce que se retiravam muito consolados. Que felizes somos, dizia ele, em virem os pobres a nós; se não viessem teríamos que ir buscá-los. E nem sempre haveria tempo para isso.

Aproveitava todas as ocasiões para consolar os atribulados. Um dia, quando se encaminhava para o orfanato onde ia explicar o catecismo encontrou um pobre com os sapatos muito rotos. Deu-lhe o seu próprio calçado e foi para a *Providência* procurando ocultar as meias sob a batina. Uma manhã, conta Joana Chanay, mandei-lhe um par de sapatos forrados e completamente novos. Qual não foi a minha admiração ao vê-lo à tarde com uns sapatos velhos, de todo imprestáveis. Esquecera-me de tirá-los do seu quarto. Perguntei-lhe gracejando: V. Revma. já deu os outros? Talvez sim, respondeu-me tranquilamente.

Em janeiro de 1823, por ocasião da grande missão de Trévoux, em que o P. Vianney confessou dia e noite, os seus colegas vizinhos juntaram dinheiro para lhe comprar umas calças! Esta peça de roupa era de veludo muito bom e muito lhe teria durado. Um sábado à noite, voltando para casa a pé como sempre, ao lado dos Bruyeres, encontrou-se com um pobre quase nu que tremia de frio. Espera, amigo, disse-lhe o P. Vianney. Escondeu-se então atrás de uma cerca, reaparecendo logo depois com as calças novas na mão. O pobre apressou-se em vesti-las. Poucos dias depois, na casa paroquial de Trévoux, perguntaram ao Cura d'Ars se estava satisfeito com o presente. Ah! Sim, respondeu em tom de troça, fiz delas um bom presente: um pobre pediu-mas emprestadas.

Tinha muita compaixão pela pobre Bichei, infeliz cega de Ars que vivia ao lado da igreja. Preferia-a aos demais pobres porque podia dar-lhe esmolas sem que ela soubesse quem era o benfeitor. Aproximava-se dela devagarinho, depositava comida ou dinheiro no seu avental e se retirava sem dizer nada. A pobre cega, pensando que fosse alguma vizinha, dizia cada vez: Obrigada, minha amiga, muito obrigada. O Sr. Cura saía rindo gostosamente.

A caridade do Cura d'Ars transpôs as fronteiras e para isso teve mensageiros. Fui uma vez a Lião, diz Maria Filliat, a fim de entregar 100 francos a uma família necessitada... Um dia, aborrecido consigo mesmo porque lhe parecia não ter dado o necessário a uma pobre de Saint-Didier, encarregou-me de levar-lhe 15 francos. Mais de uma vez enviou-me às paróquias vizinhas com semelhante encargo.

Os pobres que estavam de passagem, quase sempre exigentes e incivis, encontravam nele benévolo acolhimento. Há pobres fingidos, dizia-lhe o P. Toccanier. V. Revma. forçosamente se há de enganar dando a qualquer um que se apresente. Dando a Deus, respondeu-lhe o Santo, ninguém se engana. Uma ex-pensionista da *Providência* furtou algumas roupas do orfanato e certa quantia de dinheiro da sacristia. Foi presa e metida no cárcere. O P. Vianney deu em vão muitos passos para livrá-la desta pena vergonhosa. Ao ser posta em liberdade foi pedir esmola ao Cura d'Ars. Compadecido de sua situação, despediu-a provida de vestidos e dinheiro.

Depois de tudo isso compreende-se a fama do P. Vianney no mundo da miséria. Não podia sair à rua sem se ver escoltado por uma multidão de pobres. Ars se havia convertido em ponto de reunião geral para os indigentes. Alguns paroquianos, incomodados por terem que albergar tantos infelizes e nem todos igualmente recomendáveis, queixaram-se ao maire. É o defeito do Cura d'Ars, diziam eles. O conde de Garets transmitiu-lhe estas queixas. Acaso não disse Nosso Senhor, respondeu o Santo, - Sempre tereis pobres entre vós E insistiu para que nenhum deles fosse afastado da aldeia.

É que ele dedicava aos pobres uma estima completamente sobrenatural, inspirada no Evangelho. Via neles a imagem de Nosso Senhor, o divino Pobre que santificou a pobreza. Por estas razões gostava de contar nas explicações do catecismo alguns casos, em que Jesus apareceu em forma de pobre. A história da vida de S. João de Deus percebendo as chagas de um pobre a quem socorria e exclamando: Sois vós, Senhor! fazia-o chorar cada vez que a contava. Eis um último facto que demonstra a veneração com que o Cura d'Ars tratava a pobreza.

Certo dia de verão, um pouco antes das 12 horas, o Cura d'Ars, sentado na sua pequena cadeira, catequizava uma multidão de peregrinos. O povo se apinhava até à porta da igreja, quando chegou um pobre carregando alforjes

e apoiado em muletas. Queria entrar, mas era impossível!. O Sr. Cura viu-lhe as inúteis tentativas. De repente se levanta, atravessa a multidão e por entre as apertadas fileiras conduz o mendigo pela mão. Em toda a igreja não havia lugar desocupado. Onde poderiam descansar os membros fatigados daquele pobre de Jesus Cristo? Um santo não se embaraça com tão pouco: o Cura d'Ars fez o pobre subir ao seu estrado, de onde se dominava todo o auditório, dizendo alegremente: Eia! e continuou falando de pé.

Esta cena não parece copiada do Poverello de Assis?

CAPÍTULO XXV

No cume da santidade:

III. As virtudes heróicas: paciência e mortificação

PACIÊNCIA A virtude mais admirável do Cura d'Ars sob o insulto - No meio das importunações da turba - O Cura d'Ars e o P. Raymond - A paciência e as enfermidades corporais - MORTIFICAÇÃO - Mais admirável que imitável - O mais duro instrumento de penitência: o confessorário do Santo - A imolação de todo o homem. - As disciplinas, o cinto de ferro, o cilício - Os jejuns do Cura d'Ars - O modo como tratava os hóspedes - A homenagem de um cartuxo

O amor à pobreza e aos pobres tinha raízes no próprio temperamento do Cura d'Ars, pois ele era naturalmente bom. Mas há outra virtude, a paciência - com a qual parece não ter nascido. Se não houvesse adquirido esta virtude à força de heróicos e perseverantes esforços, teria sido rude e violento. E sem dúvida chegou nesse ponto a tal grau de domínio, que a doçura do seu carácter fazia crer que ele carecia de paixões, sendo incapaz de se irritar. As pessoas, porém, que tratavam com ele mais de perto notavam logo que tinha a imaginação viva e o carácter violento.

Dizia do púlpito: Meus filhos, queixai-vos de não poderdes praticar a paciência. Ah! meu Deus, de impaciência todos nós temos um pouco.

Sr. Cura, perguntou-lhe o P. Raymond, como pode ficar tão calmo com a impetuosidade do seu carácter?

Ah! meu amigo, a virtude requer esforços, contínuas violências e sobretudo o auxílio de Deus.

Na verdade, teve que trabalhar longo tempo e sofrer muito para adquirir a paciência que nele admiramos. Por isso, diz o conde de Garets, esta foi a virtude que nele mais admirei e mais me impressionou. Não creio que seja possível praticá-la em grau mais elevado... Via-o sempre o mesmo, amável, fossem quais fossem as maneiras usadas para com ele.

Creio, acrescenta o Ir. Atanásio, que se a virtude não o tivesse dominado por completo, facilmente se encolerizaria. Via-se obrigado a se conter e violentar com energia. Em algumas ocasiões, quando o importunavam pessoas fastidiosas, torcia o lenço que costumava trazer na mão, e eu me afligia em ver o esforço que ele se impunha para dominar a impaciência. Para conhecer tais esforços era necessário que alguém fosse seu íntimo familiar.

Era muito sensível. Experimentava antipatias involuntárias, mas cobriuas com o véu da caridade. Estamos convencidos, diz Marta Miard, de que ele tinha de se fazer violência em presença de certas pessoas, mas nunca o deixou transparecer. A única coisa que nele se notava quando alguma tempestade lhe agitava a alma era certa alteração do rosto; uma espécie de relâmpago que lhe fuzilava nos olhos. Neste estado ficou por uns momentos no dia em que foi nomeado cónego, quando o Ir. Atanásio lhe pediu que se assentasse na cadeira com a sua murça.

O Cura d’Ars deu provas estupendas de paciência.

Um dia, conta João Pertinand, surpreendemos, sem o P. Vianney saber, um menino da paróquia, quando tentava apoderar-se das esmolas da missa. O maire e eu fomos avisar os pais da criança. A mãe do ladrãozinho, julgando ser o Cura d’Ars que havia denunciado o menino, foi no dia seguinte à sacristia, onde lhe fez as mais amargas reprimendas. Estava eu na igreja, de pé, junto à porta ouvindo aquela chuva de impropérios. A senhora tem razão, contentava-se em responder o bom do Sr. Cura. Reze pela minha conversão.

Ouvi dizer, refere Catarina Lassagne no seu *Petit mémoire*, que nos primeiros tempos que esteve na paróquia, um homem foi a sua casa e o insultou. Ele o ouviu sem dizer palavra. Depois, por deferência, quis acompanhá-lo e abraçou-o ao se despedir... O sacrifício causou-lhe tanto esforço que a custo pôde subir ao quarto, tendo que se deitar na cama. Durante alguns momentos apareceu coberto de manchas...

Vimo-lo várias vezes, quando alguém o tratava com aspereza, conservar a calma, mas em seguida o seu corpo era tomado de um certo tremor.

Quando vencemos uma paixão, dizia ele, temos que deixar os membros tremer.

Uma vez, conta Joana Maria Chanay, aconteceu alguma novidade na *Providência* que o contrariou fortemente. Se eu não me quisesse converter, disse-nos, deveras me incomodaria. E ao pronunciar essas palavras conservava toda a serenidade.

Lembro-me, conta André Treve, mas não posso precisar a época, nem o lugar, em que um dia lhe deram uma bofetada ao que respondeu: Meu amigo, a outra face está com inveja!.

Essa admirável paciência manifestou-se de modo especial entre a multidão. Na verdade, era ali onde encontrava ocasião, sempre nova, de perpétua renúncia. Os que se queriam aproximar dele ansiavam por vê-lo e os que já tinham visto queriam vê-lo outra vez. Em torno da sua pessoa, diz o cónego Gardette, formavam-se como que correntes opostas que se agitavam em todos os sentidos... Mas, coisa admirável! Comprimido e quase sufocado, parecia um anjo de caridade e doçura. Na sua fisionomia estampava-se o cansaço físico, mas nunca as impressões da baixa natureza. E, no entanto, o seu temperamento tão enérgico e sensível devia sentir vivamente as contrariedades. Conhecia a brevidade do tempo e as misérias reais de tantas almas e tal pessoa o entretinha com as suas eternas repetições; outra lhe contava as coisas mais insignificantes... Mas tinha para com todos uma caridade tão suave e tão paciente que cada um se retirava satisfeito.

. Aconteceu mais de uma vez que o chamássemos à sacristia quando cinquenta ou mais pessoas cercavam o seu confessionário. O Santo dirigia-se para lá e escutava a todos sem sinal de impaciência, apesar de o haverem tirado das suas ocupações para lhe dizerem coisas de pouca importância. No momento em que tinha mais penitentes para atender, vimo-lo sair do confessionário três vezes para dar comunhão a três pessoas diversas que muito bem se poderiam ter apresentado ao mesmo tempo; e isso sem queixa da sua parte, sem murmuração e sem observação de espécie alguma. Pareceu isso tão duro a uma testemunha desta cena que saiu zangada da igreja, dizendo a quantos lhe queriam ouvir: Estou zangado porque o Cura d'Arts nunca se zanga! O P. Toccanier, vendo-o tão calmo, disse-lhe: Mas,

Sr. Cura, se os anjos estivessem em seu lugar, aposto que se incomodariam!... Vejo-me obrigado a fazê-lo por V. Revma.

Um dia, foi em 1854, ao sair do catecismo, enquanto passava da igreja para a casa paroquial, teve de suportar tais importunações; - uns queriam cortar-lhe um pedaço da sobrepeliz, outros o cabelo - que algumas pessoas cheias de indignação lhe disseram: Senhor Cura, V. Revma. deve mandar esta gente embora... Se eu estivesse no seu lugar, ficaria doido...

Ah! meu Deus, respondeu o Santo, faz trinta e seis anos que estou em Ars, e ainda não me zanguei; agora, estou muito velho para começar. Foram vistos sacerdotes maravilharem-se com o espectáculo desta paciência. O P. Gérin, cura da catedral de Grenoble, a quem o P. Vianney chamava seu primo, ficou horas inteiras a contemplá-lo, todo bondade e paciência, comprimido pela multidão que o cercava.

Observei-o bem de perto, refere o cónego Tailhades; para ver se podia descobrir nele algum movimento de impaciência, porém jamais o consegui. Em meio das maiores importunações, sempre o encontrei calmo, sempre risonho, sempre inalterável. Ao fazer-lhe notar a sua calma e paciência, respondeu-me: Que ganharia com enfurecer-me? Oh! faz muito bem um sacerdote que se oferece a Deus em sacrificio todas as manhãs!

O mais difícil para uma virtude, como a paciência, é manter-se igual e perfeita, quer no meio das multidões, quer entre as pessoas cujo contacto quotidiano é irritante e molesto. Aí está a pedra de toque da paciência e os mais belos triunfos. Pois bem, o nosso Santo teve que sofrer durante 8 anos (de 1845 a 1853) os caprichos de um sacerdote a quem a ingénua e subtil Catarina Lassagne considerava como enviado de Deus para exercitar a paciência de seu fiel servo. Nomeado coadjutor do P. Vianney, considerava-se sobretudo como seu tutor. Apesar disso, era um bom sacerdote, muito correcto no cumprimento dos seus deveres.

Tinha vinte anos menos que o P. Vianney e este lhe havia pago a pensão no seminário. Mas o P. Raymond carecia de certo juízo prático. Desde sua chegada achou-se bem, junto ao P. Vianney. Instalou-se sem nenhuma cerimónia no quarto do Cura, ao passo que o santo varão se conformou com um quarto húmido e escuro no andar térreo.

Como, porém, os paroquianos comesçassem a falar, dizendo que era um escândalo o Sr. Cura ser tirado de seus cómodos, o P. Vianney recuperou o seu quarto e o P. Raymond foi morar numa casa da aldeia.

O recém-chegado, que o P. Vianney pedira como auxiliar, só pensava em suplantá-lo, tomar a direcção da peregrinação e chegar um dia a ser Cura d'Ars. Não via que na ausência do Santo a aldeia voltaria à obscuridade de antes de 1818. Brusco, irreflectido nas suas decisões, jactando-se de sábio e eloquente, tratou aquele que lhe fora benfeitor e que lhe era então superior hierárquico com dureza, sem nenhuma atenção e sem o respeito devido aos seus anos e à sua santidade, O que se pode dizer para desculpar o P. Raymond é que ele não se dava conta de que o fazia sofrer. Algumas vezes tomou a liberdade de se queixar ao servo de Deus, reprovando-o por não consultá-lo em tudo ou por não dirigir a peregrinação conforme os seus caprichos, chegando ao ponto de contradizê-lo publicamente do púlpito.

Admite-se facilmente que tal proceder havia de ser muito penoso para a alma sensível e delicada do Cura d'Ars. Nos primeiros dias, refere Catarina Lassagne, ao ver o coadjutor tão jovem e para cuja instrução tanto havia contribuído, experimentou mostrar-se um pouco severo com tal temperamento tão oposto ao seu. Mas viu que com isso o irritava ainda mais, e se resignou a prevenir os seus ímpetos, consultando-o em muitas ocasiões e se acomodando no possível à sua vontade.

Mais ainda - um milagre da graça e da virtude - o Cura d'Ars terminou amando sinceramente o seu coadjutor. Sinto não me ter aproveitado bastante dos seus exemplos; mas, apesar disso, conto com o paternal e terno affecto que me manifestou. Assim falava anos depois o P. Raymond.

O Cura d'Ars não podia tolerar que censurassem o seu auxiliar. Defendia-o em todas as ocasiões. Os peregrinos viam, às vezes, o proceder do P. Raymond e tomavam a defesa do Cura. O Cura d'Ars, pelo contrário, sempre falando bem dele, acrescentava: Se o molestais, nós ambos iremos embora. E ao P. Dubouis, cura de Fareins, enviado por Mons. Devie para investigar o comportamento do P. Raymond, o Cura d'Ars dizia: Oh! deixe-o comigo; ele me diz as verdades. Quanto tenho de lhe agradecer, dizia confidencialmente aos seus íntimos. Sem ele me teria custado saber que

amo um pouco a Deus! V. Revma. não me diz nada, disse mais tarde ao bom e conciliador P. Camelet, superior dos missionários; V. Revma. não me repreende... Não me acho tão bem como antes. A 24 de outubro de 1848 escreveu a Mons. Convert convidando-o para benzer a capela da *Providência*. Aproveitou a ocasião para fazer a apologia do seu coadjutor:

Nada tenho que dizer a V. Excia. a respeito do P. Raymond, a não ser que é um bom sacerdote e que merece um lugar no seu coração em troca de toda a bondade que ele tem tido para comigo. Não vá acreditar nas más línguas. Tudo é refinada malícia.

Mas não era bastante que um membro do clero fornecesse matéria para críticas fundadas. Várias pessoas piedosas fizeram ver ao Cura d'Arms que aquele estado de coisas já durava demais. O Santo pediu ao Ir. Atanásio que escrevesse em seu nome a Mons. Devie. Ele mesmo ditou, por assim dizer, o teor da carta, diz o abnegado secretário, e insistiu sobretudo que eu fizesse valer os títulos do P. Raymond para que este obtivesse um bom cargo. Estávamos na Semana Santa. Apresentei o rascunho da carta ao servo de Deus, quando ele passava por detrás do altar. Leu-o; meditou um Instante e rasgou-o em quatro pedaços. Tenho pensado, disse-me, que Nosso Senhor levou a sua cruz durante estes dias e que eu posso muito bem imitá-lo.

Mais tarde consentiu que o conde de Garets falasse do coadjutor a Mons. Devie. A entrevista teve lugar em Bourg. Mas nesse meio tempo o Cura d'Arms mudou de parecer. Quando o burgomestre falou do assunto com o bispo, este lhe mostrou uma carta que acabava de receber, em que o Santo pedia que lhe deixasse ainda um pouco o seu querido P. Raymond.

Graças a Deus, o insuportável coadjutor tomou a iniciativa de solicitar por si mesmo outro cargo. Convencera-se afinal de que jamais chegaria a suplantar aquele sacerdote aclamado pelas multidões. Mons. Chalandon, como temos visto, nomeou-o cura de Polliat em 1853. Até à morte o Cura d'Arms tratou-o com uma delicadeza excepcional. Depois de minha partida, diz o próprio P. Raymond, ele me escreveu: V. Revma. foi para mim tão útil, prestou-me tantos serviços que me cativou o coração, Tive a dita de vê-lo oito dias antes de morrer... Jamais olvidarei a bondade com que me recebeu e com que generosidade me ofereceu uma capa... Logo que me inteirei da gravidade da sua doença, corri a Ars, onde tive o consolo de

abraçá-lo pela última vez. No mesmo dia das exéquias, os missionários pediram ao P. Raymond que compilasse as suas próprias recordações. Com efeito, começou a escrever uma *Vida do Cura d'Ars* mas não a terminou. Os fragmentos deste manuscrito que ainda se conservam, assim como as suas declarações no *Processo da canonização*, só respiram admiração e simpatia.

Os sofrimentos do corpo não encontraram no Cura d'Ars menos paciência que os do espírito. Foi provado pelas doenças e por alguns achaques. Não será permitido enumerar, de conformidade com os testemunhos dos seus conhecidos, algumas dessas doenças?

Debaixo do braço esquerdo tinha uma ferida. Algumas vezes os peregrinos rodeavam-no, apertavam-no de modo que o faziam sofrer horrivelmente. Chegou mesmo a dizer. Mais cuidado... Assim me magoam!... Mas sem manifestar nenhum descontentamento.

Por espaço de uns quinze anos, diz o P. Raymond, sofreu de um reumatismo, que contraiu dormindo num quarto frio e húmido da casa paroquial, e isso lhe ocasionava violentas dores de cabeça.

Oh! quanto soffro! dizia frequentemente, levando as mãos à cabeça... A falta de exercícllos provocava-lhe entorpecimento na circulação, obrigando-o à sangria todos os anos. Por causa da pregação, contraiu uma hérnia dupla, da qual cuidou muito tarde. Não se sabia por que, ao sair do confessionário, caminhava encurvado. O médico teve que intervir, e só então se soube a causa de seu sofrimento.

Se ele nunca se sentava com as visitas, diz o conde Camilo Monnin, era sem dúvida por deferência às pessoas que recebia, mas também por causa das feridas que o atormentavam, feridas que contraira ao permanecer tantas horas sentado no confessionário.

Padeceu horríveis dores de dentes. Pediu-me, diz João Pertinand, que lhe arrancasse alguns com a torquês...

Ora, até mesmo no tempo em que o seu pobre *cadáver*, como chamava ao corpo, sentia as mais vivas dores, o espírito permanecia sempre livre. Nada na sua conversação, nem no semblante reflectia o sofrimento. Um dia,

afirma o conde de Garets, em que foi à nossa casa para benzer umas construções, sofria horrivelmente. Perguntei-lhe se queria tomar alguma coisa. Ah! senhor, respondeu sorrindo, seria coisa muito maçante, se cada vez que uma pessoa sofre tivesse que tomar alguma coisa! Mais de uma vez, depois da oração da noite, vimo-lo como que vencido pela dor ocultar-se e desaparecer no púlpito. Mas em seguida se levantava com energia e pregava com o mesmo ardor como se nada sentisse

* * *

A paciência em São João Maria Vianney se nos apresenta como um maravilhoso exemplo.

Mas quanto à sua mortificação não havemos de reconhecer que foi mais admirável do que imitável? Realmente, o atleta do Senhor chegou até os últimos limites das forças humanas, se é que não os transpôs.

O P. Vianney, diz o conde de Garets, é um homem que matou completamente em si mesmo o velho Adão, e que jamais concedeu satisfação alguma à natureza. E a condessa acrescenta: a sua mortificação foi extrema, constante e universal; abrangeu-lhe toda a vida... A vida de um trapista não é nada em comparação com a sua. Não creio que a penitência cristã possa elevar-se mais alto. O Cura d'Ars fez-nos crer as coisas mais extraordinárias que se narram dos Padres do deserto. A prudência humana, diz o P. Dufour, missionário de Pont-d'Ain, talvez se possa admirar de tais macerações e as achar excessivas. Mas o homem que se ofereceu voluntariamente a Deus sentia a inspiração e a assistência divinas. No caminho da penitência só costumam os primeiros passos, diz o mesmo santo. Mas no caminho que conduz à ascensão de uma virtude tão difícil é necessário o heroísmo ajudado pela graça.

Na antiga casa paroquial de Ars se conservam como troféu de vitória as disciplinas e os cilícios do P. Vianney. Mas, o seu principal instrumento de penitência não está ali; deixaram-no na igreja: é o confessionário.

Pode-se dizer que o servo de Deus ali se crucificou livremente. Foi um mártir da confissão, conforme as palavras de uma testemunha da sua vida.

Bem poderia ter fugido dos pecadores, retirando-se a um claustro ou ao deserto, mas por amor às almas permaneceu no seu posto. Ele, que passara a juventude no meio dos campos, respirando o ar puro das montanhas da terra natal, nos dias em que o tempo aprazível convida a passear, permanecia naquela caixa, prisioneiro dos pecadores! Coração delicado e sensível, amigo das belezas naturais, percorrera em tempos idos o risonho vale de Fontblin, onde farfalhavam as faias.

Estava separado disso tudo apenas por algumas casas e pelos muros da sua igreja. Entretanto, por trinta anos, privou-se voluntariamente de gozar da frescura, do encanto e das tranquilas alamedas!

Algumas horas de confissão bastam para alquebrar o sacerdote mais robusto. Sai-se dele com os membros entumecidos, a cabeça congestionada e incapaz de fixar um pensamento. Perde-se o sono e o apetite, e a quem quiser passar, todos os dias, longas horas assentado, faltarlhe-ão as forças. Pois bem, conforme escreveu a condessa de Garets, o Cura d'Ars se impôs um trabalho que extenuaria seis confessores. Eis, diz o P. Raymond, que o viu exercer este ministério, eis o que sempre me pareceu milagroso e superior às forças humanas: que um sacerdote tão achacado e dum regime tão austero pudesse, de qualquer maneira, passar a vida no confissão!... A minha saúde, graças a Deus, é excelente, contudo, confesso que me seria impossível suportar tal género de vida durante uma semana, e o mesmo ouvi dizer por outros sacerdotes acostumados a confessar em peregrinações.

Sim; foi ali entre aquelas tábuas, naquele ataúde antecipado, onde o Cura d'Ars mais teve que sofrer. No verão, a igreja era como um forno. O calor no confissão, como ele mesmo dizia, dava-lhe uma ideia do infemo. Algumas vezes tinha que ouvir confissões com compressas na frente, a tal ponto o torturava a enxaqueca. Era por esse motivo que trazia o cabelo muito curto na parte anterior da cabeça. Nos dias de tempestade ou de forte calor, o ar estava tão viciado na estreita nave do templo que o heróico confessor sentia náuseas e não as podia evitar, a não ser aspirando um vidro de vinagre ou de água de Colónia. No inverno, pelo contrário, naquela região de Dombes, sobretudo quando sopra o vento dos Alpes, até as pedras se fendem. Muitas vezes, refere o P. Dubouis, desmaiou no

confessionário, ora por causa do frio, ora por causa das suas enfermidades. Perguntei-lhe uma ocasião: Como pode V. Revma, estar tantas horas assim num tempo tão cruel, sem nada para lhe aquecer os pés?

Ah! meu amigo, é por uma razão muito simples: Desde Todos os Santos até a Páscoa não sinto que tenho pés.

O cônego Aleixo Tailhades, de Montpellier, que passou com ele parte do inverno de 1838, conta que os pés do pobre Cura se achavam tão lastimados que a pele dos calcanhares saía nas meias quando à noite se descalçava. Para atenuar a dureza da tábua em que se assentava, experimentaram colocar sobre ela umas almofadas de palha. Ele as rejeitou.

No fim de sua vida, durante o inverno de 1857 e 1858, foi necessário lançar mão de certas astúcias para evitar as inclemências do frio: escondiam todas as noites debaixo do confessionário um fogareiro de brasas, as quais iam sendo renovadas durante o dia. Passou muito tempo sem que ele descobrisse isso; mas quando deu por tal, deixou que assim continuassem porque estava vendo que a sua saúde ia mingando dia a dia. Na sacristia, onde confessava os homens, às vezes teve que queimar papel para esquentar as mãos. O P. Toccanier só pôde conseguir licença para acender uma estufa, fazendo ver que os ornamentos emboloravam naquele lugar tão frio e húmido. Por muito tempo viveu sem aquecimento no quarto. Nos últimos 15 anos de vida, cada noite de inverno, Pertinand ou algum dos Irmãos procuravam adiantar-se e acendiam-lhe um bom fogo na estufa.

Infelizmente, conta Pertinand, uma vez chegado ao seu quarto, não podia mais reaquecer-se e o seu sono devia ser muito perturbado. Assim, ao chegar a primavera, deduzia-se de algumas das suas expressões que era para ele como para toda a natureza uma época de nova vida e de alívio.

A assiduidade do P. Vianney no confessionário e os sofrimentos que nele suportava teriam bastado para fazê-lo alcançar um grau de alta santidade. Mas buscando as mortificações com o mesmo ardor com que outros buscam os prazeres, jamais estava saciado de penitência. Impôs-se o sacrifício de nunca olhar para uma flor, de não comer frutas e de não tomar uma gota de água em dias de grande calor. Jamais espantava as moscas que lhe pousavam na frente. Permanecia ajoelhado sem apoio algum. Impusera-

se a lei de nunca manifestar os desgostos e de ocultar todas as repugnâncias da natureza. Dominava a curiosidade ainda a mais legítima: nem sequer manifestou o desejo de ver a estrada de ferro que passava a poucos quilómetros de Ars, e que cada dia trazia para ele tão grande número de peregrinos.

O seu coração estava sem pecado, e contudo, por espaço de quarenta anos jejuou e se flagelou pelos pecadores. Vimo-lo no princípio do seu apostolado como tomava sangrentas disciplinas para obter de Deus a conversão dos seus paroquianos. Quando estes se converteram, não deixou, apesar disso, que os seus instrumentos de penitência se enferrujassem. Sem dúvida, a diminuição das forças obrigou-o a servir-se menos deles e a tratar com menos crueldade o seu *cadáver*. Algumas vezes teve que fazer intervalos entre as flagelações e deixar que as feridas cicatrizassem para poder novamente se flagelar. Em 1859, graças à cumplicidade de Catarina Lassagne, o P. Tailhades revistou-lhe escrupulosamente o quarto. Terminei, diz ele, descobrindo uma disciplina de arame muito forte que se achava escondida na cabeceira da cama, debaixo da cortina. O Ir. Atanásio, que mais tarde fez descoberta semelhante, declarou que a dita disciplina demonstrava visivelmente ter sido usada. Alguém a retirou de lá, mas o P. Víanney não sossegou até arranjar outra. E acrescenta o Irmão: tive ocasião de ver uma que ele mesmo fez. Era feita de correntes muito grosseiras. A cada golpe necessariamente deveria entalhar-se-lhe na carne.

Pedira sucessivamente a várias pessoas que lhe comprassem umas correntes, sem dizer para que fim, mas que logo adivinharam. Maria Filliat, professora da *Providência*, ao sair um dia para Trévoux, negou-se a aceitar semelhante encomenda. O P. Vianney teve que recorrer a um pobre rapaz bastante ingénuo que lhe dizia de vez em quando: Oh! Sr. Cura, na verdade, isto é exagero.

Julgando talvez que João Picard, o ferreiro de Ars, nada suspeitasse, encarregou-o de fazer uma corrente de ferro de quatro a cinco centímetros de grossura, e bastante comprida, que desse para cingir o corpo... Nunca teria imaginado, diz o referido operário, que essa corrente se destinasse a tal uso. Pensei que se tratasse do relógio da torre, então em conserto. Mas um día de Páscoa o Sr. Cura sentiu-se mal na igreja e ajudei a levá-lo para casa.

Ao lhe tirar a batina para colocá-lo no leito, vi a minha corrente ao redor da sua cintura.

Trazia em cada braço um bracelete de ferro eriçado de pontas agudas. Pela rigidez dos seus movimentos e pela maneira como se movia, no púlpito e no altar, era fácil ver, diz a senhora de Garets, que estava coberto de cilícios e de outros instrumentos de penitência. Uma vez o cilício produziu-lhe uma ferida que causou inquietação pelo perigo de gangrena.

Tais mortificações só faziam debilitá-lo ainda mais. Como poderia este sacerdote manter-se em pé quando vivia daquilo que a outros faria morrer? Depois das suas loucuras da juventude, daqueles jejuns completos de dois ou três dias, que a princípio se impunha, resignar-se-ia, em vista da sua debilidade e do seu trabalho, a tomar o alimento necessário? Assim esperavam Catarina Lassagne e as suas companheiras, quando no ano de 1827 lhes disse que, dali em diante, passaria a tomar as refeições na *Providência*. Pura ilusão! Se consentiu em comer todos os dias era contudo muito pouca coisa. O jejum, até então nunca interrompido, continuou da mesma maneira. De ordinário, ao meio-dia, entrava na cozinha do orfanato, e ali num canto do fogão esperava-o uma tigela de leite ou sopa. Quase sempre nem chegava a saborear a comida. Às vezes, além da sopa, comia alguns gramas de pão torrado. Durante muito tempo não tomava nada pela manhã. Em 1834, estando muito fraco, foi obrigado por Mons. Devie a tomar um quebra-jejum. Desde então, depois da missa, sorvia um pouco de leite, mas nos dias de jejum nem disso se servia.

Nas quaresmas de 1849, 1850 e 1851, diz o Irmão Atanásio que ele comia só uma vez por dia. Foi visto aceitar algumas vezes um pouco de sobremesa, ou seja, um pouco de doce; mas nos últimos anos também disso se absteve. Até à sua grave doença de 1843, nunca tomava nada à noite.

De 1854 a 1859, por determinação do médico Saunier, teve de se submeter a certas mitigações, julgadas absolutamente necessárias. Agora que me obrigam a comer, dizia ele, não me acho tão bem quando me confesso. Acusava-se de glotonaria! Quais eram então as suas comidas mais suculentas. O seu próprio confessor nos vai dizer.

Assisti a algumas das suas refeições, conta o P. Beau. Eram-lhe servidas no quarto, depois que as Irmãs tomaram conta da *Providência*. Nunca se sentava. Sobre uma mesa sem toalha, estava um prato de barro contendo legumes, uma vez ou outra dois ovos, quando estava muito cansado, um pouco de carne (não comia carne sem primeiro pedir-me licença). Uma bilha com água; uma garrafa de vinho e um pedaço de pão. Em menos de dez minutos a refeição estava terminada. O P. Vianney comia de maneira a não sentir o gosto, e sempre deixava no prato a metade do que se havia servido. Durante a comida tomava um pouco de água tinta com vinho, e do pão só tirava uns bocados... Fiquei admirado ao ver tão excessiva sobriedade.

Quinhentos gramas de pão lhe duravam mais de uma semana. Vi um dia no seu aposento, refere o Sr. Camilo Monnin, um pãozinho com aparentes sinais de ter sido roído por um rato; de facto, era um pedaço de pão que o servo de Deus havia tomado para alimentar-se durante uma grande parte do dia.

Chegou um tempo em que ele, por fraqueza do estômago, viu-se obrigado a comer mais do que de costume. Durante os primeiros anos, nos jantares das conferências sacerdotais, dos quais se encarregavam com muito gosto os castelões, tomava, diz a condessa de Garets, regular alimentação. Mas em breve conseguiu que o dispensassem de assistir ao banquete, o que considerou como um grande favor. Escusou-se dizendo que o esperavam no confessionário e que queria contentar a *sua gente*.

A condessa-viúva de Garets contava que num jantar oferecido a Mons. Devie pelos castelões de Ars o prelado quis ter ao lado o seu querido Cura, obrigando-o a comer com os demais convidados. Submeteu-se o Cura d'Ars, mas depois teve uma terrível indigestão da qual quase morreu: o seu estômago, diz João Baptista Mandy, só estava acostumado com a abstinência. Depois daquele jantar, Mons. Devie permitiu-lhe que seguisse livremente o seu regime ordinário.

Esse regime, o P. Vianney nunca o impunha às pessoas que recebia em casa. Certamente, a princípio, as comidas que lhes serviam na casa paroquial eram mais modestas; por isso convinha que os visitantes antes de se assentarem à mesa procurassem algumas provisões. Depois da fundação

da *Providência*, confiou às jovens directoras o cuidado dos hóspedes. Quando a minha neta estava para se casar, diz Margarida Vianney, que já era avó, fui visitar o meu irmão, alguns dias antes do casamento. Encarregou então a Catarina de preparar um modesto jantar. Ele mesmo sentou-se à mesa com os seus parentes e, naquele dia, saindo da habitual austeridade, comeu um pouco de cada prato.

Quando levávamos trigo, lenha ou outras provisões para a *Providência*, refere Guilherme Villier, nos recebia e tratava muito bem; servia-nos à mesa e lavava os pratos; insistia muito em nos fazer aceitar os seus obséquios. Brindava alegremente connosco, mas nunca bebia. Jamais podemos convencê-lo a beber.

A partir de 1854 a comida que se fazia nos dias de conferência eclesiástica para os sacerdotes era servida na casa dos missionários e não mais no castelo.

Na última reunião, efectuada em vida do Cura d'Ars, refere o Irmão Atanásio, muitos sacerdotes me disseram: recebemos a melhor comida do cantão. À tarde o P. Toccanier contou ao Cura d'Ars que ele pessoalmente havia dirigido a preparação da comida para deste modo satisfazer os Revmos. Padres. Tanto melhor, respondeu o servo de Deus; é assim que sempre deverá proceder; quando recebemos colegas, havemos de obsequiá-los. Em Ecully, quando estávamos os dois sozinhos vivíamos do que havia; tudo nos sabia bem; mas se chegasse algum hóspede, podia estar certo de um excelente acolhimento... Ah! o P. Balley era tão bom...

Entretanto, durante aquela refeição de que falava com tanto agrado o Cura d'Ars, terminou em cinco minutos a sua, sobre a mesinha do quarto.

Para chegar a essa sobriedade excessiva ter-lhe-ia custado horrivelmente... Assim se expressou o conde de Garets, testemunha emocionante de uma existêncla totalmente mortificada...

E se, para apreciar o Cura d'Ars penitente, é mister ouvir um especialista em matéria de penitência, eis aqui um padre da Grande-Cartuxa: vemo-nos obrigados a confessar nós os solitários eremitas, monges e penitentes de toda a classe, que não nos atrevemos a seguir o Cura d'Ars

senão com o olhar da nossa afectuosa admiração, e que não somos dignos de beijar os seus pés, nem a poeira dos seus sapatos.

CAPÍTULO XXVI

As intuições e as predições do Cura d'Ars

Os olhos de um vidente - O dom sobrenatural da intuição - Como o Cura d'Ars via e sabia - Intuições e predições diversas sobre vocações ao matrimónio ou à vida religiosa; sobre os acontecimentos futuros felizes ou infelizes - Factos de visão a distância - Penetração das consciências - O Cura d'Ars e os destinos das comunidades e obras religiosas - Profetizou o Cura d'Ars grandes acontecimentos - Anunciou as peregrinações - A guerra - As suas predições sobre Pio IX, Napoleão III e o príncipe imperial - O futuro da Companhia de Jesus e a conversão da Inglaterra - Existe alguma profecia sobre o futuro de Ars?

A 3 de setembro de 1856, o conde de Tourdonnet, que tinha o seu castelo em Correze, foi a Ars com uma das suas criadas, a qual era surda. Ainda que não tivesse fé, como muitos homens da sua geração, quis o viajor solicitar do pretense taumaturgo a cura da pobre moça. Entrou na igreja, mas desejando falar a sós com o Cura d'Ars, fez sinal à Maria - era este o nome da criada - para que ficasse junto à porta principal. Depois de muito esperar, conseguiu ver o servo de Deus, que naquela hora confessava na sacristia. Senhor Cura, perguntou ele, poderia V. Revma. curar a minha criada! - Ah! sim, replicou o Cura, a Maria que está no coro? - Desculpe, Sr. Cura, mas ela está junto à porta da igreja!...

Qual dos dois se enganava? O humilde Cura de aldeia, que via aquela moça no coro ou o cavalheiro, seu senhor, que sabia estar ela no fundo da nave?...

É verdade que o Cura d'Ars havia designado pelo nome a pobre surda sem que o Sr. Tourdonnet lho houvesse dito. Mas isso podia ser uma casualidade; há tantas criadas que se chamam Maria...

Sem demora o conde quer esclarecer o equívoco. Dirige-se à pia de água benta. Maria ali não está. Sai, e Maria não é encontrada entre os peregrinos que vão e vêm. O Sr. Tourdonnet procura-a novamente no fundo e no meio da nave... Onde estará então? Resolve entrar no coro, onde meia hora antes a vira o Cura d'Ars. Com efeito encontrou-a em oração atrás do altar-mor, junto de um confessor e num lugar onde o P. Vianney não a podia enxergar, nem mesmo se estivesse na porta da sacristia. O cavalheiro

incrédulo fica estupefato. Conta o ocorrido a muitas pessoas de Ars, especialmente ao P. Toccanier que, enquanto ele fala, toma nota das suas palavras.

Diga-me, senhor conde, pergunta o jovem missionário, consentiria em assinar estas linhas?

Por que não, se o que digo é verdade

E como o senhor explica isso?

Não entendo nada... Em todo caso vê-se claramente que *o Cura d'Ars tem olhos diferentes das outras pessoas*. Já temos ouvido dizer por um bom paroquiano de Ars: Creio absolutamente que *aquele homem via qualquer coisa*.

O P. Vianney não supunha nem adivinhava o que estava oculto ao comum dos homens. Ele viu e isso por uma graça especial de Deus. Em algumas pessoas, singularmente bem dotadas, tem-se podido observar fenómenos de lucidez extraordinária, de dupla visão, de visão à distância. A estes fenómenos considerados naturais, os sábios têm dado explicações de ordem natural.

Aqui temos de subir mais alto e falar de uma clarividência sobrenatural. O Cura d'Ars possuía aquele dom chamado na teologia mística intuição. A multidão que o rodeava continuamente julgou muito acertado quando supôs ver neste facto assombroso algo de sobrenatural e um sinal de santidade.

Ouvi muitas pessoas dizerem, narra o P. Faivre, o qual visitava Ars frequentemente, que haviam consultado o Cura d'Ars sobre a vocação, processos, dificuldades de família, doenças, resoluções que haviam de tomar, e que sempre respondera com um acerto admirável. Predisse muitos acontecimentos que mais tarde se realizaram. Conhecia de tal forma as consciências e as disposições de grande número de pessoas que lhes causava grande admiração. A opinião pública, que lhe atribuía dons sobrenaturais, era tão firme que todos sem hesitação acreditavam nas suas palavras.

Deve-se reconhecer que a intuição nele não foi contínua e que nem todos os corações eram livros abertos para ele. As mais das vezes aconselhava os meios ditados pela prudência humana. Mas outras vezes, também, antes que alguém dissesse palavras, revelava o que lhe queriam dizer e o que queriam ocultar. Houve pessoas vindas a Ars para consultá-lo, que, ao se inteirarem do seu poder de intuição, não se atreveram a apresentar-se a ele com medo de que lhes anrancasse o véu da alma.

Não raro, os que tratavam com ele mais de perto queriam conhecer o segredo da sua ciência sobrenatural. Para desviar os curiosos, e sobretudo por humildade, respondia: É uma ideia que me passa pela cabeça. Ou melhor, faço como os almanaques, quando acerto, acerto.

Um dia, certa jovem saboiana aproximou-se do confessor. Sem que houvesse dito coisa alguma, o P. Vianney falou-lhe das suas irmãs e da sua vocação para a vida religiosa. A penitente não voltou mais. Encontrando-se com o P. Toccanier ao sair da igreja, manifestou-lhe a sua admiração. Como pode V, Revma., sem conhecer esta pessoa, revelar-lhe tais coisas? perguntou o missionário ao Santo. Ah! é que fiz como Caifás: profetizei sem saber. Mas nem sempre podia levar tudo à troça. Às vezes um ataque brusco do interlocutor impedia-o de reflectir a tempo e então se traía sem querer. Em certa ocasião, diz o P. Toccanier, fiz-lhe, à queima-roupa, esta pergunta: Senhor Cura, quando se vê alguma coisa sobrenatural, deve ser como uma recordação? Sim, meu amigo, respondeu-me. Assim, por exemplo, uma vez eu perguntei a uma mulher: Foi a senhora aquela que abandonou o marido no hospital e não quer reconciliar-se com ele? Como sabe V. Revma., replicou, pois eu não disse isso a ninguém Senti-me mais surpreso que ela: pensava que antes ela me tivesse narrado tudo.

O mesmo aconteceu algumas vezes no confessor, onde o Cura d'Ars não só fez uso das suas luzes sobrenaturais, mas ainda deu provas delas.

Uma criadinha empregada em Ars, na casa da família Cinier, que morava defronte à igreja, ia começar a confissão. Tinha já nos lábios uma grave acusação, mas calou-se, deixando-a para o fim. E aquilo? perguntou-lhe o Santo - e disse o que ela queria ocultar. - Não dizes e o cometeste. Estupefacta ante tal revelação, pensou a penitente: como ele sabe isso! e

enquanto respondia a esse pensamento, que aliás não chegou a exprimir, o P. Vianney acrescentou: o teu anjo da guarda mo disse.

Mais de uma vez as intuições proféticas do Cura d'Ars pareciam ir de encontro às mais elementares regras da prudência humana e contradizer o parecer de outras pessoas reputadas como judiciosas. Creio que o bom do Cura se enganou, dizia rindo à sua mãe uma jovem de Lião, a quem ele acabava de asseverar que seria superiora de uma casa de beneficência. Os factos demonstraram que o homem de Deus tinha visto claramente o seu futuro... No fim de contas, foi-se obrigado a render homenagem à sua visão segura e exclamar: sim, nele está um Deus escondido que o ilumina!

* * *

Para narrar todos os casos de intuição atribuídos ao Cura d'Ars, seria preciso um livro volumoso. Será forçoso, pois, escolher algumas espigas de tão farta messe.

A questão do futuro é principalmente para a juventude uma preocupação e, quase sempre, um verdadeiro tormento. Assim foi que, quando o P. Vianney adquiriu fama de homem que lia nos corações e que desvendava o futuro, viu inúmeras almas afluírem a Ars, ansiosas por conhecer o próprio destino.

A jovem Rosália Berlioux, de Saint-Etienne, que mais tarde foi assistente geral das Religiosas Maristas de Belley, com o nome de Madre Maria S. Atanásio, tinha uma irmã menor muito inclinada para o mundo e que não sabia o que ia ser. Entrara no noviciado de Belley, e saiu, segundo lhe asseveraram, por falta de vocação suficiente. Resolveu então casar-se. Entretanto, quis saber antes o parecer do Santo de Ars. Quer a senhorita casar-se? Perguntou-lhe o servo de Deus. Pensa talvez que só encontrará rosas; mas só encontrará espinhos. Voltou decepcionada. Nova viagem a Ars, e desta vez ouve esta decisão inesperada: Entre para a Ordem das Irmãs de Santa Clara. Ele afirmou que tu serás recebida? objectou a mãe ao regressar a filha. Terceira viagem a Ars e saiu de lá com esta animadora resposta: Sim, minha filha, serás recebida no convento de Santa Clara; lá perseverarás, morrerás e irás para o céu. A jovem Berlioux entrou para o

convento que o Santo lhe indicara. Viveu austeramente 24 anos e terminou a vida sendo a edificação da comunidade. Que morte mais invejável! exclamou a madre superiora.

Um dia de 1855, a jovem Rosa Bossan, irmã do arquitecto de Fourviere, dizia confidencialmente ao Cura d'Ars: Meu Pai, vou me casar em breve; tenha a bondade de dar-me a sua bênção. E, em lugar de abençoá-la, o Santo começou a chorar. Oh! filha, quão infeliz serás. Mas, então, que fazer, meu Pai? Entra para a Visitação... Entra, minha filha, apressa-te; não chegarás aos 50 anos para tecer a tua coroa. A senhorita Bossan morreu com o nome de Soror Maria Amada, aos 13 de agosto de 1888, sendo então mestra de noviças na Visitação de Fourviere. Tinha completado 49 anos no dia 8 de julho.

A jovem Eduíges Moizin, de Lião, parecia ter assinalada vocação para a vida do claustro. Mas a família se opunha tenazmente. Ao começar o ano a pobre jovem foi confiar a sua tristeza ao Cura d'Ars. Console-se, disse-lhe o Santo, pois todas as suas penas desaparecerão dentro de um ano. Com efeito, antes de terminar o ano ela morreu.

A jovem Bernard, de Fareins, desejava fazer-se religiosa. Não; a senhorita não o será, declarou-lhe sem hesitar o P. Vianney, mas sim sua irmã casada... De facto, aquela senhora enviuvou pouco depois, desgostou-se do mundo e tomou o hábito das Ursulinas de Villefranche, onde morreu como religiosa. Quanto a Bernard, permaneceu com os seus pais. Adoecendo gravemente, pediu que chamassem o Cura d'Ars. Ele veio. Perguntou-lhe: Vou morrer? (era o mês de junho). - Agora não, filha, chegarás até ao dia da Assunção. E naquele dia ela faleceu.

Augusto Faure, professor num colégio em Saint-Etienne, desejava ser jesuíta. Não, meu caro amigo, respondeu-lhe o Cura d'Ars; fique onde está: a vida é tão curta! Pouco antes de um ano Faure contraiu uma infecção nos pulmões enquanto preparava abnegadamente os soldados para o preceito pascal. Morreu aos 27 anos, com o Magnificat nos lábios. Em Saint-Etienne é venerado como santo.

Luísa Lebon, uma lionesa do bairro de Fourviere, saiu em 1848 do pensionato das Damas Beneditinas de Pradines. Deixava o convento como

aluna e desejava voltar a ele como religiosa. Contava apenas 17 anos. A Abadessa negou-se a recebê-la no noviciado. Entretanto, as amigas a levaram a Ars. Aflita por não poder falar com o santo Cura no confessional, Luísa escreveu-lhe uma carta de quatro páginas, na qual expunha o seu desejo tal como quisera fazer de viva voz. Teve a sorte de entregar a carta pessoalmente quando o P. Vianney voltava, ao meio-dia, para a casa paroquial. À tarde a jovem se achava na igreja, perdida no meio da grande multidão. O Cura d'Ars. esforçava-se por atravessar a nave para ir ao confessional da sacristia. De súbito se detém, volta-se, fixa o seu olhar penetrante em Luísa Lebon e lhe faz sinal para que o acompanhe. Um minuto depois, ajoelhava-se toda trémula aos pés do homem de Deus. Minha filha, foste tu que me escreveste! - Sim, Padre. - Pois bem, não te aflijas; em breve irás para o teu convento. Dentro de alguns dias a Madre te escreverá dizendo que te admite

Convém notar que a jovem Lebon acabava de receber uma nova e categórica negativa da Abadessa. Dez dias depois de sua entrevista com o Cura d'Ars, teve a alegre surpresa de ler este simples cartão, vindo do convento de Pradines: Minha querida Luísa, é a perseverança em teus desejos que me obriga a te dizer um grande sim. Vem quando quiseres. Aos 2 de julho de 1849 a entrada da jovem Lebon para a ordem beneditina era coisa realizada.

Uma jovem noviça, Soror Maria de Jesus, a quem por causa de pouca idade adiaram os votos por três anos, estava desolada. Permitiram-lhe ir a Ars, onde fez uma confissão geral. Oh! minha filha, como és feliz, disse-lhe o Santo, quando ela terminou a confissão. - É verdade, Padre, apesar de tudo sou feliz, mas muito ofendi a Deus antes de entrar para a religião. - Minha filha, no mundo terias cometido tantos pecados que te perderias. Sê fiel à tua vocação. Antes que regressasse quis vê-la novamente. Oh! minha irmãzinha, disse-lhe, a tua alma está branca, muito branca... vai agora fazer a profissão. - Meu Padre, já sabe V. Revma. que me acham muito jovem... - Toda a dificuldade está removida; a tua cruz já está. preparada. Vai!

No momento em que soror Maria de Jesus entrava no Hospício de Lião, onde por encargo de sua superiora fora fazer uma visita, o porteiro lhe entregou um pacote: É para a senhora, irmã. - Posso abri-lo? - Sem dúvida.

E soror Maria de Jesus descobriu com profunda emoção uma cruz em cujo verso se viam gravados o seu nome e uma data: era o crucifixo da sua profissão! A superiora, movida não sei por que razão, repentinamente resolveu admitir aos primeiros votos a noviça, condenada antes a esperar três anos. Era a jovem, a quem o Cura acabava de dizer: *A tua cruz está preparada. Vai!*

Sim, filha, serás Irmãzinha dos Pobres, disse duma feita o P. Vianney à jovem Ernestina Durand, lionesa de dezoito anos; sim, serás:... Mas, uma vez entrada na comunidade, terás que sair. - Oh! então, Padre, preferiria... - Não, nada disso, vai! Três dias depois de teres saído, a tua própria mãe te levará novamente ao convento. Ernestina obedeceu cegamente ao Santo de Ars. Tendo conseguido, ainda que a muito custo, o consentimento dos pais, pôde entrar para a ordem das Irmãszinhas dos Pobres, em Lião, para ali fazer o seu postulado. Entregou-se de todo o coração à nova vida... Mas eis que começam a chegar cartas de desgosto, depois de ameaças. provindas da família: a jovem não tinha atingido a maioridade; havia forçado a vontade da mãe; recorria à justiça se fosse necessário... E de facto apresentou-se o irmão de Ernestina no convento com um agente de polícia. A postulante teve que voltar ao lar paterno. Mas com a tristeza perdeu o apetite, não podia dormir... Passados três dias a senhora Burand disse à filha: Não quero ser a causa da tua morte... Vou levar-te às tuas companheiras! E conformada, ainda que não de todo, a mãe levou a filha, segundo predissera o Cura d'Ars, às Irmãszinhas dos Pobres!

A senhora Sermet-Décroze, de Arbignieux, no Ain, tinha três filhas. Desejava muito que uma delas se tomasse religiosa, e Josefina, a mais moça, piedosa e modesta, parecia-lhe a destinada para o claustro. A mais velha, Antelmita, passava aos olhos da mãe como uma pequena mundana: gostava muito de aparecer bem. Casar-se-ia pois. e, naturalmente, antes das outras. Em 1856 a senhora de Sermet-Décroze teve ocasião de passar por Ars e comunicou ao P. Vianney os seus desejos de mãe. Minha filha, disse-lhe o Santo, a sua Josefina não será religiosa, mas outra da sua casa o será mais cedo do que pensa.

A boa senhora não quis acreditar nos próprios ouvidos. Regressou a Arbignieux e, de passagem por Lião, comprou um magnífico vestido para a

filha mais velha... Ah! mamã, exclamou Antelmita, ao ver o presente tentador, não me servirá para nada: quero ser religiosa. Pouco tempo depois entrou no noviciado das Irmãs Maristas de Belley. Josefina, porém, que na realidade nunca pensara no convento, casou-se a 16 de fevereiro de 1851, com a idade de dezessete anos.

Ainda um belo facto, que muito bem revela o estilo do Cura d'Ars. É a heroína desta história, em pessoa, a baronesa de Lacombe, quem nos vai contá-lo: Eu envievei. ficando com dois filhos. Um dia vim a saber que o menor se havia enamorado de uma mocinha de quinze anos, quando ele apenas contava dezoito! Em seguida recebi dele uma carta em que delicadamente me pedia o consentimento e em que me dizia estar resolvido a levar a termo essa sua ideia. Trocámos cartas, mas nada o fazia desistir da sua decisão.

Eu estava só e não sabia a quem pedir conselhos.

Era quando se falava muito na santidade do P. Vianney. Depois de fervorosas orações, resolvi tomar o caminho de Ars.

Mas era tão longe! tão longe ficava aquela pobre e pequenina paróquia! Ah! certamente não seria uma viagem de recreio... Nada me desanimou.

Depois de três dias de viagem, cheguei ao termo. Infelizmente, não me podia demorar ali muitas horas, e soube que para falar com o Cura d'Ars teria que esperar indefinidamente, até que chegasse a minha vez!

Entrei na igreja... Da porta ao confessionário não havia um só lugar desocupado. Sentada na última fileira, um pouco ao lado da pia da água benta, estava eu desolada e já pensava em regressar.

Apesar de tudo, tinha os olhos fixos no altar de S. João Baptista, onde o Cura d'Ars confessava. E com que fervor eu rezava! Qual não foi porém a minha emoção quando vi de repente um padre de cabelos brancos sair da capela e dirigir-se para mim... Avançava sem se deter em parte alguma. Olhou-me... Não havia dúvidas, era para mim que se dirigia. Estava mais morta do que viva. Detém-se; inclina-se e cochicha ao meu ouvido: *Case-os; serão muito felizes!*

E voltou ao confessional.

Todos ignoravam a minha viagem. Ninguém poderia ter anunciado a minha visita ao P. Vianney e ele nunca me vira.

Mais uma vez Deus lhe havia concedido e em meu favor, mãe aflita e atribulada, aquele dom maravilhoso da intuição com que lia nas consciências para poder iluminá-las ou confortá-las nas suas dúvidas e desfalecimentos

Quantos acontecimentos felizes ou infelizes não viu e previu o Cura d'Ars!

Em março de 1856, ao visitá-lo pela primeira vez o P. Babey, superior do colégio de Lons-le-Saunier. perguntou com familiaridade cordial: v, Revma. vem por causa do jovem X que está enfermo. E nomeou sem hesitar o nome do aluno que estava atacado de febre tifóide e por quem o superior ia a Ars. Pois bem, escreva V. Revma. por mim aos pais dele dizendo que não morrerá desta enfermidade... De facto, o colegial em breve recobrou a saúde.

Sebastião Germain, nascido em Misérieux, era sobrinho de Maria Filliat, professora na *Providência* de Ars. Por isso, na infância ajudou várias vezes a missa do Cura d'Ars. Casou-se e foi pai de três filhos, mas estava triste por não ter nenhuma filha. Foi visitar o Cura d'Ars - era no mês de junho de 1859 - e encontrou-o na praça com uns rosários na mão. Sem esperar que lhe explicasse o motivo de sua visita, disse-lhe o Santo, dando-lhe quatro rosários: Toma, são para os teus filhos.

Mas. Sr. Cura, eu só tenho três *meninos*.

Meu Sebastião, o quarto rosário será para a tua *filha*. No ano seguinte a pequena Maria veio encher de alegria o lar dos esposos Germain. Mais tarde, já senhora Jallate - é aela a quem devemos tão encantadora narração - dizia: "o meu pai deu-me o pequeno rosário de contas de madeira com corrente de ferro, que ainda conservo como preciosa relíquia".

Quando, em março de 1869, o Cardeal Bonald expôs ao arcebispo de Lião os planos que, por indicação sua, traçara o arquitecto Bossan para a basílica de Fourviere, levantou-se uma polémica tão viva entre os admiradores de tal estilo original e os partidários das antigas formas românicas ou góticas, que o plano foi retirado. Ao Cardeal pareceu perdida toda a esperança de angariar o dinheiro necessário para tal empresa. Não se falou mais na construção de Fourviere.

Pelo inverno de 1869 o P. Bonnardet, futuro vigário geral de Lião, encontrou-se com o Sr. Hossan no carro que fazia o trajecto de Ars a Villefranche. Falou-lhe do caso de Fourviere e o sacerdote expressou ao artista o profundo pesar de ver totalmente abandonado um projecto que julgava maravilhoso. Oh! respondeu o arquitecto com a maior calma, estou muito tranquilo neste ponto: quando o Cura d'Ars ainda vivia assegurou-me que a minha igreja seria construída um dia e que isso seria em acção de graças.

Dois anos depois, Mons. Ginoulhiac fazia com profunda dor por todos os desastres a promessa, em consequência da qual surgiu a basílica de Fourviere. O Cura d'Ars não se havia enganado.

Cada ano, o dia de S. João Baptista era festejado muito solenemente na paróquia de Ars, e o P. Vianney se alegrava santamente em cantar no altar-mor a missa solene do santo patrono. Pela manhã de 24 de junho de 1859, quando se travava a batalha de Solferino, o Cura d'Ars, contra o seu costume, quis celebrar a missa no altar da Santíssima Virgem. Todos estranharam muito, mas a surpresa cessou quando se propagou a notícia do combate. O meu filho ainda está vivo? perguntou-lhe uma mãe angustiada, Sim, respondeu o Santo, mas morreram muitos outros.

Em 1855, um dos filhos do conde de Ars, Joanny de Garets, jovem official tão distinguido como valente e por quem o P. Vianney manifestava uma verdadeira predilecção, dispunha-se a partir para a guerra da Crimeia.

Pediram ao Santo que fosse ao castelo para benzer a espada de Joanny. A família reunida esperava-o no salão. Ao transpor o umbral do castelo, o servo de Deus viu o official e por ele não foi percebido. Pobre filho, murmurou juntando as mãos com ar de infinita compaixão. Uma bala! Uma

bala! Nem minha mãe, nem meu irmão, diz Marta de Oarets, ouviram estas palavras, porque do contrário o teriam demonstrado ali mesmo. Mas minha irmã, a senhora de Montbriant e outras pessoas ouviram-nas muito bem... De facto, o nosso pobre Joanny foi ferido por uma bala, a 18 de junho, no assalto de Malakoff, morrendo três dias depois.

A 10 de junho de 1859 a senhora Prat, de Marselha, encontrou-se em Ars com o P. Vianney. Deteve-se diante dela, apesar de nunca a ter visto, e lhe disse em tom de particular compaixão: Minha filha, acontecer-lhe-á uma desgraça fulminante. Faça uma novena a Santa Filomena. Seis meses mais tarde, a dez de dezembro, a senhora Prat perdia o esposo, atacado de uma apoplexia fulminante no Banco de Marselha.

Uma jovem religiosa, Soror Maria Francisca, da Ordem III franciscana, de Saint-Sorlin, tinha ido a Ars com a superiora, passando ali 4 dias. Quando estavam para regressar encontraram-se com o P. Vianney. Tome isso, disse o Santo à superiora, entregando-lhe três moedas de um franco. Receba-os porque lhe farão falta. Mas, Sr. Cura, tenho bastante dinheiro para a passagem. Aceite-os apesar de tudo, minha filha. Ela aceitou-os afinal. E ao chegar a VÍllefranche, qual não foi a surpresa da religiosa no momento de pagar as passagens. Felizmente o Cura d'Ars lhe havia provido do dinheiro necessário.

Noutra viagem, a Ir. Maria Francisca chegou a Ars muito cedo! Desta vez vinha acompanhada da mãe e da superiora. A esta última viu-a o P. Vianney quando se dirigia à sacristia a fim de se preparar para a missa. Volte imediatamente, disse em voz baixa à religiosa. Mas, Padre, e a missa? Não, minha filha, não espere. Uma das senhoras adoecerá, e se ficarem aqui não poderão partir tão cedo. Assustada, a superiora obrigou as suas companheiras a regressarem. Pois bem, conta a Ir. Maria Francisca, duas estações antes de chegar a casa senti-me desfalecer e não pude continuar a viagem. A minha superiora e a minha mãe se viram obrigadas a me carregar. Foi isso o começo de uma enfermidade que me reteve na cama por espaço de 15 dias.

Em 1857, às 11 horas de uma manhã de verão, duas jovens, vindas a Ars mais por curiosidade que por devoção, assistiram ao catecismo do P. Vianney. Uma delas, a mais espevitada, descontente com o que via, atreveu-

se a dizer à amiga, indigitando- lhe aquele sacerdote de linguagem e porte tão simples: Que caricatura! Nem vale a pena a gente vir de tão longe. O pregador colheu-lhe as palavras no ar. Sorridente e até em tom um tanto chistoso, disse o Cura d'Ars àquela descarada: Não é verdade, senhorita, que é coisa inútil vir de tão longe para ver uma caricatura? E continuou o seu catecismo. Facilmente se adivinha e confusão da jovem forasteira. Deixou-se ficar ainda, na igreja, e, depois de terminada a explicação, foi com lágrimas nos olhos pedir desculpas ao Santo. Este recebeu-a com a habitual bondade. Por penitência, se confessará amanhã e receberá a comunhão. Depois, tomando de parte a amiga da culpada, lhe advertiu: Ao regressar a casa, tenha cuidado com a sua companheira. Vai acontecer-lhe uma desgraça... Mas, como amanhã comungará em viático, a salvação dela não correrá perigo.

As duas jovens receberam os santos sacramentos com grande fervor. Alegres por se ter a viagem convertido em peregrinação, empreenderam com passo ágil o regresso à terra natal. A que devia estar alerta já não pensava na recomendação do Santo, quando de repente a outra dá um grito. Uma cobra acabava de mordê-la na perna. A intoxicação foi instantânea. A pobre jovem morreu ali mesmo no caminho, sem que se pudesse procurar um remédio.

Depois de um facto de tal natureza, alguém dirá: O Cura d'Ars deveria não só anunciar, mas também prevenir aquela desgraça! Estamos em pleno mistério; talvez o Santo só tivesse a intuição de uma desgraça inevitável, sem conhecer as causas. nem os pormenores... Noutras ocasiões, por uma permissão especial de Deus, não só predisse o perigo, mas até que escapariam dele.

Em 1873, conta a senhora E..., viúva de um comandante de cavalaria, fui com o meu marido e um amigo íntimo pagar uma visita ao P. Rousset, cura de certa aldeia de Bresse, cujo nome não recordo. Aquele bom sacerdote, que havia conhecido o P. Vianney, nos convidou para almoçar e depois levou os seus hóspedes para a pesca. Eu não fui com eles porque me sentia indisposta e fiquei com a criada, moça de elevada estatura, que me fez tomar chá. Durante a conversação me referiu este facto extraordinário:

Tinha dezenove anos e estava no orfanato das irmãs de Autun, ansiosa por ganhar a vida; pedi que me deixassem ir para Lião a fim de me empregar. A madre superiora me recomendou uma senhora que se dirigia para aquela cidade, mas que haveria de passar por Ars para consultar o Santo Cura.

Quando entrámos na igreja, o P. Vianney estava dando a aula de catecismo, e explicava o sinal da cruz. Avistando-me, deixou de falar por um momento e disse: Lá em baixo... aquela mais alta, que venha ter comigo à sacristia; tenho algo a lhe dizer.

Acabado o catecismo, fui-lhe ao encontro. Vais partir para Lião, assim me falou, sem que eu tivesse dito coisa alguma. Sabe, filha, que um grande perigo lá te espera, Quando lá te achares empregada pensa em mim e recomenda-te a Deus.

Chegámos a Lião, onde durante três dias não encontrei emprego. Então entrei numa agência de colocações. Atendiam ali dois homens. Expus-lhes a minha situação, e um deles me disse: Procuras emprego? Pois bem, eu necessito de uma criada. Chegados a acordo, acrescentou: Também é mister que a minha esposa a veja; venha encontrar-me em tal parte, às três horas da tarde. Aquele homem morava em Mulatiere.

Fui à hora marcada. Meu Deus! quão longo me parecia o caminho! Cheguei enfim na confluência do Saona com o Ródano. Ali estavam muitos bateleiros e trabalhadores. Ao voltar-me achei-me num deserto onde só havia uma casa, em cuja porta avistei um homem que fazia sinais para que me aproximasse. Repentinamente fui presa de um medo terrível. Lembrei-me das palavras do Cura d'Ars; clamei a Deus e pus-me a correr em disparada. Por sua vez, aquele infeliz lançou-se no meu encalço e procurava atirar-me um laço ao pescoço... Não pôde conseguir, e por fim parou porque já me aproximava dos marinheiros.

Soube depois que eu fôra cair nas mãos do famoso Dumollard, apelidado de *assassino de criadas*. Quando o prenderam, depus contra ele perante o tribunal... Mas veja se não fosse o Cura d'Ars...

* * *

Como se vê, o P. Vianney penetrava no mistério espontaneamente, sem esforço, sem nenhum aparato. No confessionário lia os corações; fora dele e em todos os lugares na sacristia, no púlpito. na rua, nas conversações mais simples, ali mesmo no altar, manifestava muitas vezes a sua força extraordinária. As suas intuições nem sempre se referiam a assuntos de grande importância; manifestavam-se também sobre os mínimos acontecimentos e de modo inesperado. Ah! afinal a senhorita por aqui, disse ao ver ajoelhada a seus pés a jovem Catarina Bray, de Lião, que lhe havia escrito, fazia muito tempo, a respeito da própria vocação e a quem ele via pela primeira vez.

A João Baptista Methol, camareiro de Mans. de Ségur, a quem o prelado só chamava pelo nome de família, o Cura d'Ars lhe ofereceu uma estatuazinha de S. João Baptista, dizendo: Toma, meu filho, leva como lembrança de mim; esta é a imagem do teu patrono.

De pé na porta do confessionário e, conseqüentemente, separado da nave do templo por uma grossa parede, dizia a uma pessoa encarregada da ordem na igreja: Queira chamar-me aquela senhora que está ajoelhada debaixo do púlpito e que tem um lenço branco na mão. Tenho uma comunicação a fazer-lhe.

Em julho de 1859, a senhorita Maria Regipas, de Lião, foi a primeira a descer do carro que acabava de chegar à frente da igreja de Ars. Senhorita, disse-lhe sem mais preâmbulos um cavalheiro que parecia esperá-la, o Cura lhe deseja falar. - A mim? - Sim, senhorita. Neste momento estou de guarda e o P. Vianney deu-me esta ordem: Espere o autocarro que está para chegar e diga a uma moça que será a primeira a desembarcar, que venha em seguida ao confessionário. A senhorita Regipas estava muito fraca e não podia passar muito tempo no povoado.

Certa manhã, durante a missa do Cura d'Ars, apresentou-se uma senhora com os demais fiéis à sagrada mesa. Duas vezes passou o Santo Cura diante dela sem lhe dar a comunhão. Na terceira vez disse-lhe ela em voz baixa: Meu Padre, ainda não me deu a comunhão. Não, minha filha, porque você comeu alguma coisa esta manhã. Então a senhora lembrou-se de que, ao levantar-se, havia comido um pouco de pão.

Em maio de 1854, a senhorita Henry, que possuía uma casa de negócio em Chalon-sur-Saone, foi a Ars para pedir ao P. Vianney a cura de uma sua tia que morava em Lião. Faça uma novena à Santa Filomena e a sua tia será curada em seguida. Nesse caso, Padre, eu vou a Lião; ficará tão contente!... Não, filha, depois da minha missa você tomará o bote que vai a Chalon. Apresse-se em voltar, pois enquanto está aqui desfalcam a sua casa. A senhorita Henry entendeu logo o significado destas palavras. A pessoa a quem havia confiado a tenda durante a sua ausência não tinha escrúpulos em desbaratá-la. Quanto à enferma, curou-se de facto em pouco tempo.

Uma vez na sacristia, certa pessoa de Lião, acompanhada da sua filhinha de 10 anos, apresentou vários objectos de piedade para benzer. Antes de traçar sobre a fronte o sinal da cruz, o P. Vianney pôs de lado uma medalha. Não a posso benzer. disse ele. Na verdade, aquela medalha fora tirada pela menina quando passaram em frente de uma loja.

Chegando tarde ao catecismo das 11 horas, João Cláudio Viret, de Cousance no Jura, só encontrou lugar atrás do pequeno púlpito, junto à porta da sacristia. O P. Vianney não o vira entrar e portanto ignorava-lhe a presença, e com maior razão, o lugar onde estava oculto. A voz do Santo mal chegava até ele. E o nosso Cláudio, cansado de aguçar o ouvido, puxou o rosário e se pôs a rezar maquinalmente. Mas, eis que, levado por não sei que distração, o bom juraciano, agricultor remediado, começou a servir-se dos dedos para contar as suas rendas... De repente o catequista levanta a voz e o distraído pode ouvir estas palavras: Oh! meus filhos! Vem-se à igreja e, aqui diante de Nosso Senhor, não se respeita a sua presença, como aquela pessoa que está na porta da sacristia, e que parece estar rezando o rosário, quando está contando nos dedos os seus lucros. Oh! meus filhos, causa tremor ver que não se tem respeito diante de Nosso Senhor! O pobre Viret, vendo-se descoberto, curvou a cabeça em sinal de *minha-culpa*.

Uma piedosa pessoa de Bagé-la-Ville, no Ain, a senhora Mercier, tinha o costume de passar em Ars todos os anos, três ou quatro dias. Ao chegar ia logo postar-se junto ao confessionário. O Cura d'Ars já o sabia. Numa dessas ocasiões, depois de a ouvir em confissão, perguntou-lhe: Quanto tempo pretende a senhora passar aqui? Até amanhã, Padre. Não, não, parta hoje mesmo. Há uma serpente em sua casa. A boa senhora, não duvidando

da clara visão do Cura d'Ars, apressou-se em voltar para casa. Na sua ausência, sem que nada soubesse, o marido tinha posto ao solo colchão da cama, feito de palha de milho; quando chegou, a senhora Mercier encontrou tudo no lugar: a casa bem asseada e limpa como a tinha deixado... Toda desconcertada e temendo ser objecto de remoques, não disse palavra sobre a singular advertência do Cura d'Ars. Será que ela entedera bem de que serpente teria falado o servo de Deus? ... Estava abismada neste pensamento quando removia a cama. Então uma cobra venenosa caiu no chão e disparou para o pátio. Foi morta pelas pessoas da granja, que acudiram aos gritos da senhora Mercier.

Em 1845, a viúva Berlhier, de Fouillouse (Loire), viu-se obrigada a colocar o seu filho, de onze anos de idade, na granja de um senhor de Sainl-Bonnet-Ies-Oules. Um dia, enquanto o jovem pastor cuidava do rebanho, o lobo arrebatou-lhe uma ovelha. Espancado pelo patrão, o pobre menino fugiu da granja, mas não se atreveu a voltar para a casa materna; começou a caminhar à toa sem saber para onde ir. Andou errando por algumas horas até que topou com um carro. O condutor, por compaixão, deixou-o subir. Extenuado pelo cansaço adormeceu profundamente. Ao chegar a Montceau-les-Mines, despertou-o o cocheiro, a quem não quis dar a conhecer a sua procedência. Como o pequeno pastor tivesse boa aparência, um honrado mineiro consentiu que ele ficasse em sua casa para empregá-lo na seleção do mineral.

Quando a pobre mãe soube do ocorrido em Saint-Bonnet, deu largas à sua dor; depois procurava o filho sem que dele se descobrisse o paradeiro. Passados quatro anos de inúteis pesquisas, julgou-o afogado ou devorado pelos lobos. Contudo, não se podia conformar... Ouviu então falar do Cura d'Ars. Enviou-lhe a sua filha, para perguntar-lhe o que havia sucedido ao pequeno fugitivo.

Apenas o homem de Deus ouviu as primeiras palavras da mensageira, disse sem hesitação: Minha filha, diga à sua mãe que o menino está bem; trabalha debaixo da terra, com pessoas honradas, longe daqui e de sua casa. Mas consolem-se: voltará num dia de festa...

Cumpriu-se à risca essa extraordinária revelação. Cinco ou seis anos depois, um crescido rapaz chegava a Fouillouse na tarde do dia da

Assunção e foi bater à porta da senhora Berthier. Depois das primeiras exclamações e efusões de ternura, a mãe quis saber se o seu querido filho era bom cristão. Sim, mamãe, sempre cumpri os meus deveres em Montceau-les-Mines. Então a alegria da mãe foi tão grande que, dando graças a Deus por tão assinalada graça, pediu a Deus que a deixasse morrer. Morreu pouco depois.

* * *

Mais profundo e mais misterioso do que a criação material é o mundo das almas. Ao estudar a sua acção no confessionário, temos visto o Cura d'Ars distinguir várias vezes, com o seu olhar penetrante, entre os peregrinos, pessoas que tinham pressa de partir ou pecadores surdos ao chamamento da graça, prestes a fugirem do divino perdão. Agora é tempo de vê-lo adivinhando os pensamentos e penetrando as consciências. Quando se começou a divulgar a fama de que o Cura d'Ars lia os corações, certo cepticismo manifestou-se a esse respeito entre as pessoas instruídas. Durante os primeiros anos, nos diz a senhorita de Helvey, apesar do que me haviam dito, não me atrevia a lhe falar de uma coisa que me causava grande inquietação; temia que me entendesse mal e que por isso os seus conselhos me fizessem cair em maiores perturbações, das quais ninguém me poderia tirar, pois nenhum outro sacerdote me inspirava maior confiança. Como não se tratava de confessar pecados, tomei a resolução de me calar, e, com esta resolução, entrei no confessionário. Qual não foi a minha admiração quando o Sr. Cura respondeu aos meus pensamentos como não o teria feito melhor outra pessoa a quem de antemão houvesse exposto o assunto com todos os pormenores. Na primeira vez que me dirigi a ele, proibiu-me expressamente de fazer confissão geral. Pois bem, constatei depois, em muitas ocasiões, que estava ao corrente de tudo quanto se referia ao meu interior, e de todas as graças que eu havia recebido durante toda a minha vida...

A princípio, recusava ajudar-me nas minhas acusações; mas eis que, de repente, se pôs a fazer-me perguntas sobre este ou aquele ponto, sempre sobre faltas ocultas e por mim esquecidas. Fazia-o tão bem que, mesmo quando não me recordava, não me atrevia a negar, pois estava certa de que não se enganava... Muitas pessoas também me asseguraram que lhes havia lido as consciências.

Faça-se religiosa, minha filha, disse um dia o Cura d'Ars a certa jovem modista de Lagnieu (Ain), Josefina Ballefin. E correu a cortina do confessionário. Aterrada por tal conselho, Josefina, que gostava do mundo, desfazia-se em lágrimas. Aconselhada por uma amiga, foi outra vez em busca do santo servo de Deus. Padre, disse-lhe, as suas palavras me deixaram desesperada. Posso fiar-me em V. Revma.? V. Revma. não me conhece. Eu não a conheço Pois saiba que leio no seu intimo como se a tivesse confessado toda a vida. Sim, é mister que seja religiosa. E novamente, sem mais palavra, correu a cortina.

Certo dia de 1857, um architecto de Beaucaire, Hipólito Pages, de quarenta e cinco anos de idade, dispunha-se a se confessar com o Cura d'Ars, a quem já havia visto mais vezes, quando se sentia atormentado pelos remorsos de não se ter tomado sacerdote, - remorsos que por outra parte nunca tinha manifestado a ninguém. Meu filho, disse-lhe o Cura d'Ars, depois da acusação das suas faltas, conheço os motivos, humanos que impulsionaram um dos seus parentes a lhe falar no sacerdócio. Se ao vê-lo pela primeira vez tivesse julgado melhor para você ser padre, já lho teria dito. Na verdade, um parente do Sr. Pages desejava vê-lo no seminário, por um sentimento de pura vaidade.

Outra vez disse o Cura d'Ars ao mesmo penitente: Muito obrigado, meu filho, pela piedade que tem para comigo. Numa das suas orações quotidianas o fervoroso architecto, pensando no Cura d'Ars, rezava esta fórmula: Senhor, tende dele misericórdia assim como dos meus parentes e benfeitores. E tinha o costume de enumerar todos aqueles por quem queria rezar. O senhor faz muito bem, prosseguiu o P. Vianney, em nomear diante de Deus os seus parentes e benfeitores; somente que nomeia alguns que têm menos necessidade de orações do que outros de quem se esquece. E acrescentou: Feliz o amigo de um pai que possui um filho piedoso. De facto, o Sr. Pages cada dia rezava pelo Sr. Claparede, amigo de seu pai.

Um dos professores do Santo Irineu de Lião, o P. Denavit, foi a Ars, não para admirar o homem de Deus, a quem aclamavam as multidões, mas para ver se o apanhava em alguma falta. Ignoramos por que razão este sacerdote tinha pouca confiança nas decisões do Cura d'Ars. O professor colocou-se na passagem entre a igreja e a casa paroquial.

Senhor Cura, disse-lhe o P. Denavit, sou director do Seminário Maior de Lião; muito lhe agradeceria se me desse algum conselho sobre a maneira de cumprir bem com o meu dever.

O Cura d'Ars sorriu misteriosamente, fixou os olhos no seu interlocutor com um olhar profundo e, falando em latim para que não o entendessem os presentes, respondeu: *Declina a malo et fac bonum*. E ocupou-se com outras pessoas.

Era pelo ano de 1845, o P. Dewatine, cura de Montagne (Nord), estando de viagem, se deteve em Ars. Pouca confiança tinha no que se dizia do Cura d'Ars e por esta razão, quando este se dirigia da igreja à canónica, separou-se da multidão que esperava a passagem do que chamavam Santo. Imagine-se a emoção do P. Dewatine quando o servo de Deus, desviando-se do seu caminho, deu-lhe uma pancadínha no ombro, murmurando-lhe ao ouvido estas palavras: Tenha confiança, meu amigo.

Um sapateiro de Lião, António Saubin, sem ter perdido de todo a fé que na sua juventude fora muito firme, entregou-se de corpo e alma ao espiritismo. Mas logo atormentado dia e noite por terríveis alucinações (isso foi em fevereiro de 1859) resolveu entrevistar-se com o Cura d'Ars. Ao chegar à igreja, conseguiu colocar-se num lugar donde via o Santo rezando o breviário, mas de costas para António Saubin que desejava ver-lhe as feições. O tempo corria e o nosso penitente não era o mais paciente dos homens, ainda mais que só dispunha de poucos momentos. Se este sacerdote, disse consigo mesmo, tivesse o espírito de Deus, como dizem, saberia que eu lhe desejo falar e que tenho pressa. Apenas formulava este pensamento quando o Sr. Cura se voltou para ele e disse: Paciência, meu amigo, estarei às suas ordens em seguida. A estupefação de Saubin foi imensa. Teve duas entrevistas com o Cura d'Ars; os seus terrores desapareceram; recuperou a fé que perdera e pouco mais tarde, com o nome de Ir. Joaquim, vestiu o hábito dos Trapistas de Nossa Senhora das Neves.

O Sr. Monnin, notário de Villefranche, tinha entre os seus amigos um concidadão a quem o tirânico respeito humano afastava de todas as práticas religiosas. Este pobre cristão misturou-se certo dia com a multidão que rodeava o P. Vianney. Subitamente, ao vê-lo pela primeira vez na vida, o

Cura d’Ars atravessou as apertadas fileiras de peregrinos e fitando-o disse afectuosamente: Oh! meu amigo, essa cabeça é que precisa ser curada.

Durante uma missão que eu pregava, conta o P. Camelet, chamou-me a atenção a piedosa atitude de um empregado da estrada de ferro. Foi o Cura d’Ars quem me converteu, disse-me ele. Depois que cheguei a esta região ouvi dizer tantas coisas daquele sacerdote que quis saber o que havia nisso de verdadeiro.

Não era para me confessar, mas sim por curiosidade. Pois bem impressionou-me tanto o aspecto daquele homem, que me veio a ideia de falar-lhe. Entrei na sacristia e fiz que me ajoelhava no seu confessionário.

Amigo, perguntou-me, quanto tempo faz que não se confessa?

Faz tanto tempo, Padre, que já não me lembro bem...

Examine-se bem. Faz vinte e oito anos. - Vinte e oito anos? ... Vinte e oito anos? Sim, é isso.

E ainda não comungou. Somente recebeu a absolvição.

Também era verdade. Ao ouvir estas palavras senti que revivia a minha fé e tão fortemente que fiz uma séria confissão, e prometi a Deus não deixar nunca mais as práticas da religião.

Um dia, sob o pretexto de um encargo a fazer, a baronesa de Belvey enviou ao Cura d’Ars um pecador empedernido que só punha os pés na igreja pela Páscoa e pelo Natal. Suspeitava-se que desde o dia da sua primeira comunhão não se havia mais confessado. Quanto tempo faz que não se confessa perguntou-lhe o Cura d’Ars.

Quarenta anos.

Quarenta e quatro, lhe replicou o Santo.

O homem tirou um lápis e fez a conta na parede. Verdade, confessou todo embaraçado. Este pecador converteu-se e morreu como bom cristão.

Em 1851 a jovem Estefânia Vermorel, de Arcinges (Loire), foi a Ars para fazer uns exercícios espirituais e quis iniciá-los com uma confissão geral de toda a sua vida.

Padre, disse ao começar, examinei-me cuidadosamente. O Santo deixou que ela se confessasse à vontade. Não se lembra a senhorita de mais nada? Pois bem, minha filha, já que deseja sair do confessionário tão pura como depois do baptismo, vá pedir a Virgem das Dores que lhe dê a conhecer o que falta para confessar e volte depois.

A jovem se dirigiu à capela do *Ecce Homo*, onde está a imagem da Virgem Dolorosa. Lembrou-se então de três faltas, as quais se apressou a confessar. Já disse tudo desta vez? perguntou-lhe o homem de Deus. Creio que sim, Padre. Mas aquela falta que a senhorita tem esquecido e que nunca declarou em confissão O Cura d'Ars revelou à sua penitente o pecado com todas as circunstâncias de tempo e lugar. Vejo que a senhorita já não se lembra, acrescentou. Na verdade, a jovem Vermorel em vão forçava a memória. Quando passar pelo lugar em que lhe falei, então se lembrará. O Santo absolveu-a, assegurando-lhe que a sua vocação era a virgindade no mundo, com o que ela se despediu cheia de alegria. Ao regressar, passou pelo lugar onde em tempos idos ofendera a Deus, e então se lembrou de tudo. Mas nem por isso se extinguiu a sua alegria, pois sabia que estava perdoada.

Um jovem de Lião, cuja sinceridade me fora demonstrada pela sua vida e pelas suas boas obras, contou-me, diz o P. Toccanier, que aos 15 anos de idade se havia confessado ao Cura d'Ars. De repente o Santo o interrompe: Amigo, não disseste tudo. Ajude-me, pois, meu Padre; não me posso lembrar de outras faltas. E aquelas velas que tiraste da sacristia de S. Vicente para adornar a tua capelinha? Era exacto.

Um senhor do departamento de Drome, cuja mulher se achava enferma, foi consultar o grande curador de Ars, como se se tratasse de um médico. O Sr. poderá vê-lo no confessionário, disseram-lhe. Ali apresentou-se, mas sem vontade. Esse peregrino, um tanto singular, era ligeiramente disforme: envolvido num caso de assassínio fora tendo um caminho solitário, e preso preventivamente... Com grande espanto da sua parte, o servo de Deus lhe trouxera à memória os golpes, o caminho solitário e a prisão preventiva. O

pobre homem convenceu-se de que não estava tratando com um médico qualquer. Movido por tais revelações, mudou de vida e não se envergonhava, dali por diante, de contar este curioso episódio a quantos quisessem ouvi-lo.

* * *

A muitas pessoas o Cura d'Ars aconselhou a vida religiosa e a outras que ficassem no mundo sem que, em todos os casos, fosse evidente a intuição sobrenatural. Assim foi que disse a muitos jovens, que poderiam contar-se uns 60: Faça-se Irmão das escolas cristãs, e por seu intermédio terá feito muito bem. Tinha grande interesse pela nossa congregação da Sagrada Família, afirma o Irmão Gabriel, fundador e primeiro superior da mesma. Ele nos encaminhou cerca de quarenta postulantes. Mandou uns vinte para a Trapa, assegurando-lhes que era esta a sua vocação. A um jovem que vacilava ante a perspectiva de tamanho sacrifício, fez-lhe esta pergunta: Os outros que se acham no mosteiro não são também de carne e osso? E deixou que o penitente tirasse a conclusão. Nas diferentes circunstâncias a prudência natural do Cura d'Ars e o seu tino perspicaz de director poderiam bastar para o iluminar. Entretanto, já vimos que teve sobre algumas almas pressentimentos de verdadeiro profeta.

A vida do Cura d'Ars coincide com um período de desenvolvimento das obras católicas: foi interrogado sobre a oportunidade e o futuro da maior parte delas e, além disso, foi o homem de conselhos e mesmo o vidente cujas predições os tempos vêm confirmando.

O P. Muard, antes de fundar o mosteiro beneditino da Pierre-qui-Vire foi, em 1848, consultar o Cura d'Ars. A sua empresa é obra de Deus, lhe respondeu o Santo, e certamente terá bom êxito. Não se deixe vencer pelos obstáculos.

Pouco tempo depois da festa do Natal de 1856, que ele chamou *o dia da sua conversão*, o admirável padre Chevrier hesitava ainda em entregar-se de corpo e alma à infância abandonada. Dirigiu-se a Ars. Meu filho, lhe disse o Santo Cura, as suas inspirações veem do céu. Encontrará numerosas dificuldades, mas se tiver coragem e persistência fará abundante colheita de

almas. O P. Chevrier compreendeu tudo, perseverou nos seus propósitos e fundou em Lião, Deus sabe a preço de que sacrifícios, a *Providência do Prado*, que faz bem imenso.

O Cura d'Ars nunca tivera ocasião de ver a jovem Eugénia Smet que, com o nome de Madre Maria da Providência, haveria de fundar o *Instituto das Auxiliadoras das almas do Purgatório* e, apesar disso, sempre que falavam nela, gostava de dizer: *Eu a conheço!*

Em 1850, aquela jovem, que ainda não contava 25 anos, pensou em organizar uma associação de orações e boas obras, cujos méritos seriam aplicados às almas do purgatório. Convenceu-se logo de que somente corações consagrados a Deus e imolados para si mesmos poderiam levar a termo tal empresa. Conviria, pois, fundar uma nova ordem e seria ela a primeira religiosa. Eugénia Smet, que era a sensibilidade e timidez personificadas, receava não ter coragem para tal. Consultou Mons. Chalandon, bispo de Belley, o qual a aconselhou que recorresse às inspirações do Cura d'Ars. O Santo ditou a resposta ao P. Toccanier: uma ordem para as almas do purgatório, há muito tempo que estou esperando... Fundá-la-á quando quiser... Sim, que seja religiosa, e que funde esta nova ordem, que se estenderá rapidamente por toda a Igreja.

Mas faltam-lhe os recursos absolutamente necessários... E a separação dos pais tão queridos que se obstinam em negar-lhe o consentimento! Siga em frente, lhe respondeu o Cura d'Ars: tudo irá bem; logo se enxugarão as lágrimas que um affecto demasiadamente natural fará derramar. A 21 de novembro de 1855, Eugénia Smet conseguiu a licença da sua mãe. Depois de algumas provas e vacilações, as *Auxiliadoras das almas do Purgatório*, ainda em vida do Cura d'Ars, se estabeleceram solidamente em Paris, donde se espalharam pela França, Bélgica, Inglaterra, Áustria, Extremo Oriente e América... Foi esta família religiosa, segundo parece, a predilecta do Cura d'Ars, e, depois de Deus, é a ele a quem as *Auxiliadoras* atribuem a sua existência e prosperidade.

Os arquivos do Santuário de Ars nos revelam que umas vinte obras - congregações, missões, confrarias, peregrinações, orfanatos, etc. - devem às luzes do Cura d'Ars a sua criação ou conservação. Tende pureza de intenção, recomendava aos fundadores e superiores. Sede humildes... Não

sereis ricos senão quando confiardes na Providência... Fazei menos barulho nos jornais e um pouco mais à porta do tabernáculo... Não receava desencorajar as iniciativas cujo fracasso ou infecundidade ele previa. Se todo o projecto benfazejo, diz o P. Toccanier, podia estar seguro da sua adesão, rejeitava todo o projecto sem finalidade e sem real utilidade.

* * *

Antes de terminar este capítulo sobre as intuições do Cura d'Ars, impõe-se uma pergunta: Profetizou o nosso Santo grandes acontecimentos referentes à Igreja, à nação e à sociedade, como sejam perseguições ou guerras? A esta pergunta muitas respostas judiciosas se têm dado e somente precisamos reproduzir aqui uma delas, pois, estudados a fundo os documentos, vemos ser a que com mais exactidão traduz, acerca desta questão, o nosso pensamento.

José Vianney escreveu em 1904, quando se codificava a Lei de separação:

Se, durante a sua vida, nada deu lugar a tantos falatórios e de tão diversas maneiras, como as lutas do Cura d'Ars com o demónio, nada depois de sua morte tem causado tanto alvoroço como as suas profecias. Assim como não se empresta senão a ricos, da mesma maneira se lhe atribui mais de uma profecia que nunca fez. Ainda hoje não ocorre na vida da Igreja em França um acontecimento de importância, sem dizer-se que o Cura d'Ars já o havia profetizado, apesar de se comprometer a sua memória com tais imprudências, aduzindo levianamente, como se fossem seus, ditos cuja autenticidade é muito contestável.

Durante a guerra de 1914-1918, como a luta se prolongasse além de toda a expectativa, novamente começaram a circular sob o nome do Cura d'Ars umas profecias que pareciam ter sido inventadas em todos os seus pormenores, tal era a precisão e tão bem correspondiam às circunstâncias presentes. Uma delas, em particular, que parecia ser o anúncio de certa reacção vitoriosa, teve particularmente grande ressonância. Tal predição, interpretada, amplificada, esclarecida e modificada de mil maneiras, atribuída ao Cura d'Ars por um religioso lazarista, o Irmão Gaben, não tem

as notas requeridas de autenticidade. Demais, não foi o próprio Cura d’Ars quem nos aconselhou a prudência em matéria do que se chama profecias? Solicitado constantemente pelos peregrinos para dar o seu parecer sobre acontecimentos políticos, nunca, diz a condessa de Oarets, quis responder e, apesar disso, punham na sua boca predições totalmente falsas. O Santo lamentava isso: Pobre Cura d’Ars! Como o fazem falar; ele que não diz nada! As coisas chegaram a tal extremo que um agente da polícia imperial foi a Ars para se inteirar com o burgomestre a respeito de uma profecia atribuída ao Cura d’Ars, a qual produzira grande alarme. Sabemos por uma narração do burgomestre como acabou a investigação. Provavelmente entre o Santo e o comissário se falou de tudo, menos de política. É de crer que o agente de polícia se confessou; pelo menos se pode deduzir das lágrimas que derramava ao sair de tão singular audiência.

Algumas vezes, porém, o vidente de Ars revelou a sua visão interior sobre os grandes deste mundo.

Júlio de Maubon refere que, encontrando-se em Ars em 1849, travou conversação com Sánchez, antigo oficial carlista, desterrado. O espanhol começou a recriminar violentamente Pio IX, então refugiado em Gaeta. Chamava-o de Papa liberal e censurava-o por ter recebido, quando subiu ao pontificado, as aclamações dos, demagogos: segundo ele, o novo papa não era digno de ocupar a cadeira de S. Pedro. Eu não participava das suas ideias, disse o sr. Maubon, e depois de quase uma hora de passeio nos separámos. Durante este tempo, o Cura d’Ars havia explicado o catecismo. Quando saía da casa paroquial, depois de comer, deu-se conta da presença daquele cavalheiro. Ah! amigo, disse-lhe de passagem, quão diferente dos de Deus são os caminhos dos homens. Afirmaram-lhe esta manhã, que o Santo Padre, de regresso a Roma, teria que abdicar do poder pontifício. Pois bem, o senhor não o verá; Pio IX será um dos maiores papas que governaram a Igreja.

No mesmo ano, o sr. de Maubon fez uma visita ao Cura d’Ars para lhe pedir conselhos. Fora solicitado a ocupar um cargo de certa importância nos negócios públicos. O Príncipe-Presidente acabava de restituir o Panteon ao culto; nomeara uma comissão para elaborar a lei sobre a liberdade do ensino; numa palavra, Luís Napoleão - o futuro Napoleão III - parecia

inclinado a governar de um modo favorável para os católicos. Perguntei ao Cura d’Ars qual o seu parecer sobre a proposta que acabava de receber. Depois de me ouvir com singular benevolência, deteve-se um instante, baixou os olhos para refletir ou para rezar. De repente voltou-se para mim e disse em tom grave:

Não, não, amigo, não aceite nenhum cargo do novo governo. Luís Napoleão será um dia inimigo da Igreja.

Certa vez, conta Catarina Lassagne no seu *Diário*, em 1856, na presença do Irmão Jerónimo e minha o Sr. Cura falou não sei sob que pretexto na família imperial. Disse do pequeno príncipe Napoleão: Será muito bom este principzinho; tem uma bela cabeça. O nosso Santo Cura não lia, todavia, os jornais e nem tinha visto o retrato daquele menino.

Se buscarmos, contudo, nos documentos autênticos, acharemos duas profecias a longo prazo, cujo cumprimento se refere a tempos mais ou menos remotos.

Uma delas nos leva, segundo parece, ao fim do mundo. Depois da sua enfermidade de 1843, afirma a condessa de Garets, o Cura d’Ars disse que gostava muito dos Jesuítas e que tinha grande confiança na duração da Companhia.

Outra profecia diz respeito à conversão daquela nação protestante, que em outros tempos mereceu o nome de Ilha dos Santos. Em 14 de maio de 1854, o Cura d’Ars recebeu a visita de Mons. Ullathome, bispo de Birmingham. Falei-lhe da conveniência de rezar pela Inglaterra, escreveu o prelado, e lhe expliquei em poucas palavras as provações e os sofrimentos que os nossos pobres católicos têm de sofrer pela fé. Interrompeu-me subitamente, abrindo aqueles olhos que a mesma profundeza em que se acham submerge na sombra enquanto ele escuta ou reflete. A sua luz esclareceu-me com todo o seu esplendor e num tom tão firme e tão cheio de convicção, como se fosse um acto de fé, me disse: Mas, Mons., creio que a Igreja da Inglaterra voltará ao seu antigo esplendor. Não pude duvidar de que o cria firmemente, mas não sei donde lhe vinha tal convicção.

Quanto à sua própria paróquia. aquela Ars, que não era mais a mesma, transformada pela graça de Deus, será certo que o Santo Cura lhe profetizou um triste e sombrio futuro? Lemos no *Três cidades santas*, de Emílio Baumanns: O Cura d’Ars não predissera que antes de meio século depois de sua morte Ars voltaria a ser o que fora antes de sua chegada?

Em nenhuma correspondência, em nenhuma memória ou relação contemporânea, em nenhum testemunho do *Processo de canonização*, aparece este oráculo tão pessimista. Em todo o caso, poderia ver-se esta profecia, mas em termos bem diferentes, numa passagem muito obscura do *Petit mémoire* de Catarina Lassagne:

Era (1845), escreve ela, o dia em que o Cura d’Ars anunciou que teria por auxiliar o P. Raymond, cura de Savigneux, disse em sua instrução: Ars é como uma grande árvore. Cortai-lhe as raízes, e ela tombará; ou se quiserdes, como uma massa bem levedada que logo se achata, reduzindo-se a pouca coisa... Não se entende nada.

Aqui, tendo em vista a ocasião e as circunstâncias do facto, só cabe uma interpretação. Nestas palavras o Santo não se refere aos seus paroquianos nem ao futuro religioso da sua paróquia, mas sim ao facto de que a multidão de penitentes, renovada incessantemente, desapareceria de Ars quando ele deixasse de existir. Seguramente que se o P. Raymond, cuja avidez para sucedê-lo é bem conhecida, a tivesse obtido em 1845, ou mais tarde, Ars ficaria reduzida a bem pouca coisa, e muito perderia da sua importância. Na verdade, o concurso de peregrinos teria seguido o Cura d’Ars para a sua nova residência. Prova disto é o que ocorreu em 1843, quando fugiu para Dardilly. Mas o Santo ficou no seu lugar, apesar do desejo que tinha de solidão; a raiz não foi cortada e a árvore não tombou.

Em Ars aquela grande árvore continua em pé. A peregrinação ainda que sob outro aspecto sobreviveu ao Cura d’Ars. A paróquia guarda até hoje os ensinamentos do P. Vianney como herança de um antepassado respeitável.

CAPÍTULO XXVII

Os Milagres do Cura d'Ars

Na sombra de Santa Filomena - Os milagres de dois - Onde o santo Cura d'Ars se esqueceu de fazer milagres sozinho - O sofrimento cristão é melhor que a saúde - A fé, condição primária do milagre - A vida do Cura d'Ars, contínuo milagre e prova palpável da existência do sobrenatural.

Um dia - provavelmente em setembro de 1843 - Margarida Humbert, de Ecully, visitou o seu primo, o P. Vianney. Na conversa que tiveram, o Cura d'Ars disse-lhe, entre outras coisas: Deus é sempre todo poderoso; sempre pode fazer milagres, e os fazia como em outros tempos, mas o que falta é a fé.

Sabia o servo de Deus que na sua paróquia aconteciam coisas extraordinárias, e ele mesmo reconheceu algumas vezes que nela se fazia muito bem, mas atribuía tudo a Deus ou aos Santos, especialmente a Santa Filomena. Estudando a origem da peregrinação, vemos como o Cura d'Ars, desconcertado com o seu poder sobrenatural e surpreendido pela veneração da multidão, deu-se por feliz em poder atribuir tudo à virgenzinha mártir e em se ocultar inteiramente sob o seu nome. Mas nem sempre assim aconteceu. Sem dúvida, o povo tinha confiança na proteção de Santa Filomena e proclamava os seus prodígios, mas parecia a muitos que os seus rogos não eram atendidos se não fossem acompanhados com as orações do Cura d'Ars. Ele protestava: Eu não faço milagres, não sou mais que um pobre ignorante que guardou ovelhas... Dirigi-vos a Santa Filomena: nunca recorri a ela sem ser ouvido, E justamente parecia não se dar conta que o facto de alguém ser sempre atendido pelo céu é sinal de muito elevada santidade; e nem parecia perceber que muitas vezes se realizava tal ou tal prodígio depois da sua bênção ou da simples imposição das suas mãos.

Só procurava uma coisa: glorificar Deus pela salvação das almas. Esta era a sua verdadeira missão e ele o confessava abertamente. Considerava, portanto, como coisa muito secundária as curas milagrosas. Estimava sobretudo os milagres de conversões. Tenho muita vontade de proibir a Santa Filomena, dizia certo dia, de fazer milagres para os corpos. É preciso

que ela cure principalmente as almas. Este pobre cadáver que há de apodrecer não vale lá muita coisa.

Se, apesar de tudo, a Santa se obstinava em curar compassivamente os enfermos, que fosse manifestar a sua bondade em outra parte! Tais prodígios visíveis e materiais atraíam muita gente a Ars. A humildade do Santo não tinha limites. Sr. Cura, disse- lhe um dia o P. Toccanier, corre um boato contra V. Revma.

Qual é, amigo?

Parece que V. Revma. proibiu a Santa Filomena de fazer milagres aqui.

É verdade, respondeu. Isso dava muito que falar. Pedi a Santa Filomena que cure aqui quantas almas quiser, mas quanto aos corpos, que os cure mais tarde! Desta vez me ouviu: muitas pessoas enfermas vêm aqui começar a sua novena e vão terminá-la em suas casas, onde têm sido ouvidas pela Santa.

Não se dirá depois disso que o Cura d'Ars havia feito um contrato com a sua Santa predileta? Pois bem, muitas vezes o milagre se operou no princípio da novena. Então ouviam-se divertidas censuras como esta, depois da cura de um menino aleijado: Santa Filomena faltou à palavra. Deveria ter curado esta criatura em outro lugar.

Depois, mudava subitamente de parecer. Receava, coração assim tão delicado, causar desgosto à sua querida santinha. Por que V. Revma. proíbe que Santa Filomena cure os doentes?, perguntou-lhe um dia Catarina Lassagne. Pensa V. Revma. que ela está contente? Ah! é por isso que já por três noites sinto falta de alguma coisa: sinto um vácuo. Santa Filomena parece repreender-me porque não penso muito nela. Prometi-lhe rezar um pouco mais.

Ao verem que o Cura d'Ars se enfadava com Santa Filomena, os peregrinos por sua vez a invocavam menos. Então entre o Santo vidente e a Santa do Paraíso ocorriam certas cenas que tinham os anjos por testemunhas. Uma pessoa ficou curada enquanto o P. Vianney rezava a missa no altar de Santa Filomena. Ele voltou à sacristia sem perceber o

prodígio. Enquanto assinava as estampas sobre a cómoda dos paramentos, aproximou-se dele o P. Raymond: Sr. Cura, disse-lhe depois de lhe narrar o acontecido, vejo que Santa Filomena descansou muito tempo.

Ah! foi por isso que eu a adverti durante a missa com estas palavras: Grande Santa, se não fizerdes mais milagres perdereis a vossa reputação.

* * *

Dos numerosos testemunhos recolhidos, quer seja no *Processo de canonização*, quer pelos inquisidores do santuário de Ars, conclui-se claramente que os prodígios que já em vida circundavam a fronte do nosso Santo com uma auréola antecipada na verdade eram milagres de dois. Quando lhe parecia conveniente alguma cura, o P. Vianney pedia-a de viva voz ou, no íntimo do coração, mas depois encarregava a Santa Filomena de obter de Deus a feliz realização. Não era justamente por esse motivo que a chamava a encarregada dos seus negócios, sua representante, sua consuleza junto de Deus. A maior parte dos milagres realizados em Ars na aparência não tiveram outra fonte. Contudo, podemos citar outros casos em que Deus, dir-se-ia, não deu tempo à intercessão da Santa e seu grande amigo sofreu a confusão de se ver... apanhado em flagrante delito de milagre.

Já falámos na jovem Irmã Dorotéia, religiosa da Providência de Vitteaux. Achava-se doente do peito e o médico havia dito: Morrerá na entrada do inverno. O Cura d'Ars, ao vê-la entre a multidão, concedeu-lhe por obséquio acesso franco ao confessionário. Minha Irmã, para que deseja ser curada? Expôs ela as suas razões e o Santo replicou: Bem, vá ao altar de Santa Filomena pedir a sua cura: entretanto eu rezarei por você. Soror Dorotéia foi rezar à virgenzinha mártir e, de repente, sentiu-se curada. Deu-se isso em maio de 1853. A religiosa tinha então 24 anos. Morreu na Providência de Vitteaux a II de fevereiro de 1914, com a idade de 89 anos.

Durante a grave enfermidade que em maio de 1843 quase levou o P. Vianney, uma pessoa de Chalon-sur-Saone, a senhora Claudina Raymond-Corcevay, foi a Ars em busca de cura. Doente da laringe e dos brônquios, não podia falar sem sentir na garganta uma dor semelhante à queimadura produzida por um ferro em brasa; só se comunicava com os seus,

escrevendo sobre uma ardósia. Neste estado se dirigiu ao Cura d'Ars, naquela manhã em que, convalescente, baixou à igreja pela primeira vez. Minha filha, disse ele, os remédios da terra são inúteis, e a senhora já os tomou em demasia. Mas Nosso Senhor pode curá-la. Recorra à Santa Filomena. Deixe a ardósia sobre o altar. Faça-lhe violência. Diga-lhe que se ela não puder restituir a sua voz que lhe dê a dela.

Em seguida, conta a Sra, Raymond-Corcevay, lancei-me aos pés da Santa e ao terminar a minha oração estava curada. Fazia dois anos que não podia falar e seis que padecia horrivelmente. Ao encontrar-me com a Sra. Favier. em cuja casa me hospedava, li em voz alta diante de muitas pessoas algumas páginas sobre a confiança na Santíssima Virgem. Estava de todo curada. No dia 11 de agosto, festa de Santa Filomena. a Sra. Raymond fez-se ouvir na igreja de Ars, com a sua bela voz recuperada.

A minha neta, que, como eu, se chama Margarida, contava em 1863 a senhora Gérin, irmã do Cura d'Ars, sofria dum pólipso na laringe. Os médicos não puderam curá-la. Resolveu-se afinal conduzi-la a seu tio, o P. Vianney. Meu irmão nos mandou fazer uma novena a Santa Filomena. Nenhuma melhora obtivemos. Disse-nos então que fizéssemos outra, durante a qual, ele rezaria connosco. Pela noite do mesmo dia, a minha pequena Margarida sentiu-se como que fatigada, escarrou em abundância e ficou curada. O mal nunca mais reapareceu.

Uma jovem dos arredores de Charlieu (Loire), parálitica de um lado, ainda podia caminhar, mas não tinha nenhuma acção no braço direito. Começou a contar ao Cura a longa história das suas misérias. Interrompeu-a o Santo confessor: Vá dizer isso a Santa Filomena. Ela dirige-se a custo por entre aquela multidão apinhada, para o altar da Santa. Restituí-me o meu braço, assim lhe suplica, ou, então dai-me o vosso. Curada ali mesmo a moça que foi parálitica corre ao orfanato para fazer ciente da sua felicidade a Catarina Lassagne, sua amiga. Um jovem de Feurs (Loire), chamado Baron, em consequência de ter caído dum cavalo, se havia encurvado de tal maneira que com a cabeça tocava os joelhos. Padecia um verdadeiro martírio. Neste miserável estado foi conduzido a Ars. Peça-o a Santa Filomena, disse-lhe o Cura d'Ars. Todos os dias dois zeladores da igreja levavam o doente do hotel ao altar. Durante dois meses, o pobre moço foi-

se descurvando pouco a pouco, sem intervenção de médico algum, até ficar perfeitamente curado.

Carlos Blazy, de Cébazat (Puy-de-Dome), tinha as pernas paralisadas e não podia andar sem muletas. Foi visitar o P. Vianney, o qual lhe aconselhou que fizesse uma novena à Santa Filomena, novena, de que não obteve resultado. Faltou-lhe a fé. Começou outra com as mesmas disposições. - Padre, crê V. Revma. que poderei deixar aqui as muletas! - Ah! meu amigo, ainda necessitará delas. Entretanto a graça toca cada vez mais o coração de Carlos Blazy. Termina a segunda novena como a primeira. Mas eis que a festa da Assunção (15 de agosto de 1858) coincide exatamente com o fim da novena. O pobre doente, depois da missa do Santo, entra na sacristia. Mas, Padre, pergunta com insistência, é desta vez ou não que hei de levar as muletas à Santa Filomena? - Vá, meu amigo! O inválido se levanta. Já curado, ergue ao ar as suas muletas, agora inúteis, e vai alegre por entre a multidão admirada depositá-las aos pés da celeste curadora. Ao regressar, escreve no dia 8 de setembro o F. Bazin, cura de Cébazat: Carlos Blazy pôde andar 18 quilómetros a pé sem se cansar: e ainda hoje goza de excelente saúde. O feliz agraciado fez-se Irmão da Sagrada Família de Belley.

Quarta-feira de cinzas (25 de fevereiro de 1857), chegou a Ars uma pobre mulher, de Saint-Romain, da região do Saone-et-Loire. Ana Thorin Dévoluet levava num tosco carrinho de mão o filhinho, graciosa criança de 8 anos, enfermo de uma coxalgia. Confiou o seu João Maria à família Vernu e, para lhe ser mais fácil ver o Cura d'Ars, a corajosa mãe, fatigada como estava, passou as primeiras horas da noite no vestíbulo da igreja. Percebeu-a o Santo Cura, que sem conhecê-la lhe disse: Venha antes dos outros; a senhora é quem tem maior pressa. Coisa estranha! Confessa-se, e sem dúvida, por falta de tempo, não diz uma palavra sobre o pequeno aleijado.

Cheia de mágoa, ela torna a voltar, mas desta vez traz o menino para ouvir a missa do Santo Cura, e vai colocar-se junto à porta da sacristia. Entra o Cura d'Ars. Querem fechar a porta. A mulher põe o pé no umbral e enquanto discute com o Ir. Jerónimo, diz o Santo: Que entre. Ela prostra-se-lhe aos pés apresentando o filho para que o abençoe. Este menino, diz o Cura d'Ars, é muito grande para ser carregado assim. Levante-se, boa

senhora, e ponha-o no chão. Mas ele não pode.- Já poderá. Tenha confiança em Santa Filomena. O Cura d'Ars beija a fronte do inocente e diz: Vá, boa mãe, vá rezar a Santa Filomena. Ela o há de curar. E como Ana Dévoluet quisesse tomar novamente o enfermo nos braços, o Cura d'Ars se opôs dizendo: Não, não; deixe-o andar. O menino, com grande esforço é conduzido pela mão, pode chegar ao altar da Santinha. Ajoelhou-se por si mesmo, permanecendo cerca de três quartos de hora sem demonstrar cansaço, olhando ora para a imagem da Santa deitada em seu leito mortuário, ora para um livrinho de orações que a mãe lhe dera. Esta, com os olhos rasos de lágrimas, não podia rezar e nem mesmo sabia onde estava.

Finalmente o menino levantou-se sozinho e disse: Estou com fome. Começa a andar; a mãe toma-o pela mão e se dirige para a porta. Quer sair, mas infelizmente está chovendo. Não vê, mamãe, se tivesse trazido os meus sapatinhos... - João Mari ajá os havia pedido no caminho. - Ana Dévoluet, tomando o seu filho nos braços, entra numa sapataria; pede que o calcem e logo o menino se alegra em poder saltar pelas ruas, onde, tendo estiado a chuva, se pôs a jogar com os meninos da sua idade.

Ainda que em Ars estivessem acostumados a ver milagres, contudo, este causou tanta admiração no povoado, que o eco chegou aos ouvidos do P. Vianney. E foi então quando o Santo acusou a Santa Filomena de haver faltado à palavra!

Aconteceu também ao Cura d'Ars fazer vários milagres sem que, ao menos exteriormente invocasse a Santa Filomena. Eis alguns exemplos.

Conta a Irmã São Lázaro que uma mulher doente, não se sabe de que paróquia, chegara a Ars numa diligência. Apoiada em suas muletas, esperava a passagem do P. Vianney. Eia, ande, senhora, lhe disse o servo de Deus. Ela duvidava. Mas caminhe, senhora, uma vez que ele lhe ordena, acrescentou o P. Toccanier, que acompanhava o Cura d'Ars. Então, logo ela deixou as muletas. Leve-as consigo, disse-lhe o Cura d'Ars, ao perceber o movimento que se produzia na multidão.

Eu vos direi, escreve em uma das suas *Memórias*, João Cláudio Viret, de Cousance, que, encontrando-me certo dia em Ars, fui confessar-me com o Santo Cura lá pelas cinco da tarde. Vi-o entrar na sacristia, levando pela

mão uma menina de uns 13 ou 14 anos. A menina tinha os olhos cobertos com um pano branco. Entrou na sacristia com o Santo e sua mãe.

Examinei muito bem aquilo tudo. Pouco depois, mãe e filha saíam de lá. A menina não trazia mais a venda. Ao sair da igreja aproximei-me delas e lhes perguntei: Que faziam as senhoras na sacristia com o Santo Cura? - Oh! senhor, minha filha estava cega há dois anos. Apenas enxergava um pouco a luz do sol... Mas desde que falou com o Cura d'Ars vê bem a cruz que tem nas mãos!

Então apresentei-lhe um livro de orações para ver se ela podia ler o título. A menina me respondeu: Vejo bem as letras, mas faz dois anos que não leio.

Contei o facto ao conde de Garets, burgomestre de Ars, que se achava na porta da igreja. Não mostrou estranheza e limitou-se a me dizer: Nosso Santo Cura tem feito muitos outros!

Em 1854, vivia em Grenoble uma menina de cinco anos, chamada Matilde Besançon. Uma companheira de doze a treze anos, brincando, levantou-a pelas orelhas, mas com tal violência, que se lhe romperam os músculos do pescoço. A menina não podia andar com a cabeça erguida sem apoio. Depois de muitos meses, ao ver que o mal era incurável, os pais de Matilde levaram-na a Ars, com intenção de orar à Santa Filomena. Pareciam inúteis as suas orações. Aqueles bons cristãos ouviram a missa do Cura d'Ars, a quem haviam encomendado a pequena doente. De repente, em meio do grande silêncio da elevação, a menina se levantou dando um forte grito: Mamãe, estou curada!... Veja! Realmente, podia mover a cabeça em todos os sentidos com facilidade e sem apoio.

Um dia de 1855, a senhora Raymond-Corcevay, que um ano antes tinha sido curada em Ars de uma laringite, estava ajoelhada no confessionário do P. Vianney. Posso ter confiança, perguntou-lhe, que Santa Filomena cumprirá a sua palavra até o fim? - Escute, minha filha, respondeu o servo de Deus., faz apenas alguns dias que uma pobre camponesa veio aqui com a sua filha de sete anos, muda de nascimento. Aquela pobre mãe estava fazendo a sua confissão quando de repente parou. Minha filha, disse-lhe eu, continue. - Ah! meu Padre, é impossível. Imagine que jamais ouvira a

minha filha falar! Escute. Está ali, junto ao confessor. Que graça, que graça... A menina, na verdade, já não era muda; falava distintamente. Aquela mulher, prosseguiu o Cura d'Ars, estava muito emocionada, e não podia continuar a confissão. Só sabia repetir entre soluços: Que graça, meu Deus! Que graça!

A 1 de fevereiro de 1850, uma pessoa de Virégneux, pequena aldeia do cantão de Saint-Galmier, no Loire, chamada Claudina Venet, foi levada a Ars. Em consequência de um derrame cerebral havia ficado completamente surda e cega. O P. Vianney nunca vira aquela desventurada e ninguém lhe falara a seu respeito, Pois bem, enquanto ela estava diante da porta da igreja, passou o Santo. Sem dizer palavra tomou a cega pela mão, levou-a até ao confessor, onde mandou que se ajoelhasse. Apenas a abençoara, os olhos de Venet se abriram à luz e seus ouvidos ouviram... Parecia ter despertado de um letargo. Mas, acabada a confissão, o servo de Deus fez-lhe esta estranha advertência: a sua vista está curada, mas ficará surda ainda por espaço de doze anos... É vontade de Deus que assim seja. Claudina Venet saiu só da sacristia. Ao separar-se do santo sacerdote notou que os seus ouvidos novamente se cerravam. De facto, nada mais ouviu dali em diante. Esta enfermidade, segundo a predição de 1 de fevereiro de 1850, persistiu por espaço de 12 anos, Tranquila e resignada, desfrutando da vista recobrada milagrosamente, a doente aguardava o dia de seu total restabelecimento. Qual não foi a santa alegria quando no dia 18 de fevereiro de 1862 se achou completamente curada!

Em 1855 estive em Ars a senhorita Fainier, de Montchanin (Saone-et-Loire). Esta jovem era coxa. Implorou do servo de Deus a cura da sua perna. Minha filha, respondeu o Santo d'Ars, a senhorita desobedece muito à sua mãe; responde-lhe muito mal. Se portanto quiser que Deus a cure, corrija-se deste defeito tão feio. Quanto trabalho lhe custará! Lembre-se de uma coisa: ficará boa, é verdade, mas pouco a pouco, conforme for o esforço empregado para se corrigir. Voltando para Montchanin, a jovem Fainier esforçou-se por ser mais obediente para com a mãe. A perna, dez centímetros mais curta que a outra, foi crescendo visivelmente, de modo que em poucos anos a sua doença desapareceu de todo.

Em 1856, conta o Sr. Hipólito Pages, fui testemunha da cura de uma mocinha que havia três anos estava muda por causa de uma paralisia. Depois de se ter confessado por escrito com o servo de Deus e de haver recebido a comunhão das suas mãos, teve a felicidade de, durante a acção de graças, recobrar a fala perfeitamente. Conversei em seguida com ela, e me convenci por mim mesmo da cura. Veja o senhor, disse-me ela, como aconteceu isto. Durante a acção de graças, notei que podia falar ao perceber os movimentos que fazia a minha língua para seguir o que rezava com o coração.

Uma senhora de Lião quis apresentar ao Cura d'Ars um menino que tinha um abcesso abaixo do globo ocular. O menino ia ser operado, mas quiseram que antes fosse abençoado pelo servo de Deus. Quando o Santo levantou a mão sobre a fronte da pobre criança, a senhora tomou aquela mão venerável e a fez pousar sobre o mal, que repentinamente desapareceu. Este acontecimento divulgou-se logo por todo o povoado, mas o Cura d'Ars imediatamente cuidou de se defender. No mesmo dia, à noite, quando o P. Toccanier e o Ir. Atanásio o acompanharam ao quarto, dirigindo-se a eles, lhes disse:

Meus amigos, aconteceu hoje uma *bela farsa*. Quanto me envergonhei!. ... Se tivesse encontrado um buraco, ter-me-ia escondido dentro dele.

Que foi que aconteceu? perguntou o missionário.

Digam o que quiser, Nosso Senhor ainda faz milagres... Vejam: Uma senhora trouxe-me um menino que tinha um tumor ao lado de um dos olhos. Fez com que eu o tocasse; e tudo desapareceu!...

Desta vez, disse-lhe o P. Toccanier, não dirá V. Revma. que foi Santa Filomena. Ficou um pouco embaraçado, mas por fim respondeu: Ah! ela também poderia ter alguma parte nisso.

Destas últimas palavras podemos concluir que o Cura d'Ars, em todos os casos de cura, invocava primeiramente do íntimo de seu coração à sua santa predileta. Ou ainda, que tinha como uma visão misteriosa do papel que ela desempenhava em tais circunstâncias! Talvez sim. Mas seja como

for, sempre teve grande cuidado de atribuir a Santa Filomena todas as curas e à Santíssima Virgem todas as conversões.

As partes do *Processo* relatam um bom número de milagres. Mais tarde falaram ainda outras testemunhas... Sabemos, além disso, que milhares de doentes pediram ao Cura d'Ars que curasse os seus incómodos. Em que proporção foram ouvidos? Não o sabemos. Provavelmente, na sua maioria, não foram curados. O Santo implorava para eles outros dons muito melhores: tinha em grande estima o sobrenatural benefício da paciência cristã. A maior cruz é não ter cruz, dizia ele. Tanto melhor, meu amigo! tanto melhor, respondia ao Irmão Atanásio, que lhe confiava as suas penas. Um dia, diz o P. Dufour, em que o acompanhei na visita a um enfermo, ouvi-o dizer: Amigo, não sei se devo pedir a sua cura. Não se deve tirar a cruz dos ombros daqueles que a sabem levar tão bem.

* * *

Antes de tudo, quando lhe pediam para curar alguma pessoa, o P. Vianney exigia a fé como condição indispensável. Mulher, a tua fé é grande, disse o Divino Mestre antes de curar a filha da cananeia. Não exigia menos o Cura d'Ars quando lhe pediam para obter um milagre. Não é assim que se deve proceder quando alguém deseja ser curado, respondia a um jovem de Marselha, indivíduo atacado por um mal crónico, e cuja fé corria parelha com os costumes: Bem, faça a senhora uma novena de orações, mandava a uma mulher de Montflueur (Jura), que fora a Ars a fim de pedir por um parente enfermo. Somente acrescentou, hesitando: Não sei se Deus a escutará, pois naquela casa não há mais religião do que numa estrebaria de cavalos. Era a pura verdade. O doente morreu ao findar a novena.

Um morador de Nantes sofria de gota. Enquanto projectava ir a Paris para se submeter a um tratamento médico muito dispendioso, um dos seus amigos, o Sr. Sionnet, tesoureiro da fábrica de São Nicolau, procurou persuadi-lo que as orações do Cura d'Ars valiam mais que todas as consultas dos mais hábeis doutores...

Mas o doente de gota zombava e punha condições... Escreveu-se de Nantes, ao Irmão Atanásio pedindo-lhe que expusesse o caso ao P. Vianney.

Eis a resposta de Ars: O Sr. Cura, que não quer saber de se nem de mas para com Deus, acaba de dizer-me que é melhor deixarem esse homem ir a Paris, pois quando se pede uma graça pondo condições, é certo que não se alcança nada.

* * *

O milagre é o sinal do divino; é a prova de Deus neste mundo. A santidade, entretanto, pode existir sem ele. Ainda que o Cura d'Ars não tivesse feito nenhum prodígio, nem por isso seria menos santo. Demais, acaso a sua vida não foi um contínuo milagre? Este é o pensamento de Ribadeneira ao falar de S. Bernardo naquele volume da Vida dos Santos, tão lido e relido pelo Cura d'Ars: Ele mesmo foi o primeiro e o maior de todos os milagres. Este pensamento do velho autor, expressou-o com muita felicidade um contemporâneo do P. Vianney, João Pertinand, que foi seu amigo, seu enfermeiro de ocasião e o professor da aldeia.

A obra mais difícil, a mais extraordinária e a mais prodigiosa que realizou foi a sua própria vida.

Creio, dizia o P. Dubouis, seu vizinho em Fareins, que o Sr. Cura d'Ars não poderia dar conta de seu esmagador trabalho sem uma assistência sobrenatural. É humanamente incompreensível, afirma o cônego Gardette, que por trinta anos tenha podido suportar um ministério sob cujo peso qualquer outro sacerdote, por mais forte que fosse, muito cedo teria sucumbido. Finalmente, eis o parecer de um dos médicos que assistiram ao Cura d'Ars: Em vista da sua maneira de viver, tal como a conheci, considero-lhe a existência como extraordinária e naturalmente inexplicável. Assim falava o médico Michel, de Coligny.

Depois de tudo isso, podemos concluir com Paulo Bourget: Não, a era dos milagres não terminou, mas faltam santos e eles, são muito raros!

CAPÍTULO XXVIII

Os Grandes Feitos Místicos na Vida do Cura d'Ars

Silêncio de humildade ou de preocupação - Durante a celebração da missa - Os êxtases corporais e as visões - O Cura d'Ars e a sua visão do outro mundo - O purgatório, o inferno e o céu - O dom das lágrimas, levitação, auréola, anel místico.

Passarei agora, diz São Paulo, às visões e revelações do Senhor... as provas do meu apostolado, que são os sinais sobrenaturais, os prodígios, os milagres (2a Cor, 12, 1, e 12).

Ao chegar a este ponto da vida do Cura d'Ars, vamos referir, embora apoiados em documentos escassos, mas tão seguros quanto é possível, alguns dos favores mais extraordinários que ele recebeu de Deus.

São Paulo, antes de abordar os extraordinários feitos da sua vida mística, se escusa ante os seus fiéis amigos de Corinto: sim, não resta dúvida que é coisa perigosa glorificar-se a si mesmo; mas se o apóstolo fala é somente coagido pela necessidade. Os seus adversários negam que a sua missão venha de Deus; pois Paulo vai confundi-los, dizendo que Deus lhe dá provas...

O Cura d'Ars não tinha o encargo de todas as igrejas, assim que, oculto naquela aldeia obscura, não opôs aos ataques dos inimigos, que unicamente tinham por objecto a sua pessoa, mais do que um silêncio resignado, Narrava de boa vontade e em todas as ocasiões como já o temos visto, as suas lutas com o inferno; mas deixava obstinadamente no esquecimento as recompensas tão legítimas que recebia do céu. O P. Alfredo Monnin, depois de ter passado longas temporadas em companhia do Cura d'Ars, foi o primeiro a constatar essa particularidade:

O servo de Deus nunca falava nos favores divinos de que era objecto. As perguntas que a este respeito lhe faziam o molestavam e cansavam visivelmente. Para as evitar costumava expandir-se em transportes de amor a Deus ou contar interessantes pormenores da vida dos santos, de quem falava como se os houvesse conhecido. É pois dos lábios de reduzido

número de testemunhas e não dos seus próprios lábios que podemos descobrir alguns segredos da sua vida mística.

Acontecia, entretanto, ao Cura d'Ars, trair-se involuntariamente, ora impelido pelas vivas emoções que sentia, ora por cair nas redes armadas à sua humildade. Assim, por exemplo, um dia chegou à casa da *Providência* com o rosto todo afogueado. Que graça, que felicidade, que coisa extraordinária! exclamava ele em presença de Catarina Lassagne, que se achava sentada.

Mas onde? perguntou ela depois de alguns momentos.

Na igreja... Na igreja!...

E não pode dizer mais nada. As maravilhas que Deus opera no íntimo das suas criaturas produzem naturalmente o silêncio, o pasmo e não sei que de divino que impede toda a expressão.

Que viu o Cura d'Ars naquele dia? Talvez aquela procissão dos Santos, da qual falou uma ou outra vez a Irmã Catarina Lacand, e de que conservava uma lembrança que ainda o impressionava.

* * *

Os que tiveram a dita de assistir à missa do Cura d'Ars notavam a transfiguração que então se produzia em toda a sua pessoa. Ele mesmo o sabia, de maneira que costumava recomendar às órfãs da *Providência* que não olhassem para ele quando estivesse no altar. Anjo pela fé e serafim pelo amor, tinha, ao celebrar, os olhos como chamas que lhe iluminavam o rosto. Notei muitas vezes, ao ajudá-lo na missa. diz André Treve, que a sua atitude recolhida tinha todas as aparências do êxtase. Instintivamente olhavam-lhe os pés para ver se ainda tocavam o solo.

Ele mesmo confessou algumas vezes que as espécies eucarísticas lhe bastavam para alimentar-se, como se conta de outros santos. Que fome tinha eu durante a missa! dizia uma manhã à Catarina Lassagne. Quando chegou o momento de comungar, disse ao Senhor: Meu Deus, alimentai o meu corpo e a minha alma. E a fome desapareceu completamente. Há de vir

um tempo, segundo creio, opinava um sacerdote, em que o Cura d' Ars só viverá da Eucaristia.

Teve o nosso Santo visões durante a missa? Contemplou Jesus sob a forma da sua humanidade? Segundo o P. Tocanier, a opinião geral em Ars era de que ele gozava da presença visível do Salvador na Eucaristia. Depois da consagração, quando tenho Nosso Senhor nas minhas mãos, me esqueço de mim. Mas estas palavras para nós são ainda muito vagas; eis aqui outras mais precisas: Quando Nosso Senhor está sobre o altar durante a missa, logo que lhe pedem pelos pecadores, lança raios de luz para lhes descobrir as misérias e os converter. Espere para logo depois da missa respondia algumas vezes o Cura d' Ars às pessoas que iam consultá-lo de manhã cedo, como se durante o santo sacrifício houvesse de receber directamente os divinos conselhos. Deste modo predisse a uma jovem de Rive-de-Gier a futura Ir. Maria Gabriela da Visitação de Montluel, que, embora contra todas as aparências, seria chamada ao estado religioso. Minha filha, disse com o rosto radiante ao encontrá-la quando saía da igreja, como és feliz! Nosso Senhor te escolheu para sua esposa.

Certo dia, depois do catecismo, enquanto de pé tomava a ligeira refeição sobre o pequeno armário que lhe servia de mesa, pensando talvez estar só não tinha visto que a Joana Maria Chanay se achava na cozinha, começou a dizer entre suspiros: na verdade, não tenho visto Deus desde domingo. Assustou-se quando Joana Maria, que tudo ouvira, lhe perguntou: antes de domingo V. Revma. O tinha visto? O bom do Santo, todo confusão, ao se ver traído pelas suas próprias palavras, não respondeu.

Em 1850, dizia numa instrução das 11 horas: eis que somos todos terrenos e a nossa fé nos apresenta os objectos a trezentas léguas de distância, como se Deus estivesse no outro lado dos mares. Se tivéssemos uma fé viva, eu vos asseguro que O veríamos ali, no Santíssimo Sacramento. *Há sacerdotes que O vêem todos os dias no Santo sacrifício da missa.*

Mas se o Cura d' Ars via a Deus, de que maneira o via! Não cremos que se tratasse de aparições externas; era somente no seu espírito onde contemplava o inefável e o invisível. Demais, o Cura d' Ars o manifestou bem claro num momento de cordial intimidade com o seu querido amigo, o

P. Tailhades. Recordava diante dele os seus primeiros anos de vida apostólica, o tempo das graças extraordinárias, como ele dizia: No santo altar eu gozava de insignes consolações: via o bom Deus.

Via-o V. Revma.?

Não digo que fosse de uma maneira sensível... Mas que graça... que graça... Estas palavras revelam que no Cura d'Ars havia alguma coisa mais que aquele alto grau de contemplação para onde o levaram graças especiais, alguma coisa mais que a união mística pela qual Deus associa a alma à sua vida, enquanto a alma se funde no mesmo Deus e goza do delicioso sentimento da sua íntima presença. Na verdade, não era ainda o êxtase em que, como diz São Tomás de Aquino, a contemplação arranca a alma às operações dos sentidos.

Nenhum testemunho contemporâneo permite afirmar que o Cura d'Ars tenha tido êxtases durante a missa. Segundo parece, nunca prolongou a celebração além do tempo necessário. Mas em outras circunstâncias, gozou certamente deste favor sublime.

Soror Maria Francisca, da Ordem Terceira Franciscana de Saint-Sorlin, foi confessar-se com ele na semana santa de 1849 ou 1850. Terminada a acusação, perguntou ao Santo: Padre, que quer Deus de mim? - Ah! minha filha... murmurou atrás das grades do confessionário uma voz fraca e doce.

Não acrescentou mais nada. Depois, diz a religiosa, o P. Vianney falou consigo mesmo por espaço de 5 minutos, não sei em que língua; não o pude entender. Cheia de admiração, olhava-lhe o rosto. Parecia estar fora de si. Creio que via Deus. Julguei-me indigna de permanecer na presença de um tão grande santo e retirei-me tomada de espanto.

Em março de 1852, à uma e meia da madrugada, o Cura d'Ars dava preferência no seu confessionário a uma jovem religiosa da Congregação do Menino Jesus, chamada Soror Clotilde. Apenas uma vela iluminava aquele recanto da capela de São João Baptista. Ora, o Cura d'Ars, correndo a cortina do confessionário, apareceu à sua penitente revestido de claridade. Uma luz subtil, sobrenatural, envolvia-o completamente. Toda admirada, a religiosa acusou-se dos seus pecados. E quando terminou:

Meu Pai...

Confesse-se, murmurou o Santo, ainda resplandecente.

Dócil, a boa Irmã continuou:

Meu Pai, atreveu-se ainda a dizer.

Confesse-se.

Mas não tenho mais nada a dizer...

Fez-se um profundo silêncio. Por fim o Cura d'Ars, saindo da sua imobilidade, lhe perguntou: Minha filha, tem cumprido sempre bem suas penitências? Ao ouvir isto a boa religiosa descobriu no seu passado algumas negligências de que se esqueceu. Acusou-se delas com toda a humildade; recebeu a absolvição e se afastou, Estivera no confessionário quase uma hora. Quando saiu, o Cura d'Ars já havia recobrado o seu aspecto ordinário.

Em 1849, a jovem Maria Roch, de Paris-Montrouge, recorreu às luzes do Cura d'Ars; estava atormentada por penas interiores muito vivas e cria que só o homem de Deus a poderia livrar delas. Depois de muito esperar, Maria Roch pôde aproximar-se do confessionário, pois chegara a sua vez. Olhou para o lugar escuro, onde estava o servo de Deus. Que viu ali? Dois raios de luz que pareciam sair do rosto do Santo, cujo semblante estava como que eclipsado por aqueles intensos resplendores. Esta peregrina não teria sido vítima de alguma alucinação? Não; não havia ilusão possível. A senhorita Roch estava em perfeito estado de saúde, e a luz do sol não podia penetrar naquele canto escuro em tais horas. A nossa parisiense, como que fascinada por aqueles olhares de luz, olhou-os longamente por espaço de uns oito minutos, e viu que não se extinguíam. Não teve coragem de se aproximar do confessionário, e deixou a capela de São João Baptista. Mas o Santo já havia lido no seu coração. No dia seguinte, ao sair do catecismo, sem que ela lhe tivesse explicado coisa alguma, passou-lhe ao lado e detendo-se, disse: Minha filha, fique tranquila; tudo irá bem.

Que via o Cura d'Ars? Que sentia naqueles minutos em que não estava neste mundo? Só ele poderia dizê-lo, mas não o fez. Por felicidade nossa,

duas ou três vezes, houve pessoas que foram favorecidas com as mesmas visões que o servo de Deus. Foi assim que nós obtivemos, ao menos por meio duma dessas aparições, os mais nítidos e mais circunstanciados pormenores.

A narradora, Estefânia Durié, nascida em Allier, pessoa inteligente, reservada e digna de toda a confiança, a qual costumava fazer coletas para as obras do p, Vianney, chegou a Ars pela manhã do dia 8 de maio de 1840. Desta vez trazia uma soma bem considerável, destinada a fundações de missões. Passou primeiramente pela *Providência*, onde tomou a refeição e depois quis entregar o dinheiro a quem era destinado. Eis o que aconteceu.

Acabava de dar uma hora da tarde. O Cura estava só no seu quarto. Catarina Lassagne abriu-me a porta da casa paroquial. Comecei a subir a escada quando ouvi o Cura d’Ars falar com alguém. Subi sem fazer ruído e escutei. Uma doce voz lhe dizia: Que quereis pedir?

Ah! minha boa mãe, eu peço a conversão dos pecadores, o consolo dos aflitos, o alívio dos enfermos e, em particular, de uma pessoa que há muito tempo padece e que deseja morrer ou curar-se. A voz respondeu: Curar-se-á, mas só mais tarde.

Ao ouvir estas palavras, entrei subitamente no quarto cuja porta estava ligeiramente entreaberta, Como eu padecesse de um câncer, estava convencida de que tudo aquilo era para mim, Qual não foi a minha surpresa ao ver de pé, junto à estufa uma senhora de estatura regular, vestida com uma roupa de radiante alvura, sobre a qual se viam espargidas umas rosas de ouro! O seu calçado me parecia branco como a neve. Nas suas mãos brilhavam os mais ricos diamantes e a fronte estava circundada por um diadema de estrelas luzentes como o sol Parei deslumbrada.

Quando pude dirigir os meus olhos para ela, vi que sorria docemente. Minha boa mãe, disse-lhe imediatamente, leve-me para o céu,

Mais tarde,

Ah! minha mãe, já é tempo.

Tu serás sempre minha filha e eu serei sempre tua mãe.

Depois de ter pronunciado estas palavras, desapareceu. Fiquei por momentos como que fora de mim, estupefacta pela graça que me fora concedida. É possível ver coisas tão formosas e ser tão ingrata! dizia comigo mesma. A tornar a mim contemplei o Santo Cura, de pé diante da sua mesa, com as mãos juntas sobre o peito, o rosto resplandecente e o olhar imóvel. Temi que estivesse morto; aproximei-me dele e puxei-o pela batina. Meu Deus, começou a falar, sois vós?

Não, meu Pai, sou eu (E como eu pronunciasse estas palavras, tornou a si e perturbou-se). Onde estava, meu Pai. Que estava vendo?

Vi uma senhora.

Eu também, repliquei. Quem era pois esta senhora?

Não fale disto a ninguém, replicou-me em tom severo ou nunca mais porá os pés aqui.

Posso dizer-lhe o que penso? Parece-me que era a Santíssima Virgem.

E não se enganou... Então, também a viu?

Sim, vi-a e falei-lhe... Agora explique-me o que se passou quando eu pensava que V. Revma. estava morto.

Oh, não!... É que estava muito contente por ver a minha mãe.

Meu Pai, devo a V. Revma, o tê-la visto... Quando voltar consagre-me a ela para que ela me consagre ao seu Divino Filho.

O servo de Deus mo prometeu, e depois me disse: A senhora ficará curada.

Mas quando, meu Pai!

Um pouco mais tarde. Não pergunte mais.

Com um tom mais amável acrescentou:

A Santíssima Virgem, Santa Filomena e eu nos conhecemos muito bem.

Era talvez aludindo a esta cena prodigiosa que o Cura d'Ars dizia a um visitante de destaque: Ninguém ousaria pôr os pés sobre este pavimento se soubesse quem andou por aqui.

Da narrativa desta visão duas particularidades, sobretudo, merecem ser notadas; o Cura d'Ars fala na Santíssima Virgem e em Santa Filomena como alguém acostumado às suas visitas; aceita de boa vontade a incumbência de consagrar Estefânia Durié à Santíssima Virgem por estar certo de novas aparições... Estefânia, entretanto, queria saber mais. O varão de Deus corta-lhe as perguntas indiscretas. Não se mostrou mais tão loquaz durante os 8 anos que o P. Toccanier viveu com ele. Eu disse-lhe um dia, conta este último: afirmam que V. Revma. tem visões. Não pude tirar-lhe mais que esta simples confissão: Sim, uma vez à cabeceira da minha cama vi alguém vestido de branco que me falava docemente como um confessor.

Se dermos crédito a Mariana Renard, que morava com a sua mãe junto à casa paroquial, o Cura d'Ars teve aparições desde o começo de sua vida de pároco. Quando os peregrinos começaram a afluir - em 1828 - chegou a Ars uma mulher para se confessar ao servo de Deus. Foi à igreja logo de manhã. E que viu na sacristia, cuja porta estava entreaberta? Viu que o Sr. Cura conversava com uma formosa senhora vestida de branco. Não se atrevendo a entrar, esperou. Porque, perguntou- lhe o Santo, a senhora não se aproximou logo? - Porque V, Revma. estava falando com uma senhora. O servo de Deus nada respondeu. Quando a peregrina entrou na sacristia, a senhora já havia desaparecido. E não vendo ninguém sair pela porta supôs que o Sr. Cura falava com a Santíssima Virgem.

Francisco Bourdin, de quem já temos falado como de um convertido pelo Cura d'Ars, deveria estar com a consciência purificada depois de sete confissões consecutivas. Apesar disso, pela manhã do oitavo dia, quando ia comungar na missa de um dos missionários, foi assaltado por um pensamento inquietador: teria na verdade recebido a absolvição?... Não se lembrava bem. E se não a tivesse recebido poderia considerar-se na graça de Deus? Em lugar de comungar, Bourdin colocou-se na última fileira dos

que se iam confessar. Acostumado à paciência pela longa espera daqueles oito dias, permaneceu aí até à tarde. Chegou finalmente diante da desejada porta. Logo após ter o homem que o precedia deixado o confessionário da sacristia, Francisco Bourdin ajoelhou-se no seu lugar. Ninguém, além dele, havia entrado.

Naquele momento, porém, o P. Vianney não estava mais no confessionário. Voltado para a porta, falava com uma senhora um pouco mais alta do que ele, que também permanecia de pé. Trazia um manto azul e era de uma formosura maravilhosa. O Cura d'Ars não tinha visto o penitente que acabava de entrar. Somente a senhora lhe havia dirigido um olhar. O misterioso colóquio durou perto de uma hora, mas sem ruído de palavras. Durante aquele tempo o bom homem permaneceu de joelhos no genuflexório, com a cabeça entre as mãos. Sentiu um pesadelo imenso sair do seu peito e a impressão sensível da graça no coração.

Imediatamente o Sr. Cura tomou o penitente pelo braço. Bourdin já estava de pé. Procurou a visão, mas ela havia desaparecido sem que a porta se tivesse aberto outra vez. Em lugar de se sentar diante dele para a confissão, o Cura d'Ars, despediu-o amavelmente. Vá, meu amigo, vá em paz. É certo que está na graça de Deus.

Como é natural, tais narrativas corriam pela paróquia entre os peregrinos. Todos estavam persuadidos, testifica Catarina de Cibeiens, que o Sr. Cura tinha visões e que, em particular, gozava da presença da Santíssima Virgem. Ouvimos como ele próprio fazia alusões a outras aparições que não eram da Santíssima Virgem: mencionava também Santa Filomena. Disso voltou a falar ainda no fim da vida, em maio de 1859, Conversava na salinha de visitas, que havia à entrada da canónica, com a baronesa Alix de Belvey. A conversa tomava certo tom de intimidade e o santo ancião se deixava arrastar pela corrente das suas recordações. Estava ansioso - dizia àquela senhora, cuja discrição lhe era bem conhecida - por conhecer qual fosse a vontade de Deus sobre a nova igreja: teria que gastar todos os recursos na construção e sacrificar a obra das missões paroquiais? E enquanto orava apareceu-me Santa Filomena: tinha descido do céu, bela, radiante de luz, envolta numa nuvem branca. Disse-me duas vezes: nada vale mais do que a salvação das almas. Referia-se à obra das missões.

Durante a conversa, prossegue a baronesa de Belvey, o Cura d'Ars estava de pé com os olhos levantados e o rosto resplandecente ante aquela lembrança que ainda o encantava.

Os que o rodeavam estavam convencidos de que ele dormia. Por suas próprias palavras sabemos que o demónio o importunava frequentemente. Mas estas repugnantes visitas não teriam as suas compensações? Como saber o segredo? O P. Toccanier habilmente pôde descobrir alguma coisa. V. Revma. também reza à noite? perguntou-lhe o jovem coadjutor, sem manifestar interesse. Sim, meu amigo, quando desperto... Eu sou muito velho; resta-me pouco tempo de vida e é necessário que aproveite todos os momentos... V. Revma. deita-se no chão, e dorme muito? Oh! não; *nem sempre me tenho deitado no chão...* Segue-se um pequeno silêncio. O Cura d'Ars compreendeu que tinha falado demais; apesar disso, descuidou-se ainda. Na verdade, Sr. Cura, continuou o missionário, por meio de todas essas missões que V. Revma. tem fundado, Deus dá a entender claramente que o quer aqui. Oh! meu amigo, *há outra coisa muito diversa*. Desta vez acabaram-se as confidências. O P. Vianney mudou logo de conversa. Aconteceu isso no dia 22 de novembro de 1856. Poder-se-ia tomar como um reflexo das consoladoras visões da noite aquele resplendor misterioso que um seminarista, falecido mais tarde em Nossa Senhora de Aiguebelle, vira sobre o céu de Ars? Talvez que sim. Mas seja como for, o jovem sacerdote Tissot - futuro P. Maria Bartolomeu - que passava as férias na casa de João Pertinand, debruçando-se certa noite sobre a janela do primeiro andar, viu uma grande claridade na casa paroquial, concluindo daí que deveria haver nela qualquer coisa de extraordinário.

Alguns factos revelando algo mais que simples intuições - revelações verdadeiras - indicam que o Santo Cura, por um privilégio especial de Deus, pôde contemplar mais de uma vez com os seus próprios olhos coisas do outro mundo.

A minha convicção pessoal, diz a condessa de Garets, é de que o P. Vianney estava em relação directa com os mortos e que sabia o que se passava no Purgatório. Um dos meus filhos morreu na guerra da Crimeia. Quando recebemos a triste e gloriosa notícia, o nosso Santo nos assegurou que o Johanny se tinha salvado. Alguns dias depois, na explicação do

catecismo, escapou-lhe dizer, aludindo ao nosso querido defunto: É como este pobre jovem... Está no purgatório, mas por pouco tempo. Estávamos contudo inquietos; o nosso filho teria tido na hora da morte um sacerdote ao seu lado? Passados seis meses recebemos carta de um oficial, na qual nos assegurava que, depois de ter sido ferido, se havia confessado e morrera de modo muito edificante. O meu marido apressou-se em levar a notícia ao Sr. Cura, que se limitou a responder: Oh! me alegro muito por causa da sua mãe, porém. quanto a mim, isso não muda nada do que já sabia.

Uma jovem religiosa do Saone-et-Loire, depois de haver consultado o Cura d'Ars sobre a sua vocação, quis saber se o seu pai, morto num acidente, se tinha salvado. Sim, minha filha, mas está bem em baixo. Reze muito por ele.

No ano de 1849, a senhora Meunier, de Perreux, povoado perto de Roanne, foi confessar-se com o Cura d'Ars. Minha filha, disse-lhe, antes que começasse a falar, o seu marido trabalha ao domingo. Diga-lhe, da minha parte, que deixe esse mau costume. Tempo virá em que se alegrará por me ter ouvido. E acrescentou: não convém que um prometa ao outro voltar depois da morte para dizer o que se passa no outro mundo, pois Deus não o concede senão a poucas pessoas. Na verdade, a senhora Meunier e seu marido haviam feito semelhante contrato. Fiel ao desejo do Cura d'Ars, aquele homem nunca mais trabalhou nos dias de preceito. No ano seguinte, dia da Santíssima Trindade, regressando das vésperas num coche, o cavalo, espantando-se subitamente, disparou, atirando na estrada o Sr. Meunier, que morreu sem ter recobrado os sentidos e sem receber os últimos sacramentos.

Sete semanas depois de tamanha desgraça. a senhora Meunier, aflita pela sorte eterna de seu marido, foi expor as suas dúvidas ao Cura d'Ars. Reconhecendo-a através das grades, disse: Minha filha, a senhora julga estar condenada alguma pessoa de sua família, e eu creio que não. Padre, a pessoa que mais me interessa deverá ficar muito tempo no purgatório? Espere. E, depois de haver pronunciado estas palavras, recolheu-se no confessionário. A penitente ouviu que falava sozinho, por espaço de cinco minutos, como se conversasse com algum ser invisível, Apenas terminara de falar, aproximou-se da grade e disse suspirando. Pobre pai, que desgraça!

A senhora Meunier não havia dito ao Cura d'Ars que era mãe de cinco filhos, e que ao morrer o seu marido ficara sem recursos. É preciso algumas missas para chegar ao céu. Dentro de três anos lá estará.

Três anos mais tarde, um dos filhos, ainda jovem, morreu longe de Perreux, em casa de uma tia. Na mesma noite do seu falecimento, a mãe teve um sonho em que viu o menino subindo ao céu juntamente com o pai. A senhora Meunier, que sabia estar o seu filho gozando perfeita saúde, não fez caso disso; mas quando se inteirou da morte daquele anjo, lembrou-se da predição do Cura d'Ars.

Muitas vezes, ajoelharam-se aos pés do Santo pessoas cheias de desespero: um ser querido, cuja salvação lhes inspirava inquietação, for-lhes arrebatado e julgavam-no perdido para sempre. O Cura d'Ars, porém, com o seu olhar misterioso, via mais longe do que elas.

Uma piedosa senhora, conta a baronesa de Belvey, sem a designar por outro nome, tinha o marido que não praticava a religião. Pedia-lhe muito que se convertesse, pois era cardíaco e podia morrer de repente. Aquela senhora gostava de ornar uma imagem da Virgem que tinha em casa. O seu marido gostava de colher flores e lhe oferecer, não ignorando a quem eram destinadas. Morreu quase repentinamente, sem recobrar, segundo creio, os sentidos e sem receber os últimos sacramentos. A aflição da esposa foi muito atroz; adoeceu e chegou-se a temer pela sua vida. Enfim, ainda que de uma região longínqua, conseguiu viajar a Ars. A senhora não se lembra das flores que oferecia à Virgem? perguntou-lhe o Cura d'Ars, quando a viu no primeiro encontro. Estas palavras, que de repente a encheram de admiração, a tranquilizaram e consolaram, restituindo-lhe a saúde do corpo e a paz do espírito.

Certo dia, dirigiu-se a Ars o P. Guillaumet que, por muitos anos, foi superior da Imaculada Conceição de Saint-Dizier (Alto Marne). Foi no ano de 1855 ou 1856. Nos vagões do comboio o assunto era unicamente as maravilhas da santa aldeia. O nome do Cura d'Ars corria de boca em boca. Sentada ao lado do sacerdote, uma senhora de luto fechado escutava em silêncio. Como o P. Guillaumet se aprestasse para descer na estação de Villefranche, disse-lhe a senhora: Sr. Padre, permita-me acompanhá-lo a Ars... Tanto faz ir lá como a outra parte, não acha? Viajo para me distrair.

O sacerdote ofereceu-se para guiá-la quando estivessem no povoado. O carro que tomaram em Villefranche deixou-os diante da igreja. Estando para terminar o catecismo das onze, o P. Guillaumet conduziu a senhora para o espaço entre a igreja e a canónica. O Cura d'Ars apareceu, estando revestido ainda da sobrepeliz. Deteve-se diante da senhora enlutada, que, para imitar os outros, se havia posto de joelhos. Inclinou-se-lhe ao ouvido e disse: Salvou-se. A forasteira teve um sobressalto. O Cura d'Ars repetiu. Salvou-se. Um gesto de incredulidade foi a resposta daquela senhora. Então o Santo, acentuando todas as palavras, lhe replicou: Digo-lhe que está salvo. Está no purgatório e é preciso rezar por ele... Entre o parapeito da ponte e a água teve tempo de fazer um acto de contrição. A Santíssima Virgem lhe alcançou esta graça. Lembre-se a senhora do mês de Maria feito em sua casa. Algumas vezes o seu marido, ainda que irreligioso, acompanhou as suas orações. Isso mereceu-lhe a graça do arrependimento e o supremo perdão.

O P. Guillaumet não entendeu nada destas palavras, apesar de as ouvir perfeitamente, pois se achava perto da viúva. Até o dia seguinte não chegou a saber que luzes maravilhosas de Deus haviam iluminado o seu servo. A viúva passou em silêncio e na oração as horas que se seguiram depois da entrevista com o Cura d'Ars. A sua fisionomia não era mais a mesma: havia recobrado a paz.

Pouco antes de partir foi agradecer ao P. Guillaumet e disse: Os médicos me obrigaram a viajar, por causa de minha saúde; mas o que na realidade eu sofria era uma aflição atroz, ao pensar no fim trágico do meu marido. Ele era um incrédulo e eu só vivia para reconduzi-lo ao bom caminho. Não tive o tempo necessário. Suicidou-se... Só o podia julgar condenado. Oh! não o ver nunca mais!... E V. Revma. ouviu o que me disse o Cura d'Ars: Salvou-se! Vê-lo-ei, pois, no céu!... Senhor Padre, estou curada.

Só um caso se pode citar em que o P. Vianney pareceu temer pela sorte eterna dum defunto. É verdade que se fez outras confidências do mesmo género, guardou-se a esse respeito doloroso silêncio. Uma pessoa, recém-chegada de Paris ou dos seus arredores, conta Hipólito Pages, perguntou-lhe onde estava a alma de um seu parente que falecera havia pouco. Sem comentário algum recebeu esta resposta: Não se quis confessar na hora da

morte. Infelizmente era verdade: o moribundo tinha recusado o sacerdote. O Cura d'Ars não o poderia ter sabido de antemão.

Pelo contrário, em muitas ocasiões o P. Vianney consolou grande número de pessoas, assegurando-lhes que a alma do ente querido tinha voado para o céu. Oh! que felicidade ter os pais na bem-aventurança, dizia a um jovem, cuja mãe acabava de morrer. Foi muito paciente durante a sua longa enfermidade, Deus a recebeu e ela reza por você.

A senhorita de Bar, conta a condessa de Garets, parente nossa, acabava de perder a sua mãe, cuja vida tinha sido cheia de privações. Veio a Ars e ao entrar na sacristia, o santo Cura lhe saiu ao encontro perguntando: Senhorita, perdeu a sua mãe? Está no céu... Assim espero, Sr. Cura. Sim, está no céu. E como a jovem lhe apresentasse o chapéu da mãe para benzer, o P. Vianney agarrou-o e o beijou, respeitosamente, como se fosse uma relíquia.

A senhorita Murinais, depois de haver consagrado a vida à prática de boas obras, morreu após longa e penosa enfermidade. Recomendei-a às orações do Cura d'Ars. É supérfluo, minha filha, rezar por ela, respondeu-me. E quando a cunhada da defunta lhe pediu que celebrasse missas pelo descanso da sua alma, negou-se, dizendo: Não tem necessidade.

* * *

Outros dons sobrenaturais, daqueles que ilustram a vida dos grandes místicos, foram também património do Cura d'Ars.

Recebeu com abundância o dom das lágrimas. Estas lágrimas provêm, diz Santa Teresa, de um sentimento de inefável ternura para com Deus ou do martírio interior que padece a alma ao ver a Deus tão ofendido. Estas lágrimas, escreve Lacordaire, é Deus quem as causa e o êxtase que as derrama. Pois bem, o Cura d'Ars nunca falava do pecado e dos pecadores sem chorar. Durante todo o tempo da Via-Sacra, os soluços arquejavam-lhe o peito. Não raro, ao distribuir a sagrada comunhão, as lágrimas caíam-lhe sobre a casula. Mormente no fim da sua vida, não podia pregar sobre a Eucaristia, a bondade e o amor de Deus, e sobre as delícias do céu - eram os

seus temas predilectos - sem ser interrompido pelas lágrimas... Chorava ao ver o espectáculo mais humilde da natureza, se lhe recordava o amor de Deus ou o endurecimento dos pecadores. Outro dia - contava numa prática dos seus primeiros anos - eu voltava de Savigneux. Os passarinhos cantavam no bosque e eu me pus a chorar. Pobres animaizinhos, pensava eu, Deus vos criou para cantar e vós cantais... O homem que foi feito para amar a Deus não o ama!

Lê-se na história de muitos santos que foram levantados acima do solo por uma força misteriosa, e suspensos no ar sem nenhum apoio natural - é isso o que se chama êxtase ascensional ou levitação. Ao menos duas vezes Ars viu este prodígio. Na segunda-feira de Pentecostes, a 28 de maio de 1849, uma jovem que veio a ser mais tarde religiosa da Congregação de S. José, Anita Chretien, de Bassenay, no Ródano, tinha vindo consultar o P. Vianney sobre a sua vocação. Conseguiu falar com ele na sacristia. A uma pergunta que ela fez, viu-o juntar as mãos, levantar os olhos para o céu e depois de repente se elevar a pouco mais. de um pé de altura. Permaneceu nessa posição por uns quinze minutos. Quando tocou novamente no pavimento fez a futura religiosa uma clarividente e maravilhosa predição que se realizou ponto por ponto. O cônego João Gardette, capelão do Carmelo de Chalo-sur-Saone, deu no processo de canonização, sob juramento de fé, o seguinte testemunho:

O meu irmão, cura de Saint-Vicent de Chalon-sur-Saone, achava-se comigo em Ars. À noite, enquanto o servo de Deus rezava a oração, nos colocámos diante do púlpito. No meio do piedoso exercício, quando o Cura d'Ars rezava o acto de caridade, o meu irmão, que tinha muito boa vista, observou que se elevava pouco a pouco até que os seus pés subiram acima da borda do púlpito. A sua pessoa estava transfigurada e envolta numa auréola. O meu irmão olhou em redor de si e não viu nenhuma comoção da parte dos assistentes, mas, quando saiu da igreja, não pôde guardar secreto o prodígio que lhe fora dado presenciar: contava-o em alta voz e com entusiasmo.

Assim como o P. Gardette, não só viu o Cura d'Ars levantar-se por uma força misteriosa, mas contemplou-lhe na frente a auréola, reflexo

antecipado da bem-aventurança, que pode circundar - mas quão raras vezes - os santos.

Ousaremos agora aprofundar-nos mais nos mistérios de Deus e buscar na existência do Cura d'Ars a prova que chegou, de degrau em degrau e por uma série de múltiplas purificações, àquela união tranquila e perdurável que se chama união transformadora e que parece ser o último termo da união mística, a preparação imediata da visão beatífica! O êxtase é apenas a união transitória da alma com Deus, - simples esposais espirituais. Acima do êxtase está aquela união transformadora, tão íntima, tão serena, tão indissolúvel que, na linguagem mística, foi chamada matrimônio espiritual. Graças a essa união tão profunda, a alma se transforma de tal maneira que se esquece de si mesma para só pensar em Deus e na sua glória. Deus se apossa inteiramente da alma. Já vimos, ao estudar a vida interior do Cura d'Ars, que era uma oração contínua, e uma comunicação ininterrupta com o céu. Oh! ditosa vida, exclamava, num dos seus catecismos, ditosa união da alma com Nosso Senhor!... A vida interior é como um banho de amor em que a alma se submerge. Quando a alma chega a esse estado, Deus a toma como uma mãe que abraça a cabeça de seu filho para a cobrir de beijos e carícias. Nosso Senhor tem fome dessas almas. Estas palavras que lhe escapavam espontaneamente demonstram bem às claras o segredo da sua vida interior. Não nos fazem vê-lo entregue aquelas operações divinas da união transformadora? Quisera perder-me ainda, dizia ele, e nunca mais encontrar-me senão em Deus. O seu desejo realizou-se. A sabedoria eterna esposou-lhe a alma.

Deus ter-lhe-ia dado algum penhor visível desse matrimônio místico? Um feito muito singular parece indicá-lo. É verdade que não passa duma simples carta dirigida por uma boa cristã de Villefranche-sur-Saone a um dos sucessores do Cura d'Ars; o tom da mesma, porém, é sincero e demonstra boa fé.

Creio ser meu dever manifestar-lhe que, encontrando-me em Ars no dia 2 de julho de 1856 e não tendo podido falar com o Santo em confissão, ao ver a multidão de forasteiros que rodeavam o seu confessionário, resolvi prostrar-me a seus pés e receber a sua bênção. Ao me aproximar daquela admirável criatura, tentei pegar-lhe a sagrada mão para beijá-la

respeitosamente, quando ele a retirou dizendo-me com gravidade, mas amavelmente: Oh! não tire o meu anel.

Naquele instante, vi uma coisa que nunca tinha visto até então: no quarto dedo da sua mão esquerda trazia um anel de ouro muito brilhante.

Havia pois recebido, porque era digno, o insigne favor com que foram agraciados outros santos.

A autora da carta faz notar claramente que aquele anel invisível para muitos, ele o trazia colocado no quarto dedo. O mesmo Cura d'Ars falou nele. A ilusão neste ponto parece impossível. Portanto, o Cura d'Ars, honrado com os desponsórios espirituais, de que trazia a misteriosa insígnia, pertence ao grupo dos grandes místicos que se chamam João, o Esmoler, S, Lourenço Justiniano, o beato Henrique Suso, Santa Catarina de Alexandria, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa, etc. Não seria pois nestas inefáveis delícias, gozadas intimamente com Deus, que ele pensava, quando, instado pelas perguntas do P. Toccanier sobre o trato com Deus e as consolações que experimentava, deixou escapar esta muito vaga confidência: Oh! meu amigo, *há outra coisa bem diversa?*

CAPÍTULO XXIX

O último ano de um Santo (1858-1859)

Mais peregrinos do que nunca - A fadiga crescente do Cura d'Ars - Ainda as disciplinas - Noites de insónia - Sublime diálogo - Ah! certamente é coisa para rir - Projecto da nova igreja - A paz da noite - Visita de Paulina Maria Jaricot.

No último ano da sua vida o Cura d'Ars viu passar pela sua igreja, pelo menos, uns cem mil peregrinos. Todos se apressavam em se chegar a ele, pois pressentiam o fim próximo do homem de Deus. Toda a gente queria vê-lo, ouvi-lo, e, se possível, confessar-se com ele. Mas era impossível. Os missionários recebiam os penitentes em outras capelas. Às vezes era tal a afluência que os que a todo custo queriam confessar-se com o Cura d'Ars, tinham que esperar até seis dias para poder falar-lhe alguns minutos. A fim de adiantar no trabalho entrava pela noite dentro confessando e, apesar disso, sempre se levantava à uma hora da madrugada, e até antes, à maneira do piloto que, temendo o naufrágio, rema com todas as forças saudando de longe o porto desejado.

Todas essas pessoas, ávidas de perdão ou de paz, não duvidavam dele, mas com o seu fervor desapiedado acabavam com o velho sacerdote, já esgotado por uma vida de imolação e de trabalho incessante.

Em março de 1859, cinco meses antes da sua morte, o jornalista Jorge Seigneur entrou na igreja pelas quatro horas da tarde.

O Cura d'Ars, escreve ele, estava no confessionário. Apenas me ajoelhei, ouvi um soluço que não posso reproduzir; vinha do confessionário. Era um gemido de sofrimento? Era um grito de amor? Cada dez minutos o soluço se repetia. A fadiga arrancava do peito oprimido do Cura d'Ars aquele gemido plangente; mas o gemido de sofrimento se convertia num gemido de amor e era como o esforço sensível de alma sufocada pelas coisas da terra abrindo caminho em demanda do céu.

Os seus catecismos já não passavam duma série de exclamações que acabavam em lágrimas. A custo se podia ouvi-lo. A sua voz estava extremamente enfraquecida e articulava as palavras com visível esforço. De quando em quando uma tosse, que se assemelhava a um gemido, revelava-lhe os sofrimentos, mas o amor de Deus e o zelo pela salvação das almas arrastavam-no a um tal esgotamento.

Aquela tosse seca e dilacerante entristecia a todos. Lastimavam-no; quanto a ele, só lamentava uma coisa: o tempo que esse mal lhe fazia perder. Chegou a ficar tão fraco que se viu obrigado a tomar um pouco de leite antes de se deitar. Foi esta a única mudança introduzida no seu habitual regime de vida. Em alguns dias, é verdade, não tomava nada nessa hora tardia. Em certa ocasião entrou na casa de Catarina Lassagne, que ficava junto à sua.

Ah! Catarina, dizia-lhe, não posso mais.

Sente-se um momento, Sr. Cura, que vou aquecer um pouco de leite.

Não, não faça nada, eu preciso é de descansar.

E saía para subir ao quarto. Em seguida, Catarina, sem fazer caso da proibição, preparou uma xícara de leite. Mas quem estava na escada da casa paroquial? O P. Vianney que, renunciando ao repouso, voltava para a igreja. Era demais! Catarina se opôs:

Senhor Cura, tome isto. Não aguentará até à noite.

Não, não; não quero nada.

Senhor Cura, é necessário que tome este leite!

O P. Vianney levou um dedo a fronte, como para dar-lhe a entender que lhe quebrava a cabeça.

Vá, deixe-me passar, replicou o Santo.

Senhor Cura, eu não sairei daqui!

Então o P. Vianney abriu passagem com um gesto imperativo e pôde chegar ao pátio. Com a xícara na mão, Catarina o foi seguindo. Os peregrinos vão ver, observou o Sr. Cura. Quis protestar novamente, mas teve de ceder. À noite, disse à inexorável enfermeira: É verdade, Catarina, creio que sem a sua xícara de leite não teria podido chegar ao fim deste dia.

Desde 1855, ao ver que a fadiga ia aumentando dia a dia, costumava dizer: A minha cabeça parece abrir-se. O P. Toccanier, sem que ele soubesse, conseguiu que fosse dispensado da recitação quotidiana do breviário.

Rezava-o todos os dias, tendo, porém, que deixar de fazê-lo ajoelhado, costume que lhe era muito caro e que tinha adquirido desde a ordenação de subdiácono.

Em 1858, ao sair da sala onde se reuniam as alunas da *Providência* caiu ao descer da escada e feriu uma perna. Esta chaga, de que ele descuidou quase por completo, degenerou em úlcera que custou muito a sarar.

Ainda queria disciplinar-se, mas pouco lhe faltava para desmaiar. Entristecia-se por não poder açoitar-se como em outros tempos. Pouco antes de falecer, narra o Sr. Pagis, enviou-me a Lião e me encarregou de lhe trazer uma corrente de dois pés de comprimento e pouco mais grossa que uma corrente de relógio. Se o senhor não ma trouxer, assegurou-me o servo de Deus, terei que me servir de outra que tenho aqui e que é muito mais rude. Usava essa última disciplina para se despertar pela manhã.

Já havia passado o tempo em que dizia: Tenho um bom cadáver: quando tomo um pouco de alimento e durmo umas duas horas, posso recomeçar o meu trabalho. Agora quando se sentia esgotado, contentava-se em dizer: Descansaremos na outra vida.

Sr. Cura, é necessário que se trate, não cessava de repetir o conde de Garets.

Basta, amigo, respondia sorrindo, Nosso Senhor arranjará tudo isso.

As suas curtas noites, passava-as banhado em suor, a se virar e revirar sobre o pobre e duro leito. Quem acreditaria se o Irmão Atanásio não o afirmasse? Todas as manhãs, era uma grande luta para se levantar antes do dia, e dirigia-se à igreja para começar o seu penoso ministério com a mais viva repugnância: Sempre se tem que recomeçar! exclamava entre gemidos. Apesar dessa repugnância espontânea da natureza, nunca - e é uma das maiores maravilhas daquela existência incomparável - nunca aquele ancião de setenta e três anos prolongou na cama "um descanso que não fosse *um*". Tinha muita vontade de dormir esta manhã, dizia certa ocasião, mas não hesitei em levantar-me: é tão importante a salvação das almas!

E já morto de fadiga, entrava no confessionário à hora de costume.

Contou-me, diz o P. Toccanier, que um dia caiu quatro vezes ao se dirigir para a igreja e que quatro vezes se levantou com grande esforço... Ao fazer-lhe notar que parecia achar-se cansado, me respondia sorrindo: Os pecadores acabarão por matar este pobre pecador.

Às cinco da manhã e também às três ou às quatro da tarde, dava-lhe horrível soneira. Dormitava algumas vezes, apesar de lutar contra ela, percorrendo com os os seus dedos descarnados as contas do rosário. As pessoas compassivas, que se davam conta disso. interrompiam as suas confissões para dar-lhe alguns instantes de repouso.

Foi por essa época de contínuo heroísmo que deu ao P. Toccanier estas respostas maravilhosas, dignas de eterna admiração:

Meu Padre, perguntou-lhe um dia o jovem missionário, se Deus lhe desse a escolher entre subir ao céu imediatamente ou trabalhar ainda, como faz, na conversão dos pecadores, que escolheria!

Ficaria aqui.

Mas no céu os santos são tão felizes. lá não há penas, nem tentações!

Sim, replicou, os santos são muito felizes, mas só podem desfrutar das suas rendas. Trabalharam muito, pois Deus castiga a preguiça e só premeia

o trabalho; mas não podem como nós ganhar almas para Deus com trabalhos e sofrimentos...

Se Deus o deixasse aqui até ao fim do mundo, teria V. Revma. muito tempo; diga-me, também se levantaria tão cedo de manhã?

Ah! meu amigo. sempre me levantaria à meia-noite. Não é o cansaço que me espanta: seria o mais feliz dos sacerdotes, se não fosse o pensamento de que hei de comparecer como pároco ante o tribunal de Deus!

E duas grossas lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

* * *

Entretanto padecia cada vez mais das suas enfermidades. Mas, assim como o sol que toca a orla do horizonte, a sua alma irradiava mais vivos esplendores, conforme se ia aproximando do termo da luta. Apesar do corpo estar cada vez mais combalido, o seu espírito conservava-se livre, e o rosto sereno e sorridente. Nada havia nele que revelasse aos peregrinos as suas dores tão atrozes. Quando não podia mais procurar aguentar até ver-se rodeado de pessoas conhecidas e que estivessem ao corrente dos seus achaques; então, deixando-se cair sobre uma cadeira, dizia graciosamente: Ah! na verdade é para rir.

Continuava activo e empreendedor. Em fins de 1858, mandou pregar uma missão na paróquia. Desta vez V. Revma. nos converterá, disse ao pregador, o P. Descotes. Por esse mesmo tempo, estudava com Pedro Bossan os planos da bela igreja que queria dedicar a Santa Filomena. Ele mesmo ajustou o preço com o arquitecto, oferecendo-lhe também um magnífico rosário de coral com corrente de ouro. Mas a nova edificação havia de ser muito custosa. A 2 de abril de 1859, o P. Vianney abriu uma subscrição a qual encabeçou com mil francos. Rogarei a Deus, escrevia (e estas são as últimas linhas que escreveu), pelos que me ajudarem a construir uma bela igreja a Santa Filomena.

No fim do mesmo mês, reuniu ao seu lado os homens e jovens de Ars que receberam os sacramentos no dia da Páscoa (a páscoa naquele ano caiu

em 14 de abril) e se comparou com Moisés quando antes de morrer reuniu o povo de Israel.

Meus filhos, disse-lhes entre outras coisas, que lindo é o que acabais de fazer. Ao cumprirdes com o preceito pascal preparastes no vosso coração uma morada para Deus. Mas havereis de preparar ainda outra, erigindo uma formosa igreja... Noutras ocasiões era eu que ia as vossas casas; nunca me recusastes nada! Eu vos agradeço... Hoje é o missionário que vos visita, mas é como se fosse eu mesmo: acompanho-o com o meu coração... Ah! ainda há pecadores na paróquia. É necessário que eu me vá para que outro os possa converter...

Era o seu humilde *Nunc dimittis*. Na verdade, muitos viram nestas palavras do Cura d'Ars um discurso de despedida. E concluíram que a sua morte estava próxima.

Se às vezes o atemorizavam os juízos de Deus; se temia morrer como pároco, já não se inquietava entretanto com a sua verdadeira vocação. Acaso não havia agradado a Deus? Sabia bem que somente Ele o poderia tirar do cargo de Cura d'Ars. O temor deste modo estava acalmado por uma amorosa confiança. No último ano de vida, conta Marta de Garets, foi ao castelo, falou-nos do amor de Deus, e se pôs a chorar. Começava às vezes, no púlpito, a tratar de diferentes matérias, mas sempre se voltava para Nosso Senhor, presente na Eucaristia. Esse atractivo pela presença real aumentou de modo extraordinário no fim de sua vida... Interrompia a prédica e chorava. O seu rosto parecia resplandecer e só se ouviam exclamações de amor.

À custa de combates chegou a um grau de paz inalterável, Durante a minha primeira doença, confessava ingenuamente, tinha ainda qualquer coisa que me embaraçava; agora não temo nada. Por outro lado, haviam cessado as contradições dos homens; passara o tempo em que se atreviam a faltar-lhe ao respeito; o seu coadjutor o P. Toccanier tinha para com ele verdadeiro coração de filho. Somente a ele e aos seus companheiros de Pont-d'Ain se queixava o Santo de uma coisa: de darem demasiada atenção ao pobre Cura d'Ars! Um dia em que se lamentava disso diante do jovem missionário, respondeu-lhe este com feliz inspiração:

A teu pai e a tua mãe honrarás e longos anos viverás.

O rosto do P. Vianney iluminou-se e deu a entender ao amigo quanto havia gostado da resposta.

O isolamento, os achaques, o cansaço de viver, acabam por irritar muitos velhos; suportam com mais dificuldade as impertinências do próximo, pois estão fartos com a sua própria miséria. O Cura d'Ars conservou até ao fim a sua incansável e compassiva bondade.

Cinco meses antes de morrer, recebeu a visita de duas pobres senhoras, uma das quais era Paulina Maria Filomena Jaricot, de Lião, arruinada, reduzida a estado lamentável. Chegaram com vento e neve, transidas de frio. A fim de lhes fazer um pouco de fogo, o P. Vianney recebeu-as no seu quarto e desceu para buscar palha e algumas achas de lenha. Mas a lenha estava húmida e o fogo se apagou. Peço-lhe, disse Paulina Maria, que não intente mais aliviar-me do frio, já estou acostumada a ele. Aqueça a minha pobre alma com algumas centelhas de fé e esperança.

O Santo d'Ars consolou como melhor pôde aquela alma tão provada e por meio da qual Deus havia feito tão grandes coisas. A entrevista foi breve. Os peregrinos assediavam a casa paroquial e chamavam o seu confessor. O Cura d'Ars entregou a Paulina Jaricot uma cruzinha de madeira - muda lição de conformidade com a vontade de Deus - e retirou-se, depois de haver dado a sua bênção às duas visitantes que se haviam prostrado de joelhos.

CAPÍTULO XXX

Última enfermidade e morte

Pressentimentos de morte próxima - O dia em que caiu de cama - É o meu pobre fim - A extenuação suprema - O adeus dos paroquianos ao seu velho cura - As tentativas para o salvar - No sossego do êxtase - Viático e extrema-unção - O último testamento do Cura d'Ars - A visita de S. Excia. Mons. Langalerie - A morte - Os dobres de finados de campanário em campanário.

Incontestavelmente, o Cura d'Ars havia pressentido, muito tempo antes, não só a época aproximada, mas também o dia exacto de sua morte. Depois da última tentativa de fuga (1855), refere Catarina Lassagne, nosso Cura já não falava mais em partir senão da vida presente para a eternidade. Dizia frequentemente: Vou-me embora, em breve morrerei.

Antes da festa do Corpo de Deus de 1859, ofereceram-lhe um véu umeral. Poderá servir-lhe na procissão, disse eu, para sustentar a custódia. - Não o usarei mais, respondeu-me com amável sorriso! E realmente, no dia do Corpo de Deus de 1859 (2 de junho) estava tão fraco que não teve forças para levar o Santíssimo Sacramento de um altar para outro. Segurou-o somente para dar a bênção.

Na festa de Todos os Santos de 1858, mandou que Catarina fosse ao castelo de Cibeins para receber uma soma de 20 soldos diários que lhe deram de esmola. Esta será a última vez, disse como que duvidando; depois repetiu em tom mais firme: Sim, será a última vez.

Em junho de 1859 a senhora Pauze, fervorosa cristã de Saint- Etienne, apresentou-se no confessionário do P. Vianney. Tinha esta senhora o piedoso costume de ir todos os anos em peregrinação a pé, com seu marido, ao Santuário de Louvesc. O Cura d'Ars falou-lhe com entusiasmo de S. Francisco Regis, cujo sepulcro também visitara e a quem devia muitos favores. A Sra. Pauze, julgando que não o veria mais antes de partir, despediu-se dele. Sim, minha filha, replicou prontamente o Santo, ver-nos-emos dentro de três semanas. A peregrina voltou para casa muito pensativa. Acaso o Cura d'Ars teria a intenção de ir a S. Etienne? ... A senhora Pauze repetiu aos seus aquelas palavras, cujo sentido não conseguia descobrir.

Pois bem três semanas depois, o Cura d'Ars e sua piedosa penitente podiam ver-se no céu, pois morreram quase ao mesmo tempo.

A 18 de julho, ou seja, dezessete dias antes da morte do P. Vianney, Estefânia Durié, que vimos assistir no quarto do Santo ao final de um de seus êxtases, voltou a Ars depois de uns exercícios espirituais em Louvesc. Apresentou-se no confessionário do Santo. Ouçamos antes de mais nada este emocionante diálogo que dir-se-ia já do outro mundo:

- Acho, meu Pai, que não fiz muito bem os exercícios espirituais em Louvesc, pois me. preocupei com a sua saúde: Parecia-me vê-lo enfermo. - É verdade, respondeu o Cura d'Ars, neste momento não estou enfermo, mas a minha carreira toca o seu fim. Este é o meu último ano. Já lhe tenho dito isso para satisfazer uma curiosidade inútil; mas, desta vez o digo como eu o sei: é o meu último ano. Mas não fale nisso, minha filha: durarei poucos dias e preciso desse tempo para me preparar. Se a Sra. o disser, todos se apressarão a se confessar e eu ficaria muito sobrecarregado.

- Então está tão próximo assim?

- Sou um grande pecador; este pensamento sempre me faz chorar.

- E então que será de mim?

- Se eu tiver a felicidade de ir ao céu, pedirei a Deus que continue a ser sempre o seu guia.

- Oh! meu Pai, peça ao Senhor que o deixe ainda algum tempo entre nós.

- Não, não posso pedir isso; Deus Nosso Senhor não o permitiria... Hei de deixar em breve este mundo.

E acrescentou, desfeito em pranto: Não sei se tenho cumprido bem as funções do meu ministério.

- Se V. Revma. se queixa, que será de mim, que tenho de ficar sempre no mundo?

- O que faz não é de temer tanto como o meu ministério sacerdotal.

- Meu Pai, o seu trabalho é bem melhor do que o meu.

- Como temo a mortel Sou um grande pecador!

- V. Revma. mesmo disse que a bondade de Deus é maior que todas as nossas faltas... Quisera estar eu tão segura como V. Revma. de ir para o céu... Mas, meu Pai, quando então morrerá?

- Se não for no fim deste mês, será no princípio do outro.

- Como pois poderei saber o dia se V. Revma. não mo quer dizer?

- Alguém lho dirá; a senhora assistirá ao meu enterro, e passará a última noite junto ao meu leito de morte.

Estefânia Durié não acreditou ainda em semelhante predição. Mas antes de a absolver, o Santo insistiu dizendo: Receba, minha filha, a última absolvição do Pai da sua alma.

Recebido o sacramento da penitência, Estefânia Durié voltou à carga.

- Por favor, meu Pai, diga-me o dia em que há de morrer.

- Não, minha filha, não o saberá; ficaria aqui e teria demasiado incômodo; ao seu tempo o saberá.

Estefânia saiu de Ars a 22 de julho, cheia de encomendas da parte do P. Vianney. Ao chegar a Roanne, doze dias mais tarde, encontrou-se com um religioso que lhe disse: Acabo de saber que o Cura d'Ars está enfermo. Lembrou-se das palavras do Santo, e logo regressou a Ars. Mas não viu mais com vida o seu pai espiritual. Quando, às cinco da tarde, entrou na velha casa paroquial, ouviu o rumor dos soluços. Morrera o Santo naquela noite.

O fim do mês de julho de 1859 foi verdadeiramente abrasador. Os dias e as noites eram dos mais insuportáveis pelo abafado da atmosfera. Fora das casas parecia respirar-se fogo. A gente se asfixiava na estreita nave da

igreja, cheia como nunca e convertida numa estufa. Só o Santo permanecia no confessionário, mártir de sua heróica abnegação.

Que sublime seria se um sacerdote morresse, dissera ele, por causa de padecimentos e de trabalhos sofridos pela glória de Deus e pela salvação das almas. O seu sonho ia realizar-se. Na sexta-feira, 20 de julho, sentiu-se indisposto ao se levantar; contudo desceu à uma da madrugada. Mas no confessionário sentiu-se sufocado; teve que sair da igreja, e descansar uns momentos no coro. A febre o abrasava.

Às onze horas, antes da explicação do catecismo, chamou à sacristia um dos voluntários que cuidavam da ordem na igreja, Pedro Oriol, e lhe pediu um pouco de vinho. Sorveu algumas gotas, derramadas na palma da mão, e com este refrigerio, pôde subir ao púlpito. Mas não conseguiu fazer-se ouvir. Adivinhava-se, contudo, que falava de seu tema predilecto; pois se voltava de contínuo para o sacrário e fixava nele os olhos banhados de lágrimas.

Pela noite entrou na casa paroquial todo encurvado, apoiado no braço do Ir. Jerónimo. Parecia estar ferido de morte. A família dos Garets estava postada à sua espera.

Levantou a mão trémula sobre os seus queridos amigos. É a última vez que nos abençoa, disseram chorando aqueles nobres cristãos.

Ao chegar à escada teve um pequeno desmaio. O Ir. Jerónimo lhe aconselhou que saísse para fora, pois o ar lhe faria bem... Sempre apoiado ao enfermeiro, dirigiu-se à casa dos Irmãos; mas regressou em seguida, porque não podia mais. Com muita dificuldade subiu para o seu aposento. O Ir. Jerónimo ajudou-o a deitar-se. Depois, a pedido do Santo, retirou-se deixando-o só.

Daí a uma hora, sentindo frio, apesar da atmosfera sufocante, pois era uma noite sem aragem, deu umas pancadinhas para chamar alguém. Catarina Lassagne, que, sem o Cura d'Ars saber, estava de prontidão no quarto vizinho, foi a primeira a acudir. É o meu fim, disse suspirando, chamem o cura de Jassans. Avisado por Catarina, entrou também o Ir. Jerónimo. Estava na hora - uma e um quarto ou uma e meia - em que o Cura

d'Ars., nessa estação do ano, costumava descer à igreja. O Ir. sacristão, porém, não lhe falou em levantar nem em celebrar a missa. Ele sentia-se prestes a expirar.

É o meu fim, repetia; chamem o meu confessor.

- Vou também buscar o médico.

- É inútil, o médico não fará nada. O P. Toccanier veio chorando: Sr. Cura, Santa Filomena, que há 16 anos o curou, curá-lo-á também agora.

- Santa Filomena não poderá fazer nada!

O P. Luís Beau, cura de Jassans, e o Dr. Saunier, médico residente em S. Eufêmia, chegaram. quase juntos ao raiar do dia. O médico não soube dizer outra coisa senão que o enfermo tinha chegado a uma debilidade extrema. Não tinha força para reagir. Se o calor diminuir ainda haverá alguma esperança, mas se ele continuar, vamos perdê-lo. Aumenta o calor e cai sobre Ars uma trovoadas.

Foi indizível a desolação entre os peregrinos quando se soube que o Sr. Cura não desceria naquela manhã e que talvez não viria nunca mais à igreja... A maioria deles havia chegado naquela mesma noite. Começaram a cercar a porta do pequeno pátio. Alguns, com uma liberdade incompreensível, sem serem chamados pelo Santo, chegavam até junto do seu leito para acabar a confissão.

* * *

O Cura d'Ars, até ali tão difícil de se deixar cuidar, mostrou-se dócil como uma criança. Lembremos com que relutância durante a sua enfermidade de 1843 aceitou que lhe pusessem um colchão na cama. Pois bem, na madrugada de sábado, estenderam um sobre o seu duro enxergão, o que ele agradeceu com um sorriso. Tomou todos os remédios que lhe deram. Só uma vez se queixou, quando uma Irmã de São José se pôs a espantar as moscas que pousavam sobre o seu rosto banhado de suor. Fez um gesto e alguns creram, ouvir estas palavras: Deixe-me com as minhas pobres moscas... Só o pecado causa tédio...

Estava em plena lucidez de espírito, refere o seu confessor, que foi até ao último momento a testemunha daquele fim sublime. Confessou-se com a piedade costumeira, sem perturbação e sem dizer uma palavra sobre o seu mal. Não manifestou desejo algum de recobrar a saúde. O demónio não teve permissão para atormentá-lo na hora derradeira.

A sua maior apreensão sempre fora a de desesperar nos últimos momentos. O temor da morte, porém, que ele tantas vezes havia manifestado, desapareceu por completo.

Depois de haver sorvido todo o cálice das amarguras desta vida de desterro, saboreava as *delícias da morte*, e realizava em si mesmo uma de suas expressões: que agradável é morrer quando se tem vivido sob a cruz! A doença fez rápidos progressos.

O servo de Deus gozava de uma paz perfeita. Nenhuma queixa: dir-se-ia que não sofria. Sacerdotes, irmãos, piedosas senhoras, permaneciam junto dele, posto que preferisse estar só.

Os habitantes de Ars, seus paroquianos tão queridos, e os peregrinos, apareciam sem cessar à porta de seu quarto para que ele benzesse os objectos de piedade que lhe apresentavam e pedir-lhe para si mesmos uma bênção. O Santo atendia todos benevolmente, mas sem pronunciar palavra. No dia antes de falecer, quando o excesso de gente foi proibido no seu quarto, houve quem violasse a ordem. Nós vamos assim mesmo diziam, chorando, ao Ir. Atanásio, que cuidava do portão do pátio; antes de ele ser seu pároco, foi nosso. O Irmão consentiu em deixá-los passar, recomendando, porém, que não fizessem barulho. Em silêncio, mas mal dominando os soluços, ajoelhavam-se no pavimento do quarto. O Santo os reconheceu: levantou o braço desfalecido e traçou sobre eles o sinal da cruz. Vi-o em seu leito no último dia de vida, diz Guilherme Villier, que, sem dúvida, estava presente àquela cena; mostrava-se suave e tranquilo como um anjo.

O conde de Garets, que quase não saía da casa paroquial durante aqueles dias de angústia, mandou chamar a sua família. O Santo moribundo fixou os olhos nos seus filhos, a quem consagrava verdadeiro amor paterna¹. Lembrou-se de que até então não tinha dado nenhuma lembrança

à jovem Marta Filomena. Fez sinal ao Irmão Jerónimo que lhe desse um rosário.

Entretanto, que faziam os peregrinos? Amontoavam-se entre a igreja e a casa paroquial, reclamando o seu confessor. Os recém-chegados pediam que lhes deixassem vê-lo ao menos uma vez. Disseram-lhes que o Sr. Cura os abençoaria do próprio leito. Em determinados momentos, soava uma campainha e todos se ajoelhavam na rua, fazendo o sinal da cruz.

Na igreja, ante o altar de Santa Filomena, sucediam-se grupos de pessoas que pediam à querida santinha a saúde de seu amigo de Ars. Não faltou quem fosse em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Beaumont. Se o calor diminuir, dissera o médico, Dr. Saunier, ainda poderemos ter esperança. Os habitantes de Ars, para de alguma maneira refrescar a casa, estenderam sobre o telhado grandes toalhas que Hipólito Pages e outros vizinhos, trepados em escadas, molhavam de quando em quando. Foi admirável o devotamento de todos

* * *

O suave moribundo já não parecia desta terra. Os seus lábios não se moviam, diz o seu confessor, mas os olhos permaneciam voltados para o céu, dando-nos a crer que estava em contemplação. Penso que se passava algo de extraordinário. Às diferentes perguntas que lhe eram feitas, limitava-se a responder sim ou não.

Na verdade, pronunciou poucas palavras. Pela manhã de terça-feira, 2 de agosto, o Irmão Atanásio e o P. Toccanier foram-se revezando à sua cabeceira. Enquanto o Ir. Atanásio velava, anunciaram a visita do médico. Restam-me 36 francos, conseguiu dizer o enfermo; diga a Catarina que os dê ao Dr. Saunier e que peça a ele que não volte mais; aliás não teria mais com que pagá-lo... O P. Toccanier manifestou ao Santo o seu temor pelo futuro. Padre, tendo o governo negado licença para a lotaria e Deus levando V. Revma. deste mundo creio que... - Coragem, meu amigo; dentro de três anos já o terá.

Neste mesmo dia, às três da tarde, o confessor julgou prudente administrar-lhe os últimos sacramentos. Ele mesmo os pediu sem querer esperar pelo dia seguinte, como lhe propuseram. Como Deus é bom, murmurava, quando um não pode ir visitá-lo é Ele mesmo quem vem.

Enquanto o cura de Jassans passava, levando a Hóstia, tocava o sino da igreja. Uns vinte sacerdotes, cada um com a sua tocha, acompanhavam o Santíssimo Sacramento. Ao ouvir o sino, brilharam lágrimas nos olhos do moribundo. Padre, por que chora? perguntou-lhe o Irmão Elias, que estava ajoelhado junto dele. - É triste comungar pela última vez.

Ao ver entrar o cortejo no seu quarto, sentou-se com as suas próprias forças, juntou as mãos e as lágrimas lhe correram mais abundantes. O confessor deu-lhe o Viático e depois a extrema-unção. Recebeu-os, diz o P. Beau, com a fé e a piedade habituais. No quarto, por causa da fumaça, os sacerdotes tiveram que apagar as tochas.

Depois desta emocionante cerimónia, ficou cuidando dele o P. Estevão Dubouis, de Fareins.

Senhor Cura, disse-lhe o velho colega, V. Revma. está com Nosso Senhor.

Sim, meu amigo, respondeu o Santo com um celestial sorriso.

- Hoje, acrescentou o P. Dubouis, celebramos a festa da transladação das relíquias de Santo Estevão. Este santo, estando ainda na terra, via o céu aberto.

Então o Cura d'Ars., diz a mesma testemunha, levantou os olhos com uma expressão extraordinária de fé e de felicidade.

Um assunto importante inquietava o burgomestre e os habitantes de Ars: depois da morte de seu Santo, quem possuiria os seus restos mortais? O último testamento escrito pelo Cura d'Ars, a 10 de outubro de 1855, estava redigido nestes termos: *Depois de minha morte, deixo o meu corpo à disposição do Sr. Bispo de Belley.*

Qual seria, pois, a vontade de Mons. Larigalerie? Podíamos estar certos de que o prelado não cederia aos pedidos dos moradores de Dardilly, que já várias vezes haviam solicitado do seu santo conterrâneo um legado em seu favor. Acaso seria justo e razoável que aquele, cuja santidade dera a Ars todo o seu encanto e sua glória, desaparecesse em corpo e alma?

Por isso, na quarta-feira, 3 de agosto, à uma da tarde, Gilberto Raffin, notário de Trévoux, entrava, com quatro testemunhas, no quarto do Cura d'Ars. Onde quer V. Revma. ser sepultado? perguntou-lhe o notário. Escutaram atentamente e o Santo respondeu: Em Ars... mas o meu corpo não vale lá grande coisa.... Em seguida Gilberto Raffin redigiu um testamento que o Santo não pode assinar do próprio punho.

No mesmo dia, às três horas, diz o P. Beau, encomendei-lhe a alma em presença de vários eclesiásticos. Sempre a mesma calma, o mesmo estado de contemplação. Pouco antes haviam chegado apressadamente das paróquias, onde pregavam, o P. Alfredo Monnin e outro missionário.

A três de agosto, S. Excia. Monsenhor Langalerie, bispo de Belley, se achava em Maximieux; onde faziam os últimos preparativos para a distribuição dos prêmios marcada para o dia seguinte. Foi ali e nas referidas circunstâncias que o prelado soube ser desesperador o estado do Cura d'Ars. Sem hesitar, deixou aquele seminário menor e tomou o caminho d'Ars. Chegou quase às sete horas da tarde, dirigindo-se logo à casa paroquial; ofegante, comovido, rezando em voz alta, abriu passagem por entre a multidão ajoelhada. O enfermo reconheceu perfeitamente o seu bispo, sorrindo-lhe e se esforçando por lhe agradecer, mas não pôde articular palavra. O prelado abraçou-o e lhe disse que ia à igreja pedir por ele. O Santo. tornou a sorrir. Foi este o único momento daquele dia em que o vi sair da união com Deus, observa o confessor, que se achava presente.

Às dez horas da noite o Cura d'Ars pareceu chegar ao fim. O P. Toccanier aplicou-lhe a indulgência plenária em artigo de morte. À meia-noite o P. Monnin deu-lhe para beijar o crucifixo de missionário e começou as orações dos agonizantes. Rezava-as lentamente, entrecortando-as com longas pausas... Na quinta-feira, 4 de agosto de 1859, às duas da madrugada, quando o jovem sacerdote acabava de ler com voz trémula estas palavras: *que os santos anjos de Deus saiam ao teu encontro e te*

introduzam, na Jerusalém celeste; enquanto no céu de Ars se desencadeava violenta tempestade, cheia de raios e trovões, São João Maria Baptista Vianney, apoiado nos braços do Irmão Jerónimo, sem agonia entregou a sua alma a Deus. Adormecera como o obreiro que terminara a sua jornada. Pedro Oriol teve o consolo de cerrar-lhe os olhos. Contava setenta e três anos, dez meses e vinte e sete dias, e fazia quarenta e um anos, cinco meses e vinte e três dias que era Cura de Ars.

Às quatro da manhã o P. Beau foi à igreja para celebrar o santo sacrifício. O sacristão lhe havia preparado ornamentos pretos. O P. Beau, que durante treze anos fora o confidente íntimo daquela alma, duvidou a princípio se devia pôr os paramentos de luto, porque, segundo dizia, a vida do P. Vianney fora a vida própria de um santo e não acreditava que tivesse cometido um pecado venial deliberado.

Os sinos de Ars dobraram a finados. A paróquia, que estava na maior desolação, deu largas ao sofrimento que a oprimia. Todos choravam e diziam: Morreu o nosso Santo Cura. As paróquias vizinhas participaram da nossa dor, diz Marta de Garets: o planger dos sinos lhes anunciou o grande luto. Em Savigneux, Mizérieux, Toussieux, e mesmo em Jassans, ouviu-se dobrar a finados. Antes de o fazer, o pároco de Savigneux julgou-se na obrigação de pedir licença ao maire de Bon-Repos. E é preciso pedir quando se perdeu o Cura d'Ars?, perguntou ele com vivacidade.

A notícia da morte se propagou com a rapidez do raio; levou-a o telégrafo a todos os recantos. Imediatamente as multidões se puseram em marcha. A quatro de agosto pela manhã, Camilo Monnin, notário de Villefranche e irmão do missionário, acorreu à aldeia de Ars.

O caminho, diz ele, estava apinhado de peregrinos que iam a pé e de carro. Na praça reuniu-se uma imensa multidão. Todos choravam. Igual emoção apoderou-se de mim; atirei-me nos braços do meu irmão, e as nossas lágrimas se misturaram. Naquela manhã, pela primeira vez, depois de muitos anos, ouviu-se o toque do angelus ao sair do sol.

CAPÍTULO XXXI

Na Glória

O desfile diante do corpo do Cura d'Ars - O triunfo dos funerais - Os primeiros pedidos de relíquias - O túmulo glorioso - O Processo de Beatificação - Os dois milagres estudados por Roma - A alegre aprovação de Pio X - Os festejos da Beatificação na Basílica de São Pedro em Roma - Amor por amor- Na aldeia de Ars - As supremas honras: a Canonização.

Assim que o Cura d'Ars exalou o último suspiro, todos rodearam o seu pobre cadáver.

Manifestara o Santo ser de sua vontade que não o despissem depois de morto. Temia que fossem descobrir os sinais das suas horríveis macerações. Prescindiram desse desejo e, com uma ternura indizível, os missionários e os Irmãos puderam contemplar aquela venerável relíquia, aqueles membros santificados, verdadeira imagem da extenuação humana levada ao último grau.

Às cinco da manhã, revestido de batina, roquete e estola pastoral, o corpo do Cura d'Ars foi exposto numa sala do andar térreo. O seu rosto estava tranquilo e sereno, como se estivesse vivo. Começou então diante dos santos despojos um interminável desfile que durou, sem interrupção, quarenta e oito horas. Nos arredores da casa paroquial foi organizado um serviço de ordem pública. O conde de Garets teve de apelar para a polícia, a fim de conter a multidão. Todos queriam passar diante do servo de Deus, que dormia o sono da morte, para verem o semblante de um pai, de um amigo, de um consolador, de um pároco ... Aos visitantes que entravam em pequenos grupos não lhes era permitido permanecer na sala mais que o tempo empregado para rezar um Pai-Nosso e uma Ave-Maria. Dois irmãos e dois alunos do pensionato, de pé junto ao cadáver, não cessaram durante dois dias de tocar a preciosa relíquia, com objectos de piedade. Todos os estabelecimentos de Ars, diz Marta Miard, ficaram vazios; as mulheres, sem mesmo terem o tempo suficiente para pagar, levaram atropeladamente de minha casa estampas, cruces, rosários e medalhas.

Apesar de o Sr. Raffin, notário de Trévoux, cuidar da casa paroquial (e de todos os departamentos da mesma) cometeram-se contudo piedosos furtos. Alguns audazes peregrinos usaram de manha para conseguir preciosas recordações... Chegaram a se introduzir clandestinamente no primeiro andar e tentaram penetrar no quarto do Santo. Forçaram de tal modo a porta que teriam entrado se os guardas não o tivessem impedido... Os três sabugueiros do pátio ficaram desfolhados.

O desfile dos visitantes não se interrompeu senão depois da meia hora da tarde, do dia 4 de agosto. Quando o sol estava mais quente, tiraram o corpo do seu leito de honra, adornado de flores e folhagens, e pela primeira vez um fotógrafo conseguiu fotografar o Cura d'Ars. As exéquias foram marcadas para o sábado, dia 6 de agosto. Na véspera à tarde, foi tal a afluência de peregrinos, que chegaram a faltar os víveres; muitos não encontraram onde se alojar e passaram a noite ao relento. Às, oito horas, formou-se uma imensa comitiva de uns trezentos sacerdotes e religiosos e mais de seis mil fiéis. O ataúde não fora fechado e o Santo estava descoberto. Ao tirar o corpo, conta Alfredo Monnin, produziu-se na multidão o mesmo movimento irresistível que a presença do servo de Deus excitava em vida... Todos queriam aproximar-se do féretro para contemplar pela última vez o rosto do Cura d'Ars. Finalmente a comitiva se pôs em marcha e São João Maria Baptista Vianney percorreu em procissão a sua querida aldeia.

Não era uma manifestação de luto, mas sim de triunfo. Atrás das meninas vestidas de branco, ia o pesado ataúde de chumbo e carvalho, levado alternadamente pelos sacerdotes, pelos irmãos da Sagrada Família e depois pelos jovens de Ars. À sua passagem as pessoas, que formavam fileiras de ambos os lados, caíam de joelhos como para receber a última bênção. Lágrimas silenciosas brotavam dos olhos de todos. Entre a multidão havia alguns indiferentes. Um deles, conta o Irmão Jerónimo, sentiu-se tão comovido ante aquele espectáculo que não pôde deixar de exclamar. Oh! sim, era um santo! e a sua alma ficou completamente mudada... Ao longe, de vez em quando, ouvia-se o badalar dos sinos das paróquias vizinhas.

O cortejo se deteve na praça; o corpo foi colocado ao pé da cruz que fica no meio da mesma. Mons. Larigalerie, que presidiu ao enterro, proferiu a oração fúnebre sobre o servo de Deus. Foi o primeiro panegírico pronunciado em sua honra, e nenhum depois desse foi mais comovente, nem talvez mais eloquente. Foi a canonização antecipada:

Vem! servo bom e fiel, começa o bispo, entra no gozo do teu Senhor. E continua: Silêncio, meus irmãos. Escutai bem, piedosos fiéis, a quem o respeito e a dor trouxeram em tão grande número para esta tão imponente cerimónia. Quero repetir estas palavras de Nosso Senhor, escritas no Evangelho. Dizei-me, há algum entre vós que não crê tê-las ouvido da boca do mesmo Deus, no momento em que a alma do nosso santo Cura se separou do corpo, consumido durante tanto tempo no serviço do Divino Mestre?... Meditemos, meus irmãos, por alguns instantes estas palavras tão doces e tão encantadoras. Elas hão de ser neste momento a nossa esperança. Além disso, encerram um saudoso aviso em nome daquele que já não nos falará mais, a não ser com os exemplos de sua vida e provavelmente com as maravilhas da sua sepultura.

Depois, comentando o texto do sermão, o bispo de Belley delineou em largos traços um quadro da vida sobre-humana do Cura d'Ars - maravilha do poder de Deus.

Quantos anos haverá, quantos séculos talvez, que não se tem visto uma vida sacerdotal semelhante a esta, tão frutuosa, tão santa, tão constantemente ocupada, consagrada e consumida no serviço de Deus!... Não é possível substituir o Cura d'Ars: o proprio Deus, por interesse da sua glória, não quer multiplicar estes prodígios de graça e santidade. A França toda perdeu um sacerdote que era a sua honra e a quem vinham visitar e consultar de todas as províncias...

“Vem servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor; isto é: terminaste a tua jornada, muito trabalhaste; vem, eis aqui a tua recompensa e o prémio dos teus trabalhos... E sabe bem, querido e venerado Cura, que o dia mais feliz e mais desejado do nosso episcopado será aquele em que a voz infalível da Igreja nos permitir de te aclamar solenemente e de cantar em tua honra: *Vem, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor*.

Terminado este discurso, o corpo foi conduzido à igreja, onde somente entraram as autoridades, o clero e a família do defunto. A polícia de Trévoux, de pé junto à porta, a custo continha a multidão. Sem dúvida, nenhum ruído se ouvia entre aquela gente apinhada na escadaria e na estreita rua. Durante a missa de corpo presente, celebrada pelo cónego Guillemin, vigário geral de Belley, um silêncio religioso envolvia a aldeia enlutada, convertida toda ela num templo. Ao ouvir os sinais da campainha o povo ora se levantava, ora se ajoelhava.

Depois do responsório, entoado por S. Excia. Monsenhor Langalerie, o caixão foi depositado na capela de S. João Baptista, diante do confessionário, agora vazio, em que o servo de Deus absolvera e confortara tantas almas! Durante o tempo em que o esquife permaneceu ali, foi velado dia e noite pelos paroquianos. A 14 de agosto o corpo foi depositado numa sepultura aberta no centro da nave. Sobre ela colocou-se uma lápide de mármore preto, em que se gravaram em forma de cruz um cálice e esta simples inscrição: AQUI JAZ JOÃO MARIA BAPTISTA VIANNEY. CURA D'ARS.

Os restos mortais do servo de Deus descansaram ali por espaço de cinquenta anos, ou seja, de 1859 a 1904.

Entretanto, os pedidos de relíquias já começaram a afluir. A 4 de agosto, graças ao telégrafo, Dardilly soube da morte do Cura d'Ars. No dia seguinte a superiora do pensionato de Nossa Senhora dos Anjos, fundado naquela paróquia pelas irmãs de S. José, escrevia ao bispo de Belley, pedindo-lhe o cálice do Santo. Poucos dias depois, Monsenhor Langalerie comunicava ao burgomestre de Ars uma petição dos habitantes de Dardilly, autorizada pela assinatura do cardeal-arcebispo de Lião. A terra natal do Cura d'Ars, já que não conseguira o corpo, queria possuir ao menos o seu coração, o que o conde de Garets negou redondamente. No dia dos funerais, ele respondia ao bispo de Belley: já disse aos habitantes daquela paróquia que mais tarde, quando for possível a exumação do corpo, terão uma relíquia importante; eles deviam contentar-se com essa promessa e não repetir o pedido que, nas atuais circunstâncias, é inconveniente e não parece inspirado por uma verdadeira devoção. Como velho amigo do santo sacerdote, como

burgomestre de Ars, sempre me oporei a semelhante violação da sua vontade e da sua sepultura.

Começava uma nova peregrinação. A voz do povo, que então era na verdade a voz de Deus, havia proclamado a santidade do Cura d'Ars. Desde então acudiram à igreja para honrá-lo e rezar junto à sua sepultura. Fôra esta cercada por uma grade de ferro, que logo foi coberta de flores e coroas, servindo também de suporte para os círios. Mas, sem tardança, os missionários, encarregados do serviço da igreja, fizeram desaparecer tais sinais de devoção e até a própria grade. Era necessário desviar daquele lugar toda a sombra de culto prematuro. No bispado de Belley já se dava a beatificação como certa e ninguém tinha direito a se adiantar à voz oficial da Igreja. Podia, contudo, cada um invocar particularmente o Cura d'Ars. Todos os dias chegavam numerosos peregrinos, os quais logo se iam prostrar sobre a lápide que cobria os veneráveis restos. Um deles foi o Cardeal Villecourt que, com toda a majestade que lhe davam a púrpura e a branca cabeleira, se inclinou até ao chão para beijar aquela pedra venerável.

* * *

Durante esse tempo, a autoridade diocesana não permanecia inactiva: A ela incumbia o grave e sublime dever de comprovar autenticamente a santidade do Cura d'Ars. A 21 de novembro de 1862, Mons. Langalerie, com grande alegria de todos os fiéis, instituiu um tribunal eclesiástico, cujo fim era inquirir sobre a vida e as virtudes, os milagres e os escritos do servo de Deus. Então começou o chamado Processo Ordinário, durante o qual se celebraram duzentas sessões e se recolheram as declarações de sessenta e seis testemunhas. Encerrou-se este processo no dia 6 de março de 1865.

Alguns dias mais tarde, Mons. Langalerie levou a Roma a cópia autêntica - 1674 páginas, in-fólio - e a entregou à Sagrada Congregação dos Ritos. Não tinha passado o mês de março, quando Sua Santidade Pio IX nomeou Relator da causa de Ars o Cardeal Villecourt, residente em Roma e autorizou o Cardeal Patrizi, Prefeito dos Ritos, a abrir os infólios franceses e mandá-los traduzir para o italiano. Ao mesmo tempo, eram designados os censores para examinar os escritos do Cura d'Ars.

Depois do *Processo Ordinário* - relação preparatória destinada a informar a S. Sé sobre esta pergunta: há motivos ou não para se introduzir a Causa de Ars? - seguiu-se o *Processo Apostólico*. É costume deixar que se passem dez anos entre ambos os processos. Por um decreto de 6 de fevereiro de 1866, Pio IX revogou tal disposição: o piedoso e grande pontífice, conhecedor da reputação do Cura d'Ars, desejava pessoalmente que a Igreja glorificasse o humilde sacerdote. O Concílio do Vaticano, a guerra franco-prussiana e a invasão de Roma pelas tropas piemontesas retardaram a introdução da Causa. Finalmente, a 3 de outubro de 1872, Sua Santidade assinou com alegria o “mandamento” que abria a data. das sessões decisivas. Por esse único facto, João Baptista Vianney era declarado Venerável.

Os processos chamados *apostólicos*, confiados sucessivamente aos Monsenhores Richard, Marchal e Soubiranne, todos três bispos de Belley, duraram doze anos, - de 3 de agosto de 1874 a 12 de outubro de 1886. Compareceram cento e quarenta e sete testemunhas e as suas declarações, consignadas em 2886 páginas ín-fólio, foram ouvidas em trezentas e onze sessões.

O *Processo Ordinário* e o *Processo Apostólico* foram aprovados pela Congregação dos Ritos na reunião de 13 de maio de 1890 e, no dia seguinte, a dita sentença foi confirmada por Leão XIII. Este papa, igualmente como Pio IX, tinha em grande estima o Cura d'Ars. É preciso levar a termo esta Causa, dizia ele em 1889 a Mons. Lugon, o futuro cardeal de Reims, então bispo de Belley. O Cura d'Ars é a glória religiosa de França. Sua Santidade declarou ao prelado postulador: Esta causa é uma das mais extraordinárias; é necessário que continue. Quisera ser eu quem beatificasse o P. Vianney. Deus não lhe quis dar este consolo.

Ao antigo cura de Salzano e Tombolo e a Pio X, eleito papa a 4 de agosto de 1903, quarenta e quatro anos completos depois da morte do servo de Deus, é que estava reservada a dita de poder elevar às honras dos altares o Cura d'Ars. A 26 de janeiro de 1904, Pio X presidia à Congregação geral que devia examinar os milagres do venerável Vianney. O tribunal de Belley examinou os dezessete casos de curas, ocorridos depois de sua morte. O

advogado da causa, P. Morani, escolheu dois que lhe pareceram suficientes: a cura de Adelaide Joly e de Léon Roussat.

Estas duas maravilhas vale a pena serem narradas. Ouviremos a narração da boca das testemunhas mais próximas. Eis em primeiro lugar a declaração feita a 10 de outubro por Leónidas Joly, irmão da agraciada:

- Nasci em Saint-Claude, a 8 de maio de 1848. Adelaide tem quatro anos menos do que eu. Faz cinco anos que ambos estamos no orfanato dirigido pelas Irmãs de Caridade, na paróquia de São João de Lião.

Todas as manhãs era eu quem vestia a minha irmãzinha. Um dia começou a se queixar de dores no braço esquerdo. Em setembro de 1861 a professora que visitava o nosso trabalho reparou que Adelaide tinha o braço esquerdo apoiado sobre o joelho e que não podia trabalhar. Chamou-a de menina preguiçosa e nós nos pusemos a chorar. Então levaram a menina ao Dr. Beme, primeiro cirurgião da Caridade. Disse que Adelaide tinha um tumor branco, que estava aleijada para toda a vida, e que teria de usar um aparelho. Este não foi necessário; as nossas professoras quiseram experimentar outra coisa: fizeram uma novena ao Cura d'Ars e, como estivessem em seu poder uns sapatos velhos que tinham pertencido ao Santo, tiraram deles uma correia e a puseram no braço de minha irmãzinha.

Passados sete dias, Adelaide me disse: Leónidas, o meu braço já não dói. E descobrindo-o vi que podia movê-lo com facilidade. Em seguida subi ao quarto da nossa professora para anunciar tão agradável nova. Repreendeu-me por havê-lo feito sem licença. No último dia da novena, a irmã tirou a atadura do braço e o achou perfeitamente curado. Mexia-o em todos os sentidos e tinha o mesmo aspecto que o outro, sem vestígio de raquitismo. O tumor tinha desaparecido completamente. O Dr. Beme ficou estupefacto. Não teve dificuldade em exarar um certificado, que foi remetido ao bispo de Belley. Fizemos todos, muito alegres, uma novena de acção de graças e desde então invocamos mais frequentemente o Cura d'Ars, que curou a minha irmãzinha.

Quanto à cura miraculosa de Léon Roussat, o seu pai, padeiro de Saint-Laurent-les-Macon (Ain), a narra assim no Processo de beatificação:

Certifico que a 1 de janeiro de 1862, o meu filho Léon Roussat, de seis anos e dois meses de idade, foi atacado de crises nervosas, a princípio pouco perigosas, porém, depois cada dia mais graves e frequentes. Recorremos ao Doutor Carteron, de Macon, que o submeteu sucessivamente a diversos tratamentos contra os vermes intestinais e terminou receitando contra epilepsia.

As prescrições do médico não produziram efeito algum e, como o mal se fosse agravando, minha esposa e eu levámo-lo a Lião para consultar o Doutor Berrier, médico-mor do grande hospital. Prescreveu o uso de águas ferruginosas, tratamento novo e de que muito se esperava.

Por resultado final, vimos com pesar que as crises aumentavam em número e intensidade, de uma maneira alarmante: Léon se debatia em média umas 15 vezes por dia. Voltamos ao Dr. Berrier; nesta segunda visita limitou-se a nos dar alguns conselhos por escrito, acrescentando: “O vosso filho é pequeno; alguns há que ficam curados e outros não. É inútil trazê-lo outra vez...”

Insatisfeitos com tal acolhida, tomámos o caminho de nosso povoado com o coração desolado. Ao passar por Villefranche, que fica perto de Ars, eu disse à minha esposa: “Será preciso levar o nosso Léon a Ars”. De regresso a nossa casa, começámos uma novena em honra do Santo Cura... Mas não fomos ouvidos: não havia chegado a hora da graça. As crises de nosso pequeno eram de uma intensidade e violência tais que se agitava a cada momento. Depois de um dos ataques passou duas horas como morto, inane e gelado. Desde então ficou completamente paralisado e sem poder falar.

Na segunda-feira de Páscoa, quisemos levá-lo a Ars; mas o pároco de Saint-Laurent nos fez desistir: temia o nosso piedoso cura, e com muita razão, que o nosso filho morresse durante a viagem.

Finalmente até 10 de maio não tínhamos desistido. O mesmo Padre precisava ir a Ars, onde o bispo de Belley fôra benzer a primeira pedra da nova igreja. Partimos com ele; se tivéssemos a infelicidade de perder o nosso filho, estaria ele ao nosso lado para nos auxiliar.

Chegámos quando a cerimónia terminava. Tivemos a felicidade de receber uma bênção de S. Excia. para o nosso querido enfermo. Depois na casa dos missionários o Sr. Cura e a minha mulher apresentaram-lhe Léon, a quem se dignou abraçar e novamente abençoar. Recomendou-nos que fizéssemos uma novena ao Cura d’Ars, a qual consistia em rezar todos os dias uma dezena do rosário. Sua Excia. teve a bondade de nos prometer que rezaria connosco e nos afirmou que o menino seria curado.

Da casa dos missionários levámos o nosso filho à sepultura do Santo. De regresso ao hotel tivemos o consolo de ver o pequeno, até então completamente paralítico, tomar com a mão direita o copo, beber e se entreter com uns fósforos; acendeu-os e atirou-os longe de si.

No trajeto de Ars a Saint-Laurent, onde chegámos muito antes de cair a noite, só teve duas ligeiras crises. Dormiu tranquilamente até de manhã. Para vesti-lo tivemos que nos valer das mesmas precauções que antes, pois os seus membros ainda estavam paralisados. A minha esposa também foi testemunha dos dois breves ataques.

Por fim, às dez horas sentámo-nos à mesa. Pouco depois, oh! felicidade, Léon me fez sinal para que lhe arredasse a cadeira: de repente salta da mesma e põe-se a correr, completamente curado. As suas palavras, contudo, não eram bem articuladas, mas no fim da novena, graças sejam dadas a Deus, e ao seu servo, o Cura d’Ars, foi- lhe restituída a fala.

Desde então a sua saúde tem sido admirável; nunca mais, nem por um só momento, esteve indisposto. Testemunha de semelhante prodígio, não posso negar a Deus o meu coração. Sou e espero ser sempre um bom cristão.

No dia 21 de fevereiro de 1904 o Papa Pio X promulgou o decreto pelo qual reconhecia estes dois milagres como autênticos e válidos para a beatificação do venerável João Maria Baptista Vianney. Finalmente a 17 de abril, domingo e festa do Bom Pastor, outro decreto pontifício declarava que com toda a seguridade se podia proceder à beatificação solene. “É um Santo”, diziam as multidões quando passava o Cura d’Ars. E na verdade, a sua santidade já aparecia tão clara como a luz do sol. A igreja, prudente e judiciosa, não empregou menos de quarenta anos para confirmar tal

juízo. E a sua sentença foi conforme com o sentir do povo cristão. A essa nova, a alegria foi muito grande em todo a orbe católica e especialmente para o coração dos bons sacerdotes.

Nada mais agradável nem mais vantajoso, - dizia Pio X, a 2 de fevereiro, aos membros do clero de Paris - não somente a Nós que, durante tantos anos nos ocupámos de todo o coração no ministério paroquial, mas a todos os párocos do mundo católico, do que ver esse venerável cura circundado com as honras dos bem-aventurados, tanto mais quando a sua glória resplandecerá em todos aqueles que estão consagrados ao ministério das almas

* * *

Enfim, no céu de Roma, despontou a aurora do grande dia. Luzia um sol esplendoroso pela manhã do domingo, 8 de janeiro de 1905, assinalado para a exaltação do humilde Cura d'Ars. Mons. Luçon, bispo de Belley, encarregado de distribuir os cartões de entrada na basílica vaticana, distribuiu uns trinta mil. Na fachada de São Pedro, um painel de Bottoni e de Francisi representava o Cura d'Ars na glória. No vestíbulo, sobre a porta principal, um quadro de Capparoni reproduzia uma das cenas das peregrinações de Ars: o servo de Deus atravessando a multidão. No interior a basílica aparecia engalanada de festa. O pavimento e as colunas estavam cobertas de damasco vermelho com franjas de ouro. Na ábside, onde ia ser celebrada a cerimónia, flutuavam dois altos estandartes, dos quais o da direita relembra a cura de Adelaide Joly e o da esquerda representava o interior da igreja de Ars com o menino Léon estendido sobre a sepultura do nosso Beato. Entre o altar da Confissão e a Cátedra de São Pedro resplandeciam milhares de lâmpadas elétricas, enquanto que através dos cristais da imensa cúpula brilhava o sol de Deus.

Às dez horas desfilou pela basílica a comitiva de cardeais, bispos e gerais de ordens religiosas. Depois vinham os alunos do Pio Seminário, os curas de Roma, que queriam assistir pessoalmente à glorificação de um cura da França, o Clero e o Cabido de São Pedro, precedendo todos ao bispo celebrante, que era Mons. Luçon. O Cardeal Rampola, arcebispo da basílica vaticana, com a sua grande capa de púrpura, fechava o cortejo.

Quando, à leitura do Breve da Beatificação, se ouviram estas últimas palavras: Nós permitimos que, de agora em diante se dê o título de Beato ao venerável servo de Deus, João Maria Vianney, correu-se a cortina que encobria a Glória de Bernini e viu-se; levantada entre as nuvens de bronze que rodeiam, à guisa de auréola, a Cátedra de S. Pedro, o quadro da Apoteose: o Cura d’Ars subindo ao céu, levado pelos anjos.

Todos os sinos da basílica inundaram a Cidade Eterna de sons festivos. Num gesto de espontânea veneração, a multidão prostrou-se de joelhos e de muitos olhos rolaram lágrimas. Mons. Lucon entoou o *Te Deum*, que trinta mil vozes continuaram com religioso entusiasmo. Terminando o hino, o bispo de Belley que viu recompensados naquele momento glorioso tantos trabalhos e tantas fadigas, incensou solenemente as relíquias do beato Vianney, expostas pela primeira vez sobre o altar, e pela primeira vez cantou a oração dirigida pela Igreja a este novo e poderoso protector. Enfim, começou a missa no altar da cátedra.

Às quatro da tarde, o Papa Pio X prostrou-se diante desse altar para venerar as relíquias do Cura d’Ars. Naquele dia inolvidável, Roma, a Roma papal, Roma, a cabeça e coração da Igreja, mãe das almas, que, adornada com a púrpura santa - o sangue dos mártires - “sobrepuja em beleza todas as belezas deste mundo”, pagava ao bem-aventurado Vianney amor com amor. Roma! Em vida ele não podia ouvir esta palavra sem chorar. Quanto desejara visitá-la e conhecê-la! Com que alegria se teria prostrado aos pés do Sumo Pontífice! “Dentro de alguns dias, dizia-lhe o secretário do Cardeal Pacca, que fez uma viagem a Ars, estarei junto ao Santo Padre. - Oh! se eu pudesse ir com V. Revma! respondeu-lhe o homem de Deus, “chorando de santa inveja”. Professava a Roma e às suas doutrinas fervorosa submissão. Quando se suscitou em França a questão litúrgica, mostrou-se partidário da liturgia romana. Com todas as veras desejava orar em união com o Pai comum dos fiéis, rezando as mesmas orações que ele. Muitas vezes manifestou o desejo de possuir um breviário romano... Na verdade, a 8 de janeiro de 1905, Roma elevou às honras dos altares um dos melhores e mais extremosos filhos.

As solenidades vaticanas tiveram eco na aldeia de Ars. Nos dias 2, 3 e 4 de agosto, celebrou-se grandioso tríduo em que tomaram parte três cardeais,

quinze bispos e vinte e cinco mil fiéis. Além disso, naquele recanto de Dombes, haviam trabalhado durante 45 anos para a glorificação de seu querido pastor.

Já estava construída a “bela igreja” que o Cura d’Ars apenas entrevira em sonhos. Para conseguir os recursos necessários, o abnegado P. Toccanier” fez-se esmoler e visitou todas as grandes povoações de França. Uma lotaria, cujos prêmios maiores eram o genuflexório e o relógio do Cura d’Ars, rendeu 100.000 francos. No fundo da antiga igreja, Pedro Bossan, em 1862, começou a construção do templo que haveria de abrigar o altar de Santa Filomena. Já a 4 de agosto de 1865, Mons. Langalerie pôde consagrar esse altar. Trinta anos mais tarde, sob o episcopado de Mons. Convert, a “bela igreja” estava terminada. Em vão o P. Vianney se esforçava em vida para ocultar a sua glória sob a sombra da “querida santinha”. Hoje a basílica de Ars é um hino de pedra em que se unem os nomes de João Maria Vianney e de Santa Filomena. Bossan, em seu plano primitivo, não previra o cruzeiro transversal. O Sr. Saint-Marie levantou-o em honra do Santo Cura d’Ars. Aí repousa agora o corpo do servo de Deus.

A urna de bronze dourada, que o guarda, é donativo do clero da França. Adornada de flores de lis e de rosas, é de peregrina beleza. Está encimada por uma imagem de Santa Filomena. Nos quatro ângulos, erguem-se as ascéticas figuras de S. João Baptista, de S. Francisco Regis, de S. Francisco de Assis e de São Bento Labre. Através do cristal do relicário, vê-se o que ficou do Cura d’Ars aqui na terra. Ao se aproximar a beatificação - 17 de junho de 1904 - foi tirado da tumba o corpo do venerável Vianney. Viu-se com agradável surpresa que os membros se conservavam intactos. A pele estava enegrecida e as carnes murchas, mas incorruptas. O rosto, entretanto, apesar de bem reconhecível, experimentara, contudo, um pouco a destruição da morte. Com grande alegria verificaram que o seu coração se achava intacto; e puderam conservar à parte tão preciosa relíquia.

Os sagrados despojos foram envoltos em faixas e depois revestidos com ricos ornamentos: uma túnica de seda branca, uma batina de seda preta, um roquete de ricos bordados e uma estola com flores de lis e rosas bordadas a ouro. Nos dedos enegrecidos foi entrelaçado um rosário de jaspe e o rosto coberto com uma máscara de cera, reproduzindo as feições do servo de

Deus. A 2 de abril de 1905, ao ser apresentada aos anciãos de Ars que haviam conhecido o P. Vianney, a relíquia do seu corpo tal como hoje aparece aos olhos dos peregrinos, todos exclamaram com lágrimas: “Ah! É ele mesmo!”

O relicário descansa num altar de mármore, sob um baldaquim de pedra lavrada, sustentado por colunas de cipolina.

Também está enquadrado por dois grandes frescos, saídos do pincel de Paulo Boret.

* * *

Um florão, o mais belo talvez, faltava aqui na terra a gloriosa coroa do Cura d’Ars. A Igreja, ao beatificá-lo, havia-o elevado aos altares, mas ele somente tinha direito a um culto privado que quase não podia passar os limites de França. Por um decreto de 12 de abril de 1905, Pio X declarou-o “Patrono de todos os sacerdotes que têm cura de almas em França e nos territórios do seu domínio”. Mas não seria necessário que este incomparável sacerdote fosse proclamado protector e modelo de todos os sacerdotes do mundo?” Somente as honras da canonização poderiam conferir-lhe este magnífico privilégio.

Depois das grandes solenidades de Roma e de Ars, o bispo de Belley não permaneceu inactivo. Nem mesmo a própria guerra pôde deter os trabalhos da Causa. Em 1916, sob o episcopado de Mons. Manier e o pontificado de Bento XV, foram examinados os dois milagres exigidos para a canonização do bem-aventurado Vianney. Como prova da sua santidade, admitiram-se as curas de Soror Eugénia e de Matilde Rougeol. Soror Eugénia, religiosa de Saint-Charles, desde o princípio de 1905 estava atacada de umas varizes que dentro em breve começaram a sangrar, produzindo uma úlcera de 6 centímetros de comprimento e 5 de largura, terminando por imobilizar completamente a pobre irmã.

Em agosto do mesmo ano, uns paroquianos de Ronno (Ródano), onde Soror Eugénia vivia em obediência, falaram-lhe em ir a Ars em peregrinação. A pobre enferma suplicou que a conduzissem à aldeia do

Santo Cura... Levada à igreja numa cadelra e posta sobre a tumba onde havia repousado o corpo do Cura d’Ars, esteve ali mais de uma hora. “Meu Pai, dizia ela na sua ingénua linguagem, estou encarregada da cozinha da comundade. É preciso que amanhã, possa trabalhar!” De repente sentiu-se curada. Levantou-se e foi sozinha até ao hotel onde se hospedavam os peregrinos de Ronno... No dia seguinte Soror Eugénia recomeçou as suas funções de cozinheira.

Matilde Rougeol, nascida em Villers-Ia-Faye (Cote d’Or), a 23 de setembro de 1878, na idade de 28 anos, em consequência de uma gripe, foi atacada de uma laringite tuberculosa. Perdeu completamente a voz e, sabendo que o seu mal era incurável tinha deixado de consultar os médicos, quando em julho de 1910 tomou parte numa peregrinação a Lourdes, presidida por Mons. Dadolle, bispo de Dijon. A Virgem de Massabielle não a quis curar. Os peregrinos, ao regressarem de Lourdes, haveriam de se demorar em Ars. A senhorita Rougeol pôs a sua confiança no bem-aventurado Vianney. Mons. Dadolle, ao pregar na igreja, pediu ao bem-aventurado Cura que fizesse os milagres exigidos para a sua canonização. Antes de os peregrinos partirem, reuniram-se novamente diante do altar para beijar a relíquia do coração. Matilde, ao beijá-la, disse interiormente: “Se vós quiserdes, podeis curar-me”. Voltando ao seu lugar, experimentou cantar. Oh! maravilha! A sua voz, perdida há quatro anos, ressoa clara como outrora, lançando às abóbadas da basílica o cântico tão popular:

É nosso Santo, nossa glória e nossa honra.

O Cura d’Ars que aqui se aclama.

A cura foi repentina e completa... Com voz clara e bem timbrada Matilde Rougeol fez sucessivamente os dois depoimentos, a 14 de outubro de 1916 um e o outro a 16 de setembro de 1920, perante o tribunal eclesiástico encarregado da *Causa de Ars*.

A 1 de novembro de 1924, no Vaticano, em presença de Sua Santidade Pio XI fez-se a leitura do decreto pelo qual se aprovavam os dois novos milagres atribuídos ao Cura d’Ars.

No domingo, 28 de setembro, foi lido diante do Papa o decreto *de tuto*, que permitia a canonização do bem-aventurado Vianney. E a 31 de maio de 1925, festa de Pentecostes, o humilde sacerdote, por “cujas virtudes e milagres a França tem brilhado aos olhos de outras nações com incomparável esplendor”, recebia as honras supremas.

Foi uma festa mais do céu que da terra. Quinze dias antes, no domingo de 17 de maio, Roma havia exaltado Santa Teresinha do Menino Jesus. Para festejar a “Rainhazinha”, haviam ornamentado S. Pedro com uma suntuosidade inaudita.

A angélica virgem de Lisieux emprestou, por assim dizer, as suas galas ao “pobre Cura d’Ars”: glórias do mesmo século e da mesma pátria; foram ambos envoltos em igual triunfo. Em todas as colunas de mármore, imensas colgaduras de damasco vermelho com franjas douradas; no pedestal das estátuas, grinaldas de louro: a gigantesca cúpula, resplandecente de luz, de júbilo e de glória.

Enorme multidão de gente, de todos os países e de todas as línguas - era um novo Pentecostes - mas em que predominava o idioma, da “doce França”, enchia, por completo, o edifício. Rodeavam o Soberano Pontífice trinta e cinco cardeais e duzentos bispos. Reboaram entusiásticas aclamações ao avançar a bandeira do bem-aventurado Vianney, sob as abóbodas cintilantes da basílica. E, cerca das dez horas e meia, quando Pio XI, como Chefe da Igreja e Doutor infalível, pronunciou, com a sua bela voz grave e amplificada pelos alto-falantes, a fórmula do ritual: *Declaramos Santo e escrevemos no catálogo dos Santos o bem-aventurado João Maria Vianney*, de todos os lados irromperam aplausos delirantes; ressoaram as trombetas de prata; os sinos de São Pedro de Roma e em seguida todos os carrilhões da cidade repicaram festivamente... Todos os corações, transbordavam de vibrante alegria.

À noite, houve na praça de S. Pedro uma nova apoteose. A cúpula gigantesca, erguida pelo génio de Miguel Ângelo, a fachada da basílica, a colunata de Bernini e até o próprio obelisco, brilhavam maravilhosamente na noite semeada de estrelas. Uma multidão imensa desfilou diante do Vaticano para admirar aquele espectáculo único no mundo e que a Roma actual tão pouco havia visto. Seria isso bastante para agradecer a Deus por

haver dado à Igreja um sacerdote que apareceu em terras de França como fogo ardente, como uma luz inextinguível!

Notas Bibliográficas

Eis a primeira Vida do Cura d'Ars escrita conforme os documentos do *Processo de beatificação e de canonização*. Graças à gentileza do Mons. Manier, bispo de Belley, a quem nos sentimos felizes em apresentar a nossa profunda gratidão, pudemos dispor, para o nosso trabalho, não somente do *Processo informativo ou Processo Ordinário* empreendido e dirigido pela Autoridade Diocesana, de 1862 a 1865, mas ainda dos três *Processos Apostólicos* sucessivos, instruídos de 1874 a 1886, por ordem e sob a vigilância da S. Sé.

Os testemunhos da *Causa d'Ars* já então ofereciam ao historiador uma documentação de primeira ordem, que por si só teria bastado para dar a conhecer, no seu justo valor, a admirável e atraente figura de S. João Baptista Maria Vianney. A *Causa d'Ars* é uma fonte riquíssima de factos com as melhores garantias de autenticidade e veracidade. Esses factos foram coligidos por juizes competentes, mediante depoimentos das pessoas que melhor conheceram o Cura d'Ars - a sua irmã Margarida, os companheiros de infância, condiscípulos do seminário, paroquianos, colegas de sacerdócio, e os auxiliares dos seus heróicos trabalhos... - Testemunhas sérias e dignas de fé, a quem não cegavam a paixão e o interesse; almas profundamente crentes e comprometidas por solene juramento prestado sobre os Evangelhos. Tais testemunhas não tiveram que esperar 20 ou 30 anos para poderem falar. A grande vantagem da *Causa d'Ars* está justamente em ter começado logo após a morte do P. Vianney. A lenda, que mui frequentemente costuma prejudicar a História, não teve tempo para transformar e disfigurar os factos ainda bem nítidos nas memórias.

Além dos cinco volumes in-folio do *Processo* pudemos consultar, com toda a liberdade, graças à bondade de Mons. Hipólito Convert, 4º sucessor do santo na Paróquia de Ars, numerosos manuscritos, conservados no arquivo paroquial.

1) Três redações sucessivas da *Pequena memória sobre o P. Vianney*, escrita pela senhorita Catarina Lassagne, de Ars, uma de 1839 a 1855, outra

de 1860 e a última de 1862 a 1867.

2) *As Notas* (sem data) recolhidas pelo P. Renard, natural de Ars.

3) Um *Diário* redigido em 1855 pelo P. Toccanier, futuro sucessor do Cura d'Ars e então seu auxiliar.

4) *Uma Vida fragmentada do Cura d'Ars* (193 páginas in-folio) devida ao P. Raymond, que foi oficialmente seu coadjutor de 1845 a 1853.

5) A colecção de numerosos inquéritos organizados pelo Cónego Ball (2º sucessor do Santo no curato de Ars), versando sobre os *feitos de intuição* atribuídos ao P. Vianney.

6) Dois cadernos de Notas, onde Mons. Convert anotou de 1889 a 1924 as tradições orais de velhos moradores de Ars, que haviam sido paroquianos do P. Vianney.

7) *Três Memórias sobre o P. Vianney, Cura d'Ars (Ain) 1848-1855*, devidas à pena não muito culta, mas sincera, de um agricultor de Cousanse (Jura), João Cláudio Viret.

8) *Notícia sobre o P. Balley, cura de Ecully e primeiro professor de João M. Vianney*. escrita pelo P. Michy, então cura de Jol (Puy-de-Dôme) e depois director da Croix de Clermont.

9) *Notícia histórica sobre a Providência de Ars*, obra do beato Vianney, pelo Cónego Béréziat, capelão da casa matriz das Irmãs de S. José de Bourg.

10) *Notas sobre a permanência de J. M. Vianney em Noës (Loire)* coligidas conforme as informações dos antigos daquela paróquia por dois párocos sucessivos. P. P. Perret e Monnin-Veyret.

11) *Numerosa correspondência* autógrafa (umas 60 cartas), assinadas pelo próprio Cura d'Ars, pelo visconde de Ars. pela senhorita Próspero de Garets, de Ars, pelo P. Toccanier, etc.

Procurámos também documentação nos Arquivos Nacionais e Municipais de Trévoux, e nos do arcebispado de Lião e bispado de Belley.

Consultámos, outrossim, urna série de *Memórias, Relações e Cartas*, referentes aos acontecimentos extraordinários ocorridos com o Cura d' Ars; numerosos documentos de carácter material e administrativo, tais como os *registos paroquiais* e os *Registos municipais de Ars*; os *Livros de contas* da senhorita Ana Colomba de Garets; a coleção completa dos *orçamentos, contas e recibos* provenientes dos trabalhos da igreja d' Ars...

A nossa preocupação constante de remontar às fontes, ao escrever esta história, não nos fez negligenciar o estudo dos livros que poderiam ser úteis ao nosso trabalho.

Consultámos especialmente a coleção dos *Sermões* do P. Vianney, a coleção dos *Anais de Ars* e as biografias do santo Cura.

Os anais de Ars começaram a aparecer em junho de 1900. Esta modesta revista mensal - além de alguns documentos conservados nos arquivos paroquiais de várias narrações, relativas à vida de João Maria Vianney e dos panegíricos pronunciados todos os anos, no dia 4 de agosto, aniversário de sua morte e festa litúrgica - publicou a princípio sob o anonimato, interessantes monografias, que, reunidas depois em volume, revelaram finalmente o nome do venerável autor Mons. Convert. Merecem citação: *O bem-aventurado cura d'Ars e Meditações eucarísticas tiradas dos escritos do bem-aventurado Cura d'Ars* (1921), *Nossa Senhora de Ars, Meditações sobre a SS. Virgem tiradas dos escritos do bem-aventurado Cura d'Ars* (1922), *O bem-aventurado Cura d'Ars e a família; o bem-aventurado Cura d'Ars e os dons do Espírito Santo* (1923).

Das diversas biografias do nosso santo, aparecidas até hoje, duas apenas merecem seriamente a nossa atenção:

1º *O Cura d'Ars, vida de João Baptista Maria Vianney*, pelo P. Alfredo Monnin missionário (2 V. in-8º, Paris, Douniol, 1861 ; é unicamente a essa primeira edição que se referem as nossas citações).

2° *O bem-aventurado Cura d'Ars* (1786-1859), por José Vianney, Paris, Lecoffre, 1905.

As outras biografias, obras de vulgarização ou de pura edificação que podem ter o seu mérito, nada apresentam de verdadeiramente novo que não se encontre nos trabalhos já citados. As que saíram à luz em vida do Santo e que apesar dos seus reiterados protestos foram divulgadas são, em muitas das suas páginas, obras de grandes fantasias.

A biografia escrita pelo P. Monnin alcançou numerosas edições. Para os leitores católicos é tido como o livro mais completo que até hoje se publicou sobre o Cura d' Ars. Impressiona com razão pelo facto de ter o P. Monnin conhecido pessoalmente o P. Vianney. Foi em 1855 que travou relações com o servo de Deus. Antes daquele ano, disse ele mesmo, fui duas vezes a Ars por mera curiosidade. Vi o P. Vianney, mas sem lhe poder falar. Missionário da diocese (de Belley), tive ocasião, mais tarde, de viver na companhia dele dois ou três meses por ano. Isso aconteceu por espaço de cinco anos.

Assim é que o P. Monnin conheceu o P. Vianney, no tempo em que o ministério das confissões lhe absorvia todo o dia; entretanto, quase cada noite teve a grande dita, juntamente com outros sacerdotes, de acompanhá-lo à casa paroquial. Desse modo foi-lhe fácil recolher dados preciosos. Sabemos, por outro lado, que tomou e fez tomar anotações sobre aquele varão tão extraordinário.

Seja o que for da obra e da crítica que dela se possa fazer, o autor alcançou o fim edificativo que se propôs, e com muita felicidade.

O grande mérito do P. Monnin consiste em ter tornado eminentemente conhecida a vida tão atraente do Cura d' Ars.

O sr. Vianney, com um método diferente, teve em vista o mesmo fim. A colecção chamada *Os Santos*, da qual faz parte o seu belo trabalho, é antes de tudo uma obra de vulgarização. O sr. Vianney não andou em busca do inédito. Por outro lado, em vista do espaço restrito a que se obrigou, teve que passar rapidamente por sobre acontecimentos de importância, mesmo sacrificar certos episódios da vida do seu herói.

A nossa documentação nos permitiu precisar nitidamente, conforme cremos, alguns pontos da história que até hoje permaneciam na obscuridade ou no esquecimento. Mormente a permanência de J. M. Vianney em Noës, de 1809 a 1811; a sua estada no seminário maior de Lião de 1813-1814; as calúnias de que foi vítima nos primeiros anos de apostolado; a transformação moral da paróquia, fundação e o malogro da *Providência* de Ars; as contradições que o jovem sacerdote teve que sofrer da parte de alguns colegas; o incidente de la Salette; a fuga para a “Trapa” de Neyliere: os grandes feitos místicos; a última enfermidade e morte.

ÌNDICE

- Capítulo XII - A peregrinação a Ars: I. As origens de Santa Filomena
- Capítulo XIII - A peregrinação a Ars: II. As contradições do clero
- Capítulo XIV - A peregrinação a Ars: III. O Cura d'Ars confessor
- Capítulo XV - A peregrinação a Ars: IV. O Cura d'Ars diretor de consciências
- Capítulo XVI - A peregrinação a Ars: V. O diário do Cura d'Ars e sua Vida Interior
- Capítulo XVII - Ânrias de solidão. Grave enfermidade e a "fuga" de 1843
- Capítulo XVIII - Alguns acontecimentos dos últimos anos: I. Supressão do Orfanato. Fundação da escola e do Pensionato dos Irmãosc- As missões decenais
- Capítulo XIX - Alguns acontecimentos dos últimos anos: II. O incidente de la Salette
- Capítulo XX - Alguns acontecimentos dos últimos anos: III. O Cura d'Ars, cónego de Belley e Cavaleiro da Legião de Honra - A festa de 8 de dezembro de 1854
- Capítulo XXI - Alguns acontecimentos dos últimos anos: IV. Para a "Trapa" de Neyliere
- Capítulo XXII - Retrato físico e moral
- Capítulo XXIII - No cume da santidade: I. Testemunhos
- Capítulo XXIV - No cume da santidade: II. As virtudes heróicas: humildade, amor à pobreza e aos pobres
- Capítulo XXV - No cume da santidade: III. As virtudes heróicas: Paciência e mortificação
- Capítulo XXVI - As intuições e as predições do Cura d'Ars
- Capítulo XXVII - Os milagres do Cura d'Ars
- Capítulo XXVIII - Os grandes feitos místicos na vida do Cura d'Ars
- Capítulo XXIX - O último ano de um santo (1858-1859)
- Capítulo XXX - Última enfermidade e morte
- Capítulo XXXI - Na glória
- Notas Bibliográficas